

(1)

OBRAS COMPLETAS  
DE  
FILINTO ELÍSIO

---

---

TOMO X

(2)

( 3 )

SUCCESSOS  
DE  
MADAMA DE SENNETERRE  
POR ELA REFERIDOS  
NO ANO DE 1799



---

---

À SENHORA  
D. MARIA ANTONIETTA MATHEVON  
DE CURNIEU.

ODE

---

Que tão queridos tinha e tão mimosos.

CAMÕES, Canto 30

---

QUE vale à vida entesourada cópia  
De cunhado metal? Oh nobre dextra,  
A que com siso o esparge pelos sótãos  
Da encolhida pobreza! <sup>(1)</sup>

Compra a fama com dons o que abre os cofres  
Para ajudar talentos desvalidos  
A dar à luz os quadros da Virtude  
Pela arte aformosados.

Tu, delícia do Esposo, de Irmãos glória,  
Do Pai retrato delicado e vivo,  
Aos Filhos que amas com carinho puro  
Dá puro e grato ensino.

-----

(1) L'or n'est utile et bon que dans les mains de la vertu, lorsqu'elle les étend pour soulager le malheureux. — *Lettre d'Eliza à Yorick.*

Nesta Dama tens rasgos engenhosos,  
Em Ti os tens melhores; e uma e outra  
C'o exemplo, co'a leitura, sede os mestres  
Dos mimosos Infantes.

Com teu auspício aceite em versão Lusa  
A grata Senneterre ir dar transumpto  
Ir dar consolação a nobres peitos,  
Da Gratidão sacrários.

FILINTO ELÍSIO

---

---

SUCESSOS  
DE  
MADAMA DE SENNETERRE  
POR ELA REFERIDOS

NASCIDA na Ilha de S. Domingos, me mandou meu Pai a França, onde recebesse a educação, que ele com avultados cabedais me conseguira que junto dele me fosse dada. Vivem naquelas terras ardentes tão soltamente os homens com suas escravas, que receou sem dúvida meu Pai em mim o efeito das primeiras afeições, tão perigosas sempre nos poucos anos. Tínhamos parentes em Paris, em cuja casa me apeei com meu Irmão, que me acompanhou na viagem, e tinha então de idade 25 anos, quando eu só dez.

Passados alguns dias de repouso, e dispendidas algumas semanas em ver quanto em Paris pode embelezar uma menina como eu, me meteram educanda num convento. Muitas vezes ouvi declamar contra a educação que neles se recebe; eu porém sem razão me queixara, nem me deslembrei da gratidão que devo a sor N. de Santa Úrsula. Perdi quanto me dera a fortuna; mas toda a minha vida conservarei o fruto das lições dessa respeitável sóror. Quando no convento entrei, nada sabia, nem ainda ler: não ignorava contudo que era linda, nem podia ocultar-me que era rica a prodigalidade que meu Pai comigo usava. Tendo adquirido hábito de mandar, não me dobrava a obedecer, e de mui ocupada de mim só, cabia ser a todos mais insuportável.

Apenas passado um mês, já todas as minhas companheiras me detestavam; o que pouco me abalava; que não sentia ainda eu a carência da amizade, e como desde a infância me tinham adivinhado os pensamentos, nenhum movimento de sensibilidade, nem ainda mesmo acerca de meu Pai, tinha eu ainda experimentado. Dava-me

mimo, e eu não o amava com veras: que assim vai o uso. Sobeja condescendência para com os filhos produz o mesmo efeito que sobeja severidade. Por necessária consequência amava, e respeitava eu muito a meu Irmão, que único até então nunca se quis submeter a meus caprichos. Veio ele ver-me, e eu lhe pedi que me tirasse do convento que me desgostava de morte. Disse-me ajuizadas razões; pus-me a chorar; foi-se embora; fiquei abafando de cólera e de despeito.

Neste estado é que encontrei com Sórora de Santa Úrsula, que se compadeceu de mim: e era a vez primeira que me senti necessitar de consolação; à qual ela condescendeu com tanta brandura, e entremeava com as suas consolações tão ajuizada solidez e tão adaptada à alçada da minha inteligência, que reflectir e amar foi caso dum momento. Entregue inteiramente a seus conselhos tinha o primeiro castigo, quando tal o merecia no receio de desgostá-la, antes mesmo que ela mo estranhasse. Que vos direi? Em três meses sós de prazo recuperei a amizade das outras educandas, mereci os desvelos dos mestres, que atéli dera por venturosos de que os pagassem para nada me ensinarem, e carreei a afeição da Aia que me deram, que muita vez se quis despedir, porque eu as mãos lhe punha. Restaurado quasi tinha aos doze anos o tempo que perdido tinha, e aplaudia já meu Irmão os meus progressos, e a mudança de meu génio; lograva já a Sórora de Santa Úrsula o fruto de suas obras; e para as aperfeiçoar, empenhou seu amor-próprio, inspirando-me mais emulação, e mais modéstia. Numa palavra, contava eu já 16 anos, quando pela primeira vez me falaram em me despedir do convento: notícia que me deu pesar; porquanto me afeioara ao estudo, e mormente ao retiro. Não que a Sórora me afigurasse a religião como incompatível com o mundo; jacobice que de baixa lhe não entrava na ideia; e ela d'além sabia que destinada era eu pela minha família a viver na sociedade: pelo que, tão sólida quão alumada era a religiosa piedade que me inspirou sempre. Soube eu o que eram mágoas, e então conheci quanto é superior às consolações humanas a força que no seio da Divindade se granjeia. Da desgraça nasceria a Religião, se na necessidade da gratidão a não tivessem haurido as sensíveis almas.

Desejara eu prolongar morada no convento; mas não me foi possível; porquanto meu Irmão era próximo a casar com uma rica

herdeira da nossa mesma Ilha; e ela tinha já vindo com sua Mãe fazer-me uma visita, e rogar-me que aceitasse em sua casa um aposento: e para assistir ao noivado devia eu, para nunca mais neles entrar, sair daqueles claustros. Apesar da tristeza que lhe causava a nossa separação, foi a Sórora de Santa Úrsula quem me deu os primeiros parabéns da ocasião que se me oferecia de conhecer o mundo antes de nele me empenhar: «Querida Menina, (me disse então) não é culpa nossa que tão raro se aproveitem nossas educandas dos desvelos que para as instruir tomamos. Quasi que sempre se despedem destes mansos retiros para serem desposadas; passagem mais que pronta da ignorância do que é a sociedade, a um estado que dela prescreve os mais sagrados deveres; o que é igualmente nocivo às virtudes que lhes inspiramos, e às que lhes conviera praticar. A Religiosa piedade, os talentos, a modéstia são úteis em todas as situações da vida; ensiná-las é nossa obrigação; mas foi muitas vezes conceito meu, que à experiência, e que à reflexão compete fazer que brotem, acerca do mundo, ideias que nos é impossível ter; e, quando as tivéramos, difícil de explicá-las. Pelo que, aproveitai-vos de tão favorável ocasião; fazei ensaio da vossa liberdade antes de a sujeitar ao jugo de himeneu. Conhecei os prazeres para os saber avaliar, e subordiná-los aos deveres; que assim vireis a ser (praza ao Céu!) tão boa Esposa, tão respeitável Mãe, quão dócil educanda e apreciada fostes.»

Fui residir com meu Irmão, e lá tive azo de verificar a bondade dos conselhos de Sórora de Santa Úrsula. Os primeiros meses fizeram que olhasse aqueles noivos, e o seu estado como o mais ditoso: festejos, assembleias, dum lado e doutro finezas e desvelos; não se despediam sem mágoa, nem tornavam, sem contentamento a ver-se. Foi pouco a pouco entibiando o ardor primeiro; e iam-se persuadindo que já se não amavam, e de insensatos tinham crido, que tão veementes, e por igual teor se amariam sempre.

Tinha meu Irmão por hábito ceder a todas as vontades de sua Esposa, quando outras, das dela diferentes, ele não tinha; e assim extraordinário e tirânico pareceu quando quis admoestar. Arrufos, e pazes carreavam a minha cunhada acréscimo de autoridade. Ai do homem imprudente que começa a viver com sua Esposa como viveria com sua Dama! que assim arrisca a felicidade da sua vida! Sintomas de

prenhez, lançaram meu Irmão de novo aos pés de sua mulher; mas a queda que ela dum cavallo deu (imprudência inescusável no seu estado!) lhe roubou no mesmo instante a saúde, o filho e a amizade de seu marido.

Nessa época nos noticiaram a morte de meu Pai; e nossa casa já triste pelo desabrimento dos consortes, se entristeceu ainda mais. Meu Irmão tinha evitado descobrir-me o íntimo de seu peito, mas ocupando-nos de uma pena que nos era comum, não pode resistir; contou-me os seus pesares particulares. Acerca do que, não vaciei em lhe estranhar o teor com que tinha procedido; porquanto minha Cunhada tinha qualidades essenciaes e excelente coração. Por sobejo comprazimento a deitara a perder, e podia por extrema frieza e seqidão desviá-la para sempre. Comoveram-no as minhas reflexões, e tive a satisfação de restaurar em dous Esposos que entranhadamente amava, uma tranquillidade, que nunca estragou depois o tempo. Inteirada deste meu proceder minha Cunhada, que atéli me chasqueava acerca da (por ela intitulada) austeridade de minhas máximas, fazendo-me menores demonstrações de amizade, me amou com aumento.

Repetiam-me a miúdo os homens, que a nossa sociedade compunham, que eu era bela, e mui bem sabiam que eu era órfã, mas rica; porquanto uma roça de 2000 moedas de renda era um dote que carregaria namorados à mais feia e desprendada noiva. Tinha-me porém eu habituado tanto a ponderar os deveres de cada estado, que me causava um certo pavor o matrimónio. Instavam-me que fizesse escolha, e eu sempre suspensa: de modo que me criminavam de logrativa, quando, ao muito, eu era timorata.

Meu Irmão tinha por amigo M. de Senneterre, pessoa de muito mérito, de grande fidalguia, mas de poucos cabedais, e ainda esses empenhados por dívidas que seu Pai deixara por sua morte. A intimidade que entre ele e meu Irmão lavrava era tal, que o único homem com quem minha Cunhada e eu tratávamos nenhuma cerimonia, era M. de Senneterre. Cultivado o ingenho, varonil o semblante, afidalgado o porte, era de si tão lhano, que o tínhamos como por parente, de quem nada se encobria. Considerai que além de amar ele de longos tempos antes uma senhora mui gentil que obrigada

de parentes se desposara com um velho, e que viúva agora, somente retardava o tempo que a decência prescreve, para lhe coroar o amor: e que essa senhora era também da nossa sociedade; e não vos admirareis que minha Cunhada, nem eu fizéssemos hábito de considerar como Irmão um dos mais apessoados Cavalheiros de Paris. Muita vez insisti comigo que tomasse alguma inclinação; e então fazíamos resenha de todos os nossos Cortesãos; e ele ria das anotações que eu punha no carácter de cada um, arguia-me de mui difícil, e me prognosticava fado semelhante ao da moça de quem o bom La Fontaine fabulou. Com a mesma jovialidade lhe zombava eu do seu prognóstico, abonando-lhe que então me resolveria quando acertasse com outro ele, ou que a ser impossível depará-lo, aguardaria pela sua viuvez.

Hoje o digo, em que sem pejo pudera convir do contrário; não lhe tinha ainda então amor; estimava-o, por ser impossível faltar-lhe com o que lhe era devido; mas a ser ele capaz de deixar uma Senhora a quem professara tão constante afeição, perdera eu dele a ideia concebida atéli, e dos homens com quem houvera de unir o meu destino, seria ele o derradeiro. Antes pelo contrário, quem lhe abriu caminho a ser meu Esposo foi a constância na sua primeira inclinação: cuja Senhora, por desgraça dele, morreu quasi de repente; e quem me penetrou a alma foi a mágoa que ele tão verdadeira sentia. Em nossa casa é que vinha buscar as únicas consolações: que lhe falávamos nós com tanto enternecimento da perda que tivera; tão sinceros eram os elogios que enrançávamos nesses com que ele honrava a memória dessa Dama ainda dele amada; e escutávamos com tanta condescendência, o que com tanta sensibilidade repetia, que conseguimos, participando-o com ele, a aplacar o seu pesar. Que este modo é o único com que admitem alívio peitos profundamente afeioados. Com cedo percebi que involuntariamente reflectia na ventura que aguardava a feliz esposa, que se carresse o coração de M. de Senneterre; não, que me afigurasse poder ele amar outra com igual ardor; mas bem sentia que para mim fora mais preciosa a sua amizade, que o amor tão incerto de outro esposo.

Não puderam, não, os cruéis pesares que experimentei depois, delir no meu coração as afecções que decidiram do destino da minha vida. Apenas me convenci do affecto que me inspirara M. de Senneterre, comportei-me dali em diante com tanto recato, quanta fora a franqueza que até então manifestara; mudança esta que ele estranhou, e cujo motivo quis adivinhar; a meu Irmão mesmo se queixou dos fados que lhe roubavam, quasi à uma, o objecto do mais constante amor, e as consolações de uma amizade de que tão gostoso hábito se fizera. Receoso de me ter involuntariamente desagradado, me instava a miúdo que lhe apontasse o em que me agravara, protestando-me que nada lhe causaria maior pena que o perder a minha estima. Eram tão brandas as suas palavras, tão enternecido o seu olhar, que o receio de que a minha nímia sensibilidade me traísse, aumentava a frieza das minhas respostas; e a ter eu motivos de queixume, não o pudera tratar diversamente do que eu nesses tempos o fazia. Vieram a ser mais raras as suas visitas, e maior a minha severidade; que medrava o meu amor, e o receio que ele o não adivinhasse, com o pesar que me davam essas ausências. Por nossa ventura, me arrancou meu Irmão esse segredo, e o descobriu a M. de Senneterre, o único que aditar-me podia; e a quem custava a crer, que com tantas ventagens que me liberalizara a fortuna e a natureza, fizesse eleição dele, quasi concluído a desposar-se com outra Senhora, eu, ante quem tinham rompido sem constrangimento seus saudosos prantos. Que não suspeitava ele, que o primeiro motivo de meu amor foram os finos quilates da sua mágoa. E quem se não afeiçoara a um homem, de provada sensibilidade, quando cada dia vemos tantas Damas se desposarem com homens, que fazem gala da quantia de seus tratos amorosos, e acerca dos quais o casamento vem dar de acréscimo uma conquista de mais, e tão transitória como as outras. Se eu não ignorava que M. de Senneterre me preferira uma Senhora, cujas saudades conservava ainda, persuadida estava ao menos, que me não daria uma rival.

Meu Irmão, que se dava por mui satisfeito de avincular a si pelos liames do sangue o seu melhor amigo, dava pressa ao nosso casamento, o qual se fez quando volviam os meus 19 anos. De M. de Senneterre o que eu somente esperava, era amizade, e ela bastara a me

contentar o coração; mas acertei com um Esposo desvelado e terno, com um sincero amigo, e com um guia ilustrado; que fazendo assaz bom conceito de mim, e crendo que os passatempos do mundo não bastavam únicos a me ocuparem, me admitiu à administração de seus bens que a dissipação de seu Pai tinha por extremo desvalidos. Fomos de jornada às suas fazendas, contentámos boa parte de credores, e feitos com os mais certos ajustes, viemos a Paris alfiar a nossa morada conducente a nossas rendas. Sociedade estreme, intimidade lhana, e a dita de meu Irmão e de sua consorte aumentavam a minha felicidade; e o Céu que atéli nos cumulava de mercês suas, pôs o remate com me dar um filho, a cuja vista me vencia em contentamento o meu Esposo.

Como eu queria criá-lo, parti para uma das nossas quintas, apenas pude salva de perigo pôr-me em jornada, e (mercês da vida que ali desfrutava) tanto me não desfalecia a criação, que medrei em saúde, perdendo grande parte daquela melindrosa compleição, que me obrigava a certo regime desagradável na idade que eu tinha.

Dous anos passei arredada de Paris, donde só me cresciam saudades enquanto a meu Irmão e sua Esposa, que ainda assim tiveram a bondade de vir passar comigo o tempo que meu marido militou. Minha Cunhada me invejava a ventura de ter um filho; e ou já por naturais disposições, ou já feitos da queda, entrava a perder confiança de ser Mãe. Nem com efeito o foi. Em meu filho se empregavam seus affectos, e também os de meu Irmão; e era pasmo ver como meu filho se formava. Ditosos tempos! nem dessa época volveu um dia que se não assinale na minha alma. Que não se apagam nunca na memória duma Mãe semelhantes sensações.

Transponho dez anos da minha vida, que foram como um único instante de felicidade sem mescla. M. de Senneterre abençoava de contínuo o dia em que eu o tinha conhecido; e meu filho crescia e se criava diante de nossos olhos, dando-me a sua educação, à qual seu Pai presidia, a esperança que algum dia lhe semelhasse em tudo. O que somente nele receávamos era certa viveza que igualmente o propendia para o bem como para o mal, mas que podia ser com cautela dirigida, e uma firmeza de condição estranha em tão breve idade. Algumas vezes me arguia meu Esposo o meu muito mimo; e eu a ele a muita severidade, e a ambos nós meu Irmão (que já considerava

o sobrinho como seu herdeiro) o tormento que lhe dávamos, fazendo-lhe estudar ciências que ele avaliava em mais baixo preço que as meiguices desse menino: cada um de nós, por fim, o amava a seu modo, e ele era o assunto de nossas conversações, de nosso amor, de nossas esperanças, e prazeres.

Dobrava eu já 30 anos, sem ter ainda conhecido o infortúnio; e o primeiro desgosto que vivamente experimentei foi quando coube separar-me de meu Irmão a quem tantas razões me avinculavam. Ele que soube a morte do regedor geral de nossas roças, assentou que para segurança de nosso cabedal, e regimento dos negócios, requeria achar-se ele na Ilha de S. Domingos. Longo tempo havia que sua Esposa lidava com saudades da terra em que nascera, e de que conservava mui agradáveis lembranças: e como a ocasião era decisiva, partiram sem falência. Esta despedida me magoou o coração; achando-se diminuída a minha íntima sociedade (reduzida unicamente à minha família) daqueles que lhe davam o mais delicioso preço. Involuntário pressentimento me repetia quasi de contínuo que não os tornaria a ver, tristeza esta que somente adoçavam, mas não dissipavam de todo a amizade de meu Esposo, e as carícias de meu filho, que orçava pelos 13 anos.

Seis meses depois deles partidos caiu tão perigosamente enfermo M. de Senneterre, que a sua convalescença foi quasi como uma branda encosta por onde foi descendo à sepultura, e que dous anos contínuos me entregou ao cruel suplício de cada dia imaginar que esse era o último da sua vida. Ficara-lhe molesto o peito, e a olhos vistos ia demudando; e as esperanças que os Médicos me davam, não lhes vinham do ânimo; e o meu amado Consorte, que se sentia avizinhar da morte, colhia quantas forças tinha para me esconder a sua mágoa, e dissimular os padecimentos, que pela minha sensibilidade lhe seriam mais insuportáveis. Todos os dias até ao último se pôs de pé, e apesar de admoestações minhas passava longo prazo a escrever: que, persuadido esse modelo dos maridos, e dos bons Pais, de que lançava a morte mão da preia, queria sobreviver-se ainda vigilante para com sua Esposa, e com seu filho. Deixava-me consolações escritas, para quando fenecido; delineava-me regras com que eu desse remate à educação de seu filho, para quem deixava uma carta, que se me

entregou aberta, e que à minha prudência encomendava a época em que eu em segurança usasse dela.

No centro desses maviosos desvelos, que tanto abonavam a bondade de sua índole, o colheu a morte: em meus braços expirou. Nunca soube o que de mim foi nesse cruel momento; o que só recorde é que quando em mim tornei, me senti no leito, rodeada de alguns da minha família, e da de M. de Senneterre, que imperiosamente me tolheram o falar, e que me custou contendas o alcançar que ao menos não separassem meu filho de ao pé de mim. Que amável mancebo! Coração único então de consonância com o meu! e que sem ter a barbaridade dos que me impediam que pronunciasse de contínuo o nome de meu Esposo, estava ajoelhado a pedir-me que sua Mãe lhe conservasse. Ambos repetíamos o saudoso nome, ambos chorávamos; nossas lágrimas confundíamos, e nossos beijos; e se nos aumentavam a mágoa estes assomos da sensibilidade, persuadida estou que também nos salvaram da desesperação.

Logo que suster-me pude, fiz que me levassem ao Convento onde educada fora, onde as consolações de Sórora de Santa Úrsula, juntas com a liberdade de me prostrar gemendo ante os altares, e com as carícias de meu Filho me restauraram ânimo com que vivesse, e me ocupasse de seus interesses. Nomeara-me por seu testamento M. de Senneterre tutora de seu filho, e curador um tio seu que morava numa quinta nossa, e tinha por único cabedal provada probidade, aprazível velhice, cicatrizes, e o habito de S. Luís com 40 moedas de tença; disposições testamentárias que não agradaram à família de meu marido, mas que me corroborava de mais em mais na estima que lhe eu devia a ele. Com efeito o curador do nosso Adolfo, era digno de ser Aio dum Príncipe: ele foi quem educou M. de Senneterre, descuidado o Pai de que aprendessem ou não seus filhos; e confiava eu que pelo meu Adolfo ele empreendesse o que em seu sobrinho com tanta dita executara; sendo outrossim minha intenção de passar alguns anos arredada de Paris, pus o fito na quinta em que o bom Velho assistia, capacitada que a afeição que ele tomasse a Adolfo que já tinha 15 anos, o resolveria a tudo, quando conviesse que aparecesse no mundo. Pelo

que, de novo tomei o campo por vivenda, mui agradável então pela sua solidão à condição em que meu ânimo se achava.

Teria eu para sempre renunciado assistir em Paris, se não avistara de longe ser-me um dia necessário voltar ali com meu filho, por cujo amor unicamente achava prazer na vida; e a quem votei toda a minha existência; bem resoluta a sacrificar-lhe o gosto que o retiro me desse quando este empecesse ao seu adiantamento, ou que de Adolfo me separasse. Lá é que eu li, em companhia do Tio de M. de Senneterre, as instruções que meu Esposo delineara nas últimas da sua vida, para a educação de seu filho; cujas máximas conformes com as do Curador, me pareceram de tanta luz, que trabalhando segundo a norma delas, tivemos ambos o contentamento de ver tornar a Adolfo o hábito das virtudes nessa idade em que as paixões vêm muita vez pelear com as mais felices disposições.

Então é que pela primeira vez li a Carta que seu Pai moribundo me endereçava, dada em depósito a mim, que lavando-a em lágrimas minhas a li, formando já o projecto de nunca lha remeter.

Na quinta poucos me visitavam, mas esses poucos eram suficientes para que meu filho, em casa, e nos redores encontrasse sociedade tal, que o afastasse da taciturna timidez, que um mancebo destinado a viver no mundo, contrai às vezes, se dele vive longo tempo separado. Assim passavam pacíficos os meus dias entre os meus deveres, minhas lembranças, ameigados com algumas acções liberais, que únicas me pejavam o coração, para o distraírem (por instantes) da sua tristeza. Disposta de contínuo a dar, sem distinção, alívio aos meus aldeões, com preferência porém às viúvas, que de mim sabia que mais que os outros o precisavam. Perder marido, e reccar pobreza para os filhos, era situação que eu imaginava acima das forças da humanidade.

Chegou o tempo em que meu filho entrou militar, e teve seu tio a bondade de acompanhá-lo; que estava (como eu tinha antevisto) tão prendado de meu filho esse bom Velho, que pleiteava, acerca dele, finezas comigo. Prometera-me Adolfo de me escrever muito, e com a maior individuação; porquanto me comprazia eu de ser sua confidente, e a nossa última conversação lhe abonou bem, que se eu, como Mãe, era ciosa dos bons costumes de meu filho, como amiga não

seria mais severa, de que corriam os do meu século. Amor do prazer, tão natural a gente moça só então é de estranhar, quando a arreda de seus deveres, ou quando a empenha a dar passos contrários a seus interesses. Nem meu filho falseou as minhas esperanças. Deu-se a amar dos camaradas, entrava em todos seus divertimentos, nunca nas devassidões, teve alguns namoros, que (como ele me escrevia) nem o prendiam, nem lhe enchiam o vão do peito. Todas as suas cartas, em que sem constrangimento dava retrato de si, me convenceram, que nunca lhe seria passatempo o amor, mas sim paixão; devorava-o uma sensibilidade, que anelava exercer-se. Era a de Adolfo a alma amante de seu Pai, em idade porém que não pondera a razão os discrimenes dum empenho; o que era para mim de estremecer. Tinha meu filho seguros dos cabedais de Pai e Mãe além de 16:000 cruzados de renda; e meu Irmão, que não tinha filhos, lhe dava a perspectiva de aumentados rendimentos, que à sombra de seu apelido, lhe abriam a porta a toda e qualquer pertensão: e eu que enquanto a mim nunca conheci a ambição, confesso que a conheci enquanto a meu filho. Ficou no seu regimento Adolfo 18 meses, e dele voltou, entrado o ano de 1789, quando já orçava pelos seus 20 anos. Como tão curta ausência obrou nele tão pasmosa mudança! Disferidas com formosa ventagem as proporções de seu corpo, davam particular garbo a cada movimento e no semblante certa altivez (que nada desfalcou da brandura, que sempre nele reparei) inspirava respeito e me obrigava a considerar um homem, em quem vira atéli querido infante. Não que fosse ele comigo menos meigo, menos desvelado enquanto fosse do meu agrado; mas o trato da gente o informou do que ele valia: em tudo via eu nele um amigo, de que se ufanava a minha razão; mas eu involuntariamente achava de menos as ingénuas carícias de meu filho. Estas contradições que em nós opera a passagem da adolescência, tão rápida entre os Franceses, só as pode explicar um coração de Mãe; e se nós amamos, e quasi que adoramos nossos filhos, sem dúvida vem de recordarmos a mocidade paterna, e que c'ó mimo de suas carícias vem de companhia a saudade dessas de que depois nos sentimos privadas.

Já vos disse a caridade que eu usava com os aldeões de minhas fazendas. Quem põe a mira em ser completamente venturoso, cuida

em derramar à roda de si a dita; privilégio que dão os cabedais! E desse lograva eu. Não que fosse minha vontade que algum desses homens saísse do seu estado; que me neguei sempre às cobiças dos que queriam dar a seus filhos occupaões na Cidade, querendo eu somente abastados cultivadores que amassem o trabalho, e não mirassem a mais alto posto, que esse em que os sorteou a fortuna. Soube, quando cheguei, que uma moça (pela morte de seus Pais) ficando ao desamparo, abrigada fora por aldeãos pobres, e carregados de família; acção que merecia recompensa! Deles me encarreguei, e me encarreguei também da moça, que tinha então 11 anos, e Susana se chamava. Tentada estive, quando a vi, de desmentir das regras de prudência que me delineara, e de a tomar a mim: porquanto nunca a natureza compôs cousa mais linda, nem à lindeza se juntou nunca encanto igualmente irresistível, como o que se experimentava em olhar Susana. A reflexão foi só quem me defendeu contra a afeição, que ela me inspirava. Receiosa de mim mesma, e olhando para o prazo em que eu tinha de voltar a Paris, Cidade onde ela seria exposta a todo o género de embaimentos, me resolvi a encomendá-la ao meu Caseiro, com ordem, que lhe desse educação competente ao seu estado, nas escolas daquela aldeia. Susana, que ventura maior não cobiçava, foi dócil e agradecida, e aplaudir-me é dado do cuidado que dela tomei: sempre modesta, sempre laboriosa, foi crescendo, e foi carreando as vontades dos que sobre ela vigiavam. Asseada no traje aldeão, arguida fora de namorada, se a singeleza de seus costumes a não amparara contra toda e qualquer suspeita. Como ela assomava já aos seus 16 anos, e trazia eu na ideia dar-lhe marido competente ao dote que lhe eu preparara, chegou meu filho do seu regimento.

Este logo se afeioou com tal veemência de Susana, que é difícil concebê-lo na ideia; sem que eu desse tino de tal amor, quando toda a gente o sabia já; que nem seu Tio cuidava em me avisar, dando essa afeição por namoro de passagem. Bem reparava eu que Adolfo, ou muito alegre, ou muito melancólico, ora me instava que voltássemos a Paris, ora desejava prolongar a vivenda na quinta; que bem arredada estava eu de suspeitar que um volver de olhos, mais ou menos requibrado de Susana lhe volteava o fito da alma; antes attribuía esse

génio mudável, à inconstância duma imaginação que ainda não achara onde assentar.

Não fui em mim, quando o Caseiro, a quem confiei Susana, pedin-do-me que lhe falasse em particular, me pediu que o descomettesse daquela moça, ou que lhe deparasse meios de impedir M. de Senneterre de o visitar tanto a miúdo; fiz-lhe perguntas, e fora-me impossível duvidar do amor de meu filho. «Mas Susana (lhe disse eu) ama-o ela?» — «Ah! Senhora (me respondeu o Caseiro) que difícil fora o não amar a quem tão amável é como o Senhor Conde; e qualquer moça que tenha livre o coração, não se poderá atalhar de lhe corresponder: se porém Susana lhe quer bem, ela o encobre bem de si, e dos outros; e até de vosso filho; que não dá motivo a repreendermo-la; porquanto rejeita receber presentes dos Senhor Conde; e como ele se diverte a distribuir cada domingo atavios a todas as mulheres desta casa, e sempre com o fito de obrigar Susana a que se enfeite com prendas dele; e se agasta com ela quando não se compõe com as que lhe ele dá; e acusando-a de soberba e de ingratidão, tanto se enfada contra ela, que muitas vezes a vemos entrar chorando; e logo após ela entra o Senhor Conde pálido e tremendo, que lhe fala com brandura, e a pobre Susana o despede, consolando-o com prometer-lhe que se não passará dia, em que se não enfeite com dádiva sua. Nem já se atreve a sair com receios de encontrar com ele, que quando passou o dia sem a ver, certos estamos que o sol posto no-lo trará a casa. Benévolo nos fala de minha mulher, e de meus filhos, nos enche de favores seus, mas sempre os olhos postos em Susana; e se ela se não vai, tanto faz que se avizinha a ela, e em baixa voz lhe diz muita cousa, a que ela só responde com sim, ou não; se ela sai, vai-lhe ele logo em seguimento, e nunca, sem que as cores se lhe abrasem, entra Susana, e sem que se lastime de ser muito desgraçada; impedindo-nos contudo de dar parte à Senhora Condessa; por que esta a não despeça, e seja mais infeliz ainda sem o seu amparo.»

Falaria esse homem ainda mais tempo, que o não interromperia eu, tão agitada eu estava de minhas reflexões então. Despedi-o porém, agradecendo-lhe o zelo, e recomendando-lhe mais que tudo de não dar senhas de me ter avisado. Quando me vi só, em vão quis delinear como procederia neste caso, não sabendo em que assentar, nem a

quem podia consultar. O Tio nada cria em amores, e mui pouco na honra de mulheres; de meus sustos se poria a vir, e teria por conforme, que um mancebo tratasse de se divertir na quinta, como o fizera numa guarnição. Tinha esse único defeito; e fora inútil pertender mudar as ideias dum celibatário idoso, que se não consolava da força que lhe faziam os anos para não ser dissoluto, senão citando a cada passo infundas ocasiões em que o tinha sido.

Que cabia então fazer? Conservar Susana em casa era expô-la ao embaimento; Perder esperanças de casá-la; e autorizar o que me não era lícito consentir. Pô-la fora? Peior; por quanto desprendida de toda a gratidão, entregue a ela mesma, e des-socorrida, necessário lhe era amparar-se de meu filho, e de seus perigosos donativos. Pô-la de minha mão em alguma parte, não podendo fazer com que meu filho aventasse a partida, e sem que me fiasse em alguém, no caso que ele deparasse c'ò retiro dela, e que o seu amor desse brado em público, era expor Adolfo a um ludíbrio que os nossos usos tratam mais severamente que ao vício; e que muita vez decide da reputação de um mancebo. Arbitrei levá-lo da generosidade, e à noite com muitas aparências de alegre o convidei a almoçar <sup>[1]</sup> sós a sós comigo na manhã seguinte no meu quarto. Este convite, a que dei todo o ar jovial, para lhe arredar suspeitas, o deixou perplexo: queria-me encobrir o seu enleio; mas como d'antemão me aprestei a me dar por desentendida, sem mais explicação nos separámos. Sem dúvida que não passou a noite com mais sossego que eu; porque demonstrava no gesto, quando pela manhã veio, cansaço e desalinho. Tanto então semelhava a seu Pai ao vivo, nesse primeiro dia em que depois da morte da pessoa que tanto amava, o vi, que se me sobressaltou o coração à prima vista que a ele volvi.

Concluído o almoço, sem algum de nós quebrar o silêncio, o fiz sentar junto de mim; e c'um tom de voz (quanto pude) severo, lhe disse: «Ignorais, meu filho, os pesares que me dais?» «Se é (me respondeu) que atino com o motivo deles, esse mesmo motivo, por

-----  
[1] *Sic.*

teor diferente, me perturba o meu sossego.» E dando um suspiro, disse: «E eu também não sou feliz.» Vi que tanto não negava o amor que Susana lhe inspirava, que antes se descuidaria de que falava com sua Mãe; pelo que forcejei por deslembrar-me desse título, e da minha severidade.

«Não sois feliz, Adolfo? E que falta para a vossa felicidade em tudo o que pode pertender um homem dessa idade; e desse apelido?» — «Ser amado; ou ter forças que vençam um amor que a minha razão condena, e que, mau grado meu, compõe hoje parte de minha existência. Ah não me crimineis; lastimai-me minha querida Mãe. Nem quanto queirais dizer-me igualará o que já mil vezes me tenho dito. As mais severas reflexões porém sendo relativas ao meu amor, o aformoseavam de modo, que mais e mais me enfeitiçavam; e querer contender com o pendor que para ele me levava, o era dar-me por ocupação Susana. Nem o pejo de o confessar a minha Mãe vence o prazer que me resulta de falar nela; e esta é a primeira vez que deparei com essa ocasião; que eu desejava evitar; que enfim, até este momento só o nome de Susana me escapou dos lábios na solidão.»

«Desse vosso trasvio, Adolfo, e da condescendência com que vos eu escuto, envergonhada estou; mas como vos dais por desgraçado, serão sempre as desgraças de Adolfo para mim sagradas; ainda quando tão fraco o veja, que se exponha a inspirar antes lástima, que compassiva ternura.» Pelas cores que ao rosto se lhe assomaram, e o lume que se lhe acendeu nos olhos conheci, que picado desta minha frase, me queria responder, o que súbito atalhei, dizendo: «Que esperais vós dessa insensata afeição, que não confiareis declarar a ninguém, que não fosse Mãe tão indulgente como eu? Susana, educada por cuidados meus, defendida pela minha protecção, vos deve ser respeitável, e me lanço a crer, que ainda a paixão vos não descaminhou de modo, que imagineis, sem estremecerdes, corromper sua inocência, e quebrantar sem vergonha o respeito devido a esta minha casa. Meu Filho, eu nunca pus reparo aos deveres que acerca de vós me incumbiam; que fáceis mos tornava a minha ternura, e, porque eram para mim contínua série de delícias; encarregando-me porém de Susana, contraí com Deus obrigação de vigiar seus costumes, e assegurar sua ventura. Perseguir esta inocente, é contenderes com

vossa Mãe; que não Susana, mas a mim mesma tendes de encontrar na opposição aos projectos vossos; e se tão ruim sois que a dobreis à vossa desordenada afeição, quem tem de responder por ela à Divindade é vossa Mãe. Não vos queixeis da severidade de minhas máximas; que são as máximas cristãs quem, meu filho, me conservaram esta vida; e a minha resignação na vontade celeste me deu a força com que sobrevivi à morte de vosso Pai. Adolfo, Adolfo, quereis que essa vossa paixão seja a causa que me eu arrependa, da força que então tive??» — Repreensão mui forte, que improvisa me escapou!

«Indulgente comigo vos prometestes, Senhora (me respondeu meu filho, derramando lágrimas de despeito) e me tratais como um monstro merecedor que lhe tirem a vida. Quando eu por dilatar os dias seus com o que os meus durassem, dera todo o meu sangue, me acusa minha Mãe... Ah! Senhora, que se pudésseis registrar o âmago de meu peito, conheceríeis que esse amor invencível motivo da minha desesperação presente, se não fora o respeito que vos tenho, seria amanhã a ventura da minha vida. Contra mim mesmo amo Susana; e a ponto a amo, que me seria mais branda a morte, que a ideia de separar-me dela. Enganá-la, nunca foi do amor que lhe tenho, do amor que ainda detestado me alimenta; e a não receiar que se afligisse minha Mãe, quem me tolhera de esposar Susana?»

Já o interrompia eu, quando ele acudiu: «Olhai, Senhora, quanto vai cada dia perdendo consideração a fidalguia (pelos fins de 1789); Susana tudo recebeu da natureza; e nela a inteligência pudera suprir onde não abrangeu a educação. Se em França fosse estranhado este casamento, lá está a Ilha de S. Domingos menos sujeita a semelhantes preconceitos. Não vos assombreis, Senhora, duma ideia que não passa a ser projecto. Projectos! Não me é possível formá-los; combatido pelo amor, pela ideia terrível de perder vossa amizade somente posso padecer; e mui feliz ainda, se me vier a morte desprender duma situação superior às minhas forças, e provar que vos não é ingrato Adolfo, nem que devera sua Mãe suspeitá-lo de ser uma fera.»

«Findemos (lhe disse então) findemos uma prática, que para ambos é penosa. Creio todavia que não requerereis de mim, que convosco me desculpe duma palavra que o meu coração desmentia no

instante que a boca a proferia. Tudo o que vos peço é que não vejais Susana, antes que eu vos escreva; que bem sinto quão inútil fora renovar esta conferência, e quão necessário nos é tornarmo-nos recíproco o sossego.» Ergui-me, e meu filho também, que se despedia sem voltar a mim os olhos.

«Adolfo (lhe bradei) já perdestes o amor a vossa Mãe?» Então me pegou na mão, que coalhou de beijos, e um e outro chorando nos separámos. Ao jantar me mandou pedir licença para não vir à mesa, de que me não desagradei, vista a disposição de ânimo, em que ambos nos achávamos. Depois me retirei ao meu camarim, onde lhe escrevi a seguinte carta.

#### MADAMA DE SENNETERRE A ADOLFO

«Vós, meu filho, fugis de mim; e eu me vejo obrigada a confessar que receio ver- vos: eu, que tanto padeço quando me falta a vossa vista. Entranhável lástima de vós tenho; mas, querido filho, quando a sociedade nos põe em brilhante plana, nos impõe deveres que equilibram as vantagens que dela recebemos; cobardia o traí-los fora, e dela incapaz sois. Incumbe-vos renunciareis a Susana; ou (mas não o direi eu) à minha amizade: da honra que professais espero um sacrifício, que a ela só dever pertendo: eu me encarrego de dar-lhe estado tal que tenhais a satisfação de teres contribuído à sua felicidade; prazer esse que vos adoçará a mágoa quando vier esse dia em que deis a vossa Mãe os agradecimentos da presente severidade. Não me atrevo a requerer de vós essa condescendência, receiosa de que um acto de autoridade me roube um só instante o vosso affecto. Lede a Carta inclusa, que vosso Pai quando morreu me encomendou vos remetesse; vosso Pai vos fala, Adolfo, e são últimas vontades de vosso Pai essas que ledes. Vossa Mãe vos lança a bênção e vos ama; ela não vo-la ordena, mas sim espera pela vossa resposta.»

«Meu filho, se na hora de se apartar da vida, um Pai que todos os instantes dela consagrou à vossa felicidade, conserva ainda sobre vós a autoridade que Deus, e as Leis lhe concederam; se vos são sagrados o respeito e agradecimento que à minha memória é por vós devido, obedecer a vossa Mãe vos mando em tudo o que, na entrega desta carta, de vós requeira; são as últimas regras que a mão de vosso Pai lançou; assim, sob pena de minha maldição vo-lo ordeno. Adolfo, se bem rastreei a vossa índole, estimáveis virtudes, e perigosas paixões tereis. Por vós, por vossa Mãe tremo, e chegado ao meu jazigo faço por velar ainda sobre vós ambos, por quem sós levo saudades da vida. Meu filho, satisfazei esta dívida minha acerca duma Esposa adorada, a quem devi mais dita do que é dado que um humano espere. Ainda pela última vez vo-lo repito, (que me desfalecem já as forças): Filho meu, obedeci a vossa Mãe, para não incorrerdes na maldição dum Pai, que sempre vos amou. Adeus, meu filho.»

No outro dia, quando acordei, recebi o seguinte bilhete.

### ADOLFO A MADAMA DE SENNETERRE

«Dar-se-á meu Pai por satisfeito, e vós continuareis, Senhora, a lastimar-me por longo tempo. Como não quero que sejais testemunha da minha mágoa, receioso de não poder resistir, se ainda vejo aquela de quem devo fugir, certo de mim que não terei valor de a ver sacrificada a um consorte indigno dela, tomei a resolução de sair desta quinta, esta mesma noite, e tolher a quem quer que fosse de avisar-vos. Vou a Paris; e porque conheço quanta é vossa bondade, vos não recomendo Susana; se porém me é permitido algum desejo, quisera que ela ficasse solteira; mas, sendo diversa a vossa determinação, posso, minha Mãe, esperar que quando lhe entregueis este anel, lhe ordeneis que sempre o traga como penhor da vossa protecção? Esse é o único presente que fazer-lhe quero; à vossa generosidade cometo o mais.»

Este bilhete que me abonava quanto Adolfo por obediente padecia, me fez ainda mais penosa a sua partida. Dei parte ao tio, e parte completa, que este ancião acolheu, sustendo-me que meu filho era um louco em amar assim uma aldeã; todavia sentia tanto como eu os pesares de meu filho: e como eu me inclinasse a diferir o casamento de Susana, até ao prazo em que soubesse que não corria algum perigo a saúde do nosso fugitivo, ele insistiu que este instante era decisivo, e que cumpria cortar-lhe toda a esperança, ou vê-la (sem esse corte) esposa do seu amante; conselho a que logo me rendi; e nessa mesma tarde escrevi a meu filho, e lhe enviei a minha assinatura em branco para que cobrasse do meu Procurador a quantia que lhe parecesse necessária para os seus divertimentos: também pouco lhe falava na resolução que tomara, e nada em Susana, a quem, e na manhã do dia seguinte mandei dizer que me viesse falar.

Logo que a vi, lhe perguntei: «Que tendes, Susana? que vos vejo pálida, e com olhos de quem chorou?» — «Sim, Senhora.» «Tão moça sentis já penas?» — «Sim, Senhora.» — «Não vos dais bem nesta casa?»

— «Sim me dou, Senhora.» — «Susana, quero completar o que por vós tenho feito, dando-vos um consorte que vos faça feliz.» E como vi que ela suspirava, acrescentei: «Repugnaríeis vós ao casamento?» — «Senhora...» — «Falai com franqueza. Algum destes moços da aldeia vos demonstrou amizade, e lhe tendes vós inclinação?» — «Eu não, Senhora, oh meu Deus, não!» — «Assim sendo não vos desgostareis de aceitar um esposo de minha eleição?» — «O Senhor Conde... Senhora...» — «E que temos?» — «O Senhor Conde... me proibiu casar eu sem permissão sua.» — «Proibiu-vos-lo meu filho?» — «Sim, Senhora; e muitas vezes.» — «Que lhe respondíeis vós, Susana?» — «Que ele podia mandar-me.» — «E se de consentimento com meu filho tratasse eu de vos dar estado, que diríeis vós?» Pôs-se a chorar, e da mágoa que nela vi me capacitei que não era a triste moça insensível à afeição de Adolfo; e pela sua repugnância me lastimava ainda mais. Pelo que, depus acerca dela o tom de Ama, e a consolei, e lhe falei em termos de razão; nem Susana me interrompeu senão com soluços, ou convindo em que mil vezes se repetira a si mesma o que eu agora lhe dizia; nunca se descuidara do que devia à sua benfeitora; e que não era culpa sua se continuava o Senhor Conde em demonstrar-lhe tanta bondade, de que ela se achava enternecida até ao âmago da alma, sem que nunca lho desse a perceber. Então lhe persuadi que o cuidado da sua reputação, e quiçá que a gratidão também requeriam dela que aceitasse um esposo; e perguntando-lhe eu qual era o que lhe melhor quadrava, me respondeu que nunca amaria mais este que aquele; que aceitaria porém esse que a Mãe do Senhor Conde lhe ordenasse. Despedi-a, ficando eu tão enternecida quasi como ela, e lhe dei como abono do contentamento que me dera a sua submissão, o anel de que meu filho me fizera depositária. Não que interiormente me achasse mui satisfeita desse acto de condescendência, mas o valor que nessa moça vi, a lembrança de meu filho, que esse único preço pusera ao sacrifício cujo quilate assaz se me fez manifesto pela sua mágoa, sobrepujaram a

-----

[II] Tratador de gado.

minha reflexão. As vontades duma alma retalhada por paixões agudas são sagradas para sensitivos peitos, ainda mesmo, quando a razão as condena.

Queirais dar casamento a uma moça, e deixeis rever vosso desejo, e não haverá mulher em toda a casa que não leve de brio contribuir com algum meio. Foi a minha Aia, quem primeira me falou dum fulano Chenu, abegão <sup>[1]</sup> duma fazendinha três léguas arredada da minha quinta, o que à sua abegoaria juntava certo tráfico de bestas cavallares, que lhe dava ares de abastado. Esse Chenu conhecia Susana, e várias vezes tinha dito que de tom grado se casaria com ela, pela razão de que ela sabia escrever, adição mui conveniente para o seu comércio; pois que se via obrigado a se fiar na sua memória, que a miúdo o enganava. Logo dei ordem ao Caseiro que falasse com esse homem, e que o inteirasse das minhas disposições empenhando-o a que viesse ter comigo no caso que conservasse ainda a mesma intenção.

Não tardei em receber a visita de Chenu, que se me afigurou homem de 30 anos, em cujo gesto nada havia que vos carresse, nada que lhe desse repúdio. Apresentou-se com certa seguridade que me deu bom anúncio de sua índole: todavia quis pô-lo a prova. «Em que posso eu prestar a M. Chenu! (lhe disse eu enquanto me ele cumprimentava) falai-me sem sujeição.» — «Disseram-me, Madama, q u e queríeis dar estado a Mademoisela Susana; no caso que a minha proposta vos agrade, venho-vos pedir a preferênciã.» — «Amais Susana.» — «A dizer a verdade ela não me descontenta, e todos falam do mui dócil que ela é.» — «Dizem-me bem medrado o vosso comércio, e Susana nada tem de seu.» — «As mercês de Madama não têm de lhe faltar.» — «O que vós chamais mercês minhas, M. Chenu, pertencem de juro aos desgraçados, e Susana casando convosco não necessitará delas. Encarregar-me-ei do enxoval, que é quanto posso fazer.» — «Não mo tinham dito assim; se porém vossa última vontade é essa, será forçoso, Madama, conformar-se com ela; porque enfim de tudo, se me caso com outra que tenha algum dinheiro, não acertarei c'uma Mademoisela Susana e com a ventagem de mulher que me saiba escrever, que é quanto eu lhe desejo. Nada menos, uma quantiazinha

me vinha a pedir de boca e me daria azos de aumentar um comércio, em que há seus lucros, quando vai o dinheiro na dianteira.» — «Pois bem, M. Chenu, dizei-me francamente, que dote imaginais vós que eu desse a Susana?» — «Madama, não são cousas essas que me caiba a mim dizer.»

— «E porque não? Se eu tenho vontade de o saber? Minha intenção consiste em assegurar a felicidade desta donzela, que a todas as luzes a merece; e se as vossas pertensões não sobram além das minhas posses, faria com gosto, por ela como por vós, alguma cousa; porque a fareis ditosa: não é assim, M. Chenu?» — «Bofé, Madama, que não é bem difícil isso: que metade do tempo em jornadas se me vai; que não há feira que eu não corra, destas dez léguas de arredores: e quando venho de volta bem cansado e que Susana tenha escrito as minhas contas, mais preciso de sossego, que não de inquietar o repouso de ninguém. Dizem que sou ambicioso; mas sempre reparei que um homem bem ocupado em seu negócio, não era rabugento marido. Susana tem sua inteligência, e beneficiará a nossa abegoaria, que ainda que não seja de grandes produtos, há cuidado que lhe dar. A serem boas as feiras, bem assentado está, que não sairei delas, sem lhe trazer alguma prenda; que ela é gentil, e as mulheres, bem o sei, gostam de se enfeitar; além de que as mercês de Madama a têm acostumado; e isso é natural. Deixe-a comigo, que, se vão bem as compras, não se há-de ela queixar, nem eu tão pouco.» — «Essas disposições me agradam, M. Chenu; mas tornemos ao nosso primeiro ponto. Em que estimação tínheis o dote de Susana?» — «À fé, Madama, pois que assim o quereis, vos digo, que afora o enxoval, que eu confio inteiramente à bizzarria de Madama, tenho computado que 20 moedas de dinheiro em punho, me poriam em termos de deparar com bons mercados: que são sempre dificultosas as primeiras entradas, mas com um pouco de dinheiro à vista, e um pouco sobre palavra, toma o negócio jeito.» — «Vamos, vamos, M. Chenu, como 20 moedas vos parecem necessárias, e que sem essa quantia vos receberíeis com Susana, muito me contenta poder recompensar o vosso desinteresse.» — «Mercês que me faz Madama.» — «Amanhã falarei com Susana, e se ela, como eu creio, consentir, podeis desde hoje estar certo de 40 moedas de dote.»

Mais pudera eu certamente avultar o dote; mas fiel às minhas máximas de não dar meios de sair de seu estado os que aventuram, com deixá-lo, a sua dita, me encostava a outro motivo, que era de não expor com as minhas larguezas, a reputação de Susana, por quem fizeram certo ruído os amores de meu filho. Além de que, esta moça queria eu sempre tê-la de olho, bem confiada em dar algum dia a seu marido mais grossa abegoaria; confiança que aniquilaram os acontecimentos: os quais também fizeram que nesses que então considerava protegidos seus, encontrasse depois meus benfeitores.

Não duvidava eu da resignação de Susana; mas quisera que menos (quanto possível) lhe custasse. Dei-lhe parte do que acerca dela tinha disposto, aformoseando, quando coube na minha eloquência o seu futuro destino, para que lhe fossem menos agros os presentes pesares. — «Muita bondade vossa.» — era a sua única resposta. — «Tudo o que depender de mim farei para ser ditosa; e se o não for, consolar-me-ei com dizer que me julgastes vós, Senhora, digna de sê-lo.» — Um só dia não passei, sem que a visse, até o dia do casamento, que  prestes  se concluiu, presidindo ao contrato o Maioral de minhas fazendas, e servindo-lhe eu de Madrinha no sacramento.

Confiara-se nas nossas conversações Susana a perguntar-me às vezes novas de meu filho, se eu acaso as tivesse recebido; nem duvidava eu que ela sabia bem o motivo da sua súbita partida, nem que a certeza de ser dele sempre amada a consolava em parte do sacrifício que ela fazia à tranquilidade de todos. Adolfo não me escrevia, mas dele e de seu proceder tinha eu informações indirectas. Sabia  que pouco nas sociedades aparecia; que muita vez saía só, quasi sempre a cavalo, e que sua mui declarada melancolia dava aflicção a seus amigos, sem contudo os des-sossegar enquanto à sua saúde; que era quanto eu desejava.

Desimpedida de cuidados acerca de Susana, dispunha-me a voltar com o Tio a Paris, não podendo nem eu nem ele viver separados de meu filho, quando me dão esta Carta.

## ADOLFO A MADAMA DE SENNETERRE

«Fugindo de vós, minha Mãe e Senhora, para mais cumpridamente vos obedecer, vos dera a entender quais eram meus desejos de que ficasse Susana solteira (ao menos), mas ao contrário foram ordens vossas; por pessoa segura, que lá deixei, fui informado dum casamento, que tolhendo-me toda a esperança, me roubou as forças, com que suportasse o meu horrendo pesadume: de que nem criminar-vos me atrevo, imputando-o somente ao meu fatal destino. Também, como eu, vos obedeceu Susana, que a resolveu a tanto o exemplo meu. Oxalá, que se não arrependa essa infeliz! Sei eu, Senhora, que vindes a Paris; e se sou eu quem a essa vinda vos convida, ah! forrai a inútil jornada. Que pois o que eu devo ao meu apelido me atalhou de ser ditoso, quero completar o sacrifício; esta noute parto, para onde a desesperação me leva. Que não possa eu pôr um mundo inteiro entre mim e as minhas lembranças! entre a minha mágoa, e o meu amor! Tão desgraçado sou, que imagino, oh minha Mãe, que assim vos sirvo quando arredo de vossos olhos o espectáculo dum filho consumido de pesares. Se a meus rogos inclina o Céu ouvidos, ele me reconduzirá digno de apreciar o que vós julgastes devido fazer a bem da minha felicidade, e de que, sem murmurar, me está gemendo o coração. Se escutasse o Céu meus votos... Ah! continuai, oh Mãe, a lastimar este filho vosso.»

Esta Carta me lançou num aniquilamento total: vinte vezes a li, sem me poder capacitar do conteúdo dela. Meu filho fugitivo! meu filho afastando-se de mim, entregue à mais escura desesperação! Que terrível golpe no peito duma Mãe, que em vez desse golpe aguardava agradecimentos! Todavia, os Céus obtesto, no meu primeiro ímpeto acossei de sobeja a minha severidade; e se na minha mão fosse retrair o passado, se ali fora presente o meu Adolfo... preconceitos, ambição, minhas máximas mesmas, tudo, tudo tivera cedido ao desejo de o conservar ao pé de mim. Imprudente mocidade! quão caros nos vendeis os prazeres, cujos gomos nos plantou no peito a natureza! E que domínio em nós não tendes, que fazeis com que muita vez

preferamos duvidar da nossa razão, à cruel mágoa de não poder duvidar que sois ingrata!

Desse modo esse desconsiderado mancebo que só computava com a sua afeição, quando menos prezava a nobreza que punha atalho ao cumprimento de seus desejos, a tomava agora por guia, quando ela seus desígnios apadrinhava; sacrificando unicamente ao amor em uma e em outra circunstância. Esta fulminante nova trespassou o Tio, assustando-o acerca do efeito que ela podia produzir em mim: incapaz porém de parar em consolações vagas, me repôs sossego no ânimo com prometer-me que à primeira Carta que eu de meu filho recebesse, partia logo a ver se o resolvia a voltar: e quando não, levava intenção de lhe servir de guia e de se aproveitar da ocasião para lhe fazer empreender peregrinações que pusessem o último remate à sua educação: projecto bem digno da paternal amizade desse bom ancião; mas que foi o derradeiro sinal do seu amor! porquanto o colheu a morte no momento de executá-lo.

Fiquei pois desamparada e só, no meio duma revolução, na qual não falarei, senão nos pontos que têm relação comigo. Recebia algumas Cartas de Adolfo; que de contínuo me dava a esperar que voltaria; mas que de contínuo se demorava: e na última me denotava o seu intento de passar à Ilha de S. Domingos, a ver-se com meu Irmão, e de lá voltar para não mais deixar-me.

Antes porém que ele pudesse cumprir com o que prometia, tive a desconsolação de ver que levantam as leis eterna barreira entre mim e meu filho. Mísera! que encetava aqui um encadeamento de infortúnios que tinham de desdobrar-se com pasmosa rapidez.

Com cedo soube os desastres acontecidos na Ilha de S. Domingos; e quando perdia todo o meu cabedal ainda me restava tremer acerca das vidas de meu Filho, e meu Irmão, que por tantos títulos prezar devia. Calamidades somente anunciavam as novas que chegavam a França, a iníqua fama nem consentia que duvidássemos do bando de infortúnios, que assolavam essa miserável Colónia; enquanto porém a individuação deles deixava assoberbadoras incertezas. Implorei o Céu que acudisse à minha família; mas cada intervalo de Correio, era para mim um ano de padecimentos. Enfim, de Filadélfia recebi uma Carta de meu filho.

## ADOLFO A MADAMA DE SENNETERRE

«Quem me pusera junto de vós, Senhora! que recebesse as vossas consolações, e com minha coragem vos alentasse! Nestes horrendos instantes é que eu sinto quanto o amor me descaminhou, ao ver-me tão afastado de minha Mãe; tomai ânimo e vivei para vosso filho, que hoje em dia só por vós suspira; e que não daria por custo grande a vida que desse por entremear com as vossas as suas lágrimas. Que narrativa é a que eu tenho de escrever! Céus! e podê-la-ei fazer! tremem-me as mãos, e o coração se me estreita.

Lembrança tendes dos acontecimentos da Ilha de S. Domingos que já vos escrevi; mas talvez que não saibais ainda os sucessos da nossa família e nossas desventuradas roças. Não pude tomar porto nessas terras onde a guerra civil e seus furores ordinários têm uma actividade tão ardente como o clima; e em Filadélfia é que soube que meu Tio e sua Esposa... pereceram entre tormentos que se espanta a imaginação de somente recordá-los. Não, nunca, nunca cobrarei valor com que traga à memória esses espantosos morticínios que dão tremores a toda a humanidade. Praza a Deus que nunca circunstanciados os saibais.

Não se duvida aqui, que o maquiavelismo dum certo governo, cujo orgulho se achava humilhado pela prosperidade da Ilha de S. Domingos, não preparasse de longe semelhante devastação. De sobejo se cumpriram seus projectos! E quando todas as facções recíprocas se accusam, accusa todas as facções esta Colónia, há poucos dias tão brilhante.

Minha Mãe não há aí fazer-nos ilusão: destruídas, arrasadas são nossas roças e engenhos, queimadas as oficinas, aniquilada a resulta dum século de trabalhos, de prosperidade e economia. Faria lástima a seus próprios inimigos a miséria em que se vêem os Colonos refugiados em Filadélfia; tanto mais para compadecidos, quanto foi tão rápida como o relâmpago a passagem da opulência à necessidade. Consolame o saber que farão os bens que de meu Pai vos ficaram, com que não conheçais esse extremo de infortúnio: esses bens de juro vos

pertencem, pois que (digamo-lo assim) vós os comprastes; e vos pertencem, (pois que de vosso filho são) por outro título mais sagrado ainda.

Assim

vo-los desfruteis, oh minha Mãe, por longos anos, assim pudéssemos nós, bem cedo unidos, chorar ambos nossas desgraças, e ambos nos deslembrar dos pesares e das paixões inseparáveis desta vida!...»

O desafortunado Adolfo não antevia as calamidades que dentro em pouco tinham de cair em peso sobre sua Mãe. Eu vi pôr o sequestro na minha morada; soube que o puseram nos meus paços de Paris, e outras mais propriedades de meu marido; e apenas pude haver alguns de meu, particulares bens, com a permissão de conservar um aposento na mesma quinta em que então morava.

Privada de cabedais, despojada do antigo esplendor conheci o que ela era essa humanidade tão aformoseada ante meus olhos até esse momento. Esses que quando ante mim vinham só cuidavam em me comprazer, cessaram de constranger-se quando viram que não havia que esperar de mim; e o insultuoso compadecimento de uns me estomagava mais que a ingratição dos outros. Os aldeãos que eu de benefícios meus acumulara, somente computavam o que poderiam granjear de meus destroços; cortavam árvores, retalhavam terras que depois de séculos pertenceram sempre à família de Senneterre; paliando-se a si mesmos que essas terras eram baldios.

Hoje os desculpo; mas então uma ingratição semelhante aumentava a minha angústia; e para dar costas a um espectáculo que me quebrava o coração, me resolvi a voltar a Paris. Custou-me a separação de meus criados, cuja maior porção me votava constante lealdade; mas o estado de meus negócios requeria esse sacrifício, por mim de longos dias retardado; conservando só comigo a minha Aia, que resolutamente me quis acompanhar; e se não fora o domicílio que seu marido em Paris nos ofereceu, obrigada me veria a alojar-me em *Câmara guarnecida*.

Depois dos desastres da Ilha de S. Domingos, tinham-se (por economizar) refugiado nas Províncias os meus Parentes; e parte da família Senneterre emigrara, parte se retirara aos seus solares; um único primo-com-irmão de meu Esposo conservava domicílio na Capital; mas vendo que o testamento lhe não dava acção à tutela de

meu filho, me desamparava. Na revolução tomou partido, de primeiro, que lhe adquiriu muita popularidade, mas que por fim deu com ele no cadafalso. Far--lhe-ei com tudo justiça, que, se teve ambição, nunca foi traidor àqueles cuja facção abraçara. Além de que, no estado em que me eu achava, não tratava de o ver; que antepunha eu a um resquício de lustre sem independência, um profundo retiro, onde livremente me pudesse ocupar de meu filho, e de meus pesares. Mas nem esse retiro me deixaram; que não pude, nem tratei de me esquivar ao decreto que encarcerava todos os parentes de emigrados: nem eu já me prendia à vida, senão por um vínculo de religiosa resignação: e vendo-me privada da consolação de receber novas do meu Adolfo, angustiada com os fados que o aguardavam, houvera agradecido aos verdugos a vida que me tirassem. Nesses instantes horrorosos mais ânimo era necessário para pedir vida, que para dispor-se à morte.

Treze meses passei na cadeia, e maiormente os seis últimos, sem mais socorro, que esse que o receio de nos ver morrer de fome arrancava aos nossos carcereiros: alvo de todas as humilhações; esquecendo as nossas desventuras pela narrativa das de nossas companheiras; sem nos atrevermos a ceder ao impulso de amar, por nos forrar à mágoa de eterna separação, mágoa que todavia experimentávamos, sem termos desfrutado as doçuras da amizade: ora acusávamos de tardia a morte; ora involuntária nos estremecia a ideia da destruição de nossa existência; nem de fora nos vinham notícias senão as de um diário carregado da estirada lista das vítimas que na véspera tinham perecido, entre as quais com igual ânsia que pavor buscávamos os nomes de nossos parentes, e amigos, e dessas desditosas que no dia de ontem apertadas tínhamos nos braços... Não há peito que a suportar valha a lembrança de semelhante situação. Dilo-ei contudo, e até o meu último suspiro o tenho de repetir, (que cabe ser a verdade conhecida) nessas prisões, onde encerradas éramos como ovelhas num redil, deparadas para o matadouro, e mais severamente tratadas, que horrendos facinorosos, a ousarem os nossos tiranos ficar connosco, admirar-se-iam de quão fácil nos era ali o exercício de todas as virtudes; recuariam pesarosos diante da fatalidade, que os empuxava a trucidar esse sem-número de franceses, que eram pela mor parte o adorno deste século, e cujo exemplo dado

à sociedade a tivera talvez salva da depravação, que (pode ser) às leis mais sábias muito custa a atalhar.

Cessou enfim essa carnificina, e abriram-se as prisões; e dou graças à actividade da minha Aia, a boa Agostinha, que era então a minha amiga única, que me trouxe a ordem de soltura; e a instantânea alegria que ali me veio, cedeu logo o posto a profundas reflexões a amplidão de futura calamidade. Porquanto nada tinha já de meu, senão os retratos de meu esposo e de meu filho, com que estava resoluta a enter-  
 rar-me; e nem eu queria ser pesada a essa respeitável mulher, a quem as desgraçadas circunstâncias obrigaram a se pôr de novo a servir e por mais que ela fazia por me encobrir o muito que por mim sacrificava, bem o pressentia em meu ânimo; nem o agradecimento desfalcava do suplício que me dava o viver à custa de suas privações. Entendia-me eu em tudo o que a uma mulher cabe saber, excepto no que era viver do trabalho de minhas mãos; sobre me terem os pesares consumido a saúde por modo que me tiraram as posses de aturado labor.

Pôr-me a servir era o único refúgio que me ficava; e a primeira vez que pus nele os olhos, me escorria deles sangue em lágrimas. A altivez, que muita vez nos salva de vícios, que bem é moderá-la, mas nunca sufocá-la, se espinhou com violência tal, que é impossível calcular-lhe a força. Eu, que nasci entre imensos cabedais, eu rodeada de escravos quando infante, de protegidos todo o mais tempo, eu, ilustrada com um apelido respeitável pelos heróicos feitos, que a história tem de testificar à mais remota posteridade... eu servir! Deus meu, vós ainda então viestes em meu socorro, e vós abaixastes a minha soberba diante das máximas de vosso Evangelho!

Tanto nelas considerei, que pouco a pouco me fui familiarizando com essa ideia, e por fim tomei azo de a comunicar a Agostinha, sem lhe descobrir a minha repugnância, mais subjugada que destruída. Quis ela contrastá-la, mas eu fiquei inflexível e lhe roguei que pusesse diligência em me deparar uma casa, onde eu (como o desejava)

-----

[III] No original vinha escrito *sabe*, gralha evidente já que deveria estar *sahe*.

presidisse com meu cuidado à educação de algumas meninas, único emprego para que me sentia com verdadeira propensão. Inútil era recomendar-lhe, que esse cómodo me solicitasse, com diferente apelido, qual o de uma desgraçada que pela revolução tudo perdera.

Com os olhos arrasados de lágrimas e o peito sufocado, me veio algumas semanas depois dar-me Agostinha parte de que por me obedecer, alcançara uma Carta para uma Dama ainda moça, e muito rica, que desejava ao pé de si uma Dama instruída e de bons costumes, com quem prometia ter os maiores resguardos. Peguei na Carta, apertando a Agostinha a mão por único agradecimento. Tratarei com mais larga escritura essa época tão notável da minha vida.

Tinha na mão a Carta que me havia de servir de recomendação, e os olhos pregados no sobrescrito, e não o via; que absorta na imensidade de pensamentos que se empuxavam uns a outros, nem meditar podia. Creio que se então me caísse um raio, não me daria abalo. Mas foram-se-me aclarando insensivelmente as ideias; e comecei a me perguntar: «E que lhe hei de eu dizer?» Que resposta me desse a mim mesma, não a sabia. Por fim examinei o nome da pessoa a quem tinha de servir; e vi que se chamava Depréval, apelido sobre o qual maquinalmente estive a reflectir, como se ele me rastreasse alguma cousa do futuro que eu tanto receava; de sorte que cansada por extremo de me fixar em nada, me fui recolher; mas nem um só instante dormi. Uma fidalga que há-de apresentar-se na Corte, não se vê na véspera mais desvelada em seus atavios, do que eu nesse dia me vi. Receiava inspirar comiseração, e ainda mais receava não poder acanhar esses gestos de dignidade, que a natureza, e hábito de mandar verteram em toda a minha pessoa; e o que eu mais que tudo temia, era o não poder suportar com resignação as perguntas que me aguardavam. Colheu-me o dia, sem eu ter tomado resolução. Desejara arredar o fatal momento; receiava, (diferindo-o) perder a ocasião de cessar de ser pesada à pobre Agostinha. Os que ao nascer não

-----

[IV] Folha fina de massa de várias cores usada antigamente para fechar cartas quando humedecida.

conhecerao luxo nem opulência, custosamente formarão ideia do que padece quem vai ser humilhada: um dia basta para pagar (e muito caro!) gozos que todavia não deram verdadeiro prazer, pois que sempre tiveram a monotonia habitual, e que se avaliam só quando perdidos.

Achava-me pronta às dez horas, e eu vacilava ainda. O pensamento de que indo muito cedo, seria obrigada a esperar na antecâmara, e encontrar-me nela, (por primeira prova) talvez com algum dos meus lacaios que foram; o pensamento mais horroroso ainda de me mandarem embora, depois de aturar insolente interrogatório, eram pensamentos que involuntária me perseguiram. Armei-me finalmente de coragem, desço com rapidez a escada; e eis-me na rua com precipitados passos, tremendo que me adivinhassem no semblante o que se passava no íntimo de minha alma. Preto levava o traje, e sem olhar para ninguém, me cobri com um véu bem tapado que me amparava do olhar alheio. Chego à porta de minha Ama futura, pergunto se está ainda em casa, dizem-me que sim; perco o receio de ter vindo tarde, mas sinto um certo pesar. Subo, e os joelhos me vergam; pergunto ao primeiro criado que encontro se posso falar a sua Ama, este me diz que espere, enquanto vai dar parte a uma das Aias; assento-me e espero. Vai passando meia hora, e um tropel que entra e que sai <sup>[m]</sup> dos que procuravam o Dono da Casa, me tohem que considere em mais que no receio de que ali me conheçam. Vem uma criada que me pergunta quem eu sou, e o que de sua Ama requeiro: «Quisera-lhe falar.» — «Da parte de quem?» — «Da minha.» — «Como se chama?» — «Só a ela o posso dizer.» — «Minha Ama recolheu-se tarde, e ainda não tocou a campainha.» — «Pois eu esperarei.» Nesse instante tocou a Ama, e logo noutro instante me vieram dizer que entrasse; e após a minha introdutora fui atravessando salas, cujo adereço, por elegante e rico, me pasmava, a mim que me tinha logrado de quanto outrora dava admiração. Entrámos na alcova, pouco clara, como ao apontar da aurora, e a Senhora estava ainda na cama; apresentei-lhe com tremor a Carta, e ela me disse que me assentasse, pedindo-me licença de se vestir diante de mim, desculpando-se com querer antes que eu entrasse logo, do que deixar-me noutra câmara por onde passava tanta gente; a amenidade de suas falas me confortou

um tanto, mas ainda não ousava erguer os olhos, e vê-la: reparei somente, enquanto lhe apresentavam umas roupas guarnecidas de renda, que era de admirável talhe, e de gracioso natural. Acabada de compor-se, disse às criadas que se fossem, e nos deixassem sós; enquanto rompeu a obreia, <sup>[iv]</sup> e passou os olhos pela Carta, deitei eu para trás o véu, e nesse instante ouço um grito agudo, e cair a meus pés essa Dama, repetindo: «Madama de Senneterre! Oh Céus! Madama de Senneterre!» — Olho para ela... Era Susana!

Caíra sem sentidos, e eu tomei-a em braços até a pôr no leito; toquei a campainha, acudiram, deram-lhe socorro, — de cujo tinha eu tanta necessidade como ela, porquanto caí numa cadeira de braços, sem movimento e sem fala. Seu marido, e quantos com ele eram, e toda a gente de Casa tinham acorrido, e inquietos aguardavam que ela recobrasse os espíritos. Eis que ela abre os olhos, e me procura; e como a muita gente me encobria, chama por mim, e me avizinha dela. — «Oh Madama! Oh minha Benfeitora!» (exclamou ela). Ponho-lhe a mão na boca, para que me não declare. — «É impossível! (bradou mais alto ainda) É impossível! Esconder eu a minha alegria! Envergonhar-me eu da minha gratidão! E vós, Senhora, envergonhar-vos de vossos infortúnios! Vós, cuja vida foi um acto contínuo de virtudes, e de fazer bem a todos! — Senhor (disse ela então a seu Marido) não a conheceis? Como ela está demudada! não conheceis Madama de Senneterre?»

Seu Marido chegou então perto de mim com tanta ânsia como enleio, e me fez um cumprimento, que me demonstrou o que verificamos cada dia; que a sensibilidade, e o gosto suprem nas mulheres a falta de educação; em tanto que um homem que teve a desgraça de não a ter recebido, nunca está em pior situação, que quando os olhos se fitam nele.

Pedi Susana que nos deixassem sós, e advertiu seu marido com tom de afago, de que não ia jantar fora, e que mandasse por desculpa faltas de saúde! Logo que nos vimos ambas sós ela me fez tanta carícia com tão amável e respeitoso gesto, que fez com que vertessem na minha alma quantos abalos agitavam a sua.

«Já agora, Senhora, não tendes de me deixar. Não é assim? Aqui teréis aposento, e criados como minha Mãe que fôsseis. E não o sois vós? Mandai, dispõe de toda esta Casa; que nem eu mesma sem

ordem vossa, aqui entrarei. E Agostinha que é feito? Também ela vos desamparou?»

«Não, Madama» (lhe respondi um pouco acanhada). — «Chamais-me Madama? (acudiu ela pesarosa). Se eu para vós não sou já Susana, para quem o serei já? Olhai, olhai para este anel, que me recomendastes de nunca o largar. Ei-lo; sempre no dedo, que me recorda...» Aqui se atalhou vertendo cores no semblante. Mas logo com os olhos humedecidos me pediu: «Chamai-me Susana, que esse nome me alivia o peito.»

«Pois bem, minha Susana, bem, minha filha (lhe disse eu, dando-lhe um abraço) Agostinha não me desamparou; mas não é afortunada; que lhe embolsaram em papéis o fruto de suas economias, posto a rendoso juro: e como se viu necessitada a se pôr a servir de novo, eu fui quem lhe não quis por mais tempo ser pesada.»

«É preciso que ela venha (me interrompeu) porque ninguém, Senhora pode como eu e ela ter convosco as atenções que se vos devem. Ah que se eu tivera sabido as vossas desventuras! Mas dous temores me represavam os passos; um de humilhar a minha Benfeitora com a minha opulência; outro de vos dar suspeitas que vosso filho... Muito para lastimado deve ele estar, Senhora!»

Esta reflexão de Susana me fez derramar lágrimas; o que ela vendo, não quis pôr freio às suas. Tornadas um pouco em nós, comecei assim: «Quando eu, amiga minha, tomei cuidado da vossa infância, preenchi um de meus deveres; o que depois à vossa conta fiz, dívida era que eu pagava ao vosso generoso procedimento. Muito me consola essa vossa gratidão, e de mim mesma me envergonhara, se experimentasse a menor repugnância a dela me aproveitar. Mas, Susana minha, os efeitos dela convém que os limiteis; que resignada estou já co'a minha sorte; e mais carência tenho de sossego que de opulências. Além de que, deveis ponderar que sois em poder de marido, e que por mais abundantes que vossas riquezas sejam, menos a vós que a ele lhe pertencem. Deixemos Agostinha...»

«Perdoai-me, Senhora, o interromper-vos: mas é que ainda não conheceis nem a minha situação, nem o meu ânimo. M. Chenu, ou Depréval (como queirais chamá-lo) outra vontade não tem senão a minha, e o que sempre ansiou foi fazer-me venturosa. Desde o meu

casamento o primeiro instante que experimentei feliz é esse em que vi a possibilidade de ser útil à minha Benfeitora; quanto mais a vosso respeito faça, quanto mais veja que vos são agradáveis meus cuidados, mais me avizinharei da felicidade que permitido me é que espere. Conquanto veja meu Marido esparzido o contentamento em meu semblante, que ele aplaudirá quanto eu fizer; e Agostinha de mais, ou de menos nesta casa, não daria ele fé, se eu lhe não fizesse atentar nela para a galardoar do bem que convosco se portou. Pondo porém de parte o inestimável prémio que o meu coração encontra em reparar (quanto em mim cabe) as injustiças da fortuna a respeito vosso, concordareis, Senhora, quando saibais a minha vida, que sendo sempre os benefícios de vosso lado, do meu cabe que o seja a gratidão. De mim não faltará tempo em que falemos; de vós somente agora importa que me ocupe.»

Apenas instalada eu fui dos aposentos que me eram destinados, que ela escreveu a Agostinha, e não se fechou a noite, que eu a não visse ao pé de mim. Parecia que a sua actividade lhe duplicava o ser, quando me prevenia as vontades; nem eu, sem afligi-la, me podia opor ao que ela a meu respeito obrava. No dia seguinte, um único instante a vi, e o mesmo no dia depois; e dado que em cada um deles deparasse c'ó meu toucador carregado de mais estofos que competia a meu estado, para ressarcir o que o tempo e os infortúnios me tinham levado, nada menos me penalizava esse seu proceder, e ver-me humilhada com mercês suas: nem sábia conciliar tão extraordinário despego com tanta sensibilidade que nela experimentei. Educada por mim, e tal qual eu a conheci, quando o acaso me guiou a sua casa, Susana era uma amiga de quem sem me envergonhar eu bem podia tudo receber; mas Madama Depréval, entregue à dissipação, nem jus, nem posses tinha com que eu a menor cousa lhe aceitasse. Eu tremia que a opulência a não houvesse corrompido, e desde então me era impossível ficar em sua casa sem emprego, sem distinção, e de encostar o meu apelido ao de uma mulher moça, formosa, rica, e inteiramente avassalada aos seus divertimentos. É a pobreza mais fácil de suportar do que a vergonha. Custava-me contudo sentenciá-la tão severa, e com insofrimento aguardava o instante de me explicar com ela, conservando sempre o que às minhas máximas era devido, e os

resguardos que requeriam o estado servil em que me via, e a independência em que se achava Madama Depréal.

Mandou-me esta, no terceiro dia pedir licença de vir almoçar comigo no meu quarto, onde entrou fazendo-me afagos mil: «Não sei (me disse) que conceito tereis feito de mim; mas tinha dado palavra que não me era possível quebrantar, sem afligir meu marido, além de querer-me ver inteiramente livre, a fim de vos manifestar o meu coração. Não sou feliz: que gosto da vida solitária, e sou constrangida a me entregar à sociedade; gosto da singeleza, e o luxo e a prodigalidade me ladeiam. Ouvi-me, Senhora, e depois julgai-me. Susana necessita de conselhos vossos; e como lhe servireis vós de guia, se não conheceis por inteiro a sua situação? A minha vida, narrada ela, é para assim dizer, o transunto dos usos deste século, que muito temo seja de bem pouca atenção vossa.»

Essa franqueza de Susana me restituiu a boa opinião, que eu dela tinha concebido, e lhe afirmei que disposta estava, e indulgente a ouviria; e que arremessada num mundo que se me assemelhava estranho, tomaria a bem que se não forrassse a individuação alguma. Assim, nos sentámos uma junto doutra; e ela começou nesta substância:

«Em vão vos encobriria, e em vão a mim mesma me dissimulara, que amava eu vosso filho a ponto, que sacrificar-lhe eu a vida para lhe evitar um átomo de pesares, um suspiro só me não custara. Mercê foi de vosso desvelo, e do exemplo que dáveis a toda a Casa, o ser-me tão prezada a virtude, como o amor: podia eu padecer, mas não faltar aos meus deveres. Vós me resignastes com a minha sorte, e com ela me resignei ainda depois do casamento: e se impossível me era esquivar-me lembranças, lembranças escondia no segredo da alma.

Não me tinha amor M. Chenu; affecto que estranho creio que sempre lhe será; mas respeitava-me como ente que lhe era superior. O bom termo que eu dava a tudo, os avisos que lhe eu sugeria escre-

-----

[v] Contador que provia as tropas através de uma avenca ou *assentada*, paga pelo Estado.

vendo-lhe as suas compras, me granjearam de sua parte a mais alta estima. Não há homem que não tenha sua paixão, a dele era adquirir, e tudo lhe prosperava depois que se casou. Portanto não dava por cousa extraordinária o que outrem que ele arguiria numa mulher de sua qualidade; que era gastar na leitura todo o momento vago; e quando M. Chenu me instava que lhe dissesse o que desejava que de tal Cidade me trouxesse, sempre livros eram o que lhe eu pedia. Como ele um só nunca abrira em sua vida, e que a vulto medrava em cabedal, capacitou-se que da minha leitura vinha o bom maneiço que eu dava ao seu comércio; erro que lhe entretive pela docilidade com que o inclinava ao que era de meu gosto; que desde a tenra meninice me senti com insuperável desejo de saber, e a vosso filho devi os primeiros livros, e tais mos dava, que nem vós, Senhora, vos afirmo, mos houvéreis tolhido; novelas eram, mas novelas em que eram os bons costumes e o bom senso respeitados.

Quanto mais se estendia o comércio de M. Chenu, mais necessária lhe era eu. Largou a abegoaria que tínhamos arrendada, comprou na entrada do subúrbio da próxima Cidade, umas casas notáveis pela amplidão dos edifícios, e que apenas supria à quantidade de animais, que ali momentâneos recolhia, e trespassava com pasmosa prontidão. Não podia ele compreender como tinha sempre tão exactos os registros de todas as suas operações, que não calasse em suas contas o menor erro; venerava-me como o instrumento da sua fortuna, e quis, pela primeira vez, que eu fosse vestida e servida *como Dama*; tal era o seu dizer. Que mais direi? Fez-se Assentista, [v] meteu-se em arrematações e companhias de Contratos, tomou Caixeiros, conservando todavia o uso de que trabalhassem à minha vista como outrora ele fazia. A tal ponto enriqueceu, que não se conhecia de rico. Sempre lhano, sempre laborioso, não sabia gastar, e assentava que nada podia crescer a ventura que ele desfrutava. Ah! que se ele sempre assim pensasse! Novos contratos o trouxeram a Paris, onde

-----  
[vi] Guarnecesse, instalasse.

[vii] Vertigens, tonturas.

reinavam os passatempos, e quis ele que eu o acompanhasse, confiando em que essa jornada aprazível me seria, e mais convencido ainda em não empreender cousa avantajada que antes não fosse eu consultada. Apeámo-nos numa locanda, onde tomámos uns quartos cómodos e modestos. No dia seguinte me disse M. Chenu que iríamos jantar a casa dum dos sócios, e pela primeira vez me falou em ser preciso pôr-me de festa; e de contínuo me falava da Casa de seu Sócio, das Carruagens, dos Lacaios, e tornava ao meu toucador a recomendar-me que não me poupasse a gastos.

Acostumada a nunca o contrariar, e sem ter ideia alguma do que era Paris, nem da Sociedade em que ia apparecer, me enfeitei com as minhas mais ricas louçainhas capacitando-me que ajujada com os diches de ouro, que M. Chenu me trouxera de mimo das suas feiras, tinha posto o último remate de luxo ao meu ornato: bem vos posso dizer que eram diches pesados, pois que ele os comprava a peso. Partimos às 4 horas da locanda; e éramos entrados no inverno. Um fiacre nos estava esperando à porta, e no caminho se travou com outra carruagem, quebrou-se, mas por ventura nossa saímos ilesos: somente o susto fez que toda estremecida foi forçoso que entrasse numa loge onde a mercadora teve a condescendência de me dar os socorros necessários, e mandar buscar outra carruagem. M. Chenu estava mais occupado do meu enfeite que da minha saúde; e tanto disse do enfeite, que a mercadora assentou que levaria ele em gosto, que ela desse uma demão ao que a queda desmentira em meus atavios; e com efeito esta sua atenção o contentou de modo, que logo ali lhe prometeu dar-lhe a sua freguesia apenas alfaiasse <sup>[vi]</sup> casa; palavras que me não caíram em vão. Enfim a carruagem chega, embarcámos, e às 5 e um quarto somos na Calçada de Antin, onde morava o Sócio de meu marido.

Abre-se a grande porta; e enfia o fiacre um longo passadiço guarnecido d'árvores pelos dous lados, e alumiado por dous faróis abraçados pela cauda por duas estátuas de bronze. Parámos num

-----  
[VIII] Asneira, tolice.

soberbo pátio, onde dispostos os revéberos em proporcionados lanços, me descobriram dez ou doze Carruagens magníficas, cujos urcos apenas domados, batiam insofridos a calçada, e se empinavam, entre os jaezes de reluzente custo. Não sei que movimento em mim senti; mas ao aprear-me, tremiam-me os joelhos de modo, que custosamente me sustinha. Entramos num vestibulo adornado de colunas de mármore, e tendo atravessado diferentes quartos, que me impedia de distinguir uma nuvem que pelos olhos se me espalhou, um criado que nos viu chegar empuxa as bipatentes portas, bradando:

— *M.<sup>r</sup>* *e* *M.<sup>da</sup>* *Chenu.*

— Então, sem saber como, me acho em populoso círculo, onde me acolhem à uma as risadas, e as mesuras

Toda a gente ficando em pé, por modo me subia o sangue ao cérebro, que mais de dez vezes imaginei que me davam vágados; <sup>[viii]</sup> até que por fim a Dona da Casa, fazendo quanto poudes por tomar o seu sério, que involuntariamente traíam os torcimentos que dava aos beijos, veio ter comigo, me beijou, e me fez sentar junto dela. Apesar do gesto chasqueador, muito de vontade eu a beijara por me ter tirado da postura em que eu me via. Sentada apenas, começaram a voltar por detrás de mim aqueles mancebos, e a quebrarem o silêncio com dizer: “É donosa, é admirável, não há dinheiro que a pague.” E logo as risadas de volta com os motejos. Os homens dinheirosos, entre os quais se achava M. Chenu se tinham retirado num canto da sala, onde sem dúvida falavam de negócios. Outo mulheres, e eu na conta, faziam meia lua à chaminé, as quais, sem as querer ver, por mais que voltasse os olhos, me eram representadas pelos espelhos com a vista cravada em mim, e logo seus trejeitos, e os lanços de olhos que serviam de recíprocos intérpretes a Damas e a Cavalheiros. Bem sentia eu que me achavam ridícula, e o muito que mo davam a conhecer bem me humilhava; e com efeito quando eu comparava o meu enfeite (em que tanto se embelezara M. Chenu), os diches que me ajujavam, o desmarcado barrete que me encovava o rosto, e que eu com muito desvelo trouxera da minha terra; quando (digo) me comparava com suas roupas tão finas, e tão ricamente bordadas, c’os diamantes, que únicos lhes cobriam o seio inteiramente nu, e lhes adornavam os braços arremangados até aos ombros, c’os cabelos com muita arte

edificados, que todavia desmentiam extraordinariamente com as sobrancelhas; porque umas os tinham louros com sobrancelhas pretas; outras as tinham louras, e os cabelos pretos: e por certo que bonitas as não achava; mas um instinto secreto me dizia, que a achar-se uma dessas mulheres num rancho da minha Província, parecera tão extravagante lá, quanto o parecia eu então naquela roda de sécias. Reflexão esta assaz suficiente para me pôr a tormento; e me refiro ao bom entender de quanta mulher há, e que digam se eu padecia ali, ou não. Mas não era ainda o fim.

— “Sem dúvida que esta noite vai Madama ao Concerto do teatro Feydeau?” (me disse ciciando uma mulher para cuja cara olhei então, e cujo seio volumoso, e roliços vermelhos braços, seu traje à Grega, seu rúbido semblante me afiguravam involuntariamente uma Bacante que era admirada na galeria dos Paços de Senneterre.) Era forçoso responder a essa pergunta, e era grande enleio para mim, que ainda não abrira a boca, e receiava soltar alguma needade, <sup>[viii]</sup> não sabendo o que era o Concerto da rua Feydeau; e no íntimo da minha alma, dera eu tudo quanto possuía por me ver em minha casa, ou na minha P r o v í n c i a ; mas não havia meio de sair; era forçoso responder, e eu calava. “Sem dúvida, que virá connosco (respondeu a Dona da Casa) que bem é que ela conheça o que há de mais mimo em Paris.”

— “Se M. Chenu o quer assim, será meu gosto obedecer-lhe.”  
 — Cinco minutos me zuniu pelos ouvidos o nome de M. Chenu, da boca daqueles moços que me rodeavam; até que um deles se chegou a mim, dizendo: “Madama, o Senhor Chenu nada faz ao nosso caso; e a permiti-lo vós, tomaremos todos a nosso cargo doutrinar-vos nos usos de Paris, que em vós há de que talhar uma linda Dama, e vos afirmo que horrenda cousa fora que M. Chenu conservasse o menor império em vosso alvedrio. M. Chenu veio ao mundo para ganhar dinheiro, e vós para gastá-lo. M. Chenu veio a Paris para seus negócios, vós para desfrutar prazeres, e enquanto ele trabalha, calcula, e faz quanto deve fazer um M. Chenu, seremos nós às vossas determinações. Vireis a Feydeau, e eu me encargo de ser vosso escudeiro. À fé que fareis lá sensação.”

— “Como que sim (clamaram todos à uma) que Madama há-de lá fazer época.” — “Esse barrete fê-lo Le Roy, ou M.<sup>lle</sup> Despeaux? » (acudiu um desses velhos petimetres, que mais impudentes que os moços, carecem da graça, ou de azoamento que os desculpa). Achava-me picada, e caiu nele o meu mau génio. — “Como pela pergunta que me fazeis, posso, meu Senhor, julgar, sem vos fazer injúria, que tendes muito de ocioso, vos encarrego de informar-vos se vem de Le Roy, ou da Despeaux o meu barrete; nem vós negareis esse vosso préstimo a uma mulher de província; que, ao que estes Senhores dizem, tem de que se talhe uma linda Dama.” — “É donosa, tem ingenho! belo epigrama! tem preço! Dou minha palavra de honra.” — “É donosa.” (murmuraram ainda uníssonos os Peraltas que me rodeavam). — “Madama, (me diz a Bacante, concentrando a cólera) o senhor, na pergunta que vos fez nada disse que vos injuriasse.” — “Nem eu, Madama, lhe respondi fora de propósito. O mais curioso, esse se instrua; e por certo que o Senhor o é mais que eu.”

A tal Bacante resvalou pelo meu traje desdenhosos olhos, e virada para um espelho, compôs ou descompôs as negras torcidas que lhe serpeavam pela testa. Mas o tiro encartou no alvo; já os Peraltas eram de meu bordo, e as mulheres me olhavam com mais ciúmes que desdém: paixão aquela que mais nos lisonjeia, do que esta nos

h        u        m        i        l        h        a        .

— “M. Chenu, M. Chenu (gritou um desses moços que se oferecera para meu escudeiro), deixai lá os negócios, e chegai-vos para nós. Sabeis vós que vossa mulher vale um tesouro? e tem juízo como um Anjo? Queríamos rir, e dou-vos palavra de honra que ela é quem de nós zomba. Para quem começa, é como de pasmar. Gosto de mulheres de juízo, e deste instante, M. Chenu, me anexo a vós como ao meu melhor amigo.”

— “Muita honra me faz (respondeu meu marido) verdade é que minha mulher tem mais juízo num dedo seu, que eu não tenho no corpo todo: e mais não sou magro.” — Eu estava a tormento, de ver que ainda a Bacante triunfava esta vez e que o velho petimetre se vingava em meu Marido. — “E como que sim, (continuou o tal) que pesa as suas cinco arrobas!” — “Oh que não (replicou com simpleza M. Chenu).”

— “Muito bem (acudiu um Moço de 18 anos c’uma carinha dum Cupido), suponhamos que M. Chenu não pesa mais que 4 arrobas e meia, e que em todo o seu corpo contém uma outava de juízo; ora computando o que vai do dedo de Madama à corpulência de M. Chenu, tiraríamos ao justo...”

Eis que o interrompe uma alta e magra mulher, cujo nariz, barba, e cotovelos eram pontudos além de razão, e que chegando-se a ele, lhe impingiu uma leve bofetada (cuja mão foi súbito beijada) e o repreendeu de se aproveitar da educação que lhe ela dera; e eu achando oportuna a ocasião, para mudar de assunto, lhe perguntei a ela se aquele senhor era seu filho. Esta pergunta que me parecia tão natural, fez abalar de riso a todos, menos a Dama magra e a alta, que lhe não achou graça. Foi ventura que viessem advertir que era pronto o jantar. “Deveis de estar agravada de mim (me disse ao ouvido a Dona da Casa, quando me conduzia à sala de jantar); mas estou disposta a tudo para desagrar-vos, e adquirir a vossa amizade; porque sois muito de meu agrado.” Esta sua franqueza muito me contentou, e restituiu liberdade inteira ao meu espírito. Deu-me lugar à mesa, entre ela, e esse jovem computador do juízo de M. Chenu, que tinha a meu respeito as maiores atenções, e que olhando para mim, sorria cada vez que a mulher alta e magra lhe endereçava a fala. Bem distinguia eu que a tal queria que ele só dela se ocupasse, e igualmente via que o jovem, por malícia, de mim somente se ocupava. Regalava-me, bem o confesso, o suplício dessa mulher, que junto com a Bacante fora a mais indecente na afinação que experimentei.

Enquanto os primeiros pratos se não tiraram ninguém falou; — devoravam. Eu que via essas Damas comer a carne às mãos cheias (não lhe acho termo mais comezinho) não me pude ter, que não imaginasse que a moda das roupas des-cinturadas vinha de acordo

com a glotonice das bizarras d'agora. Dei parte da minha reflexão ao jovem meu vizinho, e com ela lhe avivei a esperteza, de sorte que rompeu em bons ditos, e rimos ambos tão folgado, que todas as mulheres, e mormente a que eu tivera por sua Mãe, quizeram saber o assunto do nosso riso. O que ele esquivou, picando-lhes ainda mais o desejo; e começando a ser geral a conversação e a ser ruidosa, tornei eu às minhas observações: e na verdade que essas bizarras Damas, que de primeiro me tinham deslumbrado, já me apiedava delas. Uma só frase não proferiam, que lhes não desse nela a língua francesa 5 ou 6 quinaus machuchos; <sup>[IX]</sup> vinham em feixe os termos triviais, e as expressões esquisitas, desmentindo da verdadeira significação; e o que dava ao quadro a derradeira pincelada era que todas as tais tão sábias que chasqueavam umas das outras, eram todas chasqueadas por todos esses Moços. Enquanto aos Maridos convindo estava, que se podiam exprimir como quisessem: como o seu desvelo punha o fito em ganharem dinheiro, seu lhano teor, e os excelentes vinhos os amparavam da crítica.

Então me chegou à vez de me divertir, zombando das que de mim zombaram; e nesse divertimento tinha por ajudantes de primor o jovem meu vizinho, e a Dona da Casa, a quem não faltava ingenho nem trato, e que era bonita e moça. Já havia uma hora que estávamos à mesa quando de novo se falou no concerto de Teatro Feydeau. O velho petimetre perguntou a M. Chenu, se me permitia que eu lá fosse, e

M. Chenu lhe respondeu, que tudo o que me pudesse divertir-lhe convinha muito bem: e logo todos esses mancebos a uma voz lhe declaram, que ele era a pérola dos Maridos. Tomando ele o tal elogio pelo sério, ia já desenrolando a minha apologia; mas eu o interrompi e lhe afirmei que a minha intenção era ir já dali para casa. Que não queria eu expor-me a uma cena em público, nem contribuir ao triunfo completo dessas Damas, cujos olhos lhe reluziam já do gosto de me porem em público ludíbrio. Rodearam-me; instaram-me, solicitaram-me; mas eu porfiadamente lhe resisti. A Dona da Casa se me ofereceu que me mandaria pôr em casa; o que eu logo aceitei: M. Chenu partiu com a sociedade para o Concerto; e eu apenas entrei e me pus a considerar nos meus enfeites, de vontade chorara, pela cena a que eles

me expuseram: porquanto pela primeira vez na vida se viu picado, e bem no vivo, o meu amor próprio; e tanto mais penosa me era a minha mágoa, quanto eu menos me podia disfarçar quão fútil ela era; e contudo, me deixava vencer duma fraqueza, de que hoje me envergonho. Arremessei ao fogo o barrete que com tanto desvelo trouxera da Província; e boa promessa me fiz de conseguir de M. Chenu de partirmos no dia seguinte; e no caso de estorvos, de me encerrar no meu aposento. Tranquilizada um tanto, comecei a reflectir nas mulheres que me tinham humilhado, debuxei-as na minha imaginação com enfeites tais, como os com que eu lhes apparecera, e na minha ideia me compus com traje igual ao que nelas vira; e então persuadida que toda a vantagem que me levaram consistia nos atavios, com satisfação minha me perguntei por que motivo me não sujeitaria eu ao império da moda, e ao desejo tão natural na idade que eu tinha, de alardear os atractivos com que a natureza me prendara? Que vos direi? Quanto há hi que arrastar possa uma mulher moça e sem experiência, se tinha dado as mãos para estimular a minha vaidade.

M. Chenu, que devera ser o meu guia, esse voltou do Concerto mais confirmado que nunca nos novos projectos que lhe inspirara o luxo do seu sócio: tudo quanto falava eram palácios, lacaios, carruagens, urcos, e não dava ouvidos a observação alguma. — “Sou rico (repetia de contínuo) e porque me não hei-de lograr como eles da riqueza? Imaginais vós que eu não percebi ao claro que eles zombaram de vós e de mim? Também quero à volta minha zombar eu deles: quero que tenhais vós só tantos diamantes, tantos bordados, e diches como essas mulheres todas juntas. Madama Darson (era a esposa do seu sócio) virá amanhã a ver-vos; que pelo que ela me diz, muito vos

-----

[x] Contratara para trabalhar, assalariara.

[xi] Guarnecidas, mobiladas.

[xii] A propósito.

ama, e vos peço que, se não quereis desagradar-me, tomeis os seus conselhos." Segundo a disposição em que o meio ânimo se via, mui fácil era obedecer à M. Chenu; que logo no outro dia madrugou para alugar o mais aparatoso aposento da locanda onde nos apeáramos, alugou as cavalariças e cocheiras, instando-me que logo e já me passasse

ao novo domicílio, porque não viesse Madama Darson e me achasse ainda num quarto que de singelo o envergonhava. Saiu a comprar cavalos e carruagem, e me pôs de aviso que em todo aquele dia não esperasse por ele.

Cumpriu Madama Darson com a prometida visita; e logo que entrou me disse, dando-me um beijo: "Venho-vos pedir a vossa amizade, a qual vos quero merecer: e desde já convenho que dous agravos tendes contra mim; o de não ser eu a primeira que vos viesse convidar, e também o de concorrer para a cena indecente que ontem aconteceu em minha casa. Mas, minha querida era impossível não ser assim: merecíeis retratada." E não se poudo ter de riso. "Mas por onde começaremos nós (foi continuando a falar) trouxe-vos uma Aia, que vos tem de contentar; que é uma jóia. Ela lá está, que nos espera na carruagem: vinde, e vamos às compras; nem leveis bolsa, porque eu prometi

a M. Chenu de ser a sua tesoureira e mesmo apenas precisaremos de dinheiro, a não ser para algum capricho. Que vamos a loges onde somos fregueses, e que nos mandarão os róis."

Embarcadas na carruagem, lhe disse: "Sabeis vós que resolutamente ficais de morada em Paris? E que assim ficou ontem assentado entre M. Chenu, e M. Darson? Não gosto do vosso apelido; que é muito trivial, e que excitaria risadas, quando ao sair do Teatro, bradassem pela carruagem de Madama Chenu. Vós tendes, que eu sei, um prédio dito Depréval; é preciso ajuntar esse apelido ao vosso, e desse só vos servireis: quanto a vosso marido, esse nos actos públicos se assinará Chenu Depréval." Apeámo-nos no Palácio *Égalité*, onde fizemos quantiosas compras, e de lá fomos às loges de Le Roy, e dessa demoisela Despeaux em quem na véspera me falaram; e de loge em loge, e sempre comprando, empregámos quatro horas boas. Não, que eu me desse por mui satisfeita em meu interior do que me inclinavam

a

fazer;

mas não me sentia com força, nem com vontade bem declarada de

repugnar. Tornou comigo a casa Madama Darson, e comigo passou o



desejar para humilhar as outras, e só esperava insofrida o instante de aparecer com todo o esplendor. Falava-se em segundo concerto; e Madama Darson para quem o contribuir para uma malícia era sumo regalo, requerera de mim que até então não saísse a parte alguma, porque convidara para esse dia a mesma sociedade do jantar passado, e fazia grande gosto que eu nele me vingasse. Confesso que o mesmo gosto tinha eu.

Chegou esse dia enfim: mas não vos direi, Senhora, o que senti em mim quando me vi ataviada com tanta riqueza e primor: paguei ao império da moda bem sincero tributo. M. Chenu ficava estático em me vendo, e mil vezes dizia num quarto de hora, que eu era a mais formosa mulher que ele nunca vira; e meu amante o suspeitara então, se as suas expressões me não tivessem advertido que me considerava com o mesmo intuito que os soberbos móveis destinados a alardear a  
 s u a  
 opulência.

Na primeira vez que eu fora jantar a casa de Madama Darson, por um acaso cheguei tarde, e nesta de propósito calculei as horas; entrei, quando já era junta a sociedade, e quando de maldosa tinha a Dona da Casa encetado a conversação sobre o desastrado amanho de Madama Chenu, sem dizer que a esperava com o apelido de Madama Depréval; e que, quando me anunciaram chegada, riam bem à minha custa.

Logo se ergueram todos, e profundas medidas se dirigiram a Madama Depréval que as recebeu com uma leve inclinação. Pleiteavam os homens a quem me ofereceria uma cadeira; olhavam-me, admiravam-me. Abre-se a conversação, a qual para dar mais vulto ao espanto sustive com suficiente viveza. Cuidavam que se enganavam as mulheres, que à memória traziam as minhas feições; e a não denunciar por todos os seus gestos a alegria que experimentava M. Chenu que ficara de pé de trás da minha cadeira, tiveram preferido essas mulheres o ver em mim nova pessoa, à vergonha de que delas se

vingasse tão completamente aquela mesma a quem elas humilhado tinham. Que a mais rija vingança que uma mulher consegue é quando leva o vencimento das que dela desdenharam.

Madama Darson incapaz de parar em tão bela estrada, lhes dava a entender, que eu delas todas zombara no primeiro convite com os meus enfeites aldeãos; e como os oráculos daquela sociedade tinham proferido que eu não era de todo lerda, e como eu tinha rido com a Dona da Casa, e aquele mancebo que no jantar ficara próximo de mim, pendiam as tais Damas a crer que eu me quisera divertir. O que porém mais as confirmou nesse conceito foi M. Chenu, que não cansava de r e p e t i r :  
 “É minha Mulher, não é bem formosa? Respondei, Senhoras. Não vos parece ela a mulher mais formosa do mundo?” — E quanto menos essas Damas demonstravam boa vontade de lhe responder, mais ele porfiava em as tomar por árbritas: elas que não se afiguravam que ele de boa fé tão desacertadas perguntas lhes fizesse, se capacitaram, que era vingar-se no acolhimento que elas me tinham fito.

Com disposições tais nos pusemos à mesa, na qual me pudera eu dar pela Divindade daquela Casa, vistos os resguardos tão assinalados, e as melindrosas preferências que comigo tinham; era a quem mais teria a dita de me servir, a quem fixaria a minha atenção. E quanto mais essas Damas demonstravam mau génio, tantas mais vantagens me davam a seu respeito. A abundância dos vinhos, de que eu também assentei ser moda no nosso sexo usar com largueza, lhes restaurou a alegria, ou ao menos as posses de entrar em conversação, que dali em diante foi geral até ao momento, em que partimos para o Concerto.

Os Mancebos que me assoberbaram de sensaborias pleitearam a honra de me dar o braço; que não havia um só que se não ufanasse de ostentar-se no espectáculo comigo. O que imaginava ter mais jus à minha benevolência era esse moço (chamado Afonso) de quem vos falei já; mas com império se tinha essa alta e magra apoderado dele; pelo que agradecendo todos os mais, fui dar o braço ao velho petimetre que me tinha chasqueado, mas que de vergonhoso não se avizinhara atéli de mim; e creio, que a ousá-lo, me houvera recusado.

Chegámos ao Teatro, que todo estava cheio, menos os camarotes alugados para a nossa sociedade. Despertava a pública atenção, e requeria o mais sossegado silêncio uma Sinfonia: mas julgai qual foi então o meu espanto, quando vi o gáudio com que essas Damas deixavam cair as tablilhas dos camarotes com desmesurado arruído; e a plateia a gritar — silêncio, — e toda a gente com a vista pregada em nós; e eu sem saber modo de esconder-me: elas a dar extensas risadas, e a debruçarem-se, como para verem donde esse estrepitoso escândalo procedia, mas bem lisonjeadas que a elas o pudessem atribuir. Cessou o estrondo enfim, e descansada em que não reparavam já em mim usei considerar num espectáculo tão novo para os meus olhos.

Estava deslumbrada. Postas com arte de distância em distância as luzes, davam às mulheres luziento raro; e elas com traje a-la-par elegante, e esquisito, sem que dous só se as semelhassem, tinham todavia sua relação entre si. Nas conversações que lavravam pelos camarotes, e no desvelo que cada mulher punha em tomar postura que mais realce lhe desse, percebi eu bem prestes que o desejo de dar-se a ver era o único merecimento do Concerto, e que o espectáculo principal consistia, mais que no Teatro, nos Camarotes. Meu quinhão tomei também na curiosidade pública.

No intervalo que deu a música, se ergueram todos; saíram dos camarotes os homens, percorreram pelos corredores, e o empenho com que iam saudar mulheres, que apenas conheciam, tanto mais era bem acolhido, quanto mais motivos plausíveis achavam essas Damas neles para voltar de lado, e disferir em público todo o garbo de seu talhe, ou riqueza de seus adornos. Eu ficara mansamente em meu lugar bem venturosa em que ninguém se ocupasse de mim; recolhendo em meu silêncio as diversas sensações que experimentava, sem poder uma somente delas definir; numa palavra assombros me cansavam.

— “Vos divertis, Senhora?” (me perguntou Afonso que trás mim sentar-se veio) — “Não muito” (lhe respondi). — “Pois que tive a ventura (continuou Afonso) de escapar a minha avó, enquanto ela recebia adorações que ninguém lhe pode negar, visto que ela as requer, venho fazer-vos companhia. Quereis que conversemos.” — “Sobre quê?” — “Sobre que eu vos adoro; sobre que vosso marido não é o único, que tem para si que vós sois a mais bela Senhora do

universo: eu por mim assento que me será d'ora em diante impossível viver sem vós." Estas levianas falas, a que eu não estava habituada, nem me habituarei nunca, me ofenderam. — "Se não fôsseis tão menino (lhe respondi com frieza) vosso falar me agravaria; perdoo-vos aos vossos poucos anos, mas peço-vos que ponhais fim a semelhante conversação." — "Ridículo é o que assim me dizeis: e se à minha idade o perdoais, eu à vossa inexperiência o escuso; com o que ficamos quites; mas sempre amigos. Não é assim, Madama?"

Nem pela resposta aguardou; que não tinha alguma que lhe dar. Ergueu-se, e sem sair do camarote, derramou os olhos por toda a parte, e não ficou mulher (creio eu) a quem não saudasse." — "Bem v e d e s (me diz ainda, assentando-se novamente, e sorrindo-se maldoso) que essa minha meninice me desculpa com bastantes formosuras. Que se não perdoa a um menino como eu? Perguntai-o para mais certeza a minha avó."

A sua fatuidade me tinha posto séria, mas esta sua última frase tanto mais me deu que rir, quanto mais tinha eu notado nas suas muitas saudações, que sua avó lhas acompanhava com dessorregados olhos, e que tantos trejeitos fazia, quantas ele cortesias.

— "Como gostais de rir (acudiu ele) esqueça-se por um instante o affecto que me inspirais, e divirtamo-nos à custa do público, tanto mais que careceis vós de quem vos instrua. Um Concerto é como uma exposição de painéis, em que vê só caras e cores quem não leva consigo o catálogo, e a crítica." — E sem atentar se eu o aprovava, ou não, foi continuando assim:

— "Essa mulher tão chafalheira, <sup>[xiii]</sup> que está nesse camarote fronteiro, tem um apelido dos mais antigos em Franca; na desgraça que padeceu numa prisão dum ano, e com o pesar de perder Pai, Mãe, Esposo assentaram muitos que de desesperação morresse, mas a Filosofia a salvou, e hoje a encontrais por todos esses bailes, e passeios, e teatros. Querem dizer que novamente se casa; e será pena: que ela é o contentamento e encanto da sociedade. A seu lado está uma mulher de muito juízo, mas de insuportável altivez, viúva dum homem de grande apelido, e que como tantos mais morreu; mulher ambiciosa,

que segue sempre o partido que domina; que vai aos lugares públicos, não para dar-se a ver, mas para se encontrar com todos. Um tolo empoleirado lhe parece um bom conhecimento; e a ânsia que ela tem de ostentar valimento, junta em sua casa às vezes extraordinária companhia; jantando nela forçadamente lado a lado pessoas, que em qualquer outra parte recíprocos se devoraram; e que ela sem cuidar em congraçá-los, tem artes de fazer com que ali vivam juntos.

— “Vedes vós no camarote que fica à direita essas duas mulheres tão belas, tão custosamente ornadas, e a quem fazem tão numeroso cortejo? Casadas eram com ricos e muito estimados Burgueses; pouco há que deles divorciaram para inteiramente se entregarem ao prazer: uma delas tinha já dous filhos, e a outra pouco há que pariu. Nasceram sem cabedais, e a formosura lhes serviu de dote; hoje não se sabe de que vivem; porque ainda a serem embolsadas dos dotes, não bastariam estes para o gasto de um só dia; e todavia vivem a la grande, têm carruagens, etc., etc., e no seu género assaz valem.”

Dei então um suspiro, e entre mim disse: “E a que mulheres terão de assemelhar-me? a mulheres que andam nos olhos de todos?” — Continuava Afonso... quando eis que, avançando o rosto para me designar alguém, o avistou uma mulher que estava no camarote chegado ao nosso, e chamado por ela me deixou. — “Com quem estáveis lá, Afonso?” (lhe perguntou ela com voz tão alta que a ouvi eu, sem o pretender e ele no mesmo tom lhe respondeu) — “C’uma dessas bisonhas, cujo marido medrou co’a Revolução, gente que se levantou do pó da terra. Ela é bastantemente bonita, e apostarei, que ainda apesar de seu affectado recato, não tardará muito que dos prejuízos se não descarte. Contar-vos-ei a sua história que vos fará morrer de riso.” — Eu estava abafando de cólera e de vergonha; mais humilhada desses adornos elegantes, que me expunham a semelhantes reparos, que o não fora eu da singeleza que aos chascos me expusera: que nada tinha então de que me arguir.

— “Bonita lhe chamais vós? (disse a tal mulher deitando a cabeça mais fora, para me examinar, a mim que não ousava erguer os olhos para a ver) formosa me parece, e em seu gesto mui decente: veio só?” — “Qual só! veio c’um grande rancho. Olhai para essa gordalhuda que tanto faz porque seja vista, e que fora melhor que se escondesse (falava

da Bacante), vieram juntas: e voto que nunca se quererão bem; que quanto uma tem de muito linda, tem outra de muito feia." — "Não sabeis como se chama a gorda?" — "Quem há hi que eu melhor conheça que ela? eu que tenho a honra de ser dos admitidos a fazer-lhe corte." — "Os parabéns vos dou." — "Que quereis que lhe faça? Essa gente é quem hoje tem casa de estado; e quem não quer morrer de enfadamento, forçado lhe é que os veja. Ela chama-se Dutiló; era costureira e seu marido toucava damas; o tal marido tanto manuseou os *Assignados*, as mercadorias, as casas, e as quintas, que depois de ter comprado e revendido meia França, guardou uma porção dela para si. É um fino velhaco." — "E conheceis vós também essa mulher, que está ao pé dela?" — "Quem há que não conheça Madama Darson? Inconstante em amor, pérfida em amizade, falsa com aparências da maior lisura, dispendo de seu marido como dum babeca, zomba das feias, e desacredita as que lhe fazem sombra; tem juízo como um demónio." — Que novo motivo par a as minhas reflexões?

Apareceu no Teatro um homem com um vestido esquisito e em quanto, com uma mão na algibeira e outra posta na gravata, se chegava para a boca do teatro, cada um se apressurava a tomar o seu  
a s s e n t o .  
O silêncio que súbito se derramou, fez com que eu imaginasse, que ele tinha algum prodigioso talento, ou que era o ouvi-lo fidalga cortesia. Enquanto durava o ritornello da Ária que ele cantava, a mulher do camarote junto ao meu, lhe ouvi dizer a quem eu ver não  
p o d i a :  
— "Este Afonso vai perdido. Quem imaginara que o filho de tão respeitável família, e que tantas desgraças experimentou, se desse a tão más companhias para contentar a sua inclinação aos divertimentos. Vede essa velha junto de quem se foi assentar, e que parece que o está arguindo: foi uma Aia velha de sua Mãe, cujo marido com arrematações de hospitais de exércitos tirou das camisas de soldados, e dos medicamentos dos desventurados doentes os diamantes de sua mulher: que velha como ela é tem o frenesim de inspirar namoros que lhe custam a peso de ouro. Hoje se arruina com o que dá ao Filho da Ama de quem noutro tempo foi criada."

A que o considereis remeto, quais cores se me acendiam de me ver em semelhante sociedade, e qual era o meu espanto neste ensaio dos costumes deste meu século. A ânsia de aparecer que me instara a humilhação da minha entrada no mundo, se desvaneceu à vista dos perigos que me rodeavam: quisera-me esconder dos olhos de toda a gente; e ao sair de Concerto, todos punham em mim os olhos. Fiquei aniquilada; e logo que em casa entrei se me apossou do peito tristeza escura. Fiz quanto pude por dar a entender a M. Chenu as razões que faziam com que eu desejasse viver por teor mais singelo; mas ele, nem somente me compreendeu: nem de mais se ocupava que dos ornatos dos aposentos, afirmando-me ao mesmo passo, que quando, a mudança feita, me eu visse de morada neles, faria que tanta gente me visitasse, que o enfadamento me fugisse.

Condenada me vejo a um luxo, que tantos invejam, e que a mim serve de suplício; condenada a visitar, a receber, e a acolher uma sociedade que me não quadra em modo algum. Quanto mais triste me vê, tanto mais despense M. Chenu, capacitado que a cousa mais estimável no mundo é a riqueza, e que luzimento vale ventura.

Eu Dona duma Casa que regrar é impossível, roubada despidosamente por criados, atormentada por meu Marido, que numas circunstâncias arremessa às mãos cheias o seu dinheiro, e noutras (se não tocam na vanglória) torna ao amor dos ganhos, que nunca desampara quem como ele começou, experimento, por efeito totalmente oposto, pesares iguais aos vossos. Vendo-me em tal estado, me veio à imaginação a queda que antigamente em mim sentia para a leitura, e agora minha necessária consolação: logo desejei que se me deparasse alguma desventurosa, que me pudesse servir de guia, e vindo depois a ser amiga minha, contribuísse para o meu descanso, e me oferecesse ocasião de lhe enxugar as lágrimas. O acaso, ou antes o Céu me enviou a minha Benfeitora, e agora é que conheço o que as riquezas valem: Sim, Madama, que sereis vós quem me ensine o modo de que regrar numa situação para mim tão nova; e a melhor e a mais proveitosa das lições vossas será o vosso exemplo: e no caso que vos deslembreis que de vós me vem tudo o que eu possuo; mui depressa alcançareis que enquanto aos gastos se achará M. Chenu bem ressarcido em razão do modo

que me ensineis a pôr em ordem uma casa mui pesada para minhas poucas forças.»

Assim me patenteou seu peito Madama Depréval; lastimei-a, e mais que dantes a estimei. Muitas vezes lhe aconselhei que não desagradasse a seu marido, cuja maior felicidade consistia em levá-la consigo, e empenhá-la em todas as funções, sem ao menos aguardar pelo seu consentimento. Ela, até o seu comprazimento lhe disfarçava, e somente se fazia rogar quando dele queria arrancar cousa de préstimo, que sem esse repúdio não alcançara dele. Parecia difícil conseguir emprego para o marido de Agostinha; Susana consentiu em aparecer num festejo, que desprazia pelo motivo a que era feito; e logo no dia seguinte estava acomodado o marido de Agostinha: o que muito me penhorou a mim, que me achava sem azo de remunerar os serviços que tão dignas pessoas me tinham prestado.

Já começava por fim a lograr algum descanso, única bem-aventurança do estado em que eu me via. Afastada de meu filho, com Susana pudera unicamente falar nele; mas mil razões me representavam de o tomar por assunto de nossas conversações. Quantas vezes, sem nos dizermos uma só palavra, estávamos seguras, que ele nos ocupava a ambas o pensamento! Tão habituadas éramos a mudamente nos entendermos, que apenas me via lágrimas, Susana me dizia: «Tendes de ainda o ver, Senhora; bem certa sou que ainda o vereis.» Consolação que me era vedado granjear-lhe quando eu a via entristecida.

Essa Susana me carregou o ânimo de maneira, e tanto ele mim se deu a amar, que eu antepusera, sem a menor dúvida, viver pobre com Susana e com meu filho, a essas opulências sem um dos dous; nem o meu coração sabia fazer entre eles diferença. Que alma tão nobre! Como na sua sorte se sabia resignar! Com que amabilidade condescendia com as vontades de seu Esposo, cujas eram sempre contraditórias com as dela. Quanto mais se lhe ia espraiando o ingenuidade, mais ela se entranhava no desejo da singeleza, que nos homens só cabe em ânimos grandes, e nas mulheres só nessas que logram delicadas sensações. Sendo-lhe forçoso receber visitas, ou assistir a festejos, voltava (mas com que prazer!) à minha solidão. Jantar ela a sós comigo, era regalo que ela a tudo preferia; e como tinha

disposto que me pusessem a mesa no meu aposento, lá eram seus amores vir buscar-me, vir lá às nossas leituras e lá receber lições de várias prendas, que quanto antes lhe foram familiares. Instruir Susana outra cousa não era mais que ir desabrochando os gomos de todas as virtudes que nela havia plantado a Natureza.

Um ano ali passei sem algum acontecimento notável, na contínua esperança de receber novas do meu Adolfo. Ai mísera de mim! que em saber se ele inda vivia se cifravam todas as minhas esperanças. Entrou uma noite Susana no meu quarto; porque ao voltar dum baile lhe entregou o porteiro o seguinte bilhete, que ela quis logo comunicar-me, bem certa que lhe não teria a mal o sono que ela me quebrava.

«Madama, de nada me descuidei por me informar dos sucessos de M. de Senneterre: conquanto ele assistia em Londres, donde agora chego, não tive a dita de o ver, por andar ele ausente, mas soube que estava de saúde. Se amanhã me dais licença, terei o gosto de vos dar mais individuais notícias.»

A alegria de Susana picava em delírio, e a minha sobrepujava as forças de minha alma: «Vive.» (repetia ela a cada instante) — «Se ao menos fosse afortunado...» (bradava eu). Reflexão foi esta minha que a ambas igualmente nos enterneceu; e passámos grande parte da noite a tentar em vão de adivinhar o que tinha de aclarar-nos a manhã seguinte; e apressurar com os nossos desejos a hora da visita prometida.

«Quem é a pessoa que esse bilhete vos escreveu (perguntei eu a Susana). Nunca em tal me haveis falado.» — «Senhora, receava que entrásseis no meu desassossego. Porquanto tinha sabido que já não estava vosso filho em Filadélfia; e concordara comigo M. Chenu em tomar informações, que como não surtiram a nosso desejo, vo-las encobrimos. Haverá quasi um mês que me achei numa Casa onde alguém disse que se via obrigado a ir a Londres, onde eu sabia que todos os Franceses estavam registrados; portanto lhe pedi com ânsia que se informasse de M. de Senneterre; que, no caso que o visse, lhe falasse: e ele me prometeu pontual cumprimento desta minha comissão; perguntando-me logo, da parte de quem tomaria essas notícias. «Da vossa parte, Madama?» (me disse). E súbito se me corou o rosto. «Não, Senhor, (lhe respondi) tomá-las-eis da parte da mais

enternecida Mãe.» Deu-me por cousa mais segura, o encarregá-lo duma carta; mas eu lhe dei a entender quão cruel fora para essa desditosa Mãe entregá-la a novas esperanças, cuja certeza não escorava em algum abono: e com tanta actividade lhe afigurei o amor que tendes a esse filho único, que me jurou que a nada se pouparia por contentar-me. «Amanhã vem: e vós Senhora, dar-vos-eis a conhecer quando o receberdes.» — «Tenho eu de receber só a visita!» — «Recebê-la-emos ambas, amiga minha, e darei ordem que a visita seja no meu quarto; aqui seremos mais à vontade.»

Exortando-me a que reparasse o sono que perdera, me beijou Susana a quem aconselhei que dormisse bem; mas quando pela manhã nos erguemos, não nos perguntámos como passáramos a noite. Nem faltou à visita quem no-la tinha prometido, e feitos os devidos cumprimentos, me disse:

«Pesar tenho, Madama, que me não permitissem os meus negócios demorar-me até que M. de Senneterre voltasse a Londres; porquanto seria grande o meu contentamento, se trouxesse a sua Mãe as consolações de que ela carece. Jantei em casa de M. Birton, negociante de Londres, com quem mora vosso filho; o elogio que dele me fizeram supera as minhas expressões. Consolai-vos Madama; que em suas desventuras, ele deparou com amigos.» — «E virá ele a saber que quem vos pediu suas notícias fora sua desditosa Mãe?» — «Quando eu, Madama disse vosso apelido, fácil me foi entender que não éreis desconhecida na família do M. Birton. — Excelente Mãe (me disse M. Birton) d'excelente filho: nada lhe pode adoçar a mágoa de se ver dela separado. Que de contínuo nela fala, e não há querer-se perdoar de a ter deixado. Na verdade (acrescentou M. Birton) não concebo que motivos a tal o impelissent; por ter esse mancebo juízo suficiente para conhecer a amplidão de seus deveres, de cujos, certo, que não era um o desamparar sua Mãe.» — Olhei aqui para Susana pálida e trémula como se nela caíra a repreensão de M. Birton; com amizade lhe travei da mão, e acudi a desculpar meu filho em razão de seus poucos anos e de que, segundo o que depois de sua partida descobri, pesarosa estava de ter contribuído para a sua ausência. Como não tinha largado a mão de Susana, me apertou ela então a

minha com todas as demonstrações do mais vivo agradecimento.

«Quanto mal me não quero hoje de ter sido tão prudente (me disse Susana)! Por temer sensibilizar-vos não encarreguei, Senhora, uma Carta, que M.<sup>r</sup> de boa vontade remeteria a vosso filho, a quem privei assim da maior ventura sua.» — «Como não tinha a honra de conhecer Madama de Senneterre (disse ele) deixei em casa de M. Birton a endereça de Madama Depréval, assegurando-lhe que as cartas que seu filho mandasse lá vos seriam fielmente entregues. M. Birton de sua parte me deu a endereça do seu Correspondente em Hamburgo; com ela (aqui vo-la dou) se repara tudo. Dir-vos-ei todavia que mui estranho pareceu a esse honrado negociante não teres vós recebido novas de M. de Senneterre, quando ele afirma que não perdera ocasião alguma em que pudesse escrever-vos.»

«E onde acertaria comigo? (exclamei) são tão fáceis de esquecer os desditosos. Pobre Adolfo! que terás tu imaginado do meu silêncio? E mais nada sabeis, Senhor, acerca de meu filho? O vosso bilhete me anunciava viver ele com saúde.» — «Assim mo disseram, Madama, e me observaram somente que unicamente empecia à sua saúde uma profunda tristeza; e tem acessos de melancolia de que nada o pode distrair. Um Francês que em Londres encontrei, e que conhece M. de Senneterre, suspeita que neste país, além de sua Mãe, tem ele saudades de outra pessoa. Ignoro toda a verdade desse asserto; e tanto mais de vontade duvidara dela, quanto o negociante a quem eu ia recomendado me certificou que uma das filhas de M. Birton, que tem fama de ser riquíssimo, não se desafeioaria de ver esse casamento concluído.»

Das mais vivas cores se tingiu o semblante de Susana, onde era fácil de ver, que esta notícia inopinada a lançava num enleio que ela queria em vão a si mesmo dissimular: pelo que logo acudiu dizendo: «Que por certo esse casamento seria festejado pelos amigos de M. de Senneterre se dele lhe pudesse proceder a sua dita...» (Impossível lhe foi concluir o que mais dizer quisera).

«Pode ser (disse ele então) que em tudo o que me disse não haja um ponto de verdade; disse-vos o que ouvi. Porquanto, Senhora, se

antes de sair de França, vosso filho amava, e que esse seu amor ainda hoje aumenta a tristeza que experimenta afastado de sua Mãe e de sua Pátria, custoso é de crer, que ele cuide em se casar. Que nunca desampara os homens a esperança; maiormente quando o coração está vivamente afeiçoado.»

«Esperança! (exclamou Susana) Situações há em que não é dado concebê-la. Ignoro que tal seja a em que ele se acha (disse logo espantada da exclamação que soltara), mas fora para desejar que ele casasse com M.<sup>la</sup> Birton. Vós nos dizeis que é mui formosa?»

«Sem querer elogiar-vos, pudera eu bem dizer, que convosco tem muitas parecenças.» (respondeu ele). E Susana sufocou um suspiro. «Mas ela não tem (foi ele continuando) essa sensibilidade que se derrama e aviva todas as feições de vosso rosto; o que o ela tem de severo, lhe diminui o agradável. Ela é somente formosa.» — Ergueu-se aqui Susana, e eu também com ela, que me mortificava o vê-la em tal estado. Demos os mais vivos agradecimentos à pessoa, que tão cortesmente favorecera as intenções de Madama Depréval, e cada uma de nós se retirou para o seu quarto.

Quanto mais multiplicam os homens as suas afeições, tanto mais aumentam seus prazeres ou seus pesares. Devia eu dar-me por venturosa com saber que meu filho era estimado e querido numa casa que era como o seu asilo, devia antecipar o meu contentamento na esperança de receber carta sua, e de quanto antes lhe mandar as minhas maternais bênçãos; mas era-me penosa a minha mesma alegria, em que me era preciso encobri-la, concentrando-a. De mais em mais se me patenteava cada dia o coração de Madama Depréval, no qual eu lia ao claro um amor infortunoso que autorizar eu não podia, e que a sua virtude a obrigava a mo ocultar. Fora em mim barbaridade voltar-lhe os pensamentos para um assunto penoso para ela se dele se receava, e imprudência em mim se dele se agradava. Andava ela mais triste que de ordinário; e eu que temia profundar-lhe o motivo, nem a falar-lhe me atrevia; igualmente que ela se me esquivava; lástima merecíamos nós ambas. Não podia esse estado assim durar. Como porém sairíamos nós dali? Uma manhã, que entretida em minhas reflexões dava eu lágrimas ao meu cruel destino, entra Susana. Tudo nela anunciava que um grande desígnio lhe ocupava o entendimento:

em todos os seus gestos, e na expressão de seu semblante, havia um vislumbre de triste e de sublime ao mesmo tempo. Sentou-se defronte de mim; e logo tomando-me as mãos, e cravando em mim os olhos me diz.

«Cuidais acaso em escrever ao vosso Adolfo?» — «Em quem, se não nele posso eu cuidar?» — «E contentar-se unicamente o vosso coração com escrever-lhe?» — «Que mais pudera eu por agora e s p e r a r ? » — «Que não compete, a quem é livre, de esperar?» — «E vós livre sois, Senhora.» — «Que me dais, oh minha amiga, a entender nisso?» — «Que vos importa partir.» — «Partir?» — «Sim, partir, (me disse ela então com um valor que traía apenas o seu abalo). Tudo está antevisto, tudo prestes, tudo, excepto consentimento. Vosso filho padece ausente de sua Mãe; vossa tristeza malsina, a pesar vosso, os tormentos de vosso peito. O passaporte está conseguido, ireis acompanhada pelo marido de Agostinha, o qual despedireis, quando necessário vos não seja; ou conservai convosco em caso que impróvidos acontecimentos vos empenhem a voltar. As ordens que leva, e as quais ele cumprirá, são consultar-vos a vontade e obedecer-vos. Nada que atalhar possa a vossa jornada, vos ocupe; tudo está previsto. Oh minha Benfeitora, não ousou explicar o mais: porém os cabedais de Susana são o produto do seu dote: assim totalmente vos pertencem.»

Tornar a ver o meu Adolfo, e ao peito apertá-lo, oh Deus todo poderoso, tanta dita me teríeis reservada! — Tal foi o meu primeiro pensamento, que apressurada reflexão dissipou logo. — «Cruel amiga! (disse eu a Madama Depréval) que vos induz a tentar um coração de Mãe? Não sois minha filha também vós? Unir meu filho, e unir Susana comigo não cabe em meu poder; e com violência experimento que não posso com um viver sem ter saudades do outro. Em Paris padeço, e padeceria em Londres. Não me faleis em tal jornada, que me mataria o extremo da desesperação, ou o da alegria. O meu filho! A minha Susana! Consolação e mágoa desta vida minha! Oh meu Deus! — e curvei logo os joelhos, pedindo-lhe que se apiedasse de mim.

Nessa postura fiquei sustendo fortemente a fronte em minhas mãos, receosa de não poder resistir aos abalos de meu peito que pareciam quererem destruir o meu composto. Madama Depréval dava largos e pensativos passos pela câmara, dizendo-se a si mesma diferentes frases, cujos sons mal articulados me entravam nos ouvidos; e o que só distinguia com clareza era a palavra — *valor* — muitas vezes repetida, e arrancados suspiros que me despedaçavam o coração. Por fim chegou perto de mim, e levando-me dos braços para me sentar numa cadeira, ficou longo tempo em pé diante de mim, imóvel com uma estátua.

«Mais conceito fazia da coragem de Madama de Senneterre (me dizia sem falar directamente comigo); é mais fraca que Susana. Houve na minha vida uma época, em que requereram de mim o sacrifício de todo o meu affecto; e a honra, junta com a Mãe daquele que eu amava me delinearam o meu dever; despedaçou-se-me a alma, mas o meu dever cumpri-o; vinha essa dor de ter eu de ir-me encontrar com seu filho, com aquele que tanto prezava o meu coração, que me cabia renunciar a esses, ao pé dos quais se tinha tão brandamente volvido a minha infância! Oh meu Deus, que só vós conheciés o que então se revolia no meu peito! Choraes, Senhora? Comparai a vossa com essa minha situação. Tudo são para vós venturas, e tudo para mim desgraças. Aflige-me o passado, acurva-me o presente, e só no porvir acho refúgio.» — «Que instante tomais, Susana, para censurar o teor com que procedi a respeito vosso?» — «Censurar-vos eu? Vós mesma tal não credes, Senhora. Fizestes o que devíeis, e em toda a sua vida vos provará Susana que bem fora esteve nunca de acusar a sua Benfeitora; quando porém vos vejo vacilar...»

«Argue-me também, oh filha cruel, o amor que te eu tenho; argue-me o não poder sobrepujar o meu agradecimento, e ceder ao incontrastável encanto que no meu coração te confunde com meu filho. Tu foste o único alívio meu na mais amarga desventura; a não seres tu já tivera eu dado fim: e como eu sei que és infeliz, e que outra

consolação não tens senão os afagos, e os conselhos de tua Mãe (que o sou eu tua) queres tu que eu te desampare? Ah Susana! que essa situação tão triste que me tu recordas tão cruelmente, tinha o dever dum lado, e doutro lado a ventura ou o descrédito; na minha situação estão de tal sorte dispartidos o dever a felicidade, e a desesperação, que o coração se me retalha, e resolver-me é impossível. Porque me falaste em semelhante jornada?»

«Porque vós, Senhora; nunca houvéreis falado nela; e porque a glória de restituir-vos a vosso filho ameigava a dor de separar de mim a minha Benfeitora. Pode ser que se eu quisesse sondar o mais oculto de meus pensamentos achasse o galardão deste meu proceder na certeza de que virá ele a saber, que a mim é que deve o tornar a ver sua Mãe. Não fui eu quem o privei dela? (e isto dizendo se me lançou nos braços). Mas nem por isso me quereis mal, que dito me tendes vós que Susana era vossa filha de coração. Susana, a infeliz Susana, filha de Madama de Senneterre! e eu lastimar-me da minha sorte! Nunca melhor que hoje senti que não a riqueza mas sim a amizade, mas sim a virtude são as que encurtam as distâncias.»

Ainda eu tinha Susana cingida entre meus braços, quando M. Depréval entrou; — «Perdão vos peço (nos disse olhando-nos com um certo pasmo), mas eu vinha em busca de minha mulher para lhe dar a saber, que se não pode dispensar de ir amanhã ao baile, a que deu palavra. Ainda que o não ir ela fosse um descontentamento para mim, todavia tinha-lhe feito a vontade; mas o vê-la tão triste de alguns dias para cá, faz com que eu estime esta ocasião que a obrigue a divertir-se. Não é verdade, Madama, que às mulheres moças quadram bem os passatempos? (e vendo que Susana, com torcer o rosto, dava senhas de lhe não agradar o baile). Eu não posso imaginar o que ela tem. Falta-lhe cousa alguma? Se quer pôr mais à moda as jóias que tem, — que as ponha; se quer comprar outras, — que as compre. Que

eu folgo muito que nenhuma outra possa eclipsar minha mulher; e bofé, que reparo eu bem que sempre ela é a quem todos admiram, e deveras que disso tenho vanglória: quando há aí dinheiro não cabe bem que ela se enfeite? Não falta gente sem cabedais a quem se pode venturosamente mostrar que não somos desse lote. Mas, segundo creio, vim incomodar-vos; que a ambas vos vejo chorar tão de vontade... É donoso! eu que nunca em minha vida chorei. — E contudo quando eu era criança, e que ia nos grandes frios... mas há já tanto ano que isso foi! Mas agora atino co'a vossa aflição: é essa grande jornada; não é assim? Confessai que Madama Depréval teve lá uma excelente ideia, que nunca a mim lembrara; bem que com certas precauções, seja a mais fácil cousa que haja: mas minha mulher tem lembranças por mim e por ela; que boa cabeça que ela tem.» — «E melhor coração ainda (lhe disse eu). Razão tendes de vangloriar-vos de tal esposa: o seu menor adorno são os diamantes.» — «Os diamantes não a desalinham; bem que eu convenha que ainda sem eles ela é bela. E que nos dizeis vós da jornada, não vos é ela de grão contentamento?»

Não me deixou Susana responder, com dizer a seu Marido: — «Imaginas tu que tão boa é Madama de Senneterre que contrapesa em seu coração a saudade de nos deixar o contentamento de tornar a ver seu filho? Tanto me enterneceram esses penhores de sua amizade que só com as lágrimas que vertia, quando entraste, achei que podia exprimir a minha gratidão.» — «Ela faz muito bem em nos amar (disse o Marido) porque muito a amamos nós também. Eu não lho digo, porque sei que tu lhe explicas isso melhor do que eu, e concordarás comigo que te não pus estorvo a quanto para ela desejava; antes bem pelo contrário. Não digo eu bem?» — A resposta que Susana deu a seu marido foi beijá-lo mui amorosamente.

«Eu creio (lhe disse ele, passando a mão pelos olhos), está boa! que também me farás chorar: Oh, que as mulheres são... Não digo t o d a s .

— Mas esta Madama de Senneterre que te fez aprender a escrever, que traz esta nossa Casa tão bem regrada, desde que nela assiste, que com metade da despesa faz que brilhemos mais a la grande... E sempre me lembrarei do dote». E com cara de riso me disse: «Recordais-vos daquela pergunta: “M. Chenu quanto precisareis?” — que nesse

tempo eu me chamava M. Chenu. “Madama...” — que me via então bem enleado e contudo não tínheis nada de soberba. “Quero que absolutamente me digais.” “Eu cá; Madama... 20 moedas para mim...” “Fazei, M. Chenu, que seja ela venturosa, e fazei conta desde já, com 40 moedas.” — Dizei-o vós Madama, não achais que ela seja venturosa? Não é assim minha Susaninha (aqui entre nós bem to posso chamar) não te dás tu por venturosa?» — «Sim, meu amigo.» (Ihe respondeu ela forçando-se a sorrir. — «Ei-la a cousa concluída (disse ele): daqui a 4 dias parte Madama de Senneterre, e tu irás amanhã ao baile; que absolutamente quero que te divirtas. Negar-mo-ás ainda?»

«Conforme (Ihe respondeu com visos da mais franca alegria a sensibilizante Susana). Se tu queres que eu amanhã vá ao baile, tens de me prometer que iremos acompanhar Madama de Senneterre até Anvers. E indo ele connosco (me disse ela, pondo em mim os olhos não padeceremos ambas uma mágoa superior às nossas forças.» — «Mas tu virás ao baile?» — «Sim, amigo.» — «Comprarás novos diamantes?» — «Sim, amigo.» — «Então está bem. Fica assentado (disse ele, esfregando as mãos), e tanto mais, que muitos dos empregados na nossa Companhia andam atrasados em bastantes parcelas, e aproveitar-me-ei da ocasião para dar uma vista de olhos a tudo; e por esse meio pagará a Sociedade em grande parte o custo da jornada.» — E nisto partiu contentíssimo de nós.

«Sois vós, Susana, quem venceu.» (Ihe disse apenas ficámos sós) — «Noutro tempo de mais sossego falaremos nisso (me respondeu). Que me é agora preciso cuidar nos enfeites para o baile.» E despedida de mim partiu para o seu quarto. E eu que fiquei então entregue a mim mesma tratei em vão de concentrar as minhas ideias no querido filho a quem ia ver; só considerava em Susana: que o modo com que ela comigo procedia, abalava com força o meu agradecimento, e a minha admiração. De contínuo me dizia a mim mesma os movimentos de seu

ânimo a realçavam acima dos títulos e das riquezas, e amargamente me pesava de a ter sacrificado: que mais que muito sentia em mim, que ainda quando ela não tivesse conservado terníssimas lembranças de meu filho, nem por isso seria com M. Depréval mais assegurada a sua dita: porque quanto mais ele forcejava por desmemoriar M. Chenu, mais o recordava aos outros, e a si mesmo. Pelo contrário, sua sensibilizante Esposa, em querer sempre parecer Susana, realçava acima de si mesma; de sorte que me persuadi que ela tratava de cortar por tudo que a constrangesse, para de contínuo se ocupar do seu amor primeiro; e o teor nobre e animoso com que ela esse dever cumpria, me impunha a obrigação de lhe encobrir a saudade com que eu a deixava, e o gosto com que ia abraçar meu filho, a ver quantas vezes me possível fosse nos poucos dias, que tínhamos de viver juntos; evitando com a prudência (de que nela tinha o exemplo) todas as ocasiões de nos acharmos sós por sós, ficava, contra o meu costume, mais no seu quarto que no meu. Fui assistir a esses enfeites prometidos ao marido em troca da sua condescendência: e quão ricos, e com que nobre elegância colocados!

A mais presumida loureira <sup>[xiv]</sup> se vê acanhada em seus regressos, onde uma mulher moça, e sensível que lhes dá gala, encontra folgados meios. Arrebatava os olhos Madama Depréval, e outrem que eu não fosse, imaginara, que ela desfrutava um prazer tão natural da sua idade, e maiormente do seu sexo. Quando as criadas saíram, ela travando-me da mão, me disse assim: «Olhos são de Mãe esses com que me estais vendo; mas, ah! que se a inveja que inspirar vou, pudesse descifrar as letras de meu peito, que triunfo não ganhara! Que esforço tão penoso! Ir c'ó sorriso na boca, e co'a morte no coração! Lote quasi ordinário dessa opulência que carrega quantos inimigos, quantas as pessoas que ela humilha, sem contribuir para a felicidade dos que dela fazem alarde! Ah! que se eu posso um dia ir empós <sup>[xv]</sup> da minha vontade, na dourada mediania tenho de deparar, não com a dita que renunciei, mas sim com o remanso de ânimo, e com o logro de mim mesma. Quantos desventurosos, indignos de o serem, viveriam com o custo deste luxo, que me quebranta!» Nisto entrou M. Chenu, acompanhado com dous mancebos, e nos quebrou a conversação.

Chegou o instante da minha partida. Agostinha se despediu de mim mui lastimosa, mas a certeza de ficar na companhia de Madama Depréval, lhe adoçava o pesar que em separar-se de mim a sua amizade sentia; motivo esse que também a mim fez a separação menos penosa. O marido dessa excelente criada corria diante da nossa carruagem. Depréval sustinha só a conversação, porquanto o que sua mulher e mais eu podíamos fazer, era olharmo-nos, encobrir as lágrimas, e fazer votos porque nos consentissem os sucessos tornarmos a viver unidos. Por fim me embarquei com o marido de Agostinha.

Não me quero recordar do que então padeci; que situações há que sobrepujam toda a expressão. Felizes os que nunca provaram os terríveis lances que despedaçam o coração, quando um baixel impellido dos ventos, nos afasta com violência dos que amamos, no instante em que os nossos afagos se confundem com os seus: parece que pela derradeira vez os apertamos ao peito, e abraçamos unicamente um vão, uma imagem espantosa do futuro que diante de nós se patenteia. Pobre Susana! único objecto que então me tomavas o ânimo! que escrito o tinha o Fado seres tu quem decidisse de todas as afeições da minha alma! Apenas tomei posto no navio, me entregou o marido de Agostinha um maço lacrado, que Madama Depréval lhe encomendara que então mo desse quando o mar nos tivesse separado uma da outra. Abri-o, e deparei com uma caixa que de mui rica me carregara a atenção, se a não cativara o retrato dessa minha amiga, não qual eu acabava de a ver, mas sim com esses trajos da aldeia, símbolos da singeleza que na opulência conservara; aberta a caixa, reconheci dentro uma invenção nova do seu agradecimento, e eram vários bilhetes de banco, com estas letras de seu próprio punho: — *Dote e coração de Susana.*

Sem o menor acidente cheguei a Londres, onde finalmente tornei a ver o tão saudoso Adolfo; e ao cingi-lo com meus braços, me deslembrei de todos os infortúnios. Quanto o achei demudado! Que nublado de tristezas lhe envolvia o rosto, outrora vivo transumpto da alegria e da brandura! mas também que energia, que seguridade, não tinha adquirido o seu carácter tão felizmente disposto pela natureza, e pela educação! Se é verdade que sejam os Franceses o mais leviano

povo que se conheça, não é menos verdade, que também é ele o povo único em quem nunca o infortúnio caia sem que nele manifeste qualidades, que a seus próprios inimigos violentam a admirá-lo. Nos seus 26 anos era já meu filho um varão com quem se dariam por ufanos, e a quem qualquer que o amasse (ainda não sendo sua Mãe) se vangloriara do seu affecto. Pelos sinais de amizade que da família Birton eu recebi, facilmente conceituei quanto era o meu filho dela amado.

Retirada ao meu quarto, atalhar-me não pude à reflexão sobre os perigos que corria a conversação com Adolfo acerca dessa Susana que nos primeiros lanços da sua vida, lhe dera para sempre a decisão da sua sorte: sentia porém quão impossível era falar-lhe de mim, sem falar nessa minha amiga; além da necessidade que vivamente me pungia a que exprimisse a minha gratidão. Andava estampada em meu peito a imagem de Susana, e o seu nome me subia a cada instante à boca; fora o calar-me esforço de que me eu sentia incapaz, e me dera por ingrata se escondesse o nome da minha benfeitora. Se a nomeava, então era acusar-me do meu antigo proceder a seu respeito. A verdade era o meu único partido que fosse compatível com o que era justo, e com o que em mim sentia; e esse foi o que elegi.

Qual previsto por mim fora, veio ao meu despertar, Adolfo instigado do desejo tão natural de saber os Maternais sucessos. Nada lhe ocultei dos meus desastres; e na minha benfeitora, só com o nome de Madama Depréval, lhe falei. Com que sensibilidade reclamava o meu filho todas as bênçãos do Céu para essa Dama, que acerca de mim substituíra o seu lugar, em tanto que ele de longe dava gemidos pelas consequências da sua desventurosa afeição! — «Ah! minha Mãe, que se eu chego a ver essa Madama Depréval, de joelhos diante dela é que lhe hei-de agradecer o modo com que adoçou as desgraças a que vos arrojara o vosso filho. E dizeis vós que tanta bondade, tanta grandeza de ânimo andam acompanhadas da mais perfeita formosura? Se essa Dama não é ditosa, para quem reservou a Divindade a dita?» — «Folgamos (lhe respondi) de concentrar nossas ideias com a imagem daqueles que nunca vimos, e de quem ouvimos a miúdo falar; e como fora para mim cruel não poder falar-vos nessa amiga minha, atentai

nesse retrato, e disse-me lisamente, Adolfo, se a minha prática não tem de perturbar a vossa tranquilidade?» — E lhe mostrei o retrato.

Ele o examinou, e fitando em mim a vista, estremei eu da prova que eu nele tentara: «Infeliz (exclamou) tem pois de te seguir por toda a parte a imagem sua! Ah (continuou a dizer depois de longo silêncio em que não descravara os olhos do retrato), e a vós, Senhora, é que cabia rasgar o coração de vosso filho? Sim, que bem que são estas as feições dessa infeliz, que de minha Mãe me separou; em que conferem porém com aquela que ma restituiu?» — «Madama Depréval (lhe disse eu então) a minha benfeitora, a que vos separou de mim e a que me aproximou de vós, e finalmente essa mulher, que me deu a conhecer quanto há mais cruel, quanto há mais meigo nesta vida, é... Susana. Dizei-me, filho meu, poderei nela falar convosco?»

«Bem compreendo, Oh minha Mãe, e a vos jurar me arrojo, que nunca o meu amor porá silêncio à vossa gratidão. Oh boa Susana, excelente Susana, bem te conheceu à prima vista o meu coração, e o teu proceder até os trasvios <sup>[xvi]</sup> justifica. Falaremos, e muito falaremos, Senhora, em Susana, e falaremos sempre; que nenhum mal pode causar o contentamento a vosso filho. Susana, a benfeitora de minha Mãe, não a considero como uma mulher, mas antes como uma Divindade, cujo nome posso ouvir sem perigo mas nunca sem prazer. Chega o amor a um certo termo às vezes, que só de si próprio se sustenta, termo a que eu imagino ter chegado. (E suspirando continuou): Oh boa Susana, que não és tão venturosa quanto eu sou, que te vês separada de minha Mãe, e não estás em liberdade!»

Desde esse prazo nunca mais Adolfo me falou em seus amores; e só me instava a cada hora que lhe repetisse algumas das circunstâncias do que passara em casa de Madama Depréval: os menores casos que lhe eu especificava, se lhe estampavam na memória; e houve lances, em que ele mesmo mos recontava: e nunca dávamos fim a nossas práticas, sem que lhe eu ouvisse: — «Pobre Susana, que não és ditosa; de que tanto me aflijo!» — Tratei de despedir o marido de Agostinha que já me era escusado; além de o não querer mais tempo arredado de sua mulher, e do emprego que M. Depréval lhe tinha dado. Meu filho lhe recompensou o seu zelo, eu lhe encarreguei que à minha amiga entregasse a seguinte Carta.

## MADAMA DE SENNETERRE A MADAMA DEPRÉVAL

«Cheguei, minha filha, sem mau acontecimento; triste na jornada, como bem credes como quem tendes coração em consonância com o meu. Só tinha a consolação de que ia ver meu filho; mas vós, amiga minha, achareis o alívio da nossa separação em vosso ânimo sensível e generoso que vos eleva acima de tudo o que vos é pessoal, quando tendes deveres que preencher, ou benefícios que derramar. Remetovos o dote de Susana, que por ora posso escusar, como vós convireis comigo; mas toda a minha vida conservarei o vosso retrato e o vosso coração.

Pelo prazer que experimento em contemplá-lo, me contenta d'antemão o que minha filha logrará quando receber o meu; que é o próprio que a M. de Senneterre dei na véspera do meu noivado. Se na eternidade, em que ele descansa, conhecer pode todos os motivos que me inclinam a vo-lo oferecer, a afirmar-me me atrevo, que aplaudirá o dom que faço. Os anos e as desgraças têm desmentido da similhaça; mas nem os anos nem as desgraças nem a opulência tolheram que digais quando o contemplardes: — “Sempre, sempre minha Mãe.”, como, olhando para o vosso, tenho de repetir até ao último fio da vida: — “Sempre, sempre Susana.”

Achei aqui meu filho, e contentar-me-ei com dizer-vos que nele encontrei unido quanto pode justificar o amor próprio de quem fala de seus filhos. Logra saúde, e contentamento de me ver, e de saber a situação feliz em que se acha a minha benfeitora: diminuiu em parte essa melancolia em que me falaram, e que singularmente me estranhou no primeiro dia da minha chegada.

Sem que remonte à opulência em que nascera, e que tão raro influi em nossa ventura, goza de suficiente riqueza; que tinha posto meu Irmão tão desastrosamente na Ilha de S. Domingos, 9000 moedas no comércio dum negociante de Filadélfia, correspondente de M. Birton, em cuja casa assistimos. Esse negociante é quem endereçou meu filho a esta respeitável família, quando ele desejou avizinhar-se de França, esperançado em que mais facilmente acharia meios de

alcançar notícias de sua Mãe. Meu filho era ainda menor, além de me pertencerem esses cabedais; mas por nossa dita as leis deste país a respeito dos emigrados de França, permitem aos que lá residem de as desfrutar por antecipação, com tanto que entreguem o capital ao primeiro possuidor que se apresente, e jurem sobre os santos Evangelhos que não farão com que saia do Reino esse dinheiro. Desse modo vivia Adolfo abrigado contra a necessidade; e o principal correndo no comércio pelas mãos de M. Birton tinha progressivamente aumentado. Aqui vedes, minha querida amiga, que escudou o Céu as orações que por meu filho lhe fazia: e sem dúvida que atendia aos rogos que por mim meu filho lhe fazia, quando a vossa casa me encaminhou. Provável é que Adolfo nunca imaginou em contratar-se com Miss Ana Birton, que com efeito é tão formosa como no-la pintaram; porquanto tudo é instar-me que deixemos Londres, cuja vivenda não me é de agrado, e que compremos algum prediozinho em que eu possa sossegadamente viver, e segundo o teor a que era habituada. Vós Susana, me destes a prova de que a beneficência é a mais formosa de todas as virtudes, e que os bons corações encontram perpétuos motivos de nunca se emendarem dela. Bem certa estou que o campo me agradecerá muito; e dou por abono o prazer de que Adolfo se esperança lá gozar, vivendo lá comigo: seriamente cuidamos em o pôr por obra. Se as circunstâncias permitirem algum dia (e eu assim o espero) que Madama Depréval lá nos venha visitar, desfrutarei então toda a felicidade; que até esse prazo, o meu coração se contentará com desejá-la.

Adeus minha amiga verdadeira, não vos descuideis de me dar notícias vossas, em toda a ocasião possível. Vossa Mãe vos lança a sua bênção, vos beija, e vos recomenda o exercício das virtudes que vos são tão fáceis.

*P.S.* — Queria Adolfo acrescentar algumas regras a esta minha Carta, mas eu tive por mais decente, dirigi-las ele a vosso Esposo; eu na minha fecho a que ele lhe envia.»

«Monsieur, dignai-vos de aceitar os agradecimentos muito sinceros que pelos bons officios que a minha Mãe prestastes vos dedico; faltam-me expressões para a gratidão; mas esta só com a minha vida tem de acabar. Peço-vos que para com a vossa Esposa sejais o intérprete deste meu sentir. O que Madama de Senneterre me disse de suas virtudes, da sua sensibilidade, me recordou, que desde a sua infância eu tinha prognosticado as qualidades de que ela seria possuidora em mais crescidos anos. Quando tudo em torno de nós padeceu mudanças, nos damos por venturosos de em nossa lembrança depararmos com ideias que nos transportem à nossa antiga existência; nem há objecto que melhor se me conforme com a situação de meu peito, do que a amizade que hoje com minha Mãe enlaça a Madama Depréval. Tenho a honra de ser, etc., etc.»

Envidou M. Birton em obrigar-nos tanto zelo, que 5 semanas depois de eu ter chegado a Londres, se concluiu a compra duma quinta, qual eu, segundo o meu estado a podia apeteecer, e segundo o cabedal que eu nela empregar podia. Ficava a 20 milhas de Londres, e nela fui logo com meu filho residir, para ali hospedar a família desse honrado negociante, que levava em gosto assinalar-nos com essa visita, a intenção entranhável de continuar a amizade que entre ele e nós já se travara. Apenas ele chegou à quinta me entregou uma Carta, que depois da minha partida recebera; e era ela de Susana. Vali-me do primeiro instante que me vagou, para me retirar, e a ler, querendo lograr-me à uma de contentamento de estar com os nossos novos amigos, e entreter-me um lançozinho com a que deixara em França. Mas que foi de mim, quando me inteirei das seguintes novas?

## MADAMA DEPRÉVAL A MADAMA DE SENNETERRE

«Madama, quanto me lastimara eu agora de me ver separada de vós, se não impusera silêncio às minhas saudades, a dita que estais gozando? Nunca Susana careceu tanto dos vossos conselhos e vossas consolações. Feneceu M. Depréval. Terrível acontecimento me arrebatou um Esposo que me cumpria que amasse, pois que quanto nele era, contribuía para a minha felicidade. Sinceras são as minhas

lágrimas, como bem o imaginais, Senhora; que testemunha fostes de quanto era ele bom a meu respeito; e ainda as acreditareis mais quando souberdes por que desastre perdeu a vida.

Apenas tínhamos nós voltado a Paris, que abalado da tristeza que me consumia, a qual nem eu com todos os meus esforços lhe podia ocultar, assentou que um festejo em aplauso meu, daria distracção a meus pesares. Como me obrigara a aparecer em tantos bailes este inverno, indispensável era juntar em nossa casa, todos esses onde fôramos convidados. Motivo respeitável para quem como eu (bem o sabeis vós) fiz hábito de nunca me opor ao que era de seu c o n t e n t a m e n t o . Os apercebimentos para o festejo foram para ele deliciosa occupação; apascentava o seu amor próprio em sobrepujar a quanto tinha atéli visto. Depois de ter demolido, e reedificado de novo uma Sala, qual ele a desejava; depois de ter assistido a todo o labor dela, contemplava a sua obra, e nela se deleitava. Tinha chegado o marido de Agostinha, e me tinha entregue o maço de que o tínheis encarregado dar-me. Oh! E quanto, minha Mãe não coalhei de beijos esses sagrados caracteres; com que ardor não me prometi de me fazer sempre digna duma amizade, tão honrosa para a vossa filha sem ventura! acelerada em remeter a M. Depréval a Carta de vosso filho, corro ao seu gabinete, onde me dizem que ele estava no salão com alguns obreiros; vou lá, e abraçando-o com toda a alegria do meu coração, lhe entrego a carta que lhe era destinada; e enquanto a lia, um candeeiro de cristal que estavam pendurando, cai, e derriba a M. Depréval. Crava-se-lhe no crânio uma lasca de cristal, e tão profunda que perdeu logo o acordo. Lavado em sangue o transportam à cama, onde as dores de mui agudas lhe arrancavam gritos que me retalhavam a alma. Nem se atreveram os Cirurgiões dar-me antes da operação, esperança alguma; e na mesma operação, entre tormentos inauditos, se lhe despediu a vida ao meu Esposo.

Via-me neste mundo só, e sem parentes, com muitos conhecidos, e sem um único amigo, prostrada com essa súbita e violenta morte, dando gemidos no meu quarto, quando teve Agostinha o valor de me inteirar de todo o horror de meu infortúnio. Desde a nossa assistência em Paris, tinha M. Depréval perdido o uso de me confiar os seus

negócios; que lhe tinham os seus sócios persuadido ser cousa ridícula e muito, o fazê-lo assim. Eu que vi então ser-me forçoso averiguar papéis, pedir contas a caixeiros, quanto antes me convenci que nenhum fundamento sólido tinha esse fasto, essa opulência. Uma grande circulação de cabedais facilitava as grandes despesas: devem-lhe muito; mas como ele mais consultava a sua vaidade, que outro qualquer intuito quando emprestava, de nenhuma valia era a mor parte dos bilhetes. Ele deve; mas como o Governo lhe atrasou avultadas parcelas, nada é mais dificultoso que o acabar com semelhantes contas, logo que faltou M. Depréval que continuasse as mesmas operações: ajuntai ainda as pretensões da sua família, muitos membros da qual se aposentaram já em minha casa, e me olham como a ruína de suas pretensões, ou como estorvo à sua rapacidade, e quasi que vos afigurareis a minha situação.

Tudo o que eram conhecidos desapareceu; de que nem me espanto, nem me aflijo: que a ser eu livre de minhas acções, fora a primeira que de seu bando desertara; a indecência prende no momento que eles tomaram para fugir. Sei eu que para se desculparem de seu baixo proceder para comigo, alegam com o meu luxo, e meus adornos. Mas de vós, oh minha Mãe tomei a doutrina, de ser o nosso legítimo Juiz a Consciência, e a minha não me acusa. Ah! que a serdes vós ainda comigo não vacilara em largar todos os meus direitos a esses herdeiros de M. Depréval, bem persuadida que arrumadas as contas como deve ser, fica ainda cabedal sobejo; e minhas jóias sós bastariam a nos dar com que viver nessa mediania por que sempre suspirei. Aconselhai-me o que melhor me incumbe. Que será de mim, só, no mundo, e com tão poucos anos? Certo que lástima vos faz a vossa Susana; e que é o único bem que eu apeteço, essa amizade vossa; o único que me não pode roubar sucesso algum.

Nem eu o encobrirei a aquela que está de posse de conhecer os meus mais íntimos pensamentos: muita vez me sinto pronta a ceder ao desânimo; mas quando fito os olhos no vosso retrato, e me lembro do que fostes, e da resignação com que suportastes os golpes da fortuna, recobro um pouco de coragem. Só eu! ver-me só! Ideia terrível esta. Ah! que se vosso filho, Senhora, se tivera desposado com Miss Ana Birton, esperanças se deparavam de que abertos me estariam vossos

braços. Mas mais que muito considero, que devo arredar de mim esse pensamento.»

Quando voltei às visitas que tinha em casa, fiz quanto pude por lhes ocultar o pesar que me dera a Carta de Susana; e maior disfarce empenhei ainda a respeito de meu filho que não ignorando que eu tinha recebido novas de França, lhe pulava tal curiosidade nos olhos, que me aumentava o enleio. — «Ela tem saúde (me apressei a dizer-lhe, apertando-lhe a mão) vinde esta noite ao meu quarto, e vos darei mais individuadas notícias.» Poucas palavras, que para o sossegar sobraram, e podemos entregar-nos inteiramente à satisfação de possuir a família de M. Birton o que dado não esperasse de nós ruidosa alegria, era digna dessa branda e sensível amizade que se dá bem com o coração, e qual a não excluía as variadas sensações que da carta de Susana em mim nasciam. — «Meu filho, (disse eu a Adolfo apenas nos vimos sem circunstantes) eis as novas que eu recebi; lede-as, e me direis sem refolho, que efeito elas em vós produzem. Para carrear a vossa confiança, vos antecipo a minha aprovação para todo e qualquer projecto que abraçais: que sei eu bem quanto me custou o querer ser mais prudente que vós. Daqui em diante me contentarei com vos dar conselhos, se mos pedires, mas nunca decidir que teor de-vais seguir.»

Então lhe entreguei a carta de Madama Depréval; e enquanto ele a lia, atenta lhe contemplava o semblante, que tanto se lhe demudava, tantas afecções se lhe debuxavam nele e muita vez acumuladas, que impossível me era distinguir qual nele dominava. Passou algum tempo em silêncio, e logo novamente, mas com mais sossego leu a carta inteira.

«Promessa me tendes feito, Senhora, de que em nada me encontrareis a vontade. Assim, na desgraçada situação em que se vê a vossa filha, um só partido resta; que é o de escrever-lhe vós mesma, instan-do-lhe que venha estar convosco, e encarregar-me de ser eu o portador da Carta.» — «Vós, Adolfo!» (exclamei) — «Ela, Senhora, desamparada de todos, requer que eu ou vós corramos a socorrê-la.»

«É a que riscos vos não pondés, se entráis em França?» — «A não considerar mais que eu, todos sem pavor os afrontara: mas lembro-me do que a minha Mãe sou devedor; e vos abono que fracós foram os

riscos em comparação do motivo que a corrê-los me abalança. Consultemos, se vos agrada, a M. Birton, que eu a ele me reporto.» — «Quanto queirais, meu filho; e outra vez o digo. Mas imaginais vós que Susana queira vir convosco?» — «Pois já me não quer bem Susana? O contrário me deram a suspeitar as vossas falas.» — E como eu lhe não respondesse ao que ele dizia, continuou assim: — «No caso que ela discontinuasse em amar-me, não há aí motivo de que eu mude de resolução. Não devo eu toda a minha existência à benfeitora de minha Mãe? a quem ma conservou? e quem fez mais, que foi a mim torná-la? Ela viera (diz a Carta) lançar-se-vos nos braços, se soubera estar eu casado: aqui vos juro, Senhora, que se para a sua felicidade e para a vossa se requer tal sacrifício, dai-o por concluído.» — «Beijai-me, oh filho meu, esses movimentos de vosso ânimo são a glória, são a ventura de vossa Mãe. Com alegria o confesso, Susana para vós nasceu e vós para Susana: dotados de igual sensibilidade, capazes de sacrificar ao vosso dever a mais activa paixão de vossa idade, confio que a união vossa não encontrará obstáculos. Mas que necessário é ir expor-vos a novas tempestades? Virá Susana, ah não o duvideis; uma carta de sua Mãe será suficiente.»

«E vós que a conheceis, o credes assim? Pode a carta perder-se; mas demos que tão apressada chegue, que impida vossa filha de fraquear a essa soledade que a desalenta, não receiais vós que por extremo de pundonor se ela trasvie? Imaginará que às minhas lágrimas deve a vossa aprovação; tomará em brio renunciar à felicidade; prolongará nossa incerteza, e seus tormentos. Por mais desamparada que no mundo se veja uma mulher tão sensível como Susana, grande tem de ser o esforço que ela faça antes que se resolva a vir ter com um noivo, se na carta lhe apontais tal nome. No seu estado presente tem de atender a mil resguardos, que para corações delicados são outras tantas obrigações; e essas, quem, a não ser o Amor, vencê-las pode? Quem, a não ser eu, arrazoará diante de Susana a sua própria causa? Bem que apenas eu faça conta com o amor; o que pode com efeito resolvê-la, e que pode unicamente vencer todos os obstáculos, é aparência do perigo a que eu por causa dela me exporei: então virá comigo, receiosa de vos privar segunda vez de vosso filho.»

«Adolfo, Adolfo, mais que muito o vejo, que só para o amor é que não há impossíveis. Ponde, sem vacilar, no número dos motivos que vos impelem, o gosto de mais cedo à tornar a ver, de vos lograres dos abalos que lhe há-de inspirar o ver-vos, e gozar enfim folgadamente da dita de ser amado.» — «E criminaríeis vós o vosso filho de aspirar a tamanha dita?» — «Não, Adolfo. Consultaremos M. Birton, e vos prometo de estar pelo que ele diga.» Meu filho me beijou, e eu, de mui entretida do seu contentamento, de suas esperanças, e de meus receios, não pude colher o sono. Eu desejava tanto como ele, ver-me de posse de Susana; que d'há muito concebia que em vivermos nessa companhia consistia a nossa natural felicidade; que ela só podia exercitar, satisfazer a profunda sensibilidade que compunha o carácter principal de Adolfo. Divisara eu de sobejo no coração dela que meu filho era quem unicamente a faria venturosa; nem a minha existência fora completa, a faltar-me ou meu filho, ou ela. Disposição com tudo, que não me sossegava enquanto à jornada, mas que me tirava a força de me opor a ela; além de que, entre os motivos que o amor tinha sugerido a Adolfo, muitos havia que me pareciam tão plausíveis a mim como a ele. Como tinha prometido que me reportaria a M. Birton, esperei com desassossego o que ele resolveria.

Na manhã seguinte mo conduziu meu filho ao meu quarto, tendo-lhe já feito confidência da jornada, e não lhe ocultando alguma das razões que o determinavam a empreendê-la. M. Birton me perguntou se tinha eu motivos particulares que reforçassem esse projecto: «Porquanto (acrescentou ele) não vejo atégora necessidade alguma de novamente vos separardes, como eu já a vosso filho declarei. Cá a mim quando me consultam, assento que é para saber o meu parecer, e assim o dou. Convenho que todas as afecções do ânimo que são o encanto desta vida, e a gratidão sobretudo, vêm de acordo no desejo que tendes de possuir com prontidão a Madama Depréval: o que nada obstante, se pode bem concluir por cartas, e prometer-vos

posso que nenhuma inquietação vos fique acerca dos meios de que me hei-de servir para que seguramente lá lhe cheguem à mão. Meu Amigo (disse ele a Adolfo) outra vez vos digo, que de nenhum útil sereis nos negócios de Madama Depréval, antes pelo contrário, os perigos a que ela vos veria exposto empeceriam ao sossego que se lhe requer para os concluir dum ou doutro modo. Triste é sem dúvida a soledade em que ela se vê; mas nem por tal confieis que ela de vós faça, de primeiro, íntima sociedade; antes afirmo que a esperança, a certeza de que há-de vir refugiar-se nos braços de Madama de Senneterre será por si só bastante para lhe apaziguar o ânimo; e vós deveis resguardo ao seu decoro, e cuidar na Mãe que tendes. Hoje poderíeis, bem o creio, discorrer pela França sem perigo; mas amanhã, outo dias depois, quem vos afiança o sair dela? Esses vossos Franceses endiabrados...» — «M. Birton...» (exclamou meu filho) — «Sim, sim; bem sei que não folgais que digam mal da vossa Pátria, e razão tendes. Tratemos por agora de vossa Mãe; imaginai quanto lhe fora cruel, e para mim, e para toda a minha família essa incerteza; imaginai que tenho a vosso respeito a amizade de verdadeiro Pai: e a ter eu igual autoridade, não consentiria em que partísseis; que me dariam as lembranças do passado, vigor para vos resistir. Certo fico que será de meu sentir Mad.<sup>a</sup> de Senneterre.»

«Senhor Birton (lhe respondi vendo que Adolfo se calava) na verdade que não me atrevo a dizer qual fora a minha vontade; que as lembranças do passado, que vós tão ajuizadas alegais, me desalentam o ânimo, e mui vivos foram meus padecimentos quando me viessem lembradas as leis a cuja vingança meu filho estivesse exposto, como proscrito por elas; mas igualmente concebo que se ele por culpa minha viesse a falhar ainda uma vez o lance de ser feliz, me lançariam na cova os seus pesares.»

«Pois Madama, convenha Adolfo em dar a sua Mãe, dar à prudência, e a seus amigos os primeiros dias, contentando-se com ir esperar Madama Depréval ao porto neutro onde ela vier embarcar; e deixemos a essa Dama, cuja amizade, cujo ânimo vos é claro, o cuidado da maneira com que haja de portar-se.» — Não ficava lugar a Adolfo de não aceitar arbítrio tão cordato; e a mim me vinha muito a meu gosto: pois que podia afoutamente confiar a Susana o cuidado da

minha dita, e a vida de meu filho; e assim ficámos todos do mesmo acordo.

Tinha M. Birton de partir com a sua família para Londres no dia seguinte, e a Adolfo que os acompanhava, entreguei eu a carta que segue; e no instante da despedida, o inteiraram as lágrimas que verti, melhor que o não fizeram minhas palavras, quão avinculados andavam com os meus os seus destinos.

## MADAMA DE SENNETERRE A MADAMA DEPRÉVAL

«Como pode a minha querida filha imaginar-se desamparada? Porventura deu já fim a minha vida? E para que Susana em minha casa ache um abrigo, terá meu filho de ser desventuroso? Ah, minha amiga, tanto tenho chorado essa opposição que fiz a um casamento que único pudera completar a dita de duas pessoas em quem repousam todos os meus affectos, que o recusá-lo fora de novo castigar-me. E não o fui eu bastante pela ausência de Adolfo, pelas lágrimas, que me escondíeis, e cujo motivo me era tão fácil adivinhar?

Minha amiga, inteirada como eu estou do vosso coração, nele ponho agora toda a confiança: que não vivestes atéqui senão para preencher sagrados e bem custosos deveres. Chegou o prazo em que esses iguais deveres farão consonância com a vossa felicidade. Vinde, amiga minha, receber ao pé dos altares um nome, que vos deu há muito tempo a minha gratidão. Não vo-los requeremos, Susana, cabedais, nem no-los pede a vontade. Daqui avisto quanto o estranhará o vosso pundonor, que bem sei que a mim é que competia ir-vos ao encontro; mas situações há (e a minha é uma dessas) ante as quais se desvanecem todos os melindres da Sociedade.

Ajoelhada vos roga vossa Mãe, Susana, a ventura de seu filho; e podereis vós negar-lha, quando souberdes que nunca esse filho cessou de amar-vos? que em vós adora a que salvou sua Mãe de ver-se humilhada, que está resoluto, no caso que hesiteis um só instante, a ir ele mesmo reclamar a vossa mão, arriscando a própria vida? Quereis mais? Projecto, que vos fará estremecer venceu em mim consentimento; tanto é verdade que a mim e a ele, tem preferência a

Morte à mágoa de viver sem vós. Adeus, amiga. Adolfo é quem se incumbem de que se ofereçam aos vossos olhos os rogos de sua Mãe.

*P.S.* — Como pode a vossa modéstia atribuir unicamente ao amor que a meu filho tenho, e ao meu agradecimento este meu proceder, tenho de vos dizer, que consultámos M. Birton, para quem, depois da vossa viuvez, não há cousa escondida. Esse homem respeitável afirma, que ainda a ser ele Par de Inglaterra, e a deparar c'uma Susana como vós, a antepusera para seu filho, a toda e qualquer noiva. Mas não há duas Susanas. — São palavras formais dele.»

### ADOLFO A MADAMA DEPRÉVAL

«Madama, a Carta de minha Mãe vos fará certa de que ela e M. Birton foram quem sós me impediram afrontar todos os perigos, para me ir lançar à vossos pés. Não sei qual era a esperança que me alumiaava, no instante em que formei esse projecto; mas agora que me vou chegar de vossa presença, para saber mais cedo o que de mim volve o destino, se me vai escurecendo essa esperança. Como imaginarei que se possa confiar no meu amor, e queira unir com a minha sorte a sua, aquela mesma que eu desamparei, e entreguei ao sacrifício? Estais ainda lembrada, que nunca vós c'um só mover de olhos, oh Susana (desculpai-me este nome que tão querido trago na memória) me deixaste adivinhar que vos inclináveis ao affecto do desgraçado Adolfo? Ah, que a ter eu a ventura de enternecer-vos; a poder o meu cobiçoso coração conceber a menor esperança; a ter-me atalhado os passos uma ténue declaração de Susana, jurar-vos posso pelos tormentos que padeci depois dessa fatal partida, que não há hi no mundo poder, nem consideração alguma que rompesse o que Amor tinha assim unido. Mas vós não conheceis essa imperiosa afeição que ateadada na alma, senhoreia todos os pensamentos, e que avinculando a nossa vida à vida do adorado objecto determina a nossa ventura ou desventura. Susana, vós nunca amastes (mil vezes depois da nossa separação a mim mo repetia). O Céu (me parece) vos deu ao mundo para cultivar virtudes, tratar amizade, mas não para tomar parte no amor que vós inspirais. Qual será pois o meu destino? E que

será de mim, de minha Mãe, se não vindes em socorro nosso? Ah! que não me afouto a cravar meu pensamento no futuro!

E eu, de mim vos falo, quando só devera ocupar-me da vossa situação, e vossos infortúnios! Minha Mãe vos oferece abrigo, que a amizade entre vós travada alhanaria <sup>[xvii]</sup> quanto estorvo vos pusesse

## HEROICIDADE DO AMOR E DA AMIZADE

dúvida a aceitá-lo, no caso em que ela morasse só, ou que eu estivesse... Ah! que não me atrevo, Susana, a fechar a frase que vós lançastes na vossa última Carta. Eu casado! Eu, que quando os obstáculos me atalhavam até a mesma esperança, tinha feito juramento de nunca unir com mulher alguma a minha sorte? Para a dita, ou desdita do resto de meus dias as minhas únicas lembranças me sobravam. Se contudo, Madama, pode a minha presença pôr mudança na felicidade que ao lado de minha Mãe vos prometeis, falai; que com tanto que vós sejais ditosa não há hi sacrifício que seja superior às minhas forças. Vós, e unicamente vós, Susana, sois quem me ocupa o ânimo, e mo há de ocupar até ao fim da vida. Ah quem pudera exprimir-vos a pureza da minha afeição! ela vos enterneceria; afoutamente o creio. De mim é que, depois da nossa separação, me eu lastimava? Sobre a minha ventura é que eu estremecia? Oh que não. Cumprida estava a minha sorte. Eu que conhecia o pundonor de Susana, e a quem arrancava gemidos o receio de que um casamento em que lhe não consultaram a vontade... Lembrança horrenda! Compadecei-vos de mim, Senhora: Vossas determinações aguardo; com tanto desassossego como susto aguardo a sentença que proferirdes. Susana, Susana, vai nela a vida do infeliz Adolfo.»

Como eu não aceitei o oferecimento de M. Birton, que deixava comigo qual de suas filhas mais quadrasse para minha companhia,



fiquei só na minha quinta: que situações há na vida, em que dá menos enojo a soledade, que as distrações a que por condescendência nos prestamos, sem que estas nada obstante produzam efeito algum nos pensamentos que incessante vos ocupam. Quanto mais a dita se me avizinhava, tanto ponderava com pavor os crimes que podiam retar-dá-la, ou talvez para sempre destruí-la. Escrevera-me Adolfo, dando-me parte de quão rápida fora a sua viagem, e eu contava dessorsegada os dias; quando eis que o vejo de volta, e só e sem Susana. Por impossível tenho significar o efeito que essa volta fez em mim: e ele que deu tino disso, se deu ânsia a aquietar-me com dizer me que nisso obedecera às disposições de Madama Depréval; mostrando ao mesmo tempo as seguintes cartas.

### MADAMA DEPRÉVAL A MONSIEUR DE SENNETERRE

«Monsieur, recebi a Carta de vossa Mãe e Senhora minha, a quem ansiosa respondo, e aberta vo-la remeto, porque não me acuseis de passar em silêncio o conteúdo na vossa. Nem vos esqueceréis de quão pouco há que perdi meu Esposo, cujo teor benévolo a meu respeito muita vez me consolou dos desagradados inseparáveis desta vida; se eu tantos, quantos dizeis, tenho em vós poderes, não enjeitareis remeter vós mesmo esta carta à minha Benfeitora, e tende por seguro, Senhor, que o vosso projecto de vir a França, me deu cruel abalo; e que eu nunca me consolara de vos teres exposto a um perigo de que ainda a cada instante me estremece o coração.»

### A MESMA A MADAMA DE SENNETERRE

-----

(1) Aymardina, que vem no texto, não me agradou por ter um som, que orça muito por um diminutivo de cousa que não cheira bem.

[xviii] Sacramento da comunhão dado aos enfermos.

«Vós, minha Mãe, pedir-me ajoelhada, que cause a felicidade de vosso filho e que vá para sempre, sempre viver com a minha Benfeitora? Eu Susana, que me daria por muito afortunada de servir Madama de Senneterre! eu a quem, para a consolar na sua adversidade, uma carícia sua é só bastante! E dizeis vós, Senhora, que sois inteirada do meu coração? Mísera de mim! que dele receiava inteirar-me eu mesma, e que agora averiguo que há impulsos de ânimo impossível de subjugar, e de os esconder dos olhos da amizade. Nunca eu me perdoara essa fraqueza, a não ser de permeio a bondade com que filha vossa me chamais, e o saber que ao menos pus da minha parte quanto em mim coube por preencher os meus deveres acerca de meu Esposo. A aprovação de minha Mãe, mais valiosa que as minhas próprias reflexões me estorva o envergonhar-me mesma.

Sem dúvida que bem inteirada sois do ânimo de Susana, quando mais que segura das afecções que sempre o ocuparam, receiastes que ela recusasse de ir viver em vossa companhia. Mas sem acreditar, Senhora, os elogios que de mui boa me liberalizais, farei que tudo o que é pessoalmente meu se cale, para assim vos fazer certa que uma determinação, um só desejo de minha Mãe, serão sempre a única regra de meu proceder. Irá Susana lançar-se a vossos pés, e dar-vos os agradecimentos de vossos benefícios: e se vos não parece estranho que eu requeira vosso filho de que me não espere, pedir-vos-ia que viésseis até Londres a meu encontro; porquanto necessito de me ver a sós convosco, ao menos para a visita que farei a M. Birton e sua família. Confio tanto na vontade que de comprazer-me em vós conheço, a este respeito, que nem mesmo aguardo a vossa resposta; e como não me atrevo a antever o que fará M. de Senneterre, mais resoluta estou a não lhe declarar o porto do meu embarque: além de que, ele obraria mui desacertado em vir a Paris buscar-me, aonde é certo que me não achasse; pois que eu mesma não sei quando lá tornarei; nem ainda tornarei antes da minha partida.

Adeus, minha Mãe, e Benfeitora minha; adeus bem curto, e então a vosso lado para sempre, Susana, a quem alçastes até vós, aprenderá com o exemplo vosso a se dar a amar de quantos avincularem ao dela

o seu destino. Ah! e quanto, Senhora, com esta ideia me dá abalos o coração! E é certo que cabe em mim cumprir sua ventura!»

«Sempre Susana» (exclamei eu depois de lida a Carta) — «Sim, minha Mãe (me respondeu Adolfo) sim, que Susana é sempre a mesma; sem nada sacrificar ao Amor, sabe todavia obrigar a que a idolatre, a que lhe respeite as vontades, a que a admire o seu amante nos seus mesmos rigores. Tal era Susana sete anos antes, e tal é ainda Susana agora.»

Partimos para Londres na semana seguinte; e Adolfo imaginava que apressava o tempo quando cedia à sua impaciência. Chegou enfim o ditoso dia, em que tivemos a felicidade de nos vermos unidos todos. M. Birton e sua Esposa quizeram dar-se o contentamento de serem os Padrinhos do noivado; achando em sua modéstia, sensibilidade, e graças por todo seu sujeito desparzidas, justificados os elogios, que dela tínhamos d'antemão dado.

Tinha ela, antes de partir de França, assegurado boas rendas a Agostinha e a seu Marido, e feito composição com os herdeiros de M. Depréval. Dos bens que lhe ficaram, lhe deixou meu filho inteira disposição, e foram postos em mão do honrado negociante seu Padrinho de noivado; e nos voltámos com ela quanto antes à quinta que comprámos com as relíquias do nosso cabedal; e lá entre a amizade, e o amor, e o todas as afeições que nos prendem à vida, desfrutamos Adolfo, Susana e eu o sossego que ganháramos com tantas lágrimas; perdida a saudade, às riquezas, às fidalguias, tão penosas mil vezes pelas obrigações que nos impõem. Susana, deslembrada de que nós somos quem tanta ventura lhe devemos, dá a parecer que ela é quem toda a obrigação nos deve da ventura que logra; e em todas as suas acções nos obriga a repetir, todos os dias, com renovado prazer que ela é sempre Susana, sempre a mesma.

( 90 )

FIM

---

[xx] As boas vindas.

[xxi] Ensejo, ocasião.

---



---

 I PARTE

ENVOLTA em profundo sono, (eram sete da manhã) a Duquesa d'Olmancé lhe entra no quarto uma Criada, com um lacaio... Ela acorda, conhece a libré de sua Mãe, e o coração se lhe turva. — «A Senhora Condessa d'Estanges está muito mal; e deseja ver a Senhora Duquesa.» — «Que dizes? Oh poderosos Céus! Que doença é a sua?» — «Mui perigosa, Minha Senhora.»

Entre indizíveis ânsias, trémula, e consternada se ergue, manda pôr a carruagem, e em curtos momentos, ei-la em casa da Condessa sua Mãe, no instante em que lhe iam dar o viático. <sup>[xviii]</sup> Esta, que vê a Filha, com decadente voz, lhe clama: — «Oh minha querida Angélica, <sup>(1)</sup> quão precioso me é prazo, em que tu chegas! (E como chegasse o sacerdote, para preencher seu augusto ministério): — «Permita-me, Senhor, breve demora, que me porá mais digna da mercê, com que o Ente supremo me quer santificar... Oh Filha minha, que de amarguras te verti no peito!... Um monstro!... Cabe-me dar-lhe eu tal título, no estado em que eu me sinto? — Perdoai-lhe, meu Deus, como lhe eu perdoou... Um homem, querida Angélica, ambas nos enganou. Indigna te considerei das máximas que de mim tinhas. Ingrata Filha te chamei... Desnaturada Mãe me acreditaste... Ai!... por testemunha tomo esse mesmo Deus, que presente vemos de que em tudo que eu obrei, entendi obrar como Mãe, que tem a peito a reputação de sua Filha. Perdoar-me-á Deus esse involuntário error, se odiada da minha Angélica, eu entrar na sepultura? Oh dize, querida Filha, (que assim to requer instantemente tua moribunda Mãe) dize: *Eu vos perdoou.*» — «Perdoou, e mais que muito, oh Mãe amada. (Exclamava a Duquesa estreitando-a entre seus braços) — E duvidais-lo? Ai triste! Que a mim é que antes cabe de vos pedir perdão. Vivei, querida Mãe, para me amares, e para que a vossa

Angélica vos adore. E, para súbito perder-vos, eu vos tornei a ver? E  
 v i r i a  
 a vossa Filha ver-vos, para vos apressar a morte! Deus; Deus, sim que  
 nos ouviu...»

As lágrimas, que derramava, e que corriam em regos pelo seio da Mãe, lhe atalharam as palavras; e a Condessa d'Estanges absorta na cerimónia dos sacramentos, que lhe administravam, deu ares de aviventar-se, e o semblante se lhe alumiu com puro contentamento. Tomou nas mãos as da sua Filha, pôs nela enternecidos olhos, em que algumas lágrimas bolhavam; e dos lábios descerrados pareciam sair tais vozes: — «Ah Filha minha; de quão doces agrados nos privámos!» Tanto como ela o entendia a Duquesa assim, sem lho dizer.

Lá perto da noite, mandou a Condessa que lhe trouxessem certo cofre, que entregou à Filha, dizendo: — «Aí depararás individuada odiosa trama; é com ela o meu proceder justificado. Abre-o, quando eu morta for; e como eu, perdoa também ao aleivoso, que a ambas nos enganou; que bem castigado jaz, pois que não se logrou por largo tempo do fruto do seu crime.»

Mal que finalizava estas palavras, inclinou a cabeça sobre o seio, tingiu-se-lhe o rosto de palidez mortal, e expirou. Exclama a Duquesa; cobrem-se-lhe os olhos com véus de morte, perde sentidos; nem os recobra, senão quando acompanhada de Madama de Sémiane, sua amiga e das criadas chorosas, se viu na sua cama. Então é que pelo doloroso silêncio que em todos via, se inteirou que ilusão não fora, mas sim realidade cruel, a perda que experimentava.

Dous dias durante, a não desassistiu, um só instante, sua amiga Sémiane, que nem ir deitar-se quis, contra os rogos, que a Duquesa lhe fazia: antes nesta disferia quantas consolações lhe sugeria a sua ardente amizade: — «De que te afliges, por tal modo, minha amada Duquesa? Não te apertou nos braços tua Mãe, na última respiração da vida? Lance de tanto gozo teu? Que amargo te não fora, se morrera, sem que a viras! Essa indiferença, oh querida Amiga, apesar dos clamores de teu peito, que de nada te crimina, desbotara de amargura os dias da tua vida. Assim é que tanto nos releva não descair do amor dos parentes, como da pública estima: e também, quem nada tem de que arguir-se acerca deles, folga mais de pôr de seu lado o erro, para

assim lograr-se de seu coração, nesse prazo derradeiro. Mas tu, querida amiga, nada tens de que arguir-te, e folgar deves, de que a indiferença de tua Mãe a não acompanhou até à cova.» Assim espargia a cada instante a amável Sémiane, o consolativo bálsamo da amizade na chaga ainda tão fresca de Madama d'Olmancé; que ainda se não sentia com ânimo de abrir o cofre, que no último arranco da vida lhe confiara sua Mãe. Se por caso pousava nesse os olhos, clamava no seu interior: — «E que necessito eu de abri-lo? Antes que expirasse, me viu, e me abraçou, e me deu minha Mãe, quantos testemunhos poude da sua viva e sincera afeição. Quasi que me fica indiferente agora a origem do nosso desabrimento. Assaz vingada sou do meu mais cruel inimigo! Não jaz ele já na sepultura? Esqueça-se o motivo dos rancores nossos. Que vingança mais completa do barbaríssimo Esposo meu, que renovar-se minha Mãe no amor de sua Filha? E quão breve o desfrutei? Ai mísera; que é mais que certo que não nasceu a ventura para mim?...»

Nos dias conseguintes à morte da Condessa, incapaz de nada se viu a sua Filha; de tudo se encarregou a caroável <sup>[xix]</sup> e amabilíssima Sémiane: enterro, exéquias, lutos para a Duquesa, para criados — numa palavra, a tudo deu ordens com acordo.

~~~~~

Haveria como 15 meses que enviudara a Duquesa d'Olmancé: em testamento lhe deixara seu marido grandíssima porção dos bens que possuía; e o título com o restante a um Primo com-Irmão seu. E ora bela, e com sós 22 anos, rendendo quantos a viam pela primeira vez, se lhe estendia nada menos pelo rosto um ressumbro de melancolia, com que mais vivamente carregava a si os ânimos. Bem se lhe via que nela tinha feito presa algum pesar, que ela forcejava ocultar a alheios olhos.

Em casa do Comendador de Selville, que ela amava e respeitava, como se seu Pai fora (ele lho merecia) foi passar o ano do luto. Era o Comendador um homem de 65 anos, respeitável, e cuja presença

inspirava confiança; a melhor parte do ano a passava no seus Paços de Selville, herança de seus maiores, e que desfrutava um dos melhores e mais agradáveis sítios do Universo; encarregou-se de o aformosear a Natureza; nada aí vereis que esquisito seja; se Luxo ali não vedes, vedes todavia a abastança do Sábio: não prazeres estrondosos; mas gozareis lá prazeres puros, e sossegados; se lá derramais lágrimas serão as da doçura. Tudo nesse delicioso solar tem horas determinadas: falo da devoção, e dos empregos, da comida, e dos divertimentos. Só da regra se exceptua a beneficência; porque se capacitou o Comendador que não há prazo em que não seja a propósito exercê-la. Todo o seu ócio dispende em fazer justiça a seus Vassallos, acudir de longe a suas precisões, conciliá-los, remunerar seu trabalho, adoçar-lhe os encargos, verter sobre o pão molhado a miúdo com suores de suas fronteiras, o bálsamo da benéfica consolação. Mas que amado que ele é! Quantas vezes não via Madama d'Olmancé prostrados esses Camponeses aos pés de seu Benfeitor, regar-lhos com suas lágrimas, e o acumular de bênçãos: instantes esses em que a Duquesa não via nele um homem, via um Anjo. Tal era a pousada que essa Senhora deixava para vir a Paris prosseguir uma demanda que lhe intentara o novo Duque d'Olmancé, em razão do testamento que, em favor dela, seu Esposo fez.

Rasgava-se-lhe o coração de mágoa, ao despedir-se das delícias daquele solar; e dos dolorosos adeus que lhe foram feitos, colheu quanto era ali querida: 150 léguas tinha de atravessar até Paris, sem que nada pelo caminho lhe contentasse nem a vista, nem os ouvidos. Um só instante se dissipou com gosto, quando se agasalha em casa do Duque de Nanteuil, e onde lhe foi forçoso aceitar ceia de opípara ostentação, receber a apresentação de 20 Damas do maior lustre de ornato, que a contemplavam penosa e no desalinho duma longa jornada. Melancólica vinha; mas nada lhe tolheu de entre si dizer: — «Que tal para uma guapa, se aqui se vira, tão minguada de enfeite!»

Foi ventura sua que a pôs o Duque ao pé de si, e que a fio lhe falou no Comendador: com o que se lhe afigurou menos prolixa a noite. Na manhã seguinte continuou até Paris, onde chegou a 11 horas da noite quebrantada da jornada; como porém tinha avisado d'antemão a Marquesa de Sémiane, açodada a veio essa amiga ver às

8 horas da manhã seguinte, dar-lhe os emboras <sup>[xx]</sup> de chegada. Queria a Duquesa, assim assoberbada de sono como estava, dar sinais de arrufos; mas não lhe foi possível; coube consentir em 200 abraços da desatinada Sémiane e responder a um milhar de perguntas que ela lhe disparou dum tiro. Que assim se entregou a Marquesa à sua loquacidade usual, que estancou o peito! Convidou-a a Duquesa a que jantasse com ela, mas só pediu a Marquesa auso <sup>[xxi]</sup> de ir a diferentes sítios; o que a Duquesa lhe permitiu e disse: — «Ah! que se te eu pergunto aonde vás, que não acertarias com a resposta; mas eu a sei. Aposto, que antes de findar a noite, já em toda a Cidade (tão inconsiderada és tu) será sabido que eu cheguei.» — «E porque o não há-de ela saber, e participar comigo o prazer que me consola?» — «Oh que maligna peça te pregava eu, se te obrigava a ficares comigo! Vai, querida Sémiane, que antes quero largar rédea a essas tuas visitas, que todo o jantar te abafe esse teu segredo. Mais consinto na tua inconsideração, que em morreres de abafão.» — «Lindamente, bizarríssima d’Olmancé! Sempre sermões: mas por dita minha me regalam os teus sermões. Mas a propósito, o tal Comendador sabes tu, que é um homem que me encanta? que é adorável, em que te deixou partir? que é o primor dos homens? Se ele aqui fora, lá do íntimo do meu coração, lhe impingia dez beijos, nas suas veneráveis faces?» — «Por quão ditoso se não dera o Comendador receber dez beijos da boca duma das mais lindas Damas de Paris!» — «Entras a lisonjear-me? Pois vou-me.»

Excelente coração era o da gentil, jovial, esperta, mas sensível Marquesa de Sémiane; boa e sincera amiga, disferia todo o ardor em prestar às pessoas de seu seio. Sem ser de uma formosura bem regular, tinha pico, tinha agrados: mediana, mas bem proporcionada a estatura, rosto redondo, redondas também as faces, que quando ria (e ria a miúdo) formavam duas covinhas bem apetitosas. Azuis os olhos, fuzilando engenho, nariz um tanto arrebitado, mas pequeno, medíocre a boca, dentes alvos, e lustrosos; lábios, que pleiteavam frescura e cores, com as rosas. Tal era nos dotes do ânimo e de corpo a estimável amiga da Duquesa.

Jantaram ambas sós a Duquesa com a sua Amiga Sémiane, que lhe estranhou a tristeza em que a via. — «E oh que mal que discorres! De que te serve essa melancolia? Não tens contigo a tua mais fiel amiga? Não tens, ou (porque melhor o diga) não temos nós de brevemente ver o nosso amigo Comendador? Cedo dará fim a tua demanda; e te não contenderá esse cobiçoso herdeiro de teu marido, os bens que te são legados.» — «Triste me vês, por certo, mas é suave essa tristeza: e, querida Sémiane, estou para crer, que este meu composto foi diversamente organizado. Essa abastada alegria, que nos outros contemplo, tenho-a como um furto, que à alma se faz.» — «Vivas muitos anos; tu pois crês! que a minha alegria põe estorvos à minha sensibilidade?» — «Tal injúria te não faço, oh minha amada: em geral falei; de convencida que estou, que os que possuem ou que affectam essa brilhante alegria, se desajuizam, e não gozam. Tanto desconfio eu da descompassada alegria, que de chuveiros de lágrimas; numas, e noutras anda alheia a sensibilidade.» — «Sou do teu parecer.» — «Pouca ideia atégora tive do que chamam prazer; e se ele é tal qual eu mo afiguro, tanto se lhe desfalca, quanto se dá a essa loucura, que intitulam alegria.» — «Inda mais essa pecuinha? É que à força de reflectir nela, que eu posso descortinar toda a amplidão dessa ventura, disfrutá-la, e meditar os meios com que, como eu, a disfrutem os que eu bem amo. Acredita o que te digo; quem profundamente sente, raro é que ria.» — «Guapa moralidade! lá a meto nos bolsinhos de coração; mas far-me-ás a distinta de me acompanhar hoje à comédia.» — «Tão mal estamos nós aqui? Quantos divertimentos alardeia esse teu Paris, e a que tal me obriga a assistir, esses bailes, essa vida distraída, esses espectáculos, essas luzidas assembleias, essas ceias finalmente que tão encantadoras afiguram, nada, em tudo nada valem a me encher o coração.» — «Mas enfim não tens de viver como uma emparedada; tens de aparecer.» — «Mais que muito o sei: o meu título o requer; mas quando em mim faço exame, concebo que sacrificio ao uso, que me fica vazia a alma.» — «Imita-me, querida amiga, e a mais afortunada serás de todas as mulheres.» — «Imitar-te? a ti? que sempre foste a mais ditosa? a adoração de tua Mãe? O pensamento de teu marido, que em nada mais que em te aditar se emprega, disfrutar a ventura, sem que imagines que outro estado aí

haja, que desse teu difira. Vives, como embriagada no logro da ventura, e com a queda que para a alegria te conheço, tudo para que ela medre contribui. Se eu não temera proferir uma blasfémia, diria que nenhuma ideia tem da sensibilidade a mais sensível mulher que existe, e essa mulher é Madama de Sémiane.» — «Partamos; que tens a alma exaltada a ponto de tão desesperativa alçada, que assim o quero, e assim o requeiro.» — «Consinto: vamos.»

Ei-las que partem para a Comédia, onde Madama d'Olmancé viu logo encher-se-lhe dum bando de Cortesãos, o camarote, que lhe avultaram a melancolia, com as amáveis sensaborias, que lhe encamparam; de modo que ao sair do espectáculo trazia a cabeça pesada, e a alma assoberbada de tristeza. Passaram dias, e por decência se viu no lanço de ver muitas pessoas, e disso se lastimava amargamente à sua amiga que ria de todo o seu coração de a ver nesse embarço. — «Tornarás, querida d'Olmancé, tornarás ao habitual antigo. — «Quanto enfadoso, oh Céus! Des-que voltei a Paris, seis horas desperdiço cada dia, em carruagem. Andar correndo portões, amostrar-se cinco minutos a cada uma de vinte pessoas com que apenas tenho conhecimento, chegar às dez da noite à ceia a que estou convidada, sentar-se a uma lauta e profusa mesa, em que comer nela e indecente, falar sem raciocinar, jogar sem divertir-se, tornar a casa alfim abafando de enojo e de cansaço... E tal é a vida que acham tão donosa e delectável! Sabes que fui Domingo passado à Corte; que acanhada me vi! bem acanhada. Havia tanto tempo que ali não entrara, que quasi pareci bisonha. A cada instante me vinha ao pensamento, e quasi à língua: "Que alheia morada, oh Comendador; para vós, e para mim!"» — «E não conseguirei eu nunca de emendar-te? Daí me vem todo o meu desprazer. A propósito, ouvi dizer que o novo Duque d'Olmancé, te propôs composição, acerca da demanda.» — «Sim; e que desista eu do testamento, que meu marido fez a meu favor, que me segurarà 60:000 fr, de renda. Se consulto o meu sossego, e o meu modo de ajuizar, estou pela composição; mas tenho as mãos atadas, para seguir o que me diz o coração.»

Bem julgava a Marquesa da Sémiane, que na alma da sua amiga lavrava paixão oculta, que ela bem quisera rastrear; mas Madama d'Olmancé tinha artes com que iludia todas as perguntas. A morte

ainda fresca de sua Mãe, o cofre que ela antes de morrer, entregou à Filha, quasi que convenciam Madama de Sémiane, de que fora, e de que era ainda a sua amiga vítima de alguns infortúnios extraordinários.

Havendo sós 18 dias que Madama d'Estanges morrera, estorvava a severidade do luto que sua Filha recebesse visitas: assim o requeria o uso, e mais o requeria ainda a situação de seu ânimo. Só a donosa Madama de Sémiane a vinha ver e jantar de ordinário com ela: e ora, como a visse tão caseira, lhe diz: — «Que vida é esta que tu passas, querida d'Olmancé! Como não morres de enojo? Desmedras a olhos vistos: necessitas sair, e tomar ar.» — «Sair? fora indecoroso. Porque me não convidas a ir à Ópera?» — «E porque não? Que impossível há nisso?» — «Guapa loucura! Rasgo semelhante é digno de ti.» — «Devagar, Duquesa; que eu melhor que tu cuidas, conheço as leis do decoro. Perdoo-te a Ópera: mas o passeio...» — «Inda menos. Num Camarote tão vista não serei.» — «Oh que ideia tão linda me aparece! Vem cear comigo: creio que te não vedas dos olhos de minha Mãe, nem dos de meu Marido. Não temas; vem distrair-te.» — «Mas tenho criados, que dizem quanto se passa... Que despropósito!» — «Despropósito me parece o teu: perdoa-me o dizer-to. Minha Mãe e meu Marido foram hoje passar o dia à nossa Quinta de Passy, os criados que lá levaram, são criados de confiança: vamos colhê-los de súbito, que tal nos não esperam; e esta saltada te fará infinito bem.» — «Mas se vem gente?» — «Não virá. Estaremos sós. E é o que te basta.»

Determinou-se a Duquesa a ir com ela, capacitada que essa saída não ofenderia nem a etiqueta do luto, nem o que ela se a si devia. Partiram já de noite, que assim o requereu a Duquesa: Madama de Sémiane estava no auge da alegria, e seu marido, e sua Mãe Madama de S. Perés, receberam a Duquesa com os braços abertos, e a cumularam de carícias, e ela os contentou quanto lhe permitia o seu estado; passando a mais agradável noite, no grémio de seus poucos amigos, único prazer que por então lhe competia. Perto das dez, ao sentar-se à mesa, eis que batem à porta, e um lacaios vem dizer ao Marquês, e diz à Marquesa: «É o nosso Amigo, que vem de Versailles, e aqui à nossa porta, se lhe quebrou a carruagem; pede que o

hospedemos: a estarmos sós, eu súbito o apresentara; mas não quisera incorrer na cólera de Madama d’Olmancé.» — «Tudo se evita, dando-vos um abraço, e partindo na minha carruagem para Paris.» — «Isso não: que não é justo que esse estouvado nos prive do prazer de vos possuir. Que é o que eu digo? é muito amável, e bem que moço e de donoso trato, é mui prudente: numa palavra, é o melhor amigo de meu Esposo; tão segura estais da sua parte, como da nossa.»

Insistia a Duquesa em partir, que assim lho clamava certa voz interior; e se ela os seguira Madama de S. Perés se pôs do partido da Marquesa, forçoso lhe foi ceder a seus instantes rogos. Havido o seu consentimento foi Monsieur de Sémiane buscar, e introduzir o seu Amigo, e nele viu Madama d’Olmancé um mancebo do mais gentil semblante, de vantajosa estatura, entre 24 e 26 anos, co’a candura afigurada no rosto, e uns ares de bondade por todo ele desparzidos. Capacitou-se em seu interior que ninguém com maior nobreza se apresentava, nem com mais gabo; e que enfim na pessoa trazia consigo a própria recomendação. Não lhe escapou todavia, que se demasiava na  
elegância
e  
gala, que os mancebos julgam necessária, e que os cordatos tratam de fatuidade.

Fez a Madama de Sémiane o mais agradável cumprimento acerca da afortunada desgraça, que tão officiosa lhe fora, pois que lhe alcançara o prazer de tomar conhecimento com a sua amável Amiga. Respondeu-lhe em poucas palavras a Duquesa; e pouco a pouco tomando a conversação o tom de confiança, que a vinda do hóspede tinha arredado, se sentia Madama d’Olmancé inquieta, sem alcançar a razão, e se admirava que lhe não tivesse a Marquesa nomeado quem era, quando lhe apresentara aquele amigo seu seria distração, seria esquecimento? Essa ideia a aquietou. Vinte vezes pretendeu a Duquesa nessa noite, juntar-se com Madama de Sémiane; e ou já fosse malícia, ou fosse acaso, evitou esta mui a jeito, contentar-lhe esse curioso desejo.

Foi mui agradável a ceia, e o hóspede deu tal demonstração de sua pessoa, que conquistou a melhor opinião de todos. Como a Duquesa tinha de ainda passar o dia seguinte com os seus amigos, para maior distração dela, convidaram o novo hóspede, a que outro

tanto faça. Se a confiança que ela neles punha menos cega fora, facilmente atinara, que havia ali conluio; mas, não desconfiando nada, se foi deitar sem saber o nome do hóspede. Pouco dormiu; que a desosssegava esse mancebo; quisera saber quem ele era; ele a affectava, mas não de sorte que nele tomasse o coração parte; mais pendia para curiosa que para sensível. Maior rebate lhe dava o romanesco dessa aventura, que a presente situação do seu ânimo; tanto mais, que bem segura estava que o não podia amar; e que nem quis nada perguntar às Criadas da Marquesa (falando de seu natural mui pouco a seus domésticos e menos aos dos outros, bem que nunca por desprezá-los). Se o tempo fosse agradável, ter-se-ia levantado cedo, mas fazia frio. Nunca houve noite que mais longa lhe parecesse; Às 8 da manhã lhe entra no quarto Madama de Sémiane: — «Então, querida Amiga, dar-me-ás tu crédito doravante? Não imaginas quão favorável te foi esta sortida! Sempre formosa, mas hoje és formosa e meia. Vem tomar chá, que nós vivemos aqui à Inglesa.» — «Amada Sémiane, tira-me de cuidado. Como se chama o teu hóspede?» — «Folgo co'essa curiosidade; dá bons sinais. Ontem não o querias ver: hoje, para castigo, não lhe hás-de saber o nome.» — «Oh fecha bem o teu segredo. Pelo caso que eu dele faço...» — «Bom! arrufinhos? tanto melhor.» — «És louca, minha querida.» — «Convém comigo ao menos, que ele é muito amável.» — «Convenho; mas que tiras daí?» — «Que tiro? Não é já tempo que tu a m e s ? » — «Bela consequência! Imaginas, que porque eu vi uma vez um homem, fiquei logo afeiçoada? e que por três horas, que com ele conversei...» — «D'Olmancé, que d'afeições e bem duráveis, não vimos nós formadas em menos tempo? Um súbito olhar foi quem sempre nos encravou o amor no peito.» — «É fortuna tua conhecer-te eu bem, que senão... de ti fugia: mas quem, como tu, se funda em máximas tão firmes, pode gracejar afouta.» — «Vivas muitos anos, pela lisonja. Louvas-me, porque de mim careces.» — «Careço; porque sempre me será necessária a tua amizade; mas se cuidas, que por ora me é precisa, bem a podes deixar mui queda.» — «Muito estribas na tua formosura.» — «Cesse o gracejo; que me não sinto com disposição de amar, e muito menos esse teu amigo.» — «Que indiferença! Quão

ridícula que eu sou! Imaginava eu, que quem passara 5 anos c'um marido velho, caquético, gotoso, sobre cioso, e que os rasgos que na sua vida merecem que os cite são só dous, o de testar, e o de morrer, que quando a 22 anos se acha viúva, e formosa como um Anjo, e c'um coração sensível; imaginava (torno a dizer) que tempo de amar era. Mas foi erro em mim. E muito mais arrazoado espinhar-se de rigores, viver, ou antes ir-se finando entre perpétuas friezas.» — «Tu consideras pois o amor, como supremo bem? E eu estou persuadida que amor é um tormento: e terás por bem, que não me exponha a experimentá-lo.» — «E tu terás por bem, que te eu faça desdizer. O amável hóspede terá mais poderes que eu.» — «Muito menos: que em ti confiança tenho; e ele não o conheço.» — «Mas ele é tão bem apessoado, de tão rara amabilidade...» — «Para a convivência muito bem; mas para marido!...» — «Quando melhor o conheceres?...» — «Não é esse o teu pressuposto; que, a sê-lo, não me encobrirás seu nome.» — »Engenhoso é o jeito que lhe dás? Vem, que por ti se espera, matreira d'Olmancé.»

Assim rindo, e gracejando foi conduzindo a Duquesa ante a pequena assembleia, que junta estava já. Continuava o hóspede a dar-se a querer, dirigindo mais particularmente a Madama d'Olmancé as suas gentilezas; e de modo se houveram com ele os seus amigos, que ficou só por só com ela, que então viu claro, que havia ali conluio. Mui destramente se portou esse fidalgo na declaração que lhe fez do seu affecto; e de que não era essa a primeira vez, em que a vira; que o respeito lhe impusera até então silêncio, e que a morte da Condessa d'Estanges lhe atalhara apresentar-se ante ela; que com sumo gosto soubera quão estreita amizade lavrava entre ela, e Madama de Sémiane, e seu Marido, seus mais íntimos amigos, de cuja amizade esperava que lhe servisse de ponte para a afeição que lhe votara. Rindo ouviu a Duquesa semelhante declaração como se fora mera galantaria; attribuindo-a por inteiro, ao tom de galanteio, que todos os homens usam com as Damas, quando se vêem a sós com elas. Este seu ar de riso, que afligiu o adorador da Duquesa, fez que ajoelhando-se a seus pés forcejava provar-lhe quanto a sua declaração fora sincera.

Confessemos que Madama d'Olmancé se via bem torvada no papel que ali representava; e que foi dita sua, que Madama de Sémiane

tendo assentado que assaz largo prazo lhes dera para que se explicassem, a livrou aparecendo, do mais cruel empacho, em que nunca se vira. O ruído que a Marquesa fez quando entrou, deu força ao extremoso amante a que se servisse do lenço para encobrir a torvação de seu rosto; mas com o lenço que tirou, veio de envolta uma Carta, que lhe caiu aos pés da Duquesa. Afigurai-vos, quanto atónita ficou, quando sobrescrito deu acordo de letra sua; sem que o desse a perceber, se apoderou dela: abrolhos eram quantas ideias lhe surgiam. Como? por que incidente, tem letras minhas um homem que eu não conheço? Quem é que lhas confiou? Donde é que as houve? Quer averiguá-lo; toma leve pretexto para sair... E oh como ficou desacordada, quando  
acertou  
 à primeira vista, com a Carta, em que ela respondia ao Duque d'Olmancé, ao herdeiro de seu Marido, com quem ela andava em demanda, e com quem acabava de falar, Carta (como digo) em que respondia à composição que esse Duque lhe oferecia.

Um instante bastou para ver com clareza, que enganados os hóspedes seus pela aparência da conveniente e recíproca utilidade, entenderam, que com um casamento concordavam, e punham termo à enfadonha continuação duma ruidosa demanda. Bem ajuizava ela que os dotes exteriores do jovem Duque, desculpavam o feito; mas nada menos a indignava de que nesse seu projecto a não tivessem ao menos consultado: parecia-lhe que bem merecia ela esse cuidado. Dizia mais entre si: no procedimento do Duque o que eu unicamente vejo, é que o sórdido interesse o empuxa a querer-me por esposa: odioso carácter é o seu. Não dou crédito a esses lumes fulmíneos, que repentinos abrasam um coração. Assim não me é dado lisonjear-me, de que assentei domínio no seu peito; ele só na minha herança cravou os olhos, e considero como vil baixeza a demonstração que agora fez a meus pés ajoelhado.

A condição singela da Duquesa avaliava com desprezo quanto podia dar ares de astúcia para conseguir seu pressuposto. Ganhar-lhe-ia a estimação, se puramente lhe dissera: «Sou o Duque d'Olmancé, concedei-me a mão de Esposa, e findem assim nossas demandas.» Mas o caminho oblíquo, e obscuro que ele tomou, a indignava: afligia-se de que ele imaginasse, um só instante que por gentil e apessoado lhe teria

penhorado a vontade, e a teria determinado em favor seu. Nesse seu proceder unicamente via um amor-próprio excessivo, e um menosprezador insulto a ela feito.

Rebentaram-lhe lágrimas, quando atinou em tal e copiosas lhe vertiam quando Madama de Sémiane inquieta de sua longa ausência, a colheu subitamente em tal estado. Assustada em sua ardente amizade, eis que lhe argue a Duquesa soluçando: «E és tu, quem me é assim traidora! Que poderes tens tu no meu coração, para mo tiranizares assim? O nome d'Olmancé é o meu ódio; bem a pesar meu o consinto em mim; e tu queres agravar-mo. Graças ao Céu, que com esta leitura, me atalhou nas orlas do precipício! a um acaso a devo, que assim cabe que o credes: dá-a a quem ela foi escrita; que há-de ser a única, que ele de mim receba. Rompo tudo o que for composição; nem a vereda que ele tomou lhe encurtará caminho: nunca mais o hei-de ver; a casa vou, de cuja me arrancaste contra meu dever; justo é agora que eu sofra o castigo da minha imprudência.»

Foram vãs quantas lágrimas, quantos rogos, e desculpas Madama de Sémiane dispendeu, para retê-la; inflexível partiu; mas dentro dum quarto d' hora já a Marquesa lhe entrava pelo quarto: «Tu me mal queres, oh minha querida d'Olmancé? Não cabe em mim suportar a tua malquerença. Argue-me quanto queiras; e a achar-me culpada castiga-me, mas ama-me. A tua amizade me é tão necessária, que sem ela não tenho vida.»

A tão terno movimento da alma, e com tanta rapidez pronunciado, não pôde resistir a Duquesa; arrojou-se-lhe nos braços dizendo-lhe: «Nenhum mal te quero, cruel amiga, dado que me hajas rasgado o coração. E tens tu por tão livre este coração, ai mísera! que tu possas, a teu gosto, dispor dele? Ah! Sémiane, que me perdeste! Se anteviras o mal que me fizeste!...» — «Perdoa-me, amiga minha, oh perdoa, que muito to suplico.» — «Ai de mim, que se vai assoalhar esta aventura: e esse teu Duque d'Olmancé tem presunção de si: bem se lhe conhece na familiaridade com que trata as Damas. Embora se ela não embandeire ramo doutros vícios. Correrá rumor que me ofereceu a mão de esposo, e com ela o fim da demanda; e que a não quis eu aceitar. O Público, que se leva dum nome nobre, e mais ainda dum bem apessoado cavalheiro, me acusará de extravagante na injustiça

aparente que faço a um ídolo desse mesmo Público. Tem de supor em mim alguma outra afeição; e bem feliz serei se lhe não der alguma tinta de vileza, considerando o segredo, que parece que eu nela guardo. Os meus juízes, e os que patrocinam a minha causa se resfriarão, e o que ontem lhes parecia direito incontestável, tê-lo-ão à manhã por um requinte de interesse, que me induz a fechar comigo, o que eu tão nobremente repartiria com esse a quem a Natureza deu tão legítimo direito. Assim que, nesta alternativa, ou carreo o público menospreço, ou de mim faço penosíssimo sacrifício. Vê o que fizeste; e dá-te do feito os vivas.»

Angustiada ficou Madama de Sémiane, que imaginara afortunar a sua Amiga. Representava-lhe os úteis desse casamento, que dum só golpe, cortava todas as contestações; debuxou-lhe co'as mais lisonjeiras cores, as boas qualidades do Duque, a plana em que se ostentava na Corte, a geral estimação em que o tinham, e mais que tudo a boa índole, que lhe prometia dias venturosos. Lágrimas foram a única resposta da Duquesa; resposta que Sémiane mais que muito c o m p r e e n d e u .  
—«Minha querida d'Olmancé, repara que ainda é tempo, faze reflexão, que to peço eu. Consente que a razão esclareça o que te melhor convém; vezes há em que o coração reluta, mas descontado se vê depois dos murmúrios que afogou em si.»

Despedida da Duquesa a amável, e inconsequente Sémiane, ficou Madama d'Olmancé pesando os quilates das razões, que lhe opusera a sua Amiga; emudecida, e pesarosa lidava entre padecimentos, e agonias: exclamava: «Não por certo; tal não posso... Excede as minhas forças tamanho sacrifício; não tenho de o consumir. Não é inda bastante ter devorado por violência 5 anos de amarguras; inda me querem roubar o único bem que me ficou? O bem de derramar em liberdade as minhas lágrimas? Imploro-vos, meu Deus: sede meu Guia; indicai-me o que fazer me cumpre; apiedai-vos duma infeliz mulher. Cruel Sémiane, que abriste as feridas mal cerradas de meu peito!»

Poucos dias depois da cena que se passou em casa de Madama de Sémiane, chegou a Paris o Comendador de Selville, que entrado da

tristeza profunda em que via a Duquesa d'Olmancé, não lhe foi custoso arrancar-lhe do seio o seu segredo, que lho confiou essa afligida Senhora, com súplicas de que com seus conselhos a ajudasse.

R e v e s -  
 tiu-se o venerável Comendador no seu semblante duns ares graves, reflexivos, e aparatosos, chegou a sua cadeira junto à da Duquesa; e fitando nela os olhos que denunciavam amor paterno, lhe disse: «Nos conselhos, que me pedis, serei talvez prolixo; mas digno nada menos da confiança, com que me honrais. Não imputeis aos meus longos anos a severidade das minhas máximas: a velhice me granjeou experiência, e fez emudecer as paixões, que tiranizaram os verdores da mocidade; a única paixão que de todas conservei, foi a da Amizade que vos tenho, à qual dão vigor novo, os perigos que ora correis. Do respeito, que vos consagro, e do muito que prezo as vossas virtudes nascerá a minha inflexibilidade. Para a gente ordinária se fez a lisonja; para quem se proporciona, segundo suas forças, o peso dos deveres, que tem de preencher: às almas porém dotadas de energia apresentase-lhes o espelho da verdade, sem que nada o empane. Vale mais que corra o sangue da ferida, que acalmar-lhe a dor com paliativos que a façam incurável.

Convenho que obrou como estouvada Madama de Sémiane: que não é justo que o zelo de prestar a um Amigo transponha os limites da prudência. Serviços há, que se lhe não devem fazer, senão quando os autoriza a madura e porfiada reflexão. Nem nos estreitemos no gosto de obrigá-lo; antevejamos as consequências desse préstimo; e quando dele haja de seguir-se desgraça, rejeitemo-lo. Desculpemos todavia a Amiga vossa; enganou-a o coração, não reflectiu. O mal está feito, minha querida Duquesa; o único remédio é o que ora vos direi. Bem anteviu a vossa sagacidade que efeito essa aventura faria no Público, efeito, que não falha. Resistis? um punhado de Amigos vos defenderá; a gente capaz, que vos não conhece, calar-se-á, e os que se sustem no Mundo arrimados num bom dito, aguçado pela malícia, vos penalizarão. Senti-lo-eis; entrar-vos-á na alma a desesperação; e por que motivo? Porque alimentais no peito uma infeliz paixão.

A conversação que tivemos, me malsinou, que vítima sois de amores que vos pesaria descobrir; de amores ignorados talvez do

objecto, que lhes deu nascença...» — «Comendador! Comendador, que duríssima expressão! Pejar-me eu de articular o objecto da minha ternura! Que cruel que sois, quando supondes em mim vergonhosa afeição, de que eu me não afoutasse a dizê-la ao meu Amigo, ao homem que eu mais respeito!» — «Quem tolhe pois, Madama, que não conheça eu a pessoa que soube cativar-vos a vontade, se ele não é indigno de vós? Não me fica a julgar, que em desabono da vossa formosura, e das virtudes vossas, com indiferenças retribui amor tamanho! O amor é um movimento da alma, em que ela não tem domínio; e bem compreendeis vós, que quanto mais inteirado estou da vossa virtude, menos vos desculparia semelhante frouxeza? Vós! sacrificares a um indifferente a vossa dita, e os clamores da Natureza! E quem! Madama d’Olmancé? O modelo das do seu sexo? Ainda é tempo: restitui-me a minha Amiga; a mim a quem só cabe o admirar-vos, custosíssimo fora ter de vos lastimar.» — «Oh não ofendais, Comendador, o objecto que o meu coração idolatra. A escolha que dele fez o meu amor, é a mais justificada, e a mais nobre. Desde o berço o conheci, foi da minha infância o encanto; nos braços de meu marido me perseguiu ainda, e não tem de se extinguir, que no jazigo. Um homem unicamente há em todo o universo que semelhante chama, em mim acender possa; chama, que é o meu suplício. Digno é de mim pois que dele fiz escolha. Uma palavra que eu pronuncie, e envergonhar-vos-eis de o não teres adivinhado.» — «Sempre misteriosa! Falai, que vo-lo peço eu.» — «Ignora este funesto amor, aquele a quem adoro. Que é o que eu digo? Oh! que o não ignora; nem há aí cousa que escape aos olhos dum Amante. É fácil o trairmo-nos, quando amamos. Sem me falar, me disse tudo. Colhi o seu segredo, como ele pode colher o meu; que pode o amor ocultar-se antes os olhos indifferentes, mas nunca aos olhos interessados. E que importa que ele o meu segredo saiba! Oh não vos pese, Comendador, de que ignoreis segredo tal. Que poderíeis fazer, para que eu feliz fosse? Nada. Poupai ao meu semblante as cores que o cobririam, se o objecto da minha fineza vos eu nomeara. Se alcançásseis esse fatal segredo, meteríeis toda a força por que, para satisfazer a inclinação de meu peito, cometesse uma injustiça.» — «Duma suspensão me lançais noutra (lhe disse o Comendador).

Contemplai que nos arremessou ao mundo um capricho do acaso. Infeliz daquele que imagina que nada lhe deram a preencher, nada a sacrificar, em proveito de seus semelhantes. Muito se afasta das intenções da Natureza, quem cede aos movimentos do seu coração, quando estes contrariam a ordem instituída. A natureza vos prendou com uma índole, com uma formosura, que podem assegurar a felicidade dum homem de bem. Possuis quanto contribuir pode, para servirdes de exemplo, neste universo: alto nascimento, e amor de vossos deveres, união que (por desastre!) é raríssima; possuis devoção cristã, e sociais virtudes, que prometem a melhor Mãe de família. Dotes esses, que só o Céu os dá para que dêem fruto; nem vós podeis, sem culpa insigne, sepultar em vergonhoso celibato, esses donativos da natureza; essas esperanças da sociedade. Renunciar a essa fidelidade quimérica, cujo objecto não quereis manifestar-nos, nem vos sacieis de lágrimas, que ninguém virá enxugá-las, nem vos alimenteis de suspiros que não serão ouvidos. Vireis portanto a perder tudo; a perder essa própria amizade, essa confidencia, que é o feitiço desta vida, e o alívio de todos os nossos pesares.»

Tinha a Duquesa imóveis e cravados no Comendador os olhos; e ele que percebera o vivo efeito, que o seu discurso nela produzira, e dera fé dos combates, que ela sofria, levado sempre da amizade que lhe tinha, foi continuando assim. «De que mal quereríeis vós que vos lastimassem? Com que afouteza o requereríeis vós? Há compadecidos peitos para males verdadeiros; mas males imaginados só deparam com tibiezas. Se embora vos respeitassem a reputação!... Longe se vai de vós esse alívio: e enquanto se vos resvalarão os dias entre amarguras, há-de a calúnia porfiar que são de flores tapiçados. Estragareis os anos juvenis no tumulto duma tempestuosa paixão; apagar-se-á em vós a vivacidade da alma; assustar-vos-á a bonança

-----

(1) O Original lhe chama Cavalheiro S. Jorge: mas eu pelo não confundir com o *Homem de ferro* ou com o Page de S. Jorge que o acompanham, com os cavalinhos na Procissão do Corpo de Deus, lhe mudei o nome, como já mudara o de Aymardina.

que lhe vem no séquito; e quando vos lisonjeais que ressurgis num Mundo novo, já de vós terão fugido os prazeres, a juventude, os amigos, e até o mesmo amor. Virá abraçar-se convosco o enojo até à sepultura; e a lousa que era consagrada a significar à posteridade as virtudes que exercestes, e na qual viriam vossos Netos aprender a imitá-las, ou envergonhar-se de ter de vós degenerado; sim, esse mármore, que a gratidão vos prepara, seria o mais severo censor vosso. Tais destinos vos aguardam! Quem agora vos fala, ah! Duquesa! é um Amigo. Temei, temei encontrar, na vossa Consciência, com um Tirano. Aqui se vos aparelha uma acção generosa; duvidará obrá-la a Duquesa d'Olmancé? Nada mais espereis de mim. Fiz o que devia. Se tal que mo descreveis, é o Herdeiro de vosso marido (e é raro que acompanhe a geral estima a quem a não merece) cumpre que vosso Esposo seja. Vossa ventura fora, que vícios o manchassem, que nos olhos do Público vós veríeis desculpada. Esse Público porém não requer de vós acção precipitada. Aí está o prazo do vosso luto, está a reflexão devida a um tão importante negócio. Servindo-vos de um e de outra, estudai-o, tomai conhecimento de seus costumes, suas inclinações, e no que ele é habituado; e sereis admirada na prudência; levar-vo-lo-ão a bem.

Como coube à triste Amizade cumprir com tão rigoroso dever! A que prova tão cruel a pondez hoje! Eu, que resgataria com o meu sangue o prazer de vos contemplar ditosa; eu mísero de mim! sou quem vos despedaça o coração...» — «Cruelmente mo despedaçais, Comendador! Bem que já d'antemão me tinha a minha alma dito quanto vem de pronunciar-me a vossa boca. Que fizeste; oh cruel Amiga! oh Sémiane! Oh meu Pai! oh meu Amigo! Terrível sacrifício! Terrível... mas vereis que de vós sou digna... Hei-de consumá-lo. Consumá-lo, sim.... Creio que acharei forças em mim... Tentá-lo-ei, se mais não posso... Dizeis que venturoso fora para mim, que vicioso

-----

[XXIII] Apesar da nota que o autor colocou na página anterior, a partir daqui esta personagem é nomeada por Filinto (ou pelo seu editor já que o poeta não fez a revisão deste volume) por Cavalheiro de S. Jorge.

fosse o Duque D'Olmancé; que me desculparia ante os olhos do Público!... Ah! quão forte que é vossa Amizade! Tão forte que se abalança a desluzir a inteireza do vosso coração! Não é tamanho o ódio que eu tenho ao Duque, que lhe tal deseje; e que talvez fora ainda uma razão mais para dar pressa ao meu sacrificio. Quem sabe se eu talhada não fui para o reconduzir à virtude? E que não seja por essa acção, que eu mereça a inestimável recompensa, pendente do triumpho, que o Céu ordena, que eu de mim mesma alcance?

Nenhuma seguridade me acompanha acerca dos costumes do Duque; longe estão de sossegar-me as informações que dele tomei. Quantas qualidades há que carecem estimação no Mundo, ele as tem; tem valimento com o Monarca, e nada menos vive sem rancor dos outros Cortesãos; prova manifesta da flexibilidade (melhor direi) da hipocrisia do seu carácter. Difícil é que num meneio tão manhoso, não entre liga de baixeza; tem valor, e de muitas contendias saiu com bizzarria; o que, me parece dar antes provas d'orgulho fácil em se inflamar, que de assentada valentia. É magnífico, assim é; mas está endividado. Que concluiremos daí? Que falha em economia; e que há menos caridade, no bem que faz aos pobres, que ostentação; e que a dispendido que é justo, contenta a sua generosidade. É bom para com os de casa, humano para com todos os criados; um porém único possui a sua confiança. Segue-se que alguns tratos encobertos ele tem, que passos dá, que o envergonhariam, se sabidos fossem. Boas companhias, e companhias ruins o conhecem: sinal certo, que as primeiras cultiva por decoro da sua plana, e as segundas por affecto: porquanto há nelas essa particularidade, que umas dissaboreiam das outras, e não se pode amar umas e outras ao mesmo tempo. O homem, que por gesto, vive na sociedade de gente de bem, desgosta-se da união que libertinos travaram; e o que (por assim dizer) se atolou nesta, se conhece desapontado e desconforme na companhia honrada. Quantos Mancebos, d'agora não vi eu, necessitados pelo estado, que tinham, a aparecer

nela, e ali estarem como estátuas, ou (o que peor é) mostrarem insuportável descomedimento: apresentar-se a uma Dama, com o mesmo descoco, com que iriam a prazo dado; cumprimentá-la pela mesma toada com que cataneariam uma mulher pública? querer discretear em tudo, e só desfechar equívocos, e obrigar as Senhoras a abaixarem a vista, em razão do fito olhar desamparado de pejo, e em que a impudência tomou o lugar ao comedimento, com que eles vos encaram. Eis o retrato dos três quartos dos nossos Mancebos; e eis também, ou pouco menos, o retrato (infelizmente!) do Duque d'Olmancé.

Não falo no como ele cumpre com os deveres de Cristão; quisera-o fundado neles; porquanto cedo ou tarde, reconduz o homem a si mesmo, ou (porque melhor o diga) o reconduz ao principal fim para que se lhe outorgou a vida. Mas por grão desastre desta era nossa, tal é a presente depravação, que é esse o único artigo que escapou à sagacidade das pessoas a quem encomendei que lhe esquadrinhassem os costumes. Posso-lhos eu suspeitar puros? Oxalá que eu me engane, e temerário seja o juízo que dele formo!»

Ainda que se calou o Comendador, assaz tinha no conhecimento do interior do Duque com que dissipar as prevenções da sua digna Amiga, mas houve que era prudência aguardar ocasião mais favorável, para com melhores predicados o designar à Duquesa: tanto que entraram logo Madama de Sémiâne, com seu Marido, e Madama de S. Perés, que vinham visitar Madama d'Olmancé; e como se decidiu que passariam ali o serão, empenharam-a a que lhes contasse os infortúnios que tinha padecido; em que ela consentiu, e falou assim.

«Nada que dizer-vos fica acerca da origem donde venho, que de vós é tão sabida como de mim mesma. Último garfo duma família illustre, disséreis, que se não prolongou na antiguidade a lista de meus Avós, que por unicamente crescer a mágoa de seu derradeiro Filho, no qual ao ver-se extinguir em mim esse nome, que as batalhas, os títulos, as honras, e as mais conspícuas dignidades da Coroa tinham largos tempos alumiado com glorioso resplendor; essa mágoa (digo) subiu a tão extremo auge, que conduziu meu Pai à sepultura. Ambos vítimas fomos da vaidade desse nome; ele que não poudo sobreviver à extinção da sua linhagem; e eu que me vi privada das carícias, a que me dava direitos a Natureza. Nem no instante da sua morte me viu meu Pai; que fora rasgar-lhe mais a chaga semelhante vista. Minha Mãe, que nunca se levou de intenções tais, tomou acerca de mim diferente rumo. Oh que feliz eu fora, se me houvera sempre durado o tempo da infância!

Sabeis que ficou minha Mãe viúva de pouca idade, formosa, e rica, e que se negou a novos desposórios; que a não poupou a calúnia, envenenando o que ela de virtuosa obrava para empregar unicamente todo o desvelo: e o casamento, que depois se me seguiu com Monsieur d'Olmancé, confirmou no juízo do Público, o que a malícia dos ruins, d'há muito espalhava com prazer. Parte de tudo o que tenho de relatar-vos, mo deu a saber o Cofre; porque antes melhor notícia não tinha eu do que a que o Público tinha. Que bem podia eu historiar-vos todos os meus infortúnios, sem poder inteirar-vos de sua verdadeira origem. Mas não antecipemos a carreira dos acontecimentos.

Grandíssima parte do ano a passava minha Mãe, numa soberba Quinta, situada em Normandia; e só três meses vinha residir a Paris. Ora como ela possuía todos os talentos agradáveis, tomava por gosto enfronhar-me nos tirocínios deles; e enquanto residia em Paris, cuidava em me dar mestres, que aperfeiçoassem o que ela somente desbastara. Ora tínhamos por vizinho a M. d'Olmancé, que pouco a pouco, foi quem só compunha a nossa sociedade. Era de ânimo soberbo, de condição zeloso, e de máximas pérfido; em casa déspota, em amor tirano, e na amizade hipócrita. Nunca os mais odiosos vícios se envolveram em mais formoso manto. Bem apessoado, e gentil homem, bem ornado o juízo, mui agradável na conversação; com todo

o aparato da bizzarria, da sensibilidade e da lisura. Brillhante máscara, que cobriu até à morte o mais disforme monstro? Ah, caros Amigos, que essa máscara foi quem vo-lo deu a amar; e quem meu espanto foi e minha desesperação!

Bem persuadidos estais de quanto a minha Mãe essa intimidade bem agradar devia; e ele quasi sempre nos assistia na Quinta, quando nos lá morávamos; connosco vinha a Paris, como quem facilmente se desprendia de seus postos, em razão da Paz: enfim (porque assim o diga) era o amigo íntimo da nossa casa. Nem deram estranheza os princípios dessa comunicação; e se acreditou que minha Mãe, moça ainda, renovaria matrimónio. Tinha então 30 anos, e M. d'Olmancé 45, ambos de illustre nascimento, ambos amáveis, e que se convinham nada melhor. Minha Mãe ficava isenta das reprovos, que se carreia a Mãe viúva, que, com filhos vivos, entra em novas núpcias: porquanto a mim, pelas deixas de meu Pai assaz rica, me não fazia agravo algum: mas decorrendo os anos, sem que tivesse lugar o casamento, começou a padecer a reputação de minha Mãe, que considerava M. d'Olmancé, como um Amigo de quem pendia o decurso feliz da sua existência; mas o Público lho dava por Amante. Penalizavam-se de que lhe desse tanto predomínio em mim a estreita sociedade que com minha Mãe tinha: murmuravam do mau exemplo, que ela parecia dar a meus tenros anos. Essa opinião geral não sabida de minha Mãe, o era muito de M. d'Olmancé; e ele que seguia seu pressuposto, para entreter essa presunção no espírito público, nada punha em descuido: atenções no exterior, galanteios como furtados à vigilância, pesada tristeza na ausência, alvoroçada alegria ao vê-la, nada lhe esquecia. Logro em que minha Mãe caiu, e o Público ainda mais.

Todos, e ainda minha Mãe mesma ignoravam a tenção de M. d'Olmancé, que insensivelmente me tomou entranhável affecto, que, com muita arte esconder soube. Tinha um Irmão mais velho que gozava do título de Duque, e como tal possuía (por assim dizer) todos os bens da casa: era sim viúvo e sem filhos; mas podia casar segunda vez: pelo que, era medíocre o haver de M. d'Olmancé, nem podia naturalmente esperar que minha Mãe, em despeito da afeição com que o tratava, se resolvesse a sacrificar as esperanças de sua filha, contraindo com ele conveniente aliança em quanto à nobreza, mas

infinitamente desproporcionada, enquanto aos bens. Verdade é que Minha Mãe, cuja ambição não ignorais, punha mais alto o fito. O Conde Federico de W\*\*\* dos pequenos soberanos de Alemanha, nas vindas de W\*\*\* a França, algumas vezes me viu, e me distinguiu; e minha Mãe, a quem atenções tais não passaram por alto, concebeu esperanças, de unir o destino de sua Filha com os dum Soberano, e ver-se então com altos poderes numa Corte, onde findasse a carreira da vida no regaço das grandezas, cujo esplendor lisonjeara sempre a sua presunção.

Nem o Marquês d'Olmancé que lograva de toda a confiança de minha Mãe, ignorava esse desígnio, nem quantos projectos ela traçava acerca de mim lhe eram occultos. Consultava-o, e cada consulta era um feixe de serpentes que lhe ela metia no seio. Que lhe não permitia seu ânimo doble <sup>[xxiii]</sup> patentear os arcanos de seu peito; e o muito que de minha Mãe precisava para concluir facilmente o crime, que meditava, lhe fazia força a que affectasse grandíssimo interesse na minha futura elevação; e a que a lisonjeasse com o fingimento de aprovar quantos meios ela, para consegui-lo, empregar queria. Não tardará, caros Amigos, saberdes quão indigna trama urdia esse monstro, nas profundezas de seu coração. Nenhuma confidência, nem uma só palavra, que accusasse o amor que me tinha, nem um único movimento que deixasse ressumbrar os ciúmes que o consumiam. Todo candura, todo probidade, e desinteresse, que como paredes serviam de aposento às Fúrias, e que umas à volta de outras a Avareza, o Amor, e o Ciúme se pleiteavam. Numa palavra, era o Crime que vinha pululando, e cujos projectos só os conhecia o bárbaro, que tacitamente os cultivava.

Forçoso é finalmente que suba de meu seio à boca o nome tão prezado, o nome, que eu não posso articular sem torvação, sem brotar lágrimas, esse único nome basta para que vejas ao claro a minha alma, e seus segredos. O Cavalheiro de S. Pórcio... <sup>(1)</sup> mas... a voz se me entala. Perdoai à vossa infeliz Amiga os soluços que a sufocam... Mísera de mim! Já, em razão desse amor, me perseguiam cruamente; e ainda eu, que amava não sabia. Já eu era vítima do ciúme horrendo de um marido, o opróbrio da prosápia, o flagelo de minha Mãe, quando nem ainda suspeitava em mim a afeição que tinha à mais querida

pessoa. Já me castigavam, por um amor de mim não conhecido; e cujo intérprete primeiro me foi a barbaridade de meus perseguidores.

Foi (para assim dizê-lo) criado comigo o Cavalheiro de S. Pórcio, e como ambos da mesma idade; contíguas as fazendas paternais favoneavam essa comunicação fundada desde as mantilhas, e habituados ambos aos brincos da infância, a amizade como de Irmãos foi do amor a precursora. A época em que o prestígio das paixões toma o posto do sossego da infância, fez que medrasse a precisão acostuada de nos haver juntos: desfrutávamos prazeres não agudados de sustos, e já violento amor d'há longo tempo nos animava, sem dar fé do que se entende pelo nome *Amor*. Nem o Público, nem a minha família, nem ainda minha Mãe, se inquietavam da intimidade, que entre nós corria, dês-que ao sol se abriram nossos olhos. D'Olmancé foi o único que esse affecto rastreou em nossos corações: que ávido empolga o Crime quanto lhe lisonjeia os interesses; e nesse rastreador amor librou ele o bom sucesso de seus odiosos intuitos; e a seguridade em que todos, e ainda nós mesmos estávamos enquanto à pureza de nossas afeições, teceu o véu com que ele encobriu a meditada execução.

Tinha M. d'Olmancé um Lacaio mancebo, em estatura e anos assemelhado ao Cavalheiro de S. Jorge: <sup>[XXIII]</sup> a autoridade de seu Amo, dinheiros que lhe este prodigou subjugaram esse moço; que veio a ser ministro da mais horrenda trama. Dias havia já, que o Cavalheiro de S. Jorge, reteúdo em casa por indisposto, não viera ver-nos; e eu, na minha franqueza demostrei enojar-me dessa ausência, da qual minha Mãe igualmente se inquietava, sem alguma desconfiança de mim; tão sossegada a tinham meus provados costumes, e austeras máximas! Dous fidalgos provincianos, da amizade da nossa família, e os únicos estranhos que então residissem na nossa morada, tinham presenciado a afeição que eu demonstrava ao Cavalheiro de S. Jorge; e bem que soubessem que essa amizade, d'há muito tempo, nos unia, não tiraram dali consequência alguma, que à minha reputação desfavorável fosse. D'Olmancé foi quem somente imaginou valer-se dessa circunstância para me deitar a perder.

«Segundo o uso ordinário instituído em nossa casa, às 11 da noite cada um se ia deitar. Logo que eu abracei minha Mãe, entrei no meu

quarto: as notícias que tínhamos recebido da saúde do Cavalheiro, que prometiam perfeita melhora, tinham apaziguado o meu dessorço, e assentado paz no meu coração. Despedidas as Criadas, repousava eu no grémio de suaves esperanças de ver quanto antes o meu Amigo. Que bem arredada estava eu então de chamar-lhe meu Amante! A confiança natural, que existe, numa pousada onde só moram parentes, amigos, e servos fiéis, descuida de cautelas; e tanto, que nunca fechava a porta do meu quarto. Tudo estava quedo, tudo em casa dormia. Só velava o Marquês ocupado no seu detestável projecto. Às duas da madrugada, vai acordar o laçao (que eu disse) e o inteira do que há-de fazer. Era o meu quarto ao rés do jardim; e como de casa sabia os cantos dela; sai do seu quarto com o laçao, e sem luz, entram na antecâmara onde d'Olmancé recomenda ao laçao silêncio, ânimo, e acordo; mete-o no meu quarto, fecha a porta, tira a chave, que arremessa num retrete, <sup>[xxiv]</sup> porque lhe não atinem com o embuste, e sobe ao seu quarto.

Só lhe faltava completar o crime. Que espantoso abismo é o coração humano! Ver-vos-ei amarelecer do horror os rostos, oh Amigos meus, quando ouvirdes que homem vós e a França inteira honraram com a estima sua. Pega o Marquês numa vela, desce, bate na porta da câmara de minha Mãe, segunda com cautela os golpes; acorda Madama d'Estanges, diz à Aia que pergunte quem é; e diz-lhe que abra quando soube que era M. d'Olmancé; e com pasmo de o ver a desoras, lhe pergunta altera que ocasião o traz ali. — “A honra da vossa casa, que me é mais prezada que a minha; pelo muito que a zelo, calar não posso o que nela passa.” — “Assustais-me, Marquês; acabai.” — “Rasgar-vos-ei o coração, e mui cruamente; mas assim releva. Terrível obrigação, em que a Honra vos põe! Senhora, armai-vos de coragem.” — “Oh! que me matais, Marquês! Dizei o que é.” — “Pois bem: Vossa Filha... O Cavalheiro de S. Jorge...” — “Estremeço!... Minha Filha!...” — “Desditosa Mãe; ouvi pois, que a moléstia do Cavalheiro de S. Jorge foi fingimento. Neste instante se acha na Câmara de vossa Filha, e...” — “Oh Céus! eu morro...” Desmaiou-se a Condessa; e ajudado das Criadas que acudiram aos gritos, lhe deu socorro o monstro, e a retraíram à vida: ao delíquio de minha Mãe sucedeu o furor; desprende seus braços, voa ao meu quarto... Era o que esperava

d’Olmancé. Os dous fidalgos, que ouviram o rumor, desceram; e em uma só frase lhes deu o Marquês conta do sucedido.

Afigurai-vos, queridos Amigos, a horrível cena, que se vai representar. Minha Mãe, que bate furiosa, a golpes redobrados à porta da minha antecâmara; eu que acordo sobressaltada, que me ergo, sem que me dêem azo a que lance umas roupas sobre os ombros que corro, e que abro a porta; abre-se ao mesmo passo a porta da antecâmara, que mal resistia e aos empuxões arroja-se minha Mãe a mim... O detestável ministro de d’Olmancé que aguardava esse momento, mal viu que minha Mãe o percebeu, fiel às ordens de seu amo, arremessa-se, pela sacada, aos jardins, e foge. Foi bastante para a convencer. Pintai-vos o furor na figura da Condessa. — “Desaforada...” (epíteto, que me inteirou do que ela suspeitou de mim). Caio desmaiada no chão; deixa-me ali sem piedade alguma minha Mãe, a quem seguiu d’Olmancé, regozijando-se de quão bem lhe sortira o crime seu.

Eis-me assunto de indignação para quantos habitavam a pousada. Desamparam-me... e, crê-lo-eis, Amigos? Foram tão bárbaros, que me deixaram cinco horas no delíquio reboçada no meu sangue; que me feriu na cabeça, com a queda que dei. Para minha Mãe se volveram empenhados os desvelos, e a compaixão, quando a viram em tão furiosa cólera; só um Criado velho, que o fora de meu Pai, mais humano que os outros, veio a mim depois do prolongadíssimo desmaio. Lançou-me no leito, lavou-me, e me atou a ferida, deu-me a beber algumas gotas de elixir. Eu estava como estúpida, tinha como sonho o que passava; nada perguntei a esse leal Criado, só as lágrimas me corriam a flux. — “Que fizestes, Senhora!” (me disse o Criado). Eu muda; os olhos imóveis, estátua fria, sem lho agradecer, aceitava o seu compadecido socorro. Oh! tristes frutos da calúnia! frutos da prevenção! Deito-me ditosa donzela, e acordo desventuradíssima criatura!

Nesse entretanto enganada, e impelida minha Mãe pela ruindade de d’Olmancé (que a seu grado lhe soprava o rancor que na alma lhe lavrava) aparelhava o meu suplício. Houve deliberação, em presença dos dous fidalgos, acerca do partido que cabia tomar, no desastroso caso. Minha Mãe; que só vinganças respirava, pendia para os meios mais violentos; mais prudentes os dous Cavalheiros aconselhavam

brandura, e segredo; d'Olmancé affectava incertezas, (com que a todos enganava) mas convinha sempre que eu tinha a honra perdida. Em debates se ia coando a manhã, sem se encostarem a algum conselho; eis que d'Olmancé, arrancando um profundo suspiro, e como quem se fazia grande força, pede um instante de silêncio. — “Quinze anos têm corrido, que vossas bondades, Madama d'Estanges, acumulais sobre mim, outro tanto de vosso Esposo digo: chegou hoje o prazo, em que me eu posso desendividar acerca de vós, e de sua lembrança. Alto me custa; mas disfarçá-lo não posso; quanto sobrepujar o esforço, tanto se manifestará a força da minha amizade e da minha estimação. Não haja ilusão; este desventuroso successo fará rumor: Criados não mantêm segredo; Mademoisela d'Estanges fica desacreditada; sobre vós tem de cair a sua desonra; não tereis cara para aparecer; desvaneceram-se vossas esperanças; vossos prazeres arruinaram-se; eis desamparada a vossa velhice; numa palavra, eis empeçonhenta pelos pesares toda a vossa vida. Um único sacrifício há, que reparar possa males tantos; e esse quero eu fazê-lo; que mo inspira a Honra, a Gratidão, e a Amizade; estou certo que elas me sustentarão no empenho. Com uma só palavra vou abafar com impenetrável manto esse escandaloso caso. Pus final, e tomada está a minha resolução. Solteiro sou; independente sou; dou a minha mão a Mademoisela d'Estanges... que é mais que dar-lhe a própria vida.”

De espanto, e horror os olhos arredais, Amigos? Ah! que é verdade, que para um homem o maior dos infortúnios, é que tenham ideia dos poderes da virtude manhosos malfeitores! Com que astúcia se não escondia aos olhos de todos, o fio dessa abominável urdidura! Como poderia eu desajudada, e só, bajulando o encargo de desonrosa acusação, conseguir justificar-me? Mal que ouviu minha Mãe essa inopinada proposta, lança-se aos pés do pérfido d'Olmancé: “Meu libertador, salvador da minha família, Deus da humanidade...” e as lágrimas da gratidão com que lhe lavava as mãos; e os dous Cavalheiros que o apertavam nos braços... E desfrutou o Crime o regozijo de ver a virtude prostrada às suas plantas. Menos duma hora suficiente foi para concordar nos preliminares do meu himeneu; despediu logo minha Mãe um postilhão ao Bispo de Bayeux, a duas léguas da Quinta, dando-lhe miúda conta da horrenda circunstância

em que se via, e do como se devotara generoso o Marquês d'Olmancé; pedindo-lhe ao mesmo tempo as dispensas necessárias para a subitânea cerimónia, e abrigar o decoro de sua Filha.

Chegou o postilhão às duas horas da manhã seguinte, com a autorização do Bispo, e co'as dispensas; foram avisar o Capelão de casa, e num instante se achou tudo prestes para a cerimónia Ninguém até essa hora tinha entrado no meu aposento, senão o leal servo que tivera de mim cuidado; gradualmente se tinha dissipado a estupidez em que me tinha caído o juízo já me espantava o universal desamparo em que me via; já tendo perguntado ao Criado velho algumas cousas, me tinha este recusado resposta: — (chorava). Falei em minha Mãe — (mudez). Cobiçosa de deslindar esse mistério, quis erguer-me; mas, de mui fraca, não o pude. Tornei a cair com desmaio; tive de aguardar a pesar meu, que viessem alumiar o escuro de minhas ideias. Escapou-me (não sei como) o nome do Cavalheiro de S. Jorge. “Oh Senhora (acudiu o Criado) tal nome vos não ouçam; que vos fora perda total.” E, por evitar maiores clarezas, foi-se.

Que horrível noite! Que tratos cruéis me não deu a despiedada incerteza em que me via! Que tem pois acontecido? Quem era esse homem, que se baqueou pela sacada? Donde procederam as iras, com que minha Mãe, como que me fulminava? Por que razão foge de mim a gente toda? Via-me inocente, e padecia terrores, e tratamento de réus. Mil tentações me subiram de pedir a d'Olmancé, que me viesse falar. Quanto arredada estava eu de o contemplar como verdugo infame, que tão ímpia morte me descarregava! Eram três da manhã quando ouvi acorrer ao meu quarto apressadamente algumas pessoas. Involuntá-rios se me arripiaram os cabelos. Vejo entrar minha Mãe, e com ela d'Olmancé, e outros dous amigos; logo que a vi perto da cama, abro para ela os braços. Ai mísera de mim!... ainda me escorre sangue do coração, quando agora vo-lo conto. Rejeitou-mos. — “Filha indigna de mim, reserva para outrem esses infames carinhos. Nunca mais para ti se têm de abrir os braços de tua Mãe.” — “Oh meu Deus! e que é o que eu vos fiz?” D'Olmancé, que receiava a mais leve explicação, com voz baixa lhe disse: — “Acabai, Senhora, que se encurta o prazo.”

Tomando Minha Mãe então mais severidade ainda, me diz: — “Este é Mademoisela, o esposo, que vos eu dou; erguei-vos, que as aras vos esperam.” Confessá-lo-ei? Funesto acórdão que foste raio, foste luz de relâmpago, que me esclareceste a figura do Amor. Então é que se afigurou na minha imaginação, o vulto do Cavalheiro de S. Jorge, acompanhado de todas as suas prendas; então é que descortinei a amplidão do Bem que possuía, no momento mesmo, em que me despossuíam dele. No mesmo minuto se avistaram a minha Dita, e o meu Suplício! Incrível rapidez das afeições do ânimo! Rebelar-me contra a Natureza, horririzar-me de d’Olmancé, amar o Cavalheiro de S. Jorge, devisar prolongados os meus futuros tormentos, tudo rebentou dum golpe dos seios do coração. Violentíssimo o abalo foi, e a cabeça me caiu nas extremas do leito desanimada e fraca. Oh bárbaros! que se aproveitaram da ausência que ali me fez a vida, para completarem o seu delito! O como me arrastaram até ao Oratório, nunca o soube; mas sei, que a frieza das lajes em que me tinham de joelhos me revocou à vida. Porém quão tarde! que tomado haviam por consentimento meu, o silêncio do mortal desmaio; e a minha regelada mão estava na do monstro, que me dava morte; e já o fatal anel me cingia o dedo. Abriram-se-lhe os olhos para ver... meus inimigos.

O religioso silêncio que nessa cerimónia dominava quasi finda, acrescia ainda em mim o horror, que ela me inspirava. Gritei: “Assim é que se abusa dum acto tão sagrado! E o Ministro do altar é quem!... E minha Mãe foi a que!... E quem degola a Inocência são pessoas, que virtude professam! Na vossa face mesma, oh Deus deste Universo, é que se quebranta o respeito, que à virtude compete!” Esta exclamação tão natural aqui, foi olhada como uma nova culpa. — “Detestável hipocrisia!” (bradou minha Mãe). — “Silêncio.” (clamou o sacerdote). Rasgo de luz foi este instante, com que a minha Razão buscou adivinhar qual culpa me achacavam, de mim ignorada atéli; e também rastrear nos semblantes o que motivo dava a tão extraordinário tratamento. Cuidado inútil! No sacerdote, meditação profunda no sacramento misterioso, que a administrara; no rosto de minha Mãe, desesperação, irritado orgulho, matizado de concentrada ternura, em d’Olmancé ressumbrava pérfido contentamento, sob véus de affectado sério; nos dous Cavalheiros, embaraço, incerteza, sombras de

compaixão, mas mormente honra, e preconceitos dela relutantes, e assombrados. Quanto a Criados (as Criadas principalmente) vislumbrava neles o affectado desdém que essa classe arremeda acerca da opinião dos Amos; sevandijas prontas sempre a sacrificar aos ídolos que servem, e as suas injustiças os mais entranháveis abalos de seus ânímos. Eis quanto dum relance de olhos poude descortinar o meu cobiçoso desassossego.

Não deparei com o Criado velho, que me socorrera: soube depois que barbamente o tinham despedido duma Casa, onde servia há 40 anos; ele que fora o único que se achou com valor de conservar boa opinião de quem era sangue de seus Amos; e também soube, que feneceu em pobreza seus dias longe de mim, e vítima de desastrosa prevenção. O que ele padeceu por minha causa quis repará-lo eu, em sua filha, que é Luzia, uma de minhas Aias, a qual todos conheceis bem. Acabada a cerimónia, me levaram ao meu aposento, onde o Marquês d'Olmancé ficou só comigo; e o teatro do crime que me punha em seu poder, foi o Templo de Himeneu. Perto esteve de perder em breves dias o objecto que tantos delitos lhe custara; porquanto, o estado, em que eu, depois de 24 horas me via, e a ferida, que na cabeça me fiz, da qual se tinham descuidado, me chegaram com cedo aos redores da sepultura. Temia ele, que entrasse luz, na teia de sua abominável astúcia, e bem se capacitava que se mais tempo eu residisse na morada d'Estanges, o Cavalheiro de S. Jorge, informado da cavilação, faria perigoso estrondo; assim, apesar do abatimento que eu sentia em mim, me meteu o meu algoz numa carruagem, e me conduziu a uns Paços antigos, que possuía lá para os Pirenéus.

Sem que ele por mim tivesse o menor cuidado, sem que algum respeito tivesse ao meu deplorável estado, corremos todo esse caminho. Desatinavam-me as dores que me partiam em pedaços a cabeça; ora no delírio duma ardente febre, ora numa fraqueza de moribundo, cheguei quasi morta a esse solar desabitado há mais de cem anos. Lá é que deu d'Olmancé sinais que o assustava a minha situação; e já fosse (como eu presumo) a avareza nele mais possante, que a sua mesma crueldade, tentou conservar-me a vida. Despediu um criado a Baiona, que veio com o Médico mais afamado dela. Viu-me, e não me assegurou vida e foi esta a única vez que dei sustos a

d'Olmancé, mas sustos, que prendiam nele só; pois que apesar das poucas esperanças que dava o Médico, com mão larga me assistiu com socorros, que favorecidos da minha boa compleição, foi pela força dela vencido o mal. No undécimo dia da chegada, delirada no crescimento da febre, tal punhada me dei na testa, que rebentou a postema por nariz, por orelhas, e por boca, com tal felicidade, que estava o Médico então presente, que ajudando a evasão me salvou a vida. Moderou-se a febre, despediram-se os sintomas, e em poucos dias, poude prognosticar a meu Marido a volta da minha inteira saúde.

Essa certeza era a que d'Olmancé aguardava para partir, e ir incógnito ver minha Mãe para com ela estipular seus interesses, que no bulício do meu instante casamento só preliminarmente se acordaram. Mísera Condessa d'Estanges; que odiosamente enganada, como eu, sacrificaria um Império, se o possuía, para o cumular de agradecimentos! Quasi que se despojou a si, para enriquecer o algoz de sua filha, esse pérfido, que lhe derramou por toda a teia da vida, mortal veneno. Indigna dela me considerava essa desventurosa Mãe, como eu, ser Mãe desnaturada a presumia; de modo que ainda esse mesmo amor e ternura que uma a outra nos tínhamos, serviam de muralha que para sempre nos estremava.

Entre enojadas lágrimas ia eu volvendo convalescentes débeis dias; e entregue toda, (vista a ausência de d'Olmancé) as minhas reflexões: oferecia-se-me aos olhos da imaginação quanto por mim passara. Disséreis, que era como um enfiado pesaroso sonho, dos que se fazem no âmago da doença; de cujo saímos, para mais vivas sentir as dores dela. Em vão me perguntava a mim mesma, donde proceder podia acontecimento de que brotaram para mim tão funestas consequências? Quem é que me roubou, dum lanço, a ternura de quantas pessoas eu amava? Por qual prestígio me transmudaram em Marquesa d'Olmancé, e me arremessaram a 200 léguas além da minha família? Bem atinava eu em serem todos, projectos desse que me esposou; e que a calúnia fora quem os realizara: mas imputá-la a quem? Fundada na minha consciência, sabia eu bem, que não havia que arguir ao meu procedimento, nem a mais leve imprudência. Minha Mãe, ante cujos olhos sempre andei, foi sempre a minha única confidente, única amiga. Nestas considerações perdia o tino: e então a

miúdo se me apresentava ao pensamento o Cavalheiro de S. Jorge; e ah! quão longe estava eu de imaginar que ele tivesse a menor parte em meus padecimentos! Com as lembranças suas avultavam meus pesares; e então dizia comigo: "Tu foras o Esposo que o meu coração aceitara; foras o Amigo, em quem eu assentara todo o meu amor. Que eu para amar nasci. E esse objecto... que digo?... esse alimento, que único resta à carência de ternura, que experimento em o mim, esse é o que para sempre me é vedado. Cruel d'Olmancé! Deveu-se nunca o triunfo do Amor a um refalsado relance?"

É certo que influi na alma, o sítio em que residimos: lança amargura nas afecções o alpestre dos lugares. Ora eu tinha sempre diante da vista, essa imensa montanhosa muralha que a Natureza edificou, entre o ardente clima de Espanha, e os afortunados campos de França; e ela era para mim figura sempre avivada do insuperável obstáculo, que entre mim e a Dita tinha estendido a Fortuna. Com taciturno terror se espalhavam meus olhos pelas descompassadas cavernas, que essas montanhas acolhem, em seus vastíssimos seios. A melancólica escuridão, e o lúgubre silêncio que se alojam na profundidade desses abismos, me debuxavam em quadro mui fiel, o coração de meus inimigos. Quando contemplava os topos escarpados desses serros encanecidos de perduráveis neves, sobranceiros a mim, quasi que me ofereciam no fixo da verdade, a cólera de meus perseguidores, que insensíveis a meus pesares, me sentenciavam ao presente meu destino.

Via-me eu no grémio da Natureza, mas daquela Natureza, cujos quadros tão coroáveis são aos corações puros, e contentes de si. E ela era nesses instantes de que vos falo, madrasta de torvo sobreceño que afastava de mim quantas consolações ela com diferente aspecto oferece em todo o além, a quantos humanos quer: parecia, que de mãos dadas com o meu tirano, lidava em me angustiar o ânimo. Mal encetávamos o mês de Setembro, e já as geadas, e as neves, e os regelos me rodeavam; já os ventos boreais silvavam furiosos contra os inconcussos cabeços dessas enormes penedias, em quanto as trovoadas, que roncavam ao longe pelas quebradas dessas encostas formidáveis, abonavam o bochorno, que se concentrava por esses

cavados vales. Lá é que o silêncio da noite não convida a sono; mais sim a terror; e o sossego do Universo, quebrado pelos gritos da Águia, que está despedaçando a sua preza, antes se assemelha ao silêncio do remorso, que à paz eterna. E ora de dia, oh Amigos, lá é que parece que assentou Deus o teatro de quão nada é o homem. Que montão aos olhos do sábio que trepa até ao cume dessas penhas; que montão, digo, dilatadas Campinas, florescentes Cidades, e Províncias, e Impérios, que dão visos de se desenvolverem ante a sua vista? Um vaporoso horizonte, em que, com as exalações da terra, se dissipam todos os desejos dos homens Lá é que nos inteirámos bem quão desprezível é o homem, quando ele só de si se ocupa. O resplendor do fausto, as ilusões do luxo, não sobem até ele; e o exército do Conquistador, que vai atravessando planícies, lhe não fere mais nos olhos, que o malfeitor obscuro, que novos delitos imagina: contempla quão minguidos que são os projectos dos mortais, porquanto incapazes são de suportar o afastamento. Então é que o Sábio clama: “Qual será, Deus do Universo, o limite dessas paixões, que agitam esses entes, que sobre a terra se movem. Sê-lo-á a Dita? A terrível, e eloquente resposta que lhe dará a Natureza, será o Carvalho que ruidoso ao lado dele desaba da montanha.” Nessa situação passei quasi quatro meses que d’Olmancé voltou de Paris.

Essa morada foi quem, mais que as minhas desgraças, contribuiu para esta suave melancolia, que tão a miúdo me assacais. Necessidade de prova tal minha alma tinha. Quereis vós, Amigos meus antever o destino de qualquer Mancebo? Ou (porque melhor me explique) quereis vós capacitar-vos, de que grau de energia virá ele a senhorear-se? Afastai-o, por certo espaço da sociedade dos homens; transpassai-o ao sertão descampado e agreste; e se ali fica muda a alma desse Moço, lastimai-o; nunca passará de mesquinho e fraco.

Todos me conheceis o talento, que para Pintura tenho; igual talento tem o Cavalheiro de S. Jorge: como também tivemos ambos os mesmos Mestres; e nos dias felizes da nossa adolescência, tinha eu feito o retrato do meu Amigo, e metido-o numa bocetinha, que nunca larguei de mim. Esse retrato (que escapou que o visse d’Olmancé) era na minha solidão o meu único alívio; com ele falava, e até cria eu que o retrato me respondia. Não mo repreendais; que se infiel era eu nisso

a meu Marido, era infiel, sem o saber; que ainda o comércio com o Mundo, ou leituras perigosas me não tinham corrompido o coração: os livros, que eu tinha lido eram bons, e virtuosas as pessoas com quem vivi; e os afeitos que por então me animavam eram sós os que a Natureza em nós põe; e dado que o mais ardente amor me devorava, me persuadia eu, que somente cedia aos momentos da inocente Amizade.

Verdade é que essa Amizade, mais ainda que os infortúnios por mim padecidos, me dava aborrecimento contra os meus perseguidores; e sentia eu bem, que se lhes eu perdoava as suas injustiças, não lhes perdoava nunca o terem-me afastado, e dividido do único homem que a minha ternura merecia: e por esse modo, como não conhecia eu que Amor consiste, não dava fé dos diferentes, e bem assinalados rasgos, que o distinguem da simples Amizade. Um dia, que mais limpo o Céu dava azo a se lograr dos raios do sol, saí até um terreiro, talhado na rocha, e que orla uma das faces do solar, e pus-me a admirar, por alguns momentos, os vislumbres com que esse astro fazia rutilar todas as cores do prisma, nas variadas quebras dessas enormes côdeas de regelo, que como mantos envolvem esses desmesurados penhascos, e que corno tabuleiros e andares de anfiteatro se iam abaixando a meus pés. Deleitavam-se-me os olhos, quando os profundava por essas férteis e afortunadas planícies do Languedoc, que se iam estendendo, estendendo... até se sumirem no último horizonte: "Oh Cavalheiro de S. Jorge, oh Amigo meu! (exclamei eu então) gozar Angélica, sem ti, de tão majestoso espectáculo! Ao menos se aqui é para mim de bronze o Céu, esse que cobre é mais suave; e essa ideia me consola."

Ditas estas palavras tiro da algibeira, por um movimento involuntário, o retrato dele; abro a bocetinha; arrasam-se-me de lágrimas os olhos, imprimo os lábios na imagem tão amada... Eis que quando me julgava erma e só... Que susto foi o meu! apertada me sinto por nervudo braço... Dou altos gritos; volto-me de súbito... Oh meu Deus! Qual foi o meu espanto! Vejo d'Olmancé, que com voz afogada pelo furor, me diz: "Treme, Esposa desleal! verás como castigo o ultraje que me fizeste: nem creias que em te castigar a ti remato a minha vingança; que só fora vingar-me por metade do malfeitor que

me desonra: hei-de-lhe arrancar o coração.” — “M. d’Olmancé, apaziguai as iras; descarregai em mim todo o peso de vossa cólera; mas, pelo Céu vos peço, não toqueis no Cavalheiro de S. Jorge, que é inocente.” — “Inocente! e sois vós quem mo assegura? Tudo sei. Desleal! que não satisfeita de vos profundar no desdouro, quereis ainda com indecente ruído, cobrir de opróbrio a minha frente, despegando-vos (sem respeitar o nó sagrado) ao patrocínio tutelar, que a minha virtude, e a gratidão mais animada me sugeriram. Esse prémio reserváveis a quem por vós se quis sacrificar a si?”

Foram essas palavras como horrível clarão de corisco, que me esclareceu na alma; e dado que nos vitupérios de d’Olmancé nada comprehendesse, vi bem, do primeiro lance de vista, quão contrário ao meu dever, era o affecto que eu ao Cavalheiro de S. Jorge conservava. Concebi quão justas eram as suspeitas de meu marido, e quasi que me dava por convencida dum delito, que eu atéli nem suspeitava. As aparências eram contra mim; nem eu deparava com uma palavra que única me defendesse. E ora como a trovoada era mui grossa, assim disparou com terrível estrondo.

Creu d’Olmancé, ou o fingiu, que entre mim, e o Cavalheiro de S. Jorge versavam occultas correspondências, e até vistas e falas; e com esse pretexto; disferiu em mim toda a violência de seus zelos; e por conseguinte resolveu encerrar-me despiadadamente numa masmorra mui funda cavada ao picão nas entranhas duma rocha, e que era somente dele conhecida, sendo ele o único que as trevas desse horrendo sítio penetrava. Confesso, que cada vez que ele ante mim aparecia, e que eu punha a vista no sobreceño de seu rosto, e nos olhos que lhe respiravam só furores, assentava já ver a morte, que eles me anunciavam. Se a mim se avizinhava d’Olmancé, já o susto me congelava; então nem me afoutava a vê-lo, nem a perguntar-lhe pela mínima cousa; só de lhe ver trazer o meu sustento, estremecia eu. Malvado homem! Como examinava avidamente em mim que progressos iam fazendo os pesares nos rasgos do meu semblante! Passados alguns minutos, ei-lo que antes parecia fugir desse teatro de horrores, do que arredar-se dele; e o ruído dos ferrolhos, que ainda ficava longo tempo retinindo pelo vão das funéreas abóbadas da

minha masmorra, avultava ainda o espantoso terror, que me causara a sua presença.

De que me valia ali ter nascido de respeitáveis Avós? de ter sido criada no regaço das Grandezas e da Opulência? Oh quanto eu me inteirava então, que para os desastres não há asilo! Que triste experiência ali tomei! No âmago dos infortúnios é que bem se sente a fragilidade das Grandezas humanas! Durante as seis semanas, que passei na minha prisão, nunca d'Olmancé me disse uma única palavra; e bem assentado tinha eu comigo, que não tinha de mais ver a claridade do dia, e decretada era a fenecer o meu triste infortúnio nessa masmorra. Às primeiras reflexões dolorosas sucederam pouco a pouco, reflexões mais apaziguadas; e se me vinha mostrando a Religião em todo o seu resplendor, a saber, ladeada de todas as consolações, que ela para os míseros reserva; já eu começava a ver com mansos olhos aquele estado meu; até considerava certa brandura em o suportar, acostumando-me a olhar para a morte, como para o termo de meus padecimentos. Sem sustos a aguardava, como também sem anelo; e sentia a força dessa verdade tão descuidada hoje no Mundo, que há um possante Consolador, do qual toda a iniquidade dos homens não pode privar a um desgraçado: tudo roubar-lhe podem, até o mesmo ar, que ele respira, mas o Deus que o sustém, não. E quem melhor que eu o sabe? Aos olhos dos humanos as entranhas da Terra me escondiam, mas não aos olhos Divinos; e os últimos tempos que passei na cova dos Pirenéus, não são os em que sentiu a minha vida menos suavidade.

Tinha d'Olmancé trazido-me já o meu sustento nesse dia; deixara-me (era uso seu) sem me dizer uma palavra; nem eu o veria, senão no dia seguinte... Eis, torna a ressoar o tinido dos ferrolhos, ordinários anúncios da sua presença. Espantei-me da subitânea volta: e tive, que enfadado de barbaridade tão prolixa, me trazia por cabo a morte. Para Deus correram logo meus pensamentos, a pedir-lhe que se apiedasse da pureza de meu coração, e me sustivesse o ânimo, nesse difícil passo. Esforcei-me, lancei-me de joelhos, e pus-me a esperar o golpe que já sobre mim pendia. Aberta a porta, entra d'Olmancé. Vê-lo, e cair com desmaio foi um só instante. Não sei quanto tempo permaneci nesse paroxismo. Sei, que tornando a mim, pasmei de ver-me no meu

quarto, e o que mais é, nos braços de meu marido. Até cuidoo que lhe divisei no rosto uns ares de enternecido. Mas que confiança encostar-se pode nos movimentos que transluzem no semblante dos malvados! Qualquer que fosse o afeito que o animava então, todavia se dignou de ter tal qual cuidado de mim; e à força do sentido, que comigo se teve, me vi, no fim de 15 dias em termos de poder erguer-me, e suportar os descontos da jornada. O que, apenas d’Olmancé o percebeu, me disse, quasi, o seguinte.

“No mediante do rigoroso castigo, que vos acarreará o ultraje, que vós, Senhora, me fizeste, tomou diferente face a minha fortuna. Pela morte de meu Irmão mais velho, me vejo Chefe dos títulos, e brasões da minha família. Ao decoro da minha prosápia, ao meu respeito pessoal, ao amor que ao Soberano tenho, e ao esplendor da minha Casa devo ir aparecer na Corte. Assaz avultado sacrifício me custou o meu Himeneu, para que eu dele lucre, que abafeis no peito um amor que me deslustra. Confesso-vos, que a interrupção da minha vingança a deveis à mudança que na minha sorte faz a morte do Duque d’Olmancé: mas quão legítimas sejam minhas iras, mais do que a elas devo ainda a minha reputação. Reputação que para mim é tudo: essa em depósito vo-la confio. Capacitai-vos que é tal o meu carácter; tomai-o por norma: sou cioso; e para o ser, legítimos motivos tenho. Cioso por extremo, bem o sabeis vós; mas que esse meu ciúme não ressumbre no público. Ver-vos-ão ao lado meu, nesse mundo, em que vamos aparecer. Assim o requer o meu actual estado; sem que portanto imagineis que dareis estorvo aos meus ciúmes; a menor inclinação, as mais leves acções terão severíssimo fiscal em mim; nem entreis em dúvida, que acurvada sereis com o peso de suspeitas minhas: esse é o segredo, que para mim guardo. Quero que nos olhos demostreis retratada sempre a Dita, que neles se engane o Público, e veja no laço que nos une, somente festões de flores. Estudai modo de passar súbito de lágrimas à alegria; a sós comigo, dai-vos a todo o vosso pranto: em tal consinto eu; dai-me com largueza os mais odiosos nomes: considerai todavia que a menor alteração no rosto, o menor resquício de lágrimas nas faces, o menor queixume que soltais dos lábios, é um crime ante meus olhos; e bem sabeis, se eu sei castigar. Eu sou assim: vosso tirano, quero que me creia a gente o mais amável

esposo. Aprendei que o alvo único do vosso affecto será aquele de quem nunca arredarei os olhos; nem escoreis na fraca invenção de lhe fugir da vista, que novo delicto fora a meu ver, e indicara a paixão do meu ciúme, que tanto me interessa encobrir. Estas as minhas ordens; a vós toca, Senhora, obedecer a elas. Preparai-vos, que amanhã partimos." Foi-se; e eu entreguei-me às mais dolorosas reflexões.

E com semelhante monstro me desposaram, Desnaturada Mãe! Que mal te fiz! Porque, oh meu Deus, me não cortaste, lá na masmorra, o fio à vida! Não bastava já de prova: cabia-me pois ainda mudar de suplício, para descer à sepultura? Então se desatou um jorro de lágrimas, que o susto anteparadas tinha, desabafou-se delas o coração: ali fiquei por algumas horas, num abatimento, que frisava com a estúpida insensibilidade, creio, que sem temores, e sem pesar, ouviria ali a sentença da minha morte. Mas veio pôr cabo ainda urna vez a Religião acudir-me, intimando-me os sagrados deveres do matrimónio; quão santos quão extensos seus foros são; ela é que me deu valor para suportar o meu destino. Já começaram a parecer que minguiavam os agravos de meu marido, ao ponto que a minha resignação ia em aumento; mais digno o cria eu já de compaixão, que de opróbrio: e logo voltando a vista ao coração, lá via sim a minha inocência; mas também lá o fundamento em que estribava meu marido para me ter por culpada. Enga-nei-me acerca da inclinação que eu tinha ao Cavalheiro de S. Jorge, e essa inclinação alimentava-a eu, no prazo, em que o dever me ordenava de só amar M. d'Olmancé.

Falava ele do sacrificio que fizera em desposar-me. Em que consistia o sacrificio? Não o sabia. Mas demos que fosse verdadeiro: certo então, que era eu um modelo de ingratição, em apeçonhentar a vida a um homem a quem eu devia obrigações que ele, por honraria, dissimulava. E desde que Esposa fui, dei eu demonstrações, que o desviassem das noções que acerca de mim lhe tivessem calado na alma? Por extremo me perseguira, e seria nisso mais infeliz que culpado; visto que examinando-me a mim mesma, em mim descortinava os primeiros agravos. Feroz foi a fala que me fez, mas descobri nela certa franqueza que me contentava. Que transluzia nela?

Um homem presunçoso de sua reputação, e cobiçoso de a conservar; que não podia contudo vencer certa fraqueza, que imperiosamente o avassalava; assaz generoso todavia para me prevenir acerca dos pesares que se me aparelhavam. Que assim é que uma alma nobre imagina nos outros, as afecções que ela em si experimenta. Com uma de têmpera tal que a minha, o procedimento que me eu propunha acerca de meu marido, e o esforço que eu meditava, para transpassar a ele, quando não fosse o amor, ao menos a minha estima, certo era o bom successo.

Apareceu o Duque, lá pela tarde, a quem eu disse: “Talvez me imagináveis indignada contra vós? Engano! A reflexão que fiz acerca da vossa índole me apaziguou. Não me assustais, porque fundada em minhas máximas, nenhum desejo de enganar-vos tenho. Em mim tendes de achar todo o apego, todo o resguardo que tocam à fidelidade duma Esposa que tanto como vós preza a vossa reputação. O meu procedimento é o único guarda, que eu ponho contra os assomos do vosso ciúme; e quando melhor me conhecerdes, esperanças tenho que me façais justiça, qual se me deve: cuidado que eu ao Tempo encarrego; então decifrareis no secreto de meu coração, com que vos evitar, e a mim, muitos pesares.”

Deu sinais de lisonjear-se deste meu inesperado acolhimento. Mas não mo dissimulo; não parecia o seu contentamento dum homem de bem; que se teria, com delírio, entregue a todo o extremo do amor, em caso tal um Marido cioso, se virtuoso fosse: ter-me-ia, naquele lance, o desatinado ímpeto do seu amor indicado todo o desconcerto do seu ciúme; jurado vezes cento não lhe dar mais azo algum: então o instante mesmo, em que ele se imaginasse mais liberto desse ciúme, seria quem de mais violento mo abonasse. Ora, antes pelo contrário, nas carícias mesmas de d’Olmancé, transpirava a desconfiança; amor nos lábios, e nos olhos incertezas: e a oblíqua expressão de sua ternura, tinha as cores da falsidade completa do seu carácter.

-----

(1) Certain droit municipal, qui s’étant autorisé par l’usage et par la commune pratique d’une ville, d’une province, ou d’un canton, y tient lieu, et a force de loi.

Partimos no dia seguinte, e chegámos a Bordéus, onde toda a nossa comitiva nos esperava: por toda a estrada lavrou na nossa conversação certo ar de confiança que adoçou a dolorosa situação do meu espírito. Bem necessitava dela o meu coração! que depois de largos tempos só via inimigos rostos. Bem suave me havia de parecer, o primeiro momento, em que eu achasse numa Sociedade aquele feiticeiro agrado, que a Amizade consigo traz. Bem o sabeis, Amigos, se havia mais amável sujeito, que M. d'Olmancé, quando ele queria. Desse instante me inteirei, quão pouco me houvera custado a amá-lo se continuasse para comigo esse proceder de então, e que mo não houvera prontamente levado a Morte.

~~~~~

«Enquanto o Duque me presentava na Corte, e nas brilhantes assembleias da Capital, andava aprestando o Céu o descobrimento da minha inocência, e deslindava o fatal tecido, que me tinha roubado o materno coração. Quasi sempre morava nas suas fazendas, habituado aí depois de largos anos o Marquês de S. Jorge; ora tendo ele agregado alguns vizinhos, e também os dous fidalgos M.<sup>rs</sup> d'Herceville, (que assistiram ao meu desposório) para celebrarem a festa de S.<sup>to</sup> Huberto; como depois de tempos andassem minados de furtivos caçadores, seus domínios, e ele amasse a caça, e desejasse dar com ela regozijo a seus amigos, para o que tinha recomendado a seus Guardas dobrada vigilância; pois que vários castigos que a muitos desses furtivos caçadores dera, dado que colhidos de improviso os desarmara, não refrearam o desaforo dos outros; agastado do contrário efeito da sua clemência ordenou o Marquês, que sem comiserção alguma prendessem o primeiro que se lhes oferecesse, e o cometessem ao rigor das leis: ordens que pontualmente executadas foram. Para o divertimento da caça de S.<sup>to</sup> Huberto foi designado certo sítio, em cujo punham então os Guardas atenção maior. Todos estavam de vigia. Na véspera de todos os Santos à noite, imaginaram os furtivos caçadores, que poderiam a favor do escuro, se apossar dalguma caça, que

abundante aí juntada tinham; lá se foram. Mas os Guardas os saltaram; eis que fogem; correm os Guardas após eles; e como os não alcançassem, vindo já arrepiando caminho, vêem um homem que se lhes furtava do encontro, prendem-no, e levam-no ao solar onde o encerram vigilantes, até que se erga o Marquês, para lhe darem conta do sucedido naquela noite, e tomarem consequentemente as suas ordens.

Quis o Marquês ver o preso, que então curtia violenta febre; chama-se o Cirurgião, que declara, que é mui perigosa a moléstia; e em tanto pede o enfermo que o deixem falar com o Marquês em particular; e quando se viram sós, lhe diz assim: “Sinto, Senhor, em mim, que a doença que tenho é mortal; pelo que, ao menos quero aproveitar o pouco prazo, que da vida me resta, reparando o mal que fiz, e evitar o castigo, que Deus para as culpas guarda. Bem pudera eu dizer que inocente causa fui do mal que se causou. Desculpa vã! Que se os Grandes não deparassem com almas servis, que se sujeitam às suas iniquidades, menos trivial fora no mundo o crime. Qual me vedes, fui eu quem lançou a aflição numa família da primeira plana; verti amarguras no fio de seus dias; entregando a Filha da Casa, nas mãos dum hipócrita, e fazendo ao senhor Cavalheiro filho vosso a afronta mais insigne, que receber pode um homem cheio de virtudes.”

Emudeceu atónito o Marquês, que tal caso inopinado ouviu, téque tornado a si da torvação em que esse homem o lançou, o empenhou com piedosa bondade, a que merecesse a sua protecção e benefício, e até ainda o seu perdão, no caso, que dele carecesse, não lhe dissimulando nenhuma circunstância dos delitos, de que se acusava. — “Por mui agradecido me confesso a tanta bondade, (disse o doente) mas, se eu não devera aos remorsos, que me despedaçam, a declaração, que me pedis, não há aí promessas, que ma arrancassem. Que muito experimentado tenho quanto há que fundar em promessas de grandes fidalgos. Tesouros vos oferecem, quando têm de vós alguma dependência; serviste-os? Ditosos sois; se o mais que deles tendes que temer é ingratitude, e esquecimento! A confiança que fundei na palavra dum Grande, me despenhou no abismo do crime: mereci o que padeço; mas adquirir também direito de não me fiar em carinhos de homens poderosos.”

Então contou esse desgraçado quanto aconteceu na Quinta d'Estanges, para obrigar minha Mãe a me entregar nas mãos do pérfido d'Olmancé: e tendo tudo dito, exclamou: "Reconhecei em mim o ministro, o vil laçao, que se encarregou de passar pelo Cavalheiro vosso filho, para pôr remate à perdição e desonra da criatura mais virtuosa." Gritou horrorizado o Marquês de S. Jorge; e pôs-se a admirar os segredos da Providencia, que desluzindo todos os cálculos humanos, dum golpe desenvolve quanto parecia deposto a ficar sepultado para sempre; e que a miúdo folga de vislumbrar com a Verdade nos olhos do criminoso, nesse mesmo instante de horrores, em que ele mais teme o seu castigo: e como entendesse quanto devia interessar-me a declaração desse homem, manda chamar M.<sup>rs</sup> d'Herceville, e o Cura; e porque se dê forma legal à deposição do moribundo, faz que a escreva a Bailio de sua alta justiça.

Juntos ali todos, manda ao doente que repita, e individue o que se passara, na turbulenta noite, que consumou a minha ruína: e logo continuou dizendo: "Quando me baqueei da sacada de Mademoisela d'Estanges, fácil me foi entrar na Casa, que mui revolta então andava. Entro no quarto de meu Amo: e oh com quanta alegria vii, pela minha volta assegurado o seu segredo! Na seguinte noite se concluiu o matrimónio, e 50 luízes foram o primeiro penhor da recompensa prometida.

"Os primeiros sintomas da doença que ameaçava M.<sup>da</sup> d'Olmancé, adiantaram a partida de seu marido, e foi no dia subsequente ao casamento; tendo passado toda a manhã da véspera da partida a escrever Cartas, e a dar as ordens necessárias, em semelhante circunstância. Como a Casa toda andava ainda em confusão, via-se por muitas vezes forçado a sair do quarto; e eu levado de certo impulso, mui ordinário em Criados, lancei, numa dessas ausências de meu Amo, os olhos a uma Carta acabada de escrever, mas não ainda fechadas... Como pasmei, quando vi que nela pedia M. d'Olmancé ao Ministro de Estado, ordem de reclusão perpétua! e para

quem? Para mim! A primeira ideia de vingança, que me veio foi a de ir tudo patentear a M.<sup>da</sup> d'Estanges: mas considere logo, que concluído uma vez o casamento, me não dariam ouvidos; pelo que renunciei ao projecto. Dissimulei. Tornou a entrar M. d'Olmancé, fechou as Cartas, deu-mas a deitar no Correio; não dera ele tino da minha curiosidade; e bem imaginais qual dessas Cartas eu suprimi.

“Foi-me o acaso de valia. Como M. d'Olmancé queria ocultar a todos o sítio em que ia emparedar a sua Esposa, partiu só com ela, e toda a criadagem ficou na Quinta; o que me deu azo de evadir-me. Da minha fuga recresceu a meu Amo algum desassossego, quando de volta à Quinta o soube; mas teve por prudência, não me dar caça, receioso que seu rigoroso proceder me não abrisse a boca, e vazasse os segredos que tanto lhe importava encobri-los. Ora, em breve espaço foi dispendido o dinheiro que eu tinha, e vendo-me sem regresso, e sem poder sair desta terra, lancei-me com esses furtivos caçadores; e ainda por bem, que me não lancei com salteadores: um homem que como eu não bebera máximas de probidade, podia dar nuns, como nos outros. Compadeceu-se o Céu de mim, por que escapasse ao horror de morrer num patíbulo. Ai! que não tenha eu por testemunhas da minha morte essa mísera classe de homens, que a necessidade, ou a preguiça acomoda ao serviço dos Grandes! Que lição tomariam em mim! Como veriam onde os conduz a condescendência, que com suas paixões temos!”

Mandou M. de S. Jorge tirar auto da deposição desse homem, que testemunhas assinaram; e logo o remeteu a minha Mãe. Não se enganara o furtivo caçador, acerca da sua sorte, que empirou a doença, e em poucos dias morreu. Afigurai-vos, Amigos, que pesares para minha Mãe, quando leu tal deposição. Mil vezes estive súbito a vir  
lançar-se-me nos braços, e deslembrar-se no seio de sua filha dos cruéis instantes, que lhe fez passar o meu suposto delito. Mas essa vinda fora então imprudência nela. Como depois que voltámos a Paris me tratava

com tanta brandura o Duque, que fazia com que eu me esquecesse de seus ciúmes, também eu, por lhe comprazer, de tudo lhe fazia sacrifício; e se completamente me não dava por ditosa, ao menos o parecia: e minha Mãe, se ela nesse tempo cedesse ao abalo de seu peito, entraria, sem se poder dispensar disso, em explicações comigo; com que faria, que meu marido descaísse da estima, em que eu o tinha, e por tanto me empeçonheteria os dias da vida. Além de que, como acabaria ela consigo, suportar a vista dum monstro, que tão indignamente abusara da confiança, com que ela o honrava, para armar-se a ser seu genro? Assim que, remeteu a prazo mais favorável o reconciliar-se comigo. Ai mísera de mim! Bastou-lhe um instante para me dar ao sacrifício; e necessitavam-lhe anos, para me fechar a chaga, que me fizera! Amigos, assim calculam os homens os afeitos que lhes lavram na alma. É pois verdade que só para a Virtude é que há estorvos? Minha Mãe, de mal prevenida, travou repentina o meu suplício, que prolongou depois prevenção nova. E quem dirá, que foi, nossas duas situações, a minha felicidade quem lhe dava a resolução? Assim acontecerá sempre, quando pela nossa opinião, quisermos pautar a felicidade alheia.

Descoberta, havia um mês, a atrocidade de d'Olmancé, teve ele precisão de ir a Versalhes; e partiu às 9 da noite. A 200 passos da ponte de Sèvres, disparam uma pistola, lá da estrada, e o tiro quebra o vidro da carruagem, e lhe entra no coração, duas polegadas abaixo do orifício dele. Assustam-se os Criados; e em vez de correr a apanhar o homicida (quem sabe, se medrosos?) voltam rédeas à desfilada para Paris, e me remetem o Amo, lavado em sangue. Sabidos são de vós os boatos que então correram, e quanto aporfiou o Público em crer que dum duelo viera a ferida. O homicídio é nada menos verdadeiro; mas como no sentido vulgar duelo é mais nobre que homicídio, discorrem que num homem de distinção, até a morte há-de lograr títulos da nobreza.

Declararam mortal a ferida os Cirurgiões: assim, mandou logo o Duque, no dia seguinte chamar o seu Tabelião, que recolheu por escrito as suas últimas vontades. Ainda que as eu ignorava, me deslembrei inteiramente dos pesares que ele me deu; para somente me lembrar dos deveres de Esposa, nesses cruéis instantes em que eu o via

ir-se avizinhandando à sepultura. Empenhei (baldadamente) todos os meus desvelos, que o não arrancaram à fouce da morte: que empeiorou de modo no quinto dia, e ainda mais ao sétimo que decidiu a faculdade de Medicina perdidas as esperanças. Sentença que ele escutou com valor constante.

No oitavo dia acenou-me que despedisse quantos estavam no quarto, e que chegasse ao pé do leito: apertou-me a mão; e com voz fraca, me falou assim: “Senhora, a quem tão ardentemente amei; Senhora, adeus, com pesar me aparto para sempre de vós. Esquecei-vos, peço, dos tormentos que padecer vos fiz nos primeiros tempos da união nossa. Concurso de horrendas circunstâncias me constrangeu a ser convosco injusto; mas logo, que conheci a vossa inocência, forcejei pelo termo de proceder convosco, de carrear (ao menos) a vossa estima, pois que o vosso amor não havia aí pretendê-lo. Perdoai aos meus zelos extremosos, os ultrajes, que vos fiz: e ficai certa, que em todas as circunstâncias, sempre era a vossa felicidade quem me ocupava de contínuo. Não duvido que não amaldiçoásseis a miúdo, o laço que à minha pessoa vos unia; mas esse laço, roto será daqui a curto prazo; e levo abono certo, que dareis bênçãos à minha lembrança: lançai no esquecimento o meu primeiro proceder, recordai somente o que depois continuei. Pensai quanto me custastes vós, por que que vos res-sintais do sacrifício, que a Honra me ordenou que fizesse a respeito vosso.”

Que dissimulação, oh Amigos caros! Que dissimulação, nos umbrais mesmos já da morte! Foi continuando assim: “Em vosso favor dispus já de todos os meus bens; e o testamento vai tal, que vos dá azo a seguir os movimentos do vosso coração: sei quais vossas máximas são, e quanta rectidão há nelas. Sede feliz; que tais são os últimos votos que forma quem se deu por mui ditoso de ser vosso Marido.” Duas horas depois que assim falou, perdeu a vida.

Aqui vos confesso, Amigos, que essa morte me desatou um rio de pranto. Ah! e como ignorava eu ainda então, que ainda além da sepultura, a política de meu marido daria prestadias mãos ao seu

ciúme! Só conheci a quanto se estendia, ao abrir do testamento. Bem conhecia o monstro o melindre de minhas máximas, e esse foi o motivo de me instituir legatária universal; concebeu que não me deixando senão o que por ordinária lei me pertencia, ficava eu desembargada e livre de dispor de minha vontade, e essa liberdade é a que ele quis ainda conservar presa. Esse donativo imenso autoriza-o o costume <sup>(1)</sup> do sítio, onde existem os bens de M. d'Olmancé: e ora as cláusulas do testamento são, que no caso que eu torne a casar, os dous terços dos bens de M. d'Olmancé pertencerão aos filhos que eu tiver dessas segundas núpcias; e o outro terço passará aos herdeiros dele. Assim quis, pela riqueza de seus donativos, cativar o Duque a pública estimação, e pela gratidão, forçar-me ao silêncio; ou quando menos desluzir um tanto a realidade de minhas queixas contra ele. Por esse estrondoso sinal do seu amor, cometeu ele uma injustiça, pois que privou seu sobrinho duma herança, a que ele tinha mui sagrado direito; e com indiferença a cometeu, porque nela contentava o seu ciúme: contentamento que lhe fez mais força, que a rectidão (virtude que ele nunca conhecera) e que a suave satisfação de fazer bem, de cuja nunca ele soube avaliar o preço. Amigos não lhe exagerei o retrato; talvez que o favoreci mais do que eu devia ao meu ressentimento.

Em que estado me vejo! Se, por desgraça minha declaram por valioso o testamento, não posso (sem que nos olhos do Público me desdoure) renunciar aos bens que me são legados. Dir-se-ia, que esse deixamento era um delírio meu que orçava por esses das Novelas. E posso eu transpassar a mãos alheias, bens, aos quais ela não tem nenhum direito? Não; que infiel eu fora às intenções de M. d'Olmancé. Conservá-los-ei então a quem eles pertencem, sendo sua depositária somente: e esse depósito, Amigos, de conservá-lo tenho a quem ele toca: por minha morte havê-lo-á intacto. Lográ-lo-á tardio: e se contra mim se agasta, culpe antes o seu Parente que não a mim. Além de que, não anda tão arredada, como o cuidado, de mim a morte, Nas asas dos pesares, voa mui rápida a velhice. E eu sou incontrastável nas máximas que adopto, quando a razão, e prolixas reflexões me informaram de sua equidade. O que só temo é, que me persigam; o muito que se interessam por um amigo dá severos visos à resolução

tomada; já combatem contra ela; já acodem à persuasão, quando, pelo respeito que têm à pessoa, a não acometem com motejos. Esses combates são os que trato de evitar. E ora, Amigos meus, vós sois os únicos a quem esta minha relação confio. Que Dama tem sido mais infeliz do que eu? Desgraçada Esposa, Viúva escrava, eis-me condenada a ver de contínuo a honra opor os rigores seus às brandas inclinações de meu peito. Himeneu foi causa que afogasse na alma o amor que eu tinha; a viuvez, que a todas as mulheres restitui a liberdade, fez para mim laços de ferro, com que me prende às inanimadas cinzas do meu perseguidor; e a única pessoa, que sem tingir de pejo o meu semblante, podia quebrar essa hórrida cadeia, com que meu Esposo, ainda lá do seu jazigo me tem presa, é o único, a cuja cerca, experimento incontestável repugnância.»

O Comendador, M. e M.<sup>da</sup> de Sémiane, e M.<sup>da</sup> de S. Perés que ouviram com a atenção mais fixa o que acabava a Duquesa de contar, orvalharam de lágrimas os padecimentos que ela suportara; sem contudo se persuadirem que fosse tão culpado acerca dela como se dizia, o Duque d'Olmancé. Mas que dúvidas lhe pôr? A deposição do Caçador furtivo, as assinaturas, a irrevogável sanção dos Herceville, do Marquês, do Cura, e do Bailio, as palavras formais de M.<sup>da</sup> d'Estanges... Quantos argumentos faziam força ao espírito para que adoptasse o que o coração estava repelindo! Hipocrisia semelhante, que eles tinham pelo mais feio dos vícios não podiam dar-lhe assenso: e que Hipocrisia! Dissimular 50 anos o crime que fermentava na alma; e o engenho e traças de atroce corrupção; disfarçá-la com o aparente exercício de todas as virtudes!... Por algum canto se descobre sempre a gangrena do coração; e ora, o proceder do Duque d'Olmancé, nem um instante se desmentira ante seus olhos.

Não tiveram por bem impugnar o desditoso amor que ela empregava no Cavalheiro de S. Jorge; mas enleava-os o pouco empenho que, na viuvez da Duquesa tinha demonstrado; que não parecia natural, que se tivesse quedado, se ainda algum amor lhe tinha. Suspeitavam que essa infeliz Senhora se deslumbrava no amor do Cavalheiro. Neste pensamento se despediam dela, firmemente resolutos a descobrir onde

se ausentara o Cavalheiro, e sondar, e arrancar-lhe enfim do seio o arcano do seu amor, ou senão o da sua indiferença a respeito de M.<sup>da</sup> d'Olmancé. Conhecia o Comendador ao Marquês d'Urfay, com quem tinha estreita amizade o Cavalheiro; e logo no dia seguinte, lhe escreveu que lhe viesse falar, o que o Marquês súbito cumpriu, pelo muito que ternamente venerava o Comendador.

Passados os primeiros abraços, lhe disse M. de Selville: «Meu caro d'Urfay, tendes de fazer-me um importante serviço.» — «Disponde de mim.» — «Conheceis o Cavalheiro de S. Jorge!» — «Título é de que eu me honro.» — «Onde se acha agora?» — «Em Malta; finda as suas Caravanas, e vai pronunciar os últimos votos.» — «Muito me espanto; que fortes razões tenho, para crer que certa afeição oculta se opunha a semelhante resolução.» — «Não vos enganais, Senhor Comendador; o Cavalheiro de S. Jorge adora a mais bela, a mais virtuosa Dama... Vós a conheceis, nem poderiam meus louvores crescer um átomo às raras virtudes que a distinguem.» — «Creio que indicais lá a Duquesa d'Olmancé?» — «Ela mesma; que aqui trago eu na Carteira, a Carta, que antes de partir para Malta me escreveu o Cavalheiro: lede-a, e colhereis dela, quão violento é o amor do meu Amigo, e quanta é sua fineza.»

Leu o Comendador a Carta, que dizia: «Sim, querido Marquês; eu parto. Vou cumprir o tão retardado sacrifício, que de mim requer a minha família. Cerrou-se pois toda a esperança minha? Que fiz eu em a tornar a ver! Que imprudência! ir ainda beber a peçonha que me consume! E bebê-la a golpes largos! Esvaeceu-se o remédio. Só lágrimas... só a morte... Desgraçado de mim! são as que me restam. Quem se negaria ao contentamento de a tornar a ver! De ainda ouvir aquela encantadora voz, que desde os meus primeiros anos me cativou. Desconhecida força me impelia a vê-la. E que abalo, oh Céu! o meu Amigo, me não deu na alma! Oh feliz prazo da nossa infância, como se me afiguraste ali! Que curto foste! Porque não tinha eu nessa infância, esta alma toda ardores, que hoje me abrasa! Então lhe dissera, a cada instante do dia, quanto eu a amava, quanto eu a adorava! A minha pouca idade levaria o perdão consigo. Muito a amava eu já desde então: mas hoje... Oh! que a 12 anos ninguém sabe amar! O

tempo da infância é um roubo que a Natureza fez a uma alma que nasceu sensível!

Inúteis pesares! Entre ela e mim vou pôr de encontro imensos mares, e logo solenes votos estorvaram... Poderei eu pronunciar-los, esses votos despiedados, que têm de apagar em mim a única chama que consola, que alimenta o homem no desamparo, na miséria de seus males?... Oh Esperança! Tem de ser. Tente-se ao menos, se os brados do Dever são mais poderosos que a voz da Natureza. Essa esperança que me nutre, e a quem dá pábulo <sup>[xxv]</sup> a minha loucura, é quimérica esperança. Ponhamos entre o meu coração, e ela uma insuperável barreira... metamos as derradeiras forças E se ela me amasse! Todo o meu sangue, toda esta minha vida eu dera, por lograr dessa ventura. Mas: desejos vãos! Sou-lhe indiferente... Parto. Afligir-lhe eu o coração, retratando o meu amor! a ela que é tão sensível!... Tingir-lhe de amargura os fios da vida, não lhe descorando as máximas de seu recato!... Fuja-se.

Dez meses passei junto dela! Mas que rápidos voavam! Vinte vezes, mil vezes se me quis despegar dos lábios o segredo. Se ela, oh meu querido Amigo, houvera castigado com enfados seus essa minha imprudente temeridade, ficaria eu com vida? Eu com a ver me deleitava quando menos; que tem sua doçura esse estado; mormente, olhando-me ela, e não se irando de me ver. Que incógnito poder é esse que todos os passos encaminha para o objecto, que nos conquistou? Não deve pois amar aquele que quiser livremente proferir que ele ama? Vê-la-ás essa adorável Senhora: não a conheces; mas se a vês, tens de logo conhecê-la; porque nada há neste Universo de mais formosura, de mais caroável, <sup>[xxvi]</sup> de mais discrição, de mais sensível: todo o homem que dela ouvir, tem, mal a vir, de dizer — *É ela*. Dela me fala, e de contínuo, dela; só com ela eu depare em tuas Cartas: afigura-me quanto eu perco — e morra eu de mágoa.»

Lida a carta, disse o Comendador: «Admiro o generoso proceder do vosso amigo: infinitamente nobre é o sacrifício que ele faz. Não o desculpo todavia de não ter explicado à Duquesa as intenções que acerca dela tinha: estranho-lhe esse proceder.» — «E suspeitais vós, que M.<sup>da</sup> d'Olmancé se inclinasse ao meu Amigo? Tenho de confessar-vos, que muito me pesa, que o Cavalheiro não se quisesse confiar de

mim. Ainda que passou alguns tempos em minha casa, quando lá assistia a Duquesa, (porque eu dantes não o conhecia) não bastam alguns meses para entrar no interior duma pessoa; só lhe conheci a casca, e essa me pareceu sã, e boa: mas ide por esses bosques, vereis troncos cuja casca promete séculos de vida, e daí a um quarto d'hora, ei-lo o carvalho que desaba sobre raízes carcomidas.» — «É verdade, senhor Comendador, que das Artes a mais difícil é a de conhecer os homens: mas conheço completamente o coração do Cavalheiro de S. Jorge, que é o mais puro, o mais sensível, e o mais digno da estimação dos homens de bem.»

Depois que o Marquês d'Urfay partiu, ficou o Comendador, esse respeitável ancião reflectindo nos meios que empregaria para empenhar o Cavalheiro a deixar Malta, e voltar a Paris. «Se ele é digno de Madama d'Olmancé (dizia ele consigo) porque se hão-de separar dous corações, que parece, que o Amor e a virtude têm unidos? Porque se privaria a minha digna Amiga da felicidade de consociar o seu destino com o do único homem que a pode fazer perfeitamente v e n t u r o s a ? »

Na plena determinação pois de empenhar os seus poderes em unir os dous Amantes, resolve-se a esclarecer certas dúvidas que ele não podia descartar do ânimo; e que bem a pesar seu, tornavam a entrar nela; e esclarecidas elas, por seriamente o peito ao complemento dos desposórios de Cavalheiro de S. Jorge com a Duquesa d'Olmancé.

~~~~~

Tinha-se embarcado para Malta o Cavalheiro de S. Jorge; mas na altura do Cabo de Espartel, uma Fragata Inglesa, chamada Worchester, investiu com o navio em que ele ia, e o tomou. Comandava a tal fragata Milord Stanley, moço de obra de 23 anos; e como a guerra, por grande desgraça nossa, justifica a atrocidade dos combates, pode bem enobrecer-se pela generosidade nas acções dela. Em despeito da disciplina que ele fazia, que a bordo se observasse, não pôde ele tolher que o Cavalheiro de S. Jorge não passasse pelos

direitos do vencedor, e que nos primeiros instantes de confusão, o não despojassem os da equipagem da fragata. Mas logo que aquietada a desordem (que anda inseparável com a vitória) deu lugar ao sossego, cuidou Milord em cumprir com o dever, que lhe impunha a humanidade, indo visitar os prisioneiros. Nem poudo ver o Cavalheiro de S. Jorge, sem que por ele se interessasse vivamente; e como, com atenção seguida o examinasse por alguns dias, conheceu nele quanto era necessário para conquistar vontades, e não tardou muito que no seu próprio coração não advertisse que entrava de meias no caso, que por honraria sua fazia bizarramente dos mais prisioneiros. De primeiro atribuiu à perda da liberdade e do que trazia de mais valioso as sombras de tristeza profunda que lhe vinham do peito. Esses cuidados do afligido Cavalheiro cuidou o Lord em dissipá-los súbito, compreendendo na partilha que da preza lhe cabia, o despojo do Cavalheiro; dando-lhe ao mesmo passo a segurança que apenas chegado a Inglaterra, apressaria o escâmbio dele.

Bem percebeu Milord Stanley que nem o benefício com que o penhorou, nem a promessa da mais próxima liberdade ameigavam a torção que despedaçava o coração do Cavalheiro; antes cuidou que divisava mais nele certo carácter inquieto e violento, que paixão profunda. O que acerca dele Stanley obrara, adquiria direitos à confiança; sendo moço, mais prometia indulgência que severidade, o verdor de seus anos: assim lhe instou com viveza, que com ele se abrisse. Repugnou o Cavalheiro, e deu nessa repugnância motivo a s u s p e i - tar-se, que pecava em feito vergonhoso a confidência, que dele reclamava o Lord. Pelo que, este dava demonstrações de ser mais relaxado, de que austero em sua moralidade, convencido que para ganhara confiança de qualquer, releva demonstrar-lhe parecenças com o génio; e surtiu-lhe esse meio mui bem. Confessou-lhe o Cavalheiro, que o único pesar que o consumia era a perda dum sobretudo, de cujo tinham os marinheiros despojado; porquanto na entrecostura dele se encerravam papéis numa Carteira, que eram para ele de importância suma; e que o pesar, que lhe empeçonhenta o sossego do ânimo, era o susto, que se vulgarizasse o segredo que esses papéis continham.

Deu logo Milord Stanley apertadas ordens, por que se lhe entregasse o sobretudo: trazido este, e dado ao marinheiro o valor dele; por saber se era verdade o que lhe dissera o Cavalheiro, busca a carteira, e dando com ela no assinalado entreferro, acode a lhe dar parte de bom achado. Ali se deu o Cavalheiro à mais solta alegria pela boa nova, nem deparava com frases assaz expressivas da gratidão devida ao generoso Milord. Já acudia com a mão a receber a Carteira, quando Stanley lhe declarou que lhe era impossível entregar-lha. — «Como assim! Vós me negais, Milord, a Carteira de que depende a felicidade, e o descanso da minha vida?» — «Cavalheiro, assim é que tenho eu a regalia de dispor do que vos pertence, mas da Carteira não: porque todos os papéis (e vós o sabeis muito bem), que se acham em Navio tomado, devem ser enviados ao Ministro, porque ele os examine antes que os e n t r e g u e . » — «Pelos poderes do Céu Milord, dai-me esses papéis, se não quereis que eu seja o mais desgraçado dos homens todos.»

Como resistisse Stanley em lhos entregar, lançado o Cavalheiro nos transe da desesperação, fazia extravagâncias mil, queria-se matar: de maneira, que se viu o Comandante no caso de lhe pôr g u a r d a s à vista, para o remir dos excessos da sua violência. Chegado apenas a Inglaterra, tratou Stanley (fiel à sua promessa) do escâmbio do Cavalheiro, e o transpôs em França. Foi a primeira intenção de Milord entregar logo ao Ministro os papéis da Carteira; mas também a segundo de ver primeiro o que continham: bem via ele que era desatento; mas quasi como a seu mau grado resistir não poudo a seu curioso desejo. Gelava-se-lhe o coração ao lê-los... «Que monstro! E escondia-se (gritava ali o Lord) uma alma tão atroz, num tão formoso rosto, e num aparência de todas as virtudes! Vi-o, e amei-o. Oh quão suave me fora poder-lhe conservar ainda esse mesmo affecto!»

Sobre o partido que tomar devia nesse lance, reflectiu Milord maduramente: como os papéis em nada se referiam à causa do Estado, teve por bem, que sem ser infiel ao seu Rei, os podia reter consigo. Entregá-los ao Ministro era arruinar o Cavalheiro de S. Jorge; quei-má-los, ou remetê-los ao culpado, era ser cúmplice no delicto. Tomou

pois o partido, que lhe inspirou a generosa humanidade; que temos de convir que a equidade não. Ouvira muitas vezes o Cavalheiro falar no Marquês d'Urfay; e pelos informes que tomou acerca do carácter e costumes desse fidalgo francês, soube que possuía a consideração, e estima das pessoas de bem; disse então consigo: «O Cavalheiro de S. Jorge é mancebo; é duma família distinta; cuidemos em lhe encobrir a que o empuxaram as paixões dessa idade; e dado que difícil nos pareça a cura, não desesperemos dela. Tanto mais que me convida a probidade a que eu vigie a desventurosa de vítima de suas maquinações. O Cavalheiro, que não sabe o meu desígnio, tem de tremer do uso que eu da Carteira fazer posso: já o susto, (nessa incerteza) é uma lição forte que lhe pode semear remorsos na alma, que sejam precusores dum verdadeiro arrependimento.»



Tinha o Comendador anunciado a M.<sup>da</sup> d'Olmancé, que lhe era indispensável o fazer certa jornada; o que dava grão pesar à Duquesa, em se ver privada do seu respeitável Amigo; e até M.<sup>da</sup> de Sémiane admirada dessa subitânea partida, se deu por altamente agastada, que a não houvesse o Comendador prevenido; e como soube, que partira para os seus Paços de Selville, consolava a sua amiga d'Olmancé, aconselhando-a que a esse respeitável Ancião despachasse correio trás correio, até que cansado de tanta carta sua, tomasse a resolução de voltar à sua companhia. — «Não compreendo, querida Sémiane, tal leveza, e tal desalento como o teu: atormentar com cartas o nosso Amigo, até que venha, é reflectir mal. Serão donosas as tuas cartas, e o Comendador; por haver mais quantia delas, estenderá a ausência.» — «Esse cumprimento, minha amável Amiga, me lisonjeia muito, mas não me logra: não queres que lhe escreva, mas perdes o feitio; porque desde o dia, em que nos relataste teus infortúnios, estalo de impaciência de conversar com o amado Comendador, e esse implacável homem desumanamente de mim foge. Oh que me não hei-de privar de lhe verter na alma os meus mais mimosos pensamentos:

tenho segredos... Sim, segredos que confiar-lhe quero, e tu não os hás de saber: tudo quanto tentares a esse efeito será vão.» — «Sossega-te, Marquesa; que não quero pôr em provanças a tua amizade.» — «Dizes-me isso com um tom tão sério, que te eu dera por agastada.» — «Mal me conheces. Agastada? nem por sombras.» — «Nesse caso, com licença tua, vou-me pôr a escrever lá no teu gabinete. Promete-me que me não hás de inquietar, nem querer sair o que eu escrevo.» — «Prometo.» — «M. de Sémiane há de aqui vir ter; faze-lhe boa companhia, enquanto acabo, sobretudo não o deixes entrar.» — «Vai descansada. Ouça-me ele; que não te irá estorvar.»

Escreveu a Marquesa ao Comendador, nos termos seguintes: «Que motivo teve tão súbita partida? Assim se deixam Amigos tais. Ansiava eu ver-vos para discorrer convosco acerca da terrível narração da nossa Amiga; actos nulos! Ide-vos, e me tolheis essa consolação. Mas falai. Dais por possível quanto lhe ouvimos? Folheei quantos papéis continha o Cofre, e tão claro como o Sol, vi que tudo é certo; e todavia ainda tenho dúvidas. Quanto não padeceu, Coitadinha! E há homens de tal condição! Ter unhas de Onça, com cara tão gentil, com garbo tão Senhoril! Quem é que havia de crer, que c'um exterior... Não: não pode ser. Formosa d'Olmancé, esta tua imaginação fosse quem te atormentou então! Por mim, afirmo que todos os homens são de primor.

Sabeis vós, Comendador, que é felicidade minha, que haja entre mim e vós alguns centos de léguas, e que vós não sejais adamado mancebinho! Seguro, que assentariam que vos declarasse inclinação de amor! O que é certo, é que eu vos escrevi uma extravagância; e que excepto vós, e meu marido, todos os homens, sem contradição são loucos ou patetas. Como *v.g.* o Duque d'Olmancé. Que desazo! Que desestramento! Oh que atontado! Deixar cair da algibeira semelhante Carta! Dera-lhe eu pancadas. Ide-vos lá lidar na felicidade de semelhantes tresloucados. Imaginais vós que haja ele tudo quanto para agradar se necessita? Quando eu digo tudo, bem me podeis crer; porquanto recto é o meu engenho, excelente o coração, e para julgar as pessoas, nunca me fio só dos olhos. Ora, eu tinha tudo inventado, tudo previsto, tudo arrumado; que ele gradualmente lhe fosse cativando a vontade, divertindo a imaginação, dando-lhe com que encher

momentos vagos. Oh! que mui perto então se está do coração! Nada disso! Portou-se como um principiante. Outro d'Olmancé que como uma bomba ali dá o baque. Comendador, bem julgais vós qual seria o espanto da minha Amiga! Afigurou-se-lhe ver a Sombra de seu marido. Em transe tal, eu mesma faria o que ela fez. Enfadei-me com d'Olmancé, ralhei com ele; mas ralhei, como vós o não podeis imaginar. O mal era feito... Nem por isso me faltou vontade de rir. Desluzir o que traçara a minha prudência! Acordai comigo, que tal desmancho não era para esperar-se.

E podia eu rir, que a via tão desconsolada? eu que a amo tanto! eu que dera todo o meu sangue, tudo quanto possuo e valho, até a minha jovialidade, por lhe enxugar a menor daquelas lágrimas tão lindas, que ela verte com graças mil. Se eu fosse homem, e amante de M.<sup>da</sup> d'Olmancé, e sentisse em mim o menor estímulo de infidelidade, ia-me lançar com dous joelhos no chão, diante dela, e pedir-lhe, que chorasse; e uma lagriminha sua me daria na alma tal dose de constância, que seis meses me durasse, quando menos. Mas falemos sério dous minutos (se é que eu consegui-lo posso). Fez maravilhas a vossa admoestação; muito folgo, que sejais do meu parecer. Ela agastou-se, tomou sestro contra d'Olmancé, e porquê? o lance não vinha disposto d'antemão. Sémiane me disse, que tínheis amizade com o novo Duque: muito folgo que assim seja: mas seja ou não, afirmo-vos que tem excelente alma, e guapo coração. Dizem somente dele, os indiferentes, que é amável homem; mas as nímias qualidades que ele possui, fazem que seus amigos se não afoutem a dá-lo pelo que ele é. Um cento de acções de brio sei eu dele, que uma só bastara, para lhe pôr aos pés todo o Universo. Comendador, bem sabeis vós quão sincera eu sou; e o que eu vos digo é a minha alma inteira e pura: afora Sémiane, o Duque fora o único a quem eu honrara com o nome de Esposo meu e bem sabeis que para merecer a minha escolha, ou a minha aprovação, mais que virtudes ordinárias se precisa.

Palavra de honra, agradeço à leveza de minha índole o ter-me salvado de prevenções. Dariam por menos avassalado a elas um engenho mais reflexo: pois não é assim; não há hi destruí-las. A primeira sensação decide pró, ou contra; e as reflexões, que depois vêm, se põem do partido da opinião que de primeiro se tomou. Se ela

é favorável à pessoa que queremos conhecer; e que o Público tem que se queixar dessa pessoa, damos o Público por injusto; dizemos que a pessoa é tão modesta que encobre as virtudes que tem; ou que se deixa perceber, que então vendo nelas sua própria sátira, se vingam, desacreditando a pessoa. Foi desvantajosa a primeira sensação; e dela faz diferente conceito o Público? Dizemos que a pessoa é hipócrita, e que de mui arteira, que é, disfarça os seus defeitos; ou que de mui adulara se avilta nos cortejos, para que lhe passem os vícios; ou lhe clamamos pródiga, que com suas profusões compra a estimação do maior número da gente. E assim se escoam nos ânimos reflexos os vícios e as virtudes quasi sempre, uns que não lhe abrem os olhos, outros que lhes não voltam o coração. Perguntai a esses prevenidos a razão; por certo que a não dirão: e contudo, nem de ódio, nem de amor tal prevenção lhes vem. Um certo orgulho interior nos estorva de confessarmos a nós mesmos, que nos enganámos. e faz que pela mor parte quando adoptamos, ou rejeitamos tal pessoa é por ampararmos a nossa infalibilidade. Gentes dessa espécie respeitam tanto o tacto delicado que elas em si supõem, que nem tomam o trabalho de examinar. Eu porém, pela minha leveza, aprovarei amanhã o que hoje desaprovo; e é bem difícil que nesse fluxo e refluxo de opiniões contrárias, que me vedam assentar juízo firme em objecto algum, não se atravessem por cabo algumas virtudes, que me decidam. Assim que, desvairada, como pareço, tenho mais capacidade que certa gente.

Se aí viesse um Silfo, *v.g.* viesse um Rei dizer-me mal de M.<sup>da</sup> d'Olmancé, não lhe dera eu mais crédito, que se me viera dizer mal de vós. E porquê? Porque a coragem que mostrou em seus infortúnios, o respeito que teve a sua Mãe, que a sacrificou, as atenções acerca de seu marido, que a perseguiu, o seu decoroso comedimento num amor que lhe envenena os dias da vida, seu proceder tão nobre na demanda que lhe produziu o testamento que tanto a aflige, são virtudes que se não fingem. Imaginários sejam embora seus pesares; logo que ela crê, que a origem deles é verdadeira, fica com toda a inteireza a sua virtude. Mas meu Comendador, sem tal pensar, vejo que discorro. Que tristeza! A Razão... não tem pés, nem cabeça. A propósito: não lhe perco as esperanças ao dito casamento. Partistes; e

desmanchastes-me todo o plano que eu tinha ideado; não importa: voltareis, e ela casará com o Duque, oh por certo! e será feliz. Olhai, que vo-lo digo eu: se ela é feliz, morro de gosto. Todavia seria pena; que não a veria eu então chorar: que chora ela com tanta graça!.. não a veria sorrir; e o seu sorrir é tão donoso!

É um desconsolo que não estejais aqui. Desconsolo grande, não me poder lograr duma conversação convosco, após a conversação sublime que tivestes com M.<sup>da</sup> d'Olmancé. Fino-me de desejos de beijar essa bela frente sombreada de veneráveis cãs, cujo entendimento, cuja boca concertaram o parto desses discursos em que vós tão discretamente lhe afiguráveis o quadro dos seus deveres. Não me contradigais; oh não! Que sou eu capaz, num acesso de gratidão, de ir beijar o Correio, que me trouxe a vossa resposta. Que me dizeis! Não vedes vós Sémiane, que me lê, por cima do ombro, quanto vos eu escrevo, e que ri a bandeiras despregadas? Não é ele o primeiro Marido, que ri colhendo de súbito a lista dos beijos que sua mulher promete? Mas dissei-me, Comendador, quem é esse Cavalheiro de S. Jorge? Tenho minhas suspeitas... Conhece bem a minha Amiga o que ele é? E conhecei-lo vós? Torno-vo-lo a repetir, porque não basta ser amável para ser Amante da Duquesa.

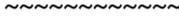
Oh Deus de minha alma! E eu que o não cuidava! São duas horas já, e hei-de ir jantar a um convite mui sério, composto de Damas, que não passem de 20 anos; e tenho de gastar quatro horas a tocar-me; e ainda não comecei. Como me hei-de haver? Como? Num quarto de hora o faço. Comendador, um abraço, e um beijo, e voltai quanto antes. Em poucos dias se julgará a famosa demanda.»

Com efeito, a intenção, com que o Comendador foi a Selville, era a de tomar notícias do Marquês de S. Jorge vizinho seu, acerca do que depusera o furtivo Caçador: e ora, assinara este com o nome de *Duprez* a sua deposição; e o Comendador não somente conhecera ao Duque d'Olmancé um Criado desse nome; mas ainda se lembrava que esse Criado ficara em casa até à morte do Amo, e daí passara a servir o Cavalheiro de S. Jorge. E ora, quanto ele ouvira a d'Urfay, à conta do Cavalheiro, não tinha assaz vigor que desluzisse as suas suspeitas. Assim, mal entrou no Solar, foi-se ter com o Marquês de S. Jorge, e este lhe segurou que tudo era pura verdade: e ainda declamou contra a

perfidia do Duque morto, que com detestável aleive, não só lhe quisera desacreditar seu filho, com supô-lo capaz de induzir M.<sup>lla</sup> d'Estanges; mas espalhara sobre essa desditosa Dama todas as suspeitas da desonra.

Conveio o Comendador que, a não ser aleive a deposição assinada,

réu era o Duque de alta vileza. — «Duvidais, Senhor Comendador da declaração dum homem que morre?» — «Senhor Marquês, francamente digo, que custa a imaginar, que desse em tão odiosos excessos homem que amei, e que estimei enquanto viveu, e cuja lembrança me é ainda prezada.» O Comendador que acabava estas palavras, entra o Cura. — «Bofé (bradou o Marquês) que vindes, Padre Cura, a propósito, para convencerdes o meu Amigo acerca dos crimes que t r a m o u M. d'Olmancé para se desposar com M.<sup>lla</sup> d'Estanges.» Atônito reparou o Comendador no grande enleio do Cura; nem no como ele falou, dava ares de convencimento. Convidado pelo Marquês, ficou para o Jantar; e lá pela tarde, indo-se dar um passeio pelo Parque, o Comendador curioso de saber o motivo do enleio do Cura, traçou modo de ter conversação com ele. — «E morreu esse miserável poucos dias depois da declaração feita?» — «Assim se diz.» — «Como assim? Deveis sabê-lo, pois vos cabia enterrá-lo.» — «Há hi recatado mistério. A declaração bem a ouvi eu; e quando no seguinte dia fui para lhe dar os socorros espirituais, que me ele pediu, disseram-me que aquella noite morrera, e o Cirurgião pedira o cadáver para o dissecar. Resposta que me espantou; e que fez que demostrei ao Senhor Marquês, que me espantava esse proceder do Cirurgião. Respondeu-me, que não pudera negar esse favor, para bem da Arte. Qual foi meu assombro, quando, passado tempo numa visita, que fiz, em Paris, ao Cavalheiro de S. Jorge, vi num seu Criado, as feições do moribundo Caçador! Também ele se turvou com me ver: fitei olhos nele; e ei-lo que enfia, cora... Já lhe eu ia perguntar... Mas seu Amo o manda embora. Assinalei ao Cavalheiro as suspeitas que tinha; ele pôs-se a rir: mas na torvação do gesto, lhe rastreei o enleio da alma. Assim não quis perguntar mais. Guardai-me segredo. O Criado, e o Caçador chamam-se ambos *Duprez*; bastante assunto para reflexões! Vós punis pela honra do Duque: vossa prudência romperá a nuvem que cobre tudo.»



Na conversação que com o Cura teve, não falou o Comendador ao Marquês, e com o pretexto de negócios importantes, se despediu dele para Selville. E era assim; que não era de parecer o bom Comendador de confiar à Duquesa, nem a M.<sup>da</sup> de Sémiane, que tinha tão estreita amizade com o novo Duque, quanta tivera com o parente morto; e como o Duque mancebo lhe escrevera, pedindo-lhe que se achasse em Selville, para lá lhe comunicar negócio urgente, e lá nessa visita recebesse a Carta de M.<sup>da</sup> de Sémiane, respondeu-lhe assim: «Que ditosa que sois, Senhora! A vossa jovialidade verte de contínuo tinta de cor de rosa, no porvir; quando eu, que sou mais sério que vós, me sinto na impossibilidade de encobrir quanto infortúnio avisto na nossa comum Amiga. Sim, Marquesa; a quantia dos males da imaginação é maior, que a dos males verdadeiros: e esse é o caso de M.<sup>da</sup> d’Olmancé. Muito receio, que o mais puro coração tenha atéqui odiado gente de bem, para amar... Aqui paro; não digo mais. O que lhe ouvimos me assusta; e custa-me a crer em sua franqueza, crer no que tanta gente testifica; nesse alongado fio de bárbaros procedimentos. Ela contudo era incapaz de os inventar. Sou sincero; nem por tanto retiro da lembrança de seu Esposo a minha estima, senão quando não achem nenhum refúgio as minhas incertezas. Ele morto não pode defender-se; aos seus amigos cabe cumprir com esse dever; justificá-lo, como ele o faria, se vivo fora: e eu nisso trabalho com ardor.

A nossa Amiga, alfim, é bem injusta no antecipado ódio, que ela tomou ao novo Duque: com um coração tão recto, com um juízo de tanto acerto... Nem sempre provam as prevenções falsos os raciocínios; e por grande desgraça. Julgam antes os homens segundo as circunstâncias, que com conhecimento de causa; ora, ainda no caso que a equidade natural se deixasse iludir pela prevenção nunca serão os argumentos que a desarraiguem; mas sim o aspecto muito mais eloquente da pessoa que intentamos reabilitar. Sem que o dê a demonstrar, porei a equidade da Duquesa, daqui a poucos dias, a uma árdua

provança; e então veremos em que opinião ela terá o nosso Duque d'Olmancé. Não vos declaro o que disponho obrar; dela o sabereis. O jogo vai direito; e bem se permite a destreza, quando ela arma à defesa, e interesses da Virtude. Esse amor que ela tem ao Cavalheiro de S. Jorge é ele bem justificado? Subjuga-se uma Senhora como ela, com o bem apessoado da pessoa, e algumas exteriores prendas? Com pesar vo-lo digo: mas eu tenho esse moço por um fino dissimulado; e não gosto da gente que é do parecer do quanto vem; e que tomam êxtase à menor palavra de Humanidade, que sai da boca de outrem. Mas ante os olhos duma Dama prevenida, passará por brandura de ânimo, e amor da sensibilidade o que, a meu parecer, é um defeito: e que progressos não fará nela a prevenção, quando ela mesma é a brandura, e a sensibilidade personalizada? Com sustos lhe ouvi a narração de seus infortúnios; e juro--vos, que a obrigação de renunciar à estima, que tive acerca de seu Esposo, fora cruel suplício para mim. Duvidar é nesse caso, ventura minha; sem ser ofensa da Duquesa. Perdoai-me este dizer. Seria ela a primeira virtuosa Dama, a quem a diferença da idade, a dissimilhança da índole, a encoberta, mas invencível repugnância, que em despeito próprio se sente acerca de algum objecto, houvesse desgostado de seu marido? Confesso-vos, que essa opinião, não desfalaria um átomo da minha estima; e que mais que muito sei, que bem a miúdo o Amor, e o Ódio sem algum motivo nascem. Tais julguei as razões de queixa, que ela demonstrava ter contra seu Esposo. Não sei, Madama, se o não estar o coração mais nobre abrigado contra essas prevenções, é ou não uma imperfeição da Natureza; sem o querer, é injusto; motivo esse, que lhe dá mais jus a nossa compaixão, que ao vitupério. Quem há hi que repreenda uma injustiça, que a imaginação apresenta com máscara de equidade! É como quem quisesse castigar um homem, pelos excessos que cometeu no delírio duma febre ardente. A narração dos acontecimentos da sua vida me lançou em terrível enleio: ela é tal, que dera efectiva desconfiança; de maneira, que não sei que firmeza lhe dê. Ah! que se ela pudesse amá-lo, nenhum outro que d'Olmancé, lhe eu dera por marido; e a ouvi-la, foi um monstro. Ele morto, o único que deparou digno dela, é o Primo mas a horrenda luz que ela espargiu pelo que atéqui mereceu a atenção de toda a gente, quem há hi que a queira

expor a segunda prova? Não caíamos todavia num erro, mais perigoso que o vício mesmo: erro de duvidar se ainda há virtude?

A Duquesa cuida que conhece perfeitamente o Cavalheiro de S. Jorge. Ela o cuida; mas eu duvido. Criaram-se ambos desde as mantilhas; mas é bastante? Não. Conheceu a paz da infância; não conheceu o homem. O da infância morreu, quando apareceu o homem agitado pelas paixões; e esse homem é o que nem ela, nem nós conhecemos. Convenho que as virtudes da infância dão vantajosa presunção para as virtudes de outra idade; mas como para o homem, que entra pela Aurora das paixões, basta que lhe apontem destramente ao coração uma virtude, para que esta desarraigue os vícios da infância: assim também um vício, que ele abraçou avidamente, basta para afogar o pimpolho das virtudes que desabrocharam na infância. Talvez que ainda não se reflectiu num objecto de tanta importância para o homem; e esse objecto é, que, em geral não influem na vida do homem as impressões que recebeu na infância, mas sim os objectos, que lhe ferem os sentidos, quando ao coração lhe estão clamando as paixões primeiras. E tanto é verdade; que desde os anos púberes até à idade em que as paixões, mais quebrantadas já, dão aberta às reflexões, conservará antes o rastilho dos preconceitos que bebeu na puerícia, que o das virtudes que lhe tentaram inspirar; esses lhe são talvez de préstimo; estas de empacho. Quando o homem entesta com a época, em que a Natureza abre o Oriente das paixões, ali é o amassar a mole cera; porque então a voz imperiosa que lhe fala ao coração o dispõe a todos os moldes, e a ceder à voz que o avassala. Esse instante, em que (pelo uso em que estamos) entregamos a ela mesma a Mocidade, pode ser que fora o único, em que a devíamos vigiar, ou antes moldá-la; com conselhos não, que é surda; mas sim com objectos exteriores. O único brado que então ouvem, é o das Paixões, que lhe clamam — Goza. — Para esse gozo obter, toma o Mancebo indiferentemente a estrada do Vício, ou a da Virtude. Nem dele pende a escolha: pende de quem o guia. Lan-

çá-lo ao Mundo, e fiar dele qual estrada tomará, é por certo um papel de sortes: e todavia essa boa ou ruim estrada o fará feliz ou desgraçado; considerando que lhe parecerá tanto mais segura a estrada que tomou, e tanto mais preferível, quanto ela o coroou com o feliz successo. Erro é, que sempre reina, comparar vida estragada, com morígera educação na infância havida; contínuo é dizer-se: “Cair em similhantes absurdos, homem tão bem criado!” Não querem contemplar que esse homem tão bem criado morreu aos 15 ou 16 anos; e que ali se mudaram afeitos, sensações, e ideias; que (numa palavra) é um Ente novo. Se nesse instante o desamparais, como podereis arguí-lo, se nada, a seu respeito, então obrastes? Criminareis um homem, porque não conservou as impressões morais que na infância recebera? É como se o argúissemos de não regular as acções do dia pelos cunhos do nocturno sonho, que o Sol voltando, lhe apagou na memória, quando lhe desviou o sono.

Adeus, linda Marquesa; vigiai a nossa comum Amiga; segui o meu sistema; não lhe faleis nas belas qualidades do nosso Duque: fazei como eu faço; que elas lhe falem por si mesmas. Conheço-a quasi tanto como vós. Digo quasi; porque, igualando-o na estimação, sempre a um velho se encobre alguma cousa. Sigamos esta vereda, que seguro estou que nos não escape. Mas conservai sempre essa jovialidade que vos faz ditosa, essa formosura, que nos maravilha, essas virtudes, que são nosso exemplo; o que vem a dizer que eternamente vos dedico a minha ternura e o meu acatamento. »

Esperou alguns dias o Comendador, pelo Duque d’Olmancé; e já principiava a receiar não lhe tivesse acontecido algum infeliz desastre: eis que chega uma Carta, que diz, que como a sua demanda com a Viúva de seu Primo será julgada dali a poucos dias, não lhe cabe afastar-se da Capital; portanto lhe pede que faça uma visita à Menina Inglesa, que lhe ele dera a conhecer, e de quem ele é o protector. A esse pedimento acudiu logo o Comendador; e com tanto maior contentamento, que o dispunha a pôr por obra um projecto, que na sua Carta indicara a M.<sup>da</sup> de Sémiane.

---



---

 II PARTE

A quatro léguas dos paços de Selville ficava uma lindíssima morada, que pertencia ao Duque d'Olmancé, em que havia alguns meses, habitava uma Inglesa de poucos anos, mas cujo nascimento, e cujo nome não eram conhecidos. Tão solitária vivia que nunca de seus aposentos a viram fora: só o Comendador, a cujo ela tinha tanto respeito como veneração, lhe fazia algumas visitas. Como ela o visse um dia vir desacompanhado do Duque, tão des-sossegada que disse a brados: «Alguma nova ruim me trazeis, senhor Comendador!» — «Nova ruim M.<sup>la</sup>! Não vai a tanto. Recebi uma carta do Duque, em que me incumbe de vo-la comunicar. Sois tão cheia de razão, que concebereis  
quão  
forçosos são os motivos que o fazem obrar assim. A necessidade...» — «A necessidade, senhor Comendador!» — «Sim M.<sup>la</sup>, lede a carta.» Ela a tomou e leu o que se segue.

«Caro Comendador, bem creio que me será impossível ir-vos visitar; que me obriga a demanda a ficar. Bem sabíeis a esperança que eu tinha do unir a minha sorte com a da viúva Duquesa d'Olmancé, e pôr assim remate à demanda, que nos desune: mas seja ódio da sua parte, ou indestreza dos nossos Amigos, que em tal se entremeteram; ora seja que estivesse prevenido o seu coração, o que eu com mais razão supponho; ora enfim, da minha parte falta de mérito, o que é certo, é que essa ventura me fugiu. Digo minha ventura, não quanto aos bens; porque desses não faço maior caso, que enquanto posso com eles ser aos meus Amigos útil: mas enquanto à senhora adorável, a ela me é força que renuncie. Uma só vez a vi: e mui profunda calou a impressão, que ela em mim fez; e tanto sinto mais perdê-la, quanto mais avultava a minha esperança. Viu-me ela, e não com desagrado; como eram puras as minhas intenções, lhas declarei logo. Não me

sabia o nome; porquanto julgara a nossa engraçada amiga, Marquesa de Sémiâne, que lho devia eu ocultar, (creio que sem razão). C'uma Dama do carácter de M.<sup>ma</sup> d'Olmancé, nada tem de parecer astúcia. Da algibeira ajoelhado ante ella, me se desliza uma carta fatal, que tudo descobriu. Deu-se por traída. Volta de Passy, onde a cena se passou, súbito a Paris, agastada por extremo contra nós. M.<sup>da</sup> de Sémiâne ainda conserva esperanças, segura-me que também as tendes: eu, nenhuma.

Perderei a demanda (tudo mo anuncia), e bem concebeis que golpe corta as minhas esperanças, e que desmancho mete nas minhas rendas actuaes. Metia em conta a herança desse meu Parente; e nessa confiança, fiz empenhos, que compete satisfazer. Assentei, que subindo a grau de opulência devia aumentar a despesa ao nível do título; agora desconfiado de composição tenho de cercear do luzimento, para encurtar despesa. Pagas as dívidas, principal dever dum homem honrado, de 80,000 fr. de renda, mal ficarei com 50,000 fr. Inteirado estais dos gastos que traz consigo o morar em Paris, ir à corte, sustentar no Regimento o esplendor do título que tenho. O que mais me despedaça o coração, é deslograr-me do contentamento que se tira de ser útil a bastantes infelices, que amparava o meu cuidado. Igualmente a sorte de nossa jovem Amiga (direi melhor, mais vivamente) me inquieta. Como as minhas fazendas no Bearn ficam mais arredadas, são essas as primeiras que vendi, tanto mais fácil, que em nada desmembram o senhorio principal achegado, tantos séculos há, à minha Casa. Igualmente vendo a quinta, em que vive essa minha Protegida: anúncio, que lhe adoçareis como melhor possais.

Não mora já em Londres o seu inimigo; ella pode lá voltar com segurança. Para a viagem lhe envio, presentando-lhos como dádiva cem luízes; que é quanto posso mandar por ora: quando lhos déreis não molesteis seu timbre e pundonor; dai-lhe a entender somente, que

-----

(1) Quando os Franceses dizem simplesmente *St.-Antoine*, entendem S. Antão Eremita quando porém querem denotar S. António Português, acrescentam *St.-Antoine de Padoue*.

como eu a considero de nascimento ilustre, lhos manda, como empréstimo. Sois prudente, escusados são avisos. Grande consolação me fica, em que sou geralmente amado, e que ninguém se alegrara com o meu desastre: que a El-Rei contento, porque sabe que com toda a minha alma o sirvo; dou-me bem com os cortesãos, porque não sou seu concorrente; e se me valho da privança é só para alcançar para os outros o que alcançar para mim pudera. Assim é que não irei com disfarçado traje desparzir aqui e além alguns socorros. Gran pesar para mim! Perderá o coração; mas ganhará a fama; que quem nesse trajo me encontrava me supunha encobertos amores. O que me desconsola mais é o meu triste Comtois, em quem eu punha toda a minha confiança nos empregos esmoleres, que é todo pesares de (como ele diz) que não terá d'ora em diante, de passar os, que lhe eu remetia, suaves instantes. Que remédio! Convém ser justo, e depois liberal.

Se Germância deseja que Júlia a acompanhe até Londres, consentireis; que até passa a ser decoro. Às minhas duas Pupilas mil amizades, e a vos abraços mil.»

«Oh céus (bradou Germância quando acabou de ler a carta). E é pois certo, que os que merecem mais de ser ditosos, são esses os que o são menos! Não há que hesitar, M.<sup>la</sup> é partir. E se vós estivésseis no lance de vos desempenhar com o vosso benfeitor?...» — «Como! Por vossa vida o dissei.» — «Ouvi-me atenta. O vosso benfeitor imagina como desfeito o casamento; mas eu não julgo assim. O melhor Amigo, que a Duquesa tem, sou eu, e sou o homem que a melhor porção da sua confiança logra: ora ela ignora que eu sou amigo do Duque, primo desse de quem ela está viúva, e a quem deu ainda o homicídio assaz de prazo, para fazer testamento, pelo qual lhe deixa grande parte de seus bens; que a assim não ser, todos esses bens caíam de direito ao vosso amável Protector. Tinham imaginado os nossos Amigos confundir todos esses interesses, envolvendo-os todos num casamento tão adequado em todo o sentido: mas o verdadeiro motivo porque M.<sup>la</sup> d'Olmancé o rejeita, vem duma afeição desventurosa, e tanto mais desventurosa que tenho violentas suspeitas, que o objecto que ela ama é indigno de semelhante senhora. Creio, que muito quisera a Duquesa descartar-se da verba do testamento, que lhe lega os dous terços dos

bens no caso de segundas vodas de que provenham filhos, o que é mui possível; que apenas conta ela 22 anos e a se não casar, tornam ao Duque; ou a seus herdeiros, os dous terços. Contempla ela mui bem que se ela se desposa com o objecto que lhe conquistou o alvedrio, mal usa da generosidade de seu Marido; pois expolia o Duque duma herança a que ele tem direitos tão constantes. Unira-se ela com o Duque a não entermear certas prevenções: ela porém é cheia de razão; e com Dama de tal lote, não tropeça em dúvida, que se não renda ela à evidência. A vós é reservado o desempenho dessa obra.» — «Dizei, senhor, dizei que me incumbe que faça.» — «Repugnar-vos-ia que eu vos encomendasse à Duquesa?» — «De nenhum modo.» — «Deveis grandes obrigações ao Duque; não vos pejará o confessá-las; o que valerá a lhe pôr com evidência ante os olhos a virtude duma pessoa, virtude de que ela parece que duvida. Era tanto ao natural, que parecerei não dar-me por sabido da parte que ele tomou em vossas aventuras.» — «Pronta estou, e abraço cobiçosamente a esperança de poder ser útil a quem sagradas obrigações devo.» — «Não vos empenharei, M.<sup>lla</sup> a que me confieis a série de acontecimentos, que vos pôs sob a protecção immediata do Duque; por quanto respeito o vosso segredo, e aguardarei para quando julgardes adequado confiar-mo.» — «Senhor Comendador, à bondade com que me honrais, o devo, e desde já vo-lo confio.»

~~~~~

«Nascida em Londres, me criei, com o nome de Betti, em casa de Mistress Smith que comerciava em fancaria, para com ela aprender o que são occupações feminis. Sei que sou filha dum dos Pares de Câmara alta, cujo morreu de paixão da morte de minha Mãe; mas seu nome e título não o sei: somente Mistress Smith me declarou, que meu Tutor, poderoso Senhor em Inglaterra, por uma fantasia bem Inglesa, me pôs em casa dela, quando eu tinha quatro anos, e a meu Irmão que então seis tinha, o mandou à Universidade de Cambridge; e nada mais me disse, dado que ela me seguiu, que sabia ao claro quanto me

competia. Assim, com o simples nome de Betti, me vi confundida com as minhas companheiras, sem que cousa alguma denotasse que eu fosse algum dia a herdeira de seis mil libras sterlinas de renda, e pertencer a uma das mais poderosas famílias dos três Reinos. E tal sorte me espera lá na minha maioridade, se os acontecimentos ma não estorvam.

Essa aparência de igual com eles, foi certamente quem enganou os bárbaros que sobre a minha fronte tantos infortúnios acumularam; tomando-me por uma moça da classe ordinária: prevenção que os inclinou a me fazerem o ultraje de que devera o meu sexo ter-me em couro, se mais generoso fora o vosso sexo. Orçava eu já pelos 13 anos, e como o comércio de Mistress Smith franqueava as portas ao Público, entra um dia na logem, um homem soberbamente vestido, decorado com diferentes cruces e placas, acompanhado de diferentes pessoas, que o tratavam por Vossa Alteza; pelo olhar que em mim fitou, compreendi que nele imprimi forte afeição; enfeirando um pouco, se retirou, umas muitas vezes voltou depois à logem, das quais visitas coligi que a mim se endereçavam; sem que todavia me ele dito houvesse palavra de que eu pudesse colher sustos; que limitava ele todas essas atenções a algumas infantis carícias limpas de todo o receio. Já nesse tempo tinha eu um conhecimento, muito de meu peito, em que não tinha Amor entrada alguma; que bem arredado andava ainda o prazo, em que eu aprendi a conhecê-lo: era uma Amizade singela, correlação de génios, concordância de idade, igualdade de pensamentos, que essa união de vontades fosse necessária à minha felicidade.

Um mancebo francês, Carlos foi o nome que somente lhe soube, salvara (arriscando a sua) a Mistress Smith, a vida; que se apeava ela duma carruagem, no sobpé que orlava a sua casa; eis que o pé lhe falha, eis cai; os cavalos espantam-se com o ruído da queda, abalam-se, e iam-lhe rodar as rodas sobre o corpo: salta Carlos, que ali, por acaso, presente, viu o perigo, salta, como digo, no sobpé da casa, trava com esforçado braço, dos raios da roda, ergue-a, dá-lhe um violento sacão e a derruba para o contrário lado em que jazia Mistress Smith, e ei-la desafrontada, e salva; e Carlos que a toma nos braços, a depõe na logem, e parte. Bem conheceis o entusiasmo do Povo Inglês, quando

vê corajosa acção. Levam-no em triunfo a sua casa; e, a necessitar ele de bens alheios, esse lance bastara a enriquecê-lo.

Veio Carlos, no dia seguinte saber novas de Mistress Smith, que outro mal não sentiu além do susto. Ela o recebeu com extremos de agradecimento; e como a mais enternecida Mãe teria recebido um mimoso filho seu; e desse instante foi como sua a nossa casa, e se travou entre nós a Amizade tal, que o creio eu incapaz de a trair vilmente, apesar dos fortes motivos que há para assim o suspeitar. É a gente mais circumspecta em Inglaterra, que noutras partes: não consente lá a urbanidade que se façam indiscretas perguntas, com que se enfadem pessoas com quem não há mui estreito conhecimento. Assim, Mistress Smith lhe perguntou somente como se chamava e ele disse que, Carlos; que era francês, e que o trouxera a Londres o gosto de correr terras: e ele calou-se. Convencida porém de seu honrado coração e costumes puros, o tratou com tanta confiança, como se dele tivera, e de sua família as mais completas informações.

Não clamem leveza esse modo de proceder: que o que só daí se prova é que o homem é o que julgam, e não os acessórios dele. Ora, daí vem não saber eu tégora quem ele é; e ser-me impossível deparar com novas suas, quando me é tão necessário, sendo ele a única testemunha, que eu possa oferecer à minha família, para prova da minha inocência. Mistress Smith conhecendo a harmonia de nossas vontades, nos sondou a um, e a outro, e alcançou de nós que não havia em nós amor, mas só amizade: e desde essa ocasião cessaram nela as observações, e os receios. Amava eu a Carlos com amor de Irmã; na conversação sua me instruíra, divertindo-me; e como ele falava mal Inglês, o desejo que eu tinha de o compreender mais à minha vontade fez que em mui pouco tempo aprendi francês com ele. Era Carlos de agradável presença, de índole mui branda, e sempre igual, dado que um pouco anuviado: tinha lido a muito, de modo que se me resvalavam agradavelmente junto dele os dias; e torno a repeti-lo; era hábito, era costume, não era amor; e se quando ele se ia, me ficava desassossego, saudades não me ficavam: tornava eu a vê-lo? Com gosto, mas sem abalo, o via.

Só achava esquisito nele, esconder-se, cada vez que Sua Alteza à logem vinha; e quando lhe perguntavam porquê, respondia-me: “Não

sofro Altezas; etiquetas não as soffro.” Nem eu lançava mais além a vista; avizinhando porém depois uns lances, nunca poude descortinar se lhe era cúmplice, ou se lhe era falso: soube de certo, que ele era de sua Casa. Ainda suspeito muito que trabalhava por conta própria sua, quando a tal Alteza o empregava como agente seu. Consentia Mistress Smith, que eu fosse esparecer-me em companhia dele; que lavra a confiança, onde a depravação não mora: da depravação brotou nas sociedades o decoro. Ao certo esses esparecimentos davam de si prazeres inocentes; que ignorava eu então a distância, que entre mim, e esse povo tinha de pôr a minha futura plana. Carlos me considerava como uma fanqueirinha, <sup>[xxvii]</sup> e por conseguinte me advertia a miúdo dos perigos a que anda exposta uma moça desse estado, e c’uma cara como a minha; carregava mais nos laços que nos arma o induzimento dos Grandes deste mundo, a nós inocentes e virtuosas; quasi com as lágrimas nos olhos me obtestava, que para me salvar deles, vigiasse mui apuradamente sobre mim mesma: avisos que eu dele aceitava agradecida, prometendo que muito me aproveitaria deles.»



«Um dia... dia cruel! veio Carlos mais cedo do que usava; e mesmo, reparei, que alterado no semblante. — “Que tendes?” (lhe perguntei). — “Que tens, meu filho?” (lhe bradou Mistress Smith). — “Ando doente; dói-me a cabeça muito.” — “Vai-te esparecer um pouco; vai com Betti; eu o fora se não me impedira o meu comércio.” — “Agradável proposta! e muito mais agradável, se a amável Betti não repugna sacrificar-me o dia de hoje!” — “Por certo não.” Mandou logo vir carruagem de aluguer. Reparei que ao entrar nela, Carlos lançou olhos inquietos a uma e outra parte. Entrados na carruagem, se lhe serenou o rosto. Que digo! nunca lhe notei tanta alegria. Tinha dito ao Cocheiro, que nos levasse a Greenwich, onde nos apeámos na casa de pasto de James Keem; e ao Cocheiro, que viesse às 6 horas. Almoçámos à ligeira, e fomo-nos passear ao longo das enriquecidas encostas que orlam o rio Thâmesis. Guapa manhã! A soberba perspectiva de Londres, o Rio (para assim dizer) coalhado das riquezas de todo o Universo, o

contentamento de Carlos, a sua engraçada conversação; o sossego enfim do meu próprio coração, tudo se dava as mãos para aformosentar aqueles instantes. Nunca tão copiosas flores juncaram as bordas dum despenho.

Voltámos à casa de pasto; jantámos. Dava costas no Outeiro a casa em que jantáramos; e dado que o salão fazia segundo andar duma banda, dava da outra, por uma porta de vidros, ao rés da estrada. Com pretexto de dar ao Dono da casa, certas ordens, saiu Carlos. Eis que ele apenas fora, pára, junto à porta de vidros, um Coche a seis Cavalos de posta, ladeado de alguns de Cavalos: apeia-se um, entra no salão, onde eu estava; ergo-me ainda sem susto, pergunta-me se sou Betti, apenas soltei que sim, faz um aceno, entra a caterva; de assustada vou dar um grito; mas já c'um lenço me impedem a fala; tomam-me irresistível entre braços, impelem-me na carruagem: — já ela ia mui longe, que não podia ainda eu certificar-me se era realidade a cena, que como relâmpago passou mais rápida, que eu vo-la conto.

Em todos os acontecimentos da minha vida senti sempre em mim certa coragem que mui bem me sustinha: dela tirei a liberdade de ânimo, para reflectir no que me acontecia. Já era um grande haver, sentir puro o coração. Mas a que fim esse rapto? e o autor dele, quem? Perdia então o tino. Contemplava depois desesperado a Carlos, quando entrasse no salão e não me achasse. Vinha-me ao pensamento suspeitar nele; ideia, que eu logo rejeitava. Se ele me amava, que necessidade havia de mo dar a entender por modo tão estranho! Porque mo não dizia? Receios de repúdios meus? Crimes só se abraçam, quando só a esperança de ser ditoso falha. Assim, moralmente era impossível que fosse Carlos quem de Mistress Smith me arrancava.

Logo que despegamos de Londres me desafogaram do lenço, que me tapava a boca. Fiz algumas perguntas — iludidas todas. O acatamento porém com que me tratavam, desluzia toda a violência que fora de temer de roubadores tais. Pelo que, tomei o meu partido; escorando no sossego da minha consciência, deixei ao tempo que me desse luz acerca da sorte que me era decretada. Chegados a Douvres, passei da carruagem à Câmara de Paquete, que se fazia à vela. Não tinham consentido os meus condutores que descansássemos em parte alguma,

e até a comida era correndo. Não pude ver, sem pranto, ir-se-me alongando da vista a ribanceira da minha Pátria, onde tão mansos dias tinha desfrutado. Logo acudindo a outro refrigério, me subiu o pensamento, que nem sempre seria eu tão vigiada, que não tivesse azo de fugir.

Ora, não me sentia eu absolutamente desprovida porquanto, mal chegámos a Greenwich me tinha Carlos, como por brinco, deixado uma bolsa com 30 guinéus, pretendendo que fosse eu quem nesse dia o regalasse. Rindo peguei na bolsa, mas agora já a dispunha em meu ânimo, para me facilitar a fuga, se a ocasião se oferecesse. Foi curta, e foi feliz a travessia; e mal chegámos a Calais; sossegados os meus condutores acerca de sua expedição, me instaram que tomasse algum repouso, no que eu bem consenti; que necessário me era. Perguntei-lhes se podia escrever a Londres a Mistress Smith dando-lhe parte desse caso, e desafogá-la do cuidado em que a teria a minha ausência. Responderam-me, que em Paris, no caso que sua Alteza o permitisse, o faria facilmente. Esse nome de Alteza, com o enleio da resposta me deram a presentir, que algum projecto amoroso envolvia a expedição; e dali tirei luz, para o meu comportamento em caso tal. A tal Alteza magnífica em tudo o que pode ser útil a uma Dama que vai de jornada, largamente provera dantemão, até as mais miúdas bagatelas.

De Calais a Paris viemos em 4 dias; e ia eu percebendo, que à medida que nos avizinávamos da Capital aumentava o respeito, que comigo tinham os Condutores. De primeiro vinham como companheiros de estrada, agora antes Criados cuidadosos em servir-me, que iguais meus. Chegados a Paris, apeámo-nos numas Casas nobres no centro do subúrbio de S. Antão, <sup>(1)</sup> onde fui recebida como Dona da Casa d'há muitos anos, pelos Criados e Criadas que me haviam de servir. Não se mostrou logo o Silfo, querendo ter-me em suspensões; e antes de aparecer, dar-me, pela elegância e riqueza dos móveis, pelo brilho dos atavios de meu uso, guapa ideia de quão galã que ele era, e adular-me assim a minha vaidade, antes de dar, assaltos a meu peito.

Volvidos já três dias de repouso, que as Aias empregaram em alardear ante meus olhos quantos objectos agradáveis, de luxo, é de prazer me pertenciam; fui advertida que vinha apresentar-se-me o meu desconhecido Amante. Com impaciência, confesso, e não com

interesse, o esperava. E o interesse que eu levava nisso era que intimando-lhe quanto irregular fora o proceder que usou comigo, falando-lhe a Razão por minha boca, abrisse os olhos, e me tornasse ao estado de cujo me arrebatara. Que assim discorre quem co'a boa opinião que tem dos homens, os não comunicou ainda de modo que se capacite que eles toda a grandeza assentam em serem maus, como também todo o seu gosto, em roubar coração que se lhes nega. Ouço abrir o portão, entra uma soberba carruagem, sobe ao meu quarto um homem ricamente trajado... E que pasmo foi o meu, quando avistei a mesma Alteza que vinha à logem de Mistress Smith! Então me vislumbrou na mente quanto Carlos me havia dito da audácia dos Grandes quando a depravação lhes tem eivado o coração. Vi ali pela primeira vez o vulto ao perigo, e conheci a astúcia. Fez-me o mais lisonjeiro cumprimento; a cujo respondi friamente, mas não de modo que decepasse toda a esperança; porquanto adverti, que se quisesse lograr-me dum tanto mais de liberdade, devia ir a tento com ele: somente lhe argui o rapto, mui contrário à probidade, e ao respeito que um homem de bem a si se deve; ele me rebateu sobre os ímpetos duma paixão invencível essa violência: e disse mais, que inteirado da liberdade Inglesa, desesperara de contentar em Londres o seu desejo; porque no caso, que eu o rejeitasse, logo que me declarasse o seu amor, não poderia valer-se da força, no grémio duma Nação ufana de suas prerrogativas, que não teria algum resguardo à elevação da sua plana: que assim preferira acarrear-me a um Reino, onde anda mais assinalada a distância entre Grandes, e Povo, e por conseguinte, menos constrangimento nas paixões dos Grandes, e mais notória a fraqueza no Povo. Então me deu a saber que era o Conde Federico de W\*\*\*; que dele pendia transpassar-me aos seus Estados, onde lhe eu seria mais sujeita: que desejando porém que fossem de flores só as minhas cadeias, quisera que as enrançasse o Amor no Templo de Volúpia; por também lhe parecer que seria o clima de França mais adequado a me embrandecer o coração que o desabrido Céu lá da Alemanha.

Fiz-lhe ali parte dos sustos que devia a minha ausência motivar a Mistress Smith, e a um de meus Amigos chamado Carlos. Ouviu-me, e riu-se. “Esse que se inquiete, pouco val; pague os suaves instantes,

que junto a vós gozou: é um guapo velhaquinho, que merece a vingança que eu provar lhe faço. Quanto a Mistress Smith escrevei-lhe, sossegai-a; dai-lhe parte da Dita que vos eu preparo. Ela é de tão bom juízo, que vos dará parabéns: porquanto nunca vos prometeria a sua logem o bem que granjeará a minha munificência.” Já me não era dado duvidar do opróbrio que o Conde de de W\*\*\* me aparelhava: mas também me não cabe na fala expressar o que a altivez do meu génio padeceu ouvindo-o. Acudiu a Prudência, e sofreu os assomos da minha indignação. Recorri ao tempo; não que me raiasse luz de refúgio; mas porque começa a triunfar dos pesares quem tem meio de os pôr mais no longe. Pedi pois ao Príncipe, que não quisesse dever à violência o que um mais brando movimento da alma lhe poderia conceder, passados tempos. Que me deixasse entrar em mim, e acostumar-me ao género de vida a que me convidava Amor; afogar certos preconceitos, que falavam mui senhoris ao coração duma Menina que fora atéli criada com máximas bem adversas às que se lhe davam a adoptar.

Prevenido ele, de que era obscuro o nascimento meu, daí tomava confiança, imaginando que no cotejo que eu fizesse do luxo que me ladeava, com a mesquinhez que me destinava a Fortuna, me inclinasse a contemplar no seu atendado o manancial da minha ventura; assim, me prometeu quanto eu pedia. Era de seu gosto que eu desse alarde de mim na Cidade; mas eu pedi-lhe, que me deixasse viver retirada: consentiu; mas sob condição, que viria jantar, ou cear comigo, quando nisso me não incomodasse. Competia-me aturar o que eu não tinha jus de impedir; e a minha resposta foi uma tácita mesura. Polidamente me lançou em rosto não ter eu ainda deixado as Inglesas roupas, com que roubada fora, tendo-me ele preparado tão preciosos vestidos: respondi--lhe, que não tendo ânsia nenhuma de dar mostra de mim, inútil me era o enfeite; e que afeiçoada ao traje do meu País, lhe pedia que houvesse por bem que eu dele me não descartasse, senão no último extremo. Com efeito, excepto roupa branca, indispensável em

-----

(1) Há nas prisões dous postigos com grades de ferro, entre os quais há um Gabinete que tem várias serventias.

seu uso, de nenhuma dessas aviltadoras dádivas do Príncipe, me servi  
n e s s e s  
poucos dias, que nessa casa morei.

Nessa mesma noite escrevi a Mistress Smith, que estava em salvo, que sossegasse, que cedo a iria ver; nada lhe individuei do rapto, nem do sítio que habitava; quis ficar com a regalia de dar à minha aventura a cor, que bem me parecesse, acomodada às circunstâncias. Vinha-me ideia, que a saberem que eu fiquei algum tempo em poder do Príncipe, custaria a não pôr mácula no meu recato; e era o que eu queria evitar. Escrevi, e fiquei mais descansada; no prazo, que mediou até que veio a resposta, algumas vezes vi o Príncipe, que se comportou com certa decência, dado que me falasse de contínuo, no seu amor. Mas logo que eu via esse seu amor querer tomar largas, c'um único olhar, o retraía a mais comedidos limites. Ah! que o olhar da Inocência, é talvez a única lança que à Virtude ficou, para repelir os assaltos do Vício! Chegou por fim a resposta de Mistress Smith, que explicava sem rebuço a minha nobre origem, e os bens de que havia de gozar algum dia: bens que eu sacrificava. Pretendia ela, por um temerário proceder, que tanto desmentia das honradas máximas, com que me criara, arguir-me de ingrata, e de a ter, pelo meu odioso comportamento, posto no transe de experimentar o ressentimento da minha família; que segundo os injuriosos termos com que a molestavam, lhe faziam pagar bem cruelmente cara a confiança que ela em mim tinha. Após as mais duras expressões, informava na Carta, que corria em Londres por constante, que eu dali desaparecera em companhia dum mancebo francês, que ela tivera a fraqueza de receber em sua casa.

Todas as minhas ideias desconcertou essa Carta. Já a minha origem era abonadamente ilustre; já não era Mistress Smith, que me importava muito enganar; mas sim à minha família, e ao nome que me era destinado, que eu devia dar razão do meu procedimento. Sentia em mim certo contentamento de poder por minha vez acurvar o Príncipe com o pendor da minha altivez: dous partidos lhe dava à escolha; de me desposar já e logo (nesse tempo ainda a ninguém amava), ou de me reconduzir com honra conhecida a Londres; e lá me pedir público perdão do desacato contra a minha virtude cometido.

Tinha eu que não podia ele negar assenso a uma ou outra dessas duas condições. Aparece o Príncipe; mostro-lhe a Carta de Mistress Smith; e já lhe falo c'uma certa altivez; passou por ela os olhos, e desata a rir. "Oh que Novela, querida minha! Para a compor melhor, devera Mistress Smith ao menos, encobrir-vos." — "Príncipe, ou dar-me já a mão de Esposo, ou sem demora reconduzir-me a Londres." — "Desposar-vos? Tem sua dificuldade. Sou casado. Passar a Londres? É longe, e não me sinto essa vontade." — "Considerai, que falais com quem nasceu de mui nobre sangue! Melhor, melhor! Mais ufano o meu triunfo, e mais abonado o meu gosto. Não mais motejo insultuoso, Oh Príncipe." — "Adeus, Menina; desse caprichozinho, amanhã, nem novas há-de haver; e, crede que sem esse mal-visto himeneu sem essa jornada a Londres, tenho de ser ditoso; mas tomai, desd'hora sentido em vós; que vos dou uma rival muito para temer, e mal que vires repartido com outra o meu coração, tenho que se há-de embrandecer o vosso."

Eu de fúrias abafava, e já no meu juízo concertava projectos encaminhados à minha vingança; caía a noite, quando o Príncipe me deixou. Abro uma porta do salão, desço ao jardim adiante-me numa rua de árvores, para mitigar um tanto com a fresquidão da noite, a fermentação em que andavam os meus espíritos... eis que se abre uma porta falsa do jardim, que encaminhava para o Campo; entra um homem: vê-me sozinha; corre a mim; fujo, mas falham-me os pés, vergo, acode-me ele... eis-me nos braços de Carlos. "Sois vós! Oh céus!" — "Não percamos tempo. Que me dizeis do Príncipe?" — "É um monstro." — "Foi ditoso?" — "Antes morrer." — "Então, ainda vim a tempo. Vinde comigo." Atónita, assustada, sem saber que partido tome, mais deixo tirar por mim, que conduzir-me. Carlos é robusto; toma-me nos braços, e súbito me lança numa carruagem, que estava perto dali; e vendo-se um tanto longe, me diz: "Favoreceu-nos a ventura; ainda cheguei a lanço de salvar a virtude; a um asilo vos levo, que até para o Príncipe será inviolável e sagrado. Ides agora muito abalada, não comprehendereis certas particularidades que tenho que dizer-vos; cedo espero que vos porei nos braços de Mistress Smith."

Voltámos sobre a esquina duma rua, quando manda parar o Cocheiro uma voz de mim desconhecida, e cujo homem vi pela primeira vez nesse desgraçado momento, sobe à portinhola diz algumas palavras ao ouvido a Carlos... “Que horror!” (diz Carlos). — “Fugi sem perder tempo.” (diz outro homem). Entra na carruagem, Carlos sai, dizendo: “Tem cuidado dela; bem sabes onde ia eu levá-la; dá

fim

ao que eu tinha tão bem começado.” O desconhecido lhe apertou a mão; assentou-se onde ele ia; Carlos desapareceu; partimos. Eis que 20 homens rodeiam a carruagem, que veloz corria; um deles abre a portinhola, e diz: “Da parte d’El-Rei, vos dai por presos.” Sobe acompanhado de dous mais, que se assentam como podem; a mais quadrilha, na tábua, no assento do Cocheiro, às duas portinholas, e “A casa do Comissário” — diz o que dera — “Da parte d’El-Rei.” Atéli, confesso, que pouco desassossego me deu: bem via perseguição do Príncipe, que percebeu a minha fuga, que alcançou ordens, que as punha em execução: mas também sentia certo contentamento de que nos levassem perante o Comissário; que levava eu comigo a carta de Mistress Smith, que me havia de servir de título com que reclamasse a protecção de Governo, contra o indigno roubador, que em menosprezo das leis, me tinha reteúda.

Aqui é que de horror se me eriçam os cabelos; e aqui vi até onde pode arrastar a desgraça das vítimas da prevenção o fatal encadeamento das circunstâncias. Chegamos a casa do Comissário; mais nos arrastam, que nos apeiam da carruagem: por minha desventura caio, e em vez de socorro, sou indignamente mal tratada. Já o Povo, que se tinha apinhado à porta de Comissário começava a se condoer de mim: eis que um de meus algozes lhes clama: “Condoei-vos de matadores.” Terrível brado me rompeu da boca, que me granjeou injúrias desse vulgacho; e como eu não pudesse andar, mortificada da queda, tão inumanamente me arrastaram pelas quinas dos degraus da entrada, que desde os joelhos até aos pés era uma só esfoladura, uma só chaga viva. “Ânimo, Miss (me diz o Companheiro da minha desgraça) muito ânimo; que bem tendes de carecer dele.” O prémio que destas palavras, que em Inglês me disse, conseguiu, foi uma desmedida bofetada, pelo condoimento, que de mim mostrou.

Entrámos no Gabinete do Comissário, a quem disse o Oficial de justiça: “Bem sabeis, Senhor, quem é o suspeitado fidalgo; e estes são da sua comitiva; eu os pus em seguro; e aí tendes esse famoso Carlos, de cujo nos remeteram, de Londres, os sinais.” — “É falso.” (bradei). — “Calai-vos.” (me respondeu o oficial de justiça). Fez-nos perguntas o Comissário; e apesar de lhe afirmarmos que nenhum conhecimento tínhamos de tal homicídio, separada do meu Companheiro, que nunca tornei a ver, me lançaram numa prisão, onde mal que entrei, fui buscada e rebuscada, e se apossaram de meus papéis, e dos 50 guinés, que me dera Carlos, e que eu ainda possuía; e logo me profundaram numa masmorra escura, onde foram tão bárbaros, que me deixaram lá 17 dias, sem cuidarem em me curar das feridas, deitada sobre uma pouca de palha, sustentada a pão e água.

«Que horrenda situação! Que temerosas considerações me vieram ali acometer! O estado em que me eu sentia assemelhava ao do delírio. Criminando a minha imprudência de me ter ainda confiado desse Carlos, que talvez fora quem o meu roubo favoneara em Londres; de quem me falava o meu roubador, como de pessoa conhecida, chamando-lhe amável velhaquinho; desse Carlos enfim, que eu não apurara quem ele era, e que igualmente podia ser um aventureiro, ou um homem de bem... Por fim eu ignorava o que dele feito fora. Foi leveza nele entregar-me ao homem, com quem fui presa? Conhecia-o ele bem? e depois de longos tempos? Mas ouvi falar d’homicídio; e eu comprometida com um homem, que poucos minutos vi; e eu em terra estranha! Que horrenda situação! Fui feliz, em que a minha coragem me susteve: nunca tanta em mim senti. A despeito do ar inficionado da masmorra, as feridas que eu simplesmente banhava com água, sararam em breve tempo; e passados alguns dias, me considerei, não digo alegre, que era impossível, mas sossegada. Benefícios teus, oh Consciência pura! Tu, fiel Consoladora, enxugas as primeiras lágrimas da Inocência; e quando o Crime ladeado de Protectores, e de Advogados estremece, o Infeliz que em ti única descansa, aguarda bonançoso, no regaço do Desamparo, a sorte, que se lhe reserva.

Abre-se a masmorra no fim de 17 dias: pelo profundo silêncio, que ali jazia depois dumas tantas horas, assentei que era noite: “Erguei-vos e segui-me.” (troava uma desabrida voz). Obedeci; andei,

mas com trabalho; muita, e muita vez se me encurvaram os joelhos desfalecidos e dormentes do desuso de andar: o terror involuntário que inspirava a escuridão do sítio, o temeroso ruído, que fazia o abrir ferrolhos, o corrê-los, e fechá-los, no decurso de estirados rodeios... Oh! que a não levar tal guia, nunca atinara, com o fim do quasi labirinto! Entro num aposento, que pela asseio dos móveis, tive que pertencia ao Carcereiro, vejo assentado um homem bem vestido a uma banca alumiada com duas velas, que se ergue à minha entrada, que diz ao Guia: "Retirai-vos. Darei conta de M.<sup>da</sup>." — Chega-me uma Cadeira, e diz que me assente. Perto me sentia eu então de cair em desmaio, em razão do abalo que em mim se fez; percebeu-o ele, e acode com vinho de Espanha, que lhe eu aceitei. Recobrei-me, e então me disse: "M.<sup>da</sup> ainda que não tenho a honra de que me conheçais, e que vos seja indiferente saber-me o nome, seja-vos suficiente, que da parte de quem muito vos toma em seu amparo, aqui venho. Bem conheceis quão perigoso é o transe em que vos vedes; presa em companhia dum matador, basta a vossa fuga, para não vos poder lavar de cúmplice no crime. Certa contudo em vossa inocência a Pessoa, em cujo nome aqui vos falo, um só único meio deparou de vos salvar; meio, que ele com vossos mesmos Juízes concertou.

Aqui vos trago da sua parte 1000 luízes, e amanhã ordem de soltura, com a única condição, que partireis sem demora para Londres: c'uma palavra só dita por vós, vos desendividais de tantos benefícios."

Durante esse preâmbulo tive largas de recobrar inteiramente os meus sentidos: tornada em pleno acordo, não somente me tinha revestido de coragem, mas ainda de altivez, e de tranquilidade completa. Assim lhe respondi: "Duvido em primeiro lugar, que careça a Inocência de que concertem meios para a salvar. Aquele mesmo Deus, cuja misericórdia promete ao culpado perdão de seus erros, é o m e s m o , cuja justiça vela sobre o inocente: ele é o único, que quando me desamparassem os homens todos, me não desampararia. Tal é a confiança que nele devo pôr, e tanto é o que a mim injustamente oprimida, pensar me cabe: respeitar-me a mim mesma na tribulação, quando me honro com o motivo, que a causou; e de ninguém aceitar os benefícios.

Guardai os vossos 1000 luízes; e como a Equidade ordena, que se me restitua a Liberdade, com ela virão também os 50 guinés que eu trazia comigo, que eles me abundam para voltar à minha Pátria. Essa Pessoa que tamanho sacrifício quer fazer, algum interesse o leva: porquanto, lado que seja generosa a Humanidade, nunca ela é pródiga; e quando desborda da precisão, compra é que se faz, e não socorro. Mas declarai-vos: que pelo mesmo caso, que não aceito paga à minha gratidão, terá ela de ser mais enérgica: — Que é o que de mim requerem?” — “Ante os olhos vos pus, M.<sup>da</sup> o quadro dos perigos, que correis, a fim que os eviteis com proferir uma única palavra.” — “E que palavra?” — “Convir amanhã, perante os Juízes, que o homem, com quem vínheis é o matador que se procura saber. Individuar-vos-ei certos pontos, que são necessários, e apontar-vos o modo...” — “Não mais, não mais: que me horrorizo. Não me enganastes, e tudo me dão a entender os 1000 luízes. Dizei a quem vos manda, que não cabe ao homem calcular as circunstâncias, que o podem mostrar réu à vista do Universo, dado q u e inocente seja: mas que tem ele sempre em sua mão recusar o crime, que lhe propõem. Fracas, como os homens que as ditaram, julgam as Leis sobre aparências unicamente; donde procede que nem sempre a sombra delas é tutelar da inocência. A lei suprema sim, está assentada no coração e no seu tribunal é sem parcialidade julgada a Virtude, é julgado o Crime. Voltai a vosso Amo, quem quer que seja: esta lição não carecia vir buscá-la, nas trevas duma masmorra: lá a tinha na sua Consciência, no caso que desejasse romper a escuridão com que a envolve.”

Quis-me ele ainda articular algumas palavras: — “Agradecei à solidão, que aqui nos cinge, o escapardes ao desprezo dos homens de bem.” Chamo o Guarda-chaves: “Tornai-me à masmorra: volto satisfeita, se tremebunda vim; masmorras são Palácios para o ânimo honrado que escapou à corrupção.” Quando só me vi, contemplei na estranha visita, sem atinar com quem me peitava com tão abominável proposta bem o vislumbrava homem poderoso; que por encobrir o crime próprio, traçava acabrunhar o fraco. Mas quem era ele?

E porque vinham a mim? Pela imaginação me passava e repassava o Príncipe; todavia, por mais razão que houvesse de me sentir descontente dele, não acabava comigo suspeitá-lo de crime semelhante. Como quer que fosse, consegui com cedo da minha coragem a recompensa: recompensa, que não deixou de trazer seu amargor; que entestava eu com o prazo, em que vinha crescer à dolorosa sensação de meus infortúnios, a chaga do coração, Pela primeira vez ia tomar conhecimento com o Amor; e o homem, pelo Céu mandado para me fazer ditosa, cheguei a vê-lo... e, um instante depois... para sempre, sem dúvida, perdê-lo.»



«A noite ia já alta, quando voltei à masmorra: fraqueei ao abalo, e cansaço que sofrera; as pálpebras me caíam de pesadas; havia alguns instantes já que eu dormitava: eis que me desperta o Guarda chaves, e com mais branda voz, me diz: “Há quem vos quer falar, e venho...” — “Se é a mesma visita desta noite, não lhe quero falar.” — “É outra, e mais agradável que essa; traz ordem de soltura. Espero que vos não esqueceréis do cuidado que este Criado vosso teve acerca de vós.” Não me pude conter, que não sorrisse, e não notasse as diferentes impressões, que várias conjunturas da vida fazem em certos lances... Segui-o.

Era alto dia: enfraquecidos os olhos, mal podiam suster a luz: entrei no gabinete entre postigos, <sup>(1)</sup> onde encontrei com o que me vinha libertar. Vi... Oh altos Céus! não vi um homem, vi um Anjo. Acompanhava-se o mais agradável semblante de loura ampla madeixa; sobressaíam dous olhos azuis, a duas sobrancelhas pretas, lisa mas levantada a fronte; não mui corado, mas a mesma palidez interessava em seu favor; e o que é mais, bem apessoado, e aformoseado ainda pela singeleza que denota nobreza d'alma, e solidez de razão: “Sois Germância?” (com brandura me perguntou). Então recordei o nome, que em Londres me dava Carlos; nome francês que lhe agradava mais, que o de Betti. Imóvel fiquei quasi, quando o

contemplei, e que fui sentindo em mim uma inclinação que nunca atéli sentira por alguém; e acabou de me penetrar, com a suavidade de suas falas, o coração. Disse comigo: “Este é o homem que tenho de amar, enquanto eu viva.” — “Dais mostra que vos atalhais em responder-me? Prudente sois, mas nada receeis: — Sois Germância; que quando emudece a vossa boca, por vós falam a vossa modéstia, e a vossa formosura. Como este não é sítio, em que nos expliquemos; livre sois, dignai-vos de seguir-me.”

Entregaram-me o dinheiro, e a Carteira selada pelo Oficial de justiça, como quando ma tomaram; e como dentro vinha a Carta de Mistress Smith, vi que ainda se não divulgara o segredo de quem eu era; fiquei contente. O meu Libertador me deu a mão para entrar na Carruagem, e eu lha dei, sem dizer palavra. Assombro, contentamento, turvação, abalo até então desconhecido me prendiam a voz: frouxo sorriso, lágrimas a furto soltas de meus olhos foram o único mostrador do que se volvia dentro da alma. Quando totalmente me vi só com ele, perguntei-lhe: “E não poderei saber a quem devo a inestimável ventura que estou gozando?” — “Prometi não me dar nunca a conhecer, quando posso ser útil aos infelizes. Nada mais avultaria o serviço que vos faço, quando eu lhe ajuntasse o meu nome: se pelo tempo adiante julgardes que mereço que me admitais no número dos vossos amigos, será grande gosto meu dar-me a conhecer; o que será somente, quando vos vires em estado de não chamar benefícios, os serviços que eu fizer a respeito vosso.”

Ímpeto involuntário me precipitou nas suas mãos, o rosto; com lágrimas lhas banhei ambas. — “É muito, bela Germância: é mais que muito. Não desventureis um homem, que talvez não é desditoso, que de vos ter visto.” — “Ah! que se de mim dependera a vossa felicidade...” — “Admirável franqueza!” Corei do ímpeto meu; e nos olhos do meu Libertador divisei certos visos de suspensão, e de ternura. Um suspiro me fugiu dos lábios. Ambos ficámos como emudecidos. Parou a carruagem diante dumas casas de modesta aparência; logo ele me deu o braço para me apear; e paga a carruagem entrámos. Veio-nos receber um Senhora (como de 50 anos) simplesmente vestida. — “M.<sup>da</sup> Roger, ei-la a nossa encarcerada; não tenho que recomendar-vo-la: abono-me na humanidade de vossa

índole." Ajudou-me essa Dama a subir, e ao entrar no quarto me apresentou sua filha. "Faremos (disse ela ao meu Libertador) o que melhor podermos, por afastar da ideia da nossa hóspeda, os ruins dias que tem passado." Disse o meu Libertador uma palavra ao ouvido de M.<sup>da</sup> Roger, a que ela respondeu alto: "Não estais vós bem certo, que sei guardar segredo?"

Então se chegou mui cortesmente, e me tomou a mão; parece-me que na minha tremia a sua. "M.<sup>la</sup>, dai-vos por segura, na casa em que estais; e eu vou-me." — "Deixais-me?" — "Donde vos vem esse temor? Não há aqui de que assustar-vos. Quem é que tem receios de pessoa, que por exercer acção virtuosa lhe foi conhecida?" — "Não me compreendeis. Que desabrido me seria não vos tornar a ver!" — "Talvez que para mim fosse o suplício ainda mais cruel. Se mo permitis, virei amanhã ver-vos. Careceis de repouso, ficais com um segundo eu: e amanhã vos circunstanciarei tudo quanto precedeu a vossa soltura, e consultaremos o partido que vos convém tomar." Beijou-me a mão, e feita uma profunda cortesia a mim e às duas Senhoras, saiu. Quanto uma enternecida Mãe, quanto o amor de Irmã pode imaginar em desvelos e carícias, tudo essas duas Senhoras liberalizaram comigo. Creio que devisei numa e noutra, e maiormente na mais moça rasgos de similhaça com o meu Libertador: calei-me todavia, que como ele não condescendeu em nomear-se, cabia-me respeitar o seu segredo.

Desejando não ser penosa às minhas Benfeitoras, quanto em mim coubesse quis entregar a M.<sup>da</sup> Roger metade do meu dinheiro, para haver roupa branca; que a minha longa prisão me fazia necessária." — "Minha filha, guardai o vosso dinheiro, que algum dia vos será mais útil. Nós, graças a Deus, ainda que não somos ricas, temos suficiente, e não abusaremos da vossa situação: fiaí-vos na singeleza, que em toda a casa dá sinal de si; e onde virdes bondade de coração unida com modéstia, sede certa, que ali encerrou a Beneficência seus  
t e s o u r o s . "

A nada se forram; dentro de breves horas me achei provida de quanto necessita uma donzela, e ainda em maior cópia, do que em casa de Mistress Smith. Que ditoso dia que passei nos braços de ambas as Senhoras! Só quem sofreu, e que depois de prolixos padecimentos se

viu no amparo de corações puros, e honestas almas, é que pode avaliar esse gozo inefável.

Veio no dia seguinte o meu Libertador, mais espairecido no semblante do que no dia dantes; vinha de farda, e me pareceu mui bizarro. Tudo me convidava a confiar nele, e como me pareceu, que tanto ele, como as Senhoras, desejavam conhecer as particularidades da minha vida, completamente lhes satisfiz a vontade. Também eu mostrei depois, querer saber que Anjo tutelar o enviara à minha p r i s ã o .

— “Nada há mais simples. Eu sou amigo de Carlos, que vos conheceu em Londres; que ficou admirado de tanta virtude e beleza como a vossa. Tinha conhecimento com um poderoso Senhor, em cuja comitiva corria terras. Fostes-lhe repentinamente roubada; indignado corre sobre vossos vestígios a Paris, onde chegou quasi a par de vós; descobriu o sítio, onde o vosso roubador vos removera dele; como sabeis, vos arrebatou; e quis o acaso que a carruagem em que vos ele salvou, pertencesse ao poderoso Senhor, com quem ele assistia: e o homem que na esquina da rua mandou parar a carruagem era criado de Carlos, que em termos curtos lhe deu parte do homicídio, que um amor desordenado fizera cometer ao dito Senhor. Tinha Carlos mui fortes motivos, para atalhar as consequências desse funesto acontecimento; confiou-vos ao leal Criado, que vos guiasse ao destinado asilo. Prenderam-vos, porque se enganaram com a carruagem, e com a libré os agentes da Polícia: soube-o Carlos, pelo boato do povo, volta logo atrás, e por algumas palavras que escaparam aos que vos vinham de guarda, se inteirou da suspeita indigna que vos cingia: também soube, que cuidaram que o prendiam, quando prenderam o seu Criado. As pessoas, que em Londres têm sobre vós os olhos assentam que foi ele quem vos roubou; e mandaram a Paris os seus sinais, com o nome somente de Carlos: mas aqui, com o nome nobre que tem, não se inquieta com tais pesquisas infrutíferas; alguma parecença de feições, de talhe, e de iguais anos entre o Amo, e o Criado enganaram o Oficial da Polícia.

“Alta noite corre Carlos a minha casa, conta-me todo esse funesto caso, afigura-me vossa pouca idade, vossa formosura, vossa inocência, com tanta valentia, que me deu a suspeitar que ao carro da vossa

formosura andava preso; mas eu conhecia lhe no coração uma mui profunda afeição; e me persuadi que quem o movia, era a simplez impulsão da humanidade, o que por si só bastava para inflamar o meu zelo. Assim lhe jurei que vos iria arrancar ao infortúnio, que vos ameaçava: Carlos obrigado por superiores motivos a auxiliar a fuga desse grande culpado, que ele muito despreza, fiado na minha promessa, partiu tranquilo. Eu no dia seguinte, fui buscar o Ministro, que me honra com o seu acolhimento; e, lhe particularizei quanto Carlos me havia dito; e não obstante a confiança, que tem em mim, de mui grave que o negócio lhe pareceu, quis tomar acerca dele mais adequadas clarezas. Durante 14 dias observou comigo o não me tocar nele, mas enfim chama-me de parte: «Desculpai-me se tantos dias vos tive suspenso; mas no posto, em que me acho, me é credora a Justiça dantemão a meus Amigos. Agora que tão inteirada estou como vos da inocência da vossa Inglesa, inda mais fiz: convencido estou da inocência também do mísero companheiro do seu desastre: portanto, eis a ordem de soltura; em vez dum aditai dous. Levai esta carta ao Magistrado, que tão bem informado está como eu, e brevemente vos serão entregues os dous protegidos vossos.»

Fui, como voando, ter com o Magistrado; mas são tão longas para o mísero que padece, as formalidades, que ainda estiraram três dias, e só no 18.<sup>o</sup> dia vos pude retirar duma habitação tão desconforme da vossa pessoa. Sem dúvida, a visita que tivestes na noite antecedente à nossa primeira vista, foi o último esforço, que o vil homicida verdadeiro quis fazer, para arredar de si toda a suspeita. Se vos deixáveis iludir perdida estáveis.” — “Mas se combino os acontecimentos, com o que me disse Carlos, o homicida não pode ser outro senão o mesmo que me arrebatou de Londres, em cuja casa assistia Carlos.” — “Tão extraordinário é o caso, que tremera eu de o julgar temerariamente: se o não dissésseis ainda hoje ignorara que o vosso roubador fora o Conde Frederico de W\*\*\*: que foi tão calado por honraria Carlos, que nem num, nem noutro boquejou. A vós, bela Germânia compete agora decidir do que vos cumpre: que eu, se vos granjeei a liberdade, foi para vos deixar Senhora dela. Qual é a intenção vossa?”

Entraram-se-me a humedecer com lágrimas os olhos, quando tal me perguntou. “Bem sei que tenho de pronunciar sentença contra mim. Passar com estas Senhoras, e convosco, o resto de meus dias, c o n s a - grá-los ao agradecimento, que vos devo, seria o que eu mais suavemente desejara: mas não se fez a Ventura para mim: mas Londres é a minha estada, e a única, que me compete.” O quadro, que nos compúnhamos todos quatro, revolvía a alma. M.<sup>da</sup> Roger, que me apertava nos braços, e que dizia: “Assim é que se exprime a Virtude.” O meu Libertador, que se arremessava a meus pés, e que me banhara de lágrimas as mãos; a Filha, que trabalhando num bastidor de tapeçaria, forcejava a encobrir as lágrimas que lhe bolhavam nas pestanas. — “Ah! que muito o sinto, oh Germânia, que não será para vos única, o suplício que vos impondes. Como vós ao claro vedes o que no meu coração se passa, o vejo eu também no vosso: pende, para sempre, a minha Dita, de saber agradar-vos, e descortino, que mais que muito o consegui: mas tenho de imitar-vos em vosso nobre esforço: irei desfalecer-me longe de vossa vista. Preconceito fatal da fidalguia! Sim, em Londres é vossa estada. Horrenda, mas muito real verdade! Nem poderiam estas Senhoras hospedar-vos, porque dentro de poucos dias se rasgará o véu que por ora as oculta: e a obrigação de as ver frequentemente, verteria suspeitas, na bondade, com que elas vos honrassem. Mísero de mim! que sendo o instante em que eu vos vi, o instante, em que me destes a conhecer quão delicioso é o viver; esse instante se me esvaece como um sonho. Separamo-nos, deslembrais-vos de mim, e eu...” — “Cruel, despedi-me embora, mas não me angustieis.” — “Despedir-vos eu! Angustiar-vos! Oh Céus!... Mas, todavia voltar a Londres não o podeis por ora; que me escreve Carlos que lá se acha o vosso roubador, e que vos seria funesto encontrar-vos lá com ele. Dignai-vos de aceitar asilo num Convento em alguma Província de França; e lá desconhecida do Universo, terei acerca de vós todo o desvelo, e Carlos me informará de quanto o vosso inimigo tente. Se ele se afasta do Clima em que viestes ao mundo, custar-me-á, mas serei eu mesmo quem apresse a vossa partida.”

“M.<sup>da</sup> Roger, que sítio escolheremos nós para retiro seu?” — “A Cidade que se avizinha mais das pessoas, que conheceis, é

Caen. Minha querida Germância, o único a quem posso confiar tão precioso depósito, como vós sois, é o vosso mesmo Libertador: bem vejo que vos amais, que sois ambos moços; mas também segura estou na sua virtude, e confio muito na vossa, e tanto, que não dou por imprudente a jornada. Quando uma Dama confessa francamente que ela ama, anda menos arredada do seu dever, que essa que dissimula a chama, em que se abrasa. Ide, ide, filhos meus; que o Céu porá os olhos na vossa ingenuidade." Ficou resolvido que dali a dous dias partiríamos: ali cri que era verdadeiramente como se me arrancasse do seio de minha Mãe, ou dos braços duma Irmã, quando me separei de tão amável família: nada me lembrava então de quem eu era, nem de Pátria, nem de padecidos infortúnios: afigurava-me ter passado com elas toda a vida, e que o primeiro pesar que nela experimentava, era a nossa separação. Entrei na Carruagem, e partimos pela posta.

Que delicadas atenções! e que desvelos! que suaves consolações não empregou ele comigo para me secar os prantos, posto que o motivo deles o lisonjeava! Que bem percebi eu, que lhe deviam aquelas senhoras extremosa amizade; e que à mais idosa tinha ele respeito extraordinário. Até teve a prudência de não levar Criado nenhum consigo. "Não quero (me dizia) que os fados da amável Germância dependam da solta língua dum servo; nem que padeça a sua reputação da maligna opinião que ele pudera conceber de me considerar à sós com ela. Farei tanto que ela não perceba, que não tem ninguém às suas ordens. Que digo eu! Tudo ela tem, pois que me tem ao pé de si. Ah! que instantes tão suaves passaram como um sonho!" No segundo dia entrámos em Caen. Mal que nos apeámos sai, creio que a me aprontar a entrada no Convento; daí a uma hora entra: "Prestes está o vosso aposento, amanhã o habitais. Hoje, e talvez pela última vez, cearemos ambos; que não serei eu, bela Germância, quem vos reconduzirá a Londres. Sei quão fraco é convosco o brado do Dever; nem eu a tão difícil prova exporei mais a minha virtude, nem o que a mim mesmo devo." — "De vós pende, Senhor, tornar ou não a ver-me. Se uma palavra vos digo... Mas vós não dais no sentido das minhas palavras." — "Razão tendes. Dera eu bem no sentido delas, se mais não consultara, que o meu coração: mas vos sois ainda de mui tenra idade, e muito ingénua para conceber quantos respeitos

humanos avassalam em França um homem honrado. Juro-vos, que se eu fora Inglês, já desd'hoje fôreis vós a única mulher a quem eu oferecera a mão de Esposo; mas neste Reino, sacrifica-se a Dita à pública opinião; e condenou-me o ter-vos visto ao perpétuo dissabor do celibato." — "Que ideia! Tomais-me por uma Heroína de Novela? E se um reconhecimento inopinado vos provasse que a minha sangüinidade é igual à vossa?... " — "Feliz índole, que graceja entre pesares!"

Confesso que com movimento involuntário levei a mão à Carteira; mas um assomo de altivez ma retraiu; quasi me dei por agravada, que lutasse, e levasse nele o orgulho da fidalguia de vencida o seu amor; pelo punir delonguei declarar-lhe o que ali logo completaria a sua felicidade; além de que considerei que não tinha ele mesmo assaz de confiança em mim. E de mais sabia eu quem ele era? Devia-lhe eu mais resguardos, que ele a mim? Mais lhe devia, sim; porque tinha sido meu Libertador; ele nada me devia, e eu tudo. Nobre delicadeza o obrigava ao silêncio, em razão de querer evitar o meu agradecimento. Quanto me não angustiou depois essa desconforme reserva? Tê-lo-ia conservado, ter-me-ia forrado a bastantes pesares; teria tido a consolação de ver de contínuo aquele que, sem dúvida, não tornarei, em minha vida a ver.

Foi comigo ao Convento no dia seguinte, cuja entrada devia ser a fatal, e cruel época da nossa separação. Veio receber-me a Abadessa à grade: — "M.<sup>da</sup> eis a porcionista de que tive a honra de vos falar, e posto que a não tenha de ser conhecido de V. S.<sup>a</sup> espero que nada tenha que reçar da minha, nem sua idade. A boa fama do vosso Convento me empenhou a preferi-lo; assim confio que ela será tratada com o resguardo que lhe é devido, procurando-lhe quanto lhe possa lisonjear o gosto, assim em Mestres, como divertimentos que possam condizer com a regra monástica. A quantia que vos deixo será mais que suficiente; e nunca vos tardarão as mesadas; ser-vos-ão pagas de avanço. Adeus Germância." E travando-me da mão com ímpeto: "Adeus, oh nunca vos esqueça..." Não pôde dar fim à frase; e eu o vi partir sem poder soltar uma só palavra. Então é que em mim senti quão cruel era o amar. Corriam minhas lágrimas a mares; para lhes dar carreira livre, comprazeu a Abadessa, em me deixar hora e meia só no

locutório. Parece-me que depois se lembrou, que pedia a política que viesse ela introduzir-me no meu aposento; então, veio e me disse: “Vós chorastes: separações sempre são custosas; nem tão amável Condutor se deixa sem saudades: É parente vosso? talvez que Irmão.” — “Não Senhora.” — “Talvez futuro esposo; bem o concluo das lágrimas que verteis.”

Dali compreendi que era curiosa, sobre faladeira; e logo me prometi, que a esses dous sestros lhe não havia de abrir carreira. Entrando no quarto dela (digamo-lo de passagem) que era um compêndio do Paraíso, antes que religiosa cela: “Como assim!” (exclamou). Mas é mui linda! como ainda a não tinha visto à grande claridade do dia... Oh vinde ver, Madre S.<sup>ta</sup> Doçura (era uma freira velha e desdentada que vinha com gravidade contando as passadas) vinde ver este Anjo que a nós desceu.” — “Não é feia; está na flor dos anos; sim, é bela, é muito bela: mas, M.<sup>da</sup> Abadessa, os olhos não tem que comparar c’os vossos.” — “Crede-lo vos assim, Madre S.<sup>ta</sup> Doçura? O certo é que nesse locutório, não se vê quasi nada: hei-de mandar nele rasgar outra janela.” — “Tal não fareis, M.<sup>da</sup> se me acreditais: meia claridade em simillhantes sítios favonea a modéstia, e também a Decência lucra.” E alguns anos se encobrem (dizia eu comigo). Se o meu ânimo se visse mais desabafado, que rédea eu não largara ao riso, de lhes ouvir tal c o l ó q u i o . — “Como vos chamais M.<sup>lla</sup>?” — “Germância.” — “Sem mais nada?” — “Não, M.<sup>da</sup>.” — “Não? (e aqui olhos piscados, e repiscados à freira velha). E de que terra sois?” — “De Londres, M.<sup>da</sup>.” — “Oh Céus! que é herege.” — “Não vos aflijais; sou Católica, e nunca poria pés neste Convento, se o não fora: nasci de família jacobita.” — “Vinde, vinde; abraçai-me, meu Coração. Santa nasce quem nasce jacobita. Que de sangue vos correu em Casa! Que de mártires! Contar-me-eis tudo; não é assim? Vamos, granjeareis bênçãos de Deus à este Convento.”

Deram-me agradável aposento; e nos primeiros tempos, desfazia-se em carícias, e em perguntas todo o Convento; já me enfadavam, mas convinha conformar-me. Os 50 guinés davam-me azo, a fazer regalos, e mimos às Madres. No meu intróito fui donosa porcionista, sem contudo deparar c’uma só amiga. Enredinhos, ciomezinhos,

mexeriquinhos era o que por lá reinava. Cara a cara rasgados cumprimentos, na ausência mordeduras. Eu que tinha génio franco, não me dobrava à dobrez que lavrava na republiquinha. Tomei inclinação a uma Moça lisa, simples, boa, franca, porcionista como eu, e que foi minha única companhia; nem ela me disfarçou qual fosse a progénie sua: “Sou (me disse) filha dum pobre Criado, Cocheiro do Conde d’Olmancé, o mais virtuoso, e magnífico fidalgo desta Província. Foi sua desgraça virar, certo dia, o Coche que governava; caiu e feriu a cabeça de modo que da ferida morreu, deixando-me órfã. Muitos Amos com o notar de bêbado, o poriam em esquecimento; mas o Conde, não imputando ao Cocheiro o erro dum acaso, como não poudes salvar o Pai, afortunou-lhe a filha; neste Convento me pôs onde, graças ao seu cuidado, recebo a mais fidalga educação; e sei que teve a generosidade de pôr dinheiro a juro, com que possa vantajosa me achar Esposo. Se ele não fora aqui tão conhecido, suspeitara eu que quem vos aqui conduziu, quem vos fez tanto bem, como contastes, fora ele; porque poucos homens são capazes de tão belas acções. O retrato que me fizestes do vosso libertador não se lhe assemelha; que não é o Conde tão gentil, como ele.

Com essa boa rapariga passei alguns dias, se não felizes, ao menos sossegados: que tinha ela uma índole natural e recta, mas quando lhe contei os meus sucessos, não lhe dei notícia de quem eu era: que duas razões mo impediam, a 1.<sup>ra</sup> conservar entre ela e mim certa igualdade, que é de preço nas pessoas com quem vivemos: a 2.<sup>da</sup> que, uma vez apossada do meu segredo, me trataria com respeito, e não com confiança; e perderia eu o direito de tratar como amiga, aquela que se considerasse como minha inferior; e teria de receiar da sua parte que o seu zelo a não fizesse falar. Fui devisando que minguaava no Convento a estima em que me tinham: indignava-me que corressem acerca de mim certos rumores surdos; se ela soubesse à plana, a que eu podia aspirar, cobiçosa que me tivessem o respeito que

ela me imaginasse, de mui boa, ser devido, a impelisse a declará-lo, essa declaração poderia carrear-me algum risco. E a sabê-lo as freiras, quem lhes taparia a boca? Como se não aguçaria a Abadessa a escrever a Londres! Contemplando nas circunstâncias do meu rapto, na Carta de Mistress Smith, nos sinais que de Carlos mandaram a Paris, tudo me prova, que nos ânímos de uma família, que eu ainda não conhecia, e até nos dos que cuidaram da minha infância, passava por ter fugido com um aventureiro; que súbito me reclamaram, e que voltando lá, me veria no meio de gente prevenida contra mim, que a verdadeira relação de meus infortúnios teriam por novela: e, (o que me seria cem vezes mais cruel perderia a esperança de ainda ver o objecto da minha inclinação.

Já disse que a estima que de mim faziam de primeiro no Convento começava a diminuir, e mais que muito assim era. Que digo eu? já fugiam de mim havia já 5 meses que eu ali era; não se afoutavam a me despedirem, em razão de que larga e pontualmente paga minha mesada; mas bem avistava eu, que me evitavam, como se eu contágio fora; se me encontrava co'as freiras velhas, voltavam caras, e faziam o sinal da Cruz, como se viram o Anjo das trevas; as moças levantavam meio véu, e em bandos me olhavam desdenhosas, e cáusticas. Tal foi em algumas delas o devoto zelo, que me vieram pôr à porta os presentinhos de Café, e Chocolate que eu lhes havia feito, na fé que eram mimos insidiosos de Espírito maligno. Júlia bramava, e eu ria. — “De que vem isto?” (lhe dizia eu às vezes). Ora ela tanto fez, que o descobriu. A Porteira, que era boa mulher, e não via a malícia desse tratamento, tinha colhido dumas e outras, quanto a meu respeito se dizia, e soubemos, que sem engano, tudo procedia do Director. Como não pus nele à minha confiança, e que chamei outro, foi esse o meu primeiro delito, ante os reverendos olhos das Madres, e mais grave ainda aos do Director, cujo zelo tinham inflamado as circunstâncias da minha chegada. — “Fizestes (dizia ele à Abadessa) do vosso Convento, o viveiro do pecado. Vem um Mancebo aqui, traz uma Moça consigo, e recolhei-la! Dais asilo a um indivíduo da coorte de Satanás? E donde vem esse Mancebo? donde vem essa Moça? De Paris! de Paris! Da Babilónia destas Eras!”

Dali é que pululavam todas essas mortificaçõeszinhas afim de me molestarem; e que já iam tão fora de termo, que nem consentiam que me avizinhasse ao Refeitório; traziam-me o comer ao meu quarto, e passava por verídico, no Convento, que à roda da minha cela apareciam todas as noites chamas de fogo. Que refrigério a isso? Rir, e calar-me; bem assente em que o interesse era possante móbil, que impediria por longos tempos a minha expulsão. Além de que, a esperança que eu tinha que dum ao outro dia, viesse o Libertador desatar os nós que a essa morada me prendiam... mas tudo tomou diverso rumo; e a voz da rígida virtude me obrigou a obrar diferentemente. Eis que no entanto, vem a Caen o Duque d’Olmancé, protector de Júlia: o alvoroço que essa excelente Moça sentiu em si, quando soube que ele a chamava ao locutório, posso-o eu dizer, porque o presenciei; entre pulos de alegria, me diz: “Oh que muito quero que o vejais! Vou-lhe pedir que mo consinta, e tenho por seguro, que não mo negará. Tem tão bom génio!” Raiava-lhe de prazer o rosto; quando voltou: vinha de ver um Pai, um Amigo, um Benfeitor. “Quer ver-vos; (vinha já gritando, quando voltou) sim quer ver-vos, qué-lo, e deseja-o” — “Mas eu não o conheço.” — “Nem ele a vós. Amanhã torna a vir, não vos negueis a ver dos homens o mais digno. Sem dúvida, que pelo retrato que lhe fizerdes do vosso Libertador, ele o conhecerá, e o nomeará.”

Com efeito tornou o Duque no dia seguinte, e resolvi-me a acompanhar a minha amiga ao locutório. Não me enganou; que vi um homem do mais nobre garbo, e bem apessoado, e que apesar desse tom de Corte opulento (por não dizer soberbo) tinha tantos ares de bondade, e de lhaneza esparzidos pelo semblante, que davam gala as seus menores movimentos. “Por que acaso (me disse) tanta formosura e tanta graça vivem desconhecidas neste retiro? Quem é que as veio esconder aqui?” — “Infortúnios com cuja narração não quisera eu importunar-vos quando mormente venho lograr, sem desconto de amargores, o prazer que me granjeia a minha Amiga, no conhecimento da V. Ex.<sup>a</sup>.” — “Feliz a descubro eu em vos ter conhecido. É uma excelente Moça, que me paga perfeitamente o cuidado que dela tenho; pelo que lhe devo agradecimento.” Júlia, de contente, debulhava-se em lágrimas. — “Ah! meu Protector... meu Pai! (dizia soluçando) é

muito... muito; por certo.” — “Minha filha, minha querida filha (e i-lhe enxugando as lágrimas) e quem vos devia, senão eu, servir-vos de Pai! eu que usei em serviço meu os dias de vosso Pai! Mas, cortemos uma conversação que a todos três aflige; que eu vejo que a vossa linda Estrangeira tem tão bom coração como os nossos.” Assim começou a alegrar a conversação, gracejando com muito pingo acerca dos amuamentozinhos das freiras, segundo o que a minha Amiga algum tanto lhe apontara na véspera.

Foi-os attribuindo (como mui galã que era) ao ciúme que lhes dava a minha formosura, e daí foi enramando uma quantia de lindas expressões, que um grado fidalgo, quando é amável, e discreto, e mormente quando é de honesto proceder, sabe com muita destreza entrançar na conversação. Pareceu-me na verdade, superior ao retrato, que dele me tinha debuxado Júlia: e tive para mim, que nascera para merecer a minha amizade, e a minha confiança. Não cuidávamos ainda nós em separar-nos, quando eis que a Abadessa augustamente encostada sobre duas condescendentes Religiosas, que lhe serviam de Escudeiros, entra no locutório. Fez ao Duque uma mesura, como na Corte a fazem as Damas, ofereceu-lhe, ao desdém, a mão, que beijada pelo Duque, foi-se assentar mui lentamente numa cadeira de braços, guarnecida de quantiosos coxins, que outra condescendente freira tinha trazido, e nos olhou desdenhosamente a todos, por cima do ombro: “Espero (disse) que essas M.<sup>llas</sup> me permitirão de falar com sua Ex.<sup>a</sup>.” Fizemos-lhe eu e Júlia, uma profunda mesura, e retirámo-nos. — “Adeus, minha boa filha (lhe disse o Duque c’um tom tão lhano, que disparatavam com ele os grandes ademanos da Abadessa) não me heide ir, sem vos tornar a ver: e lisonjeio-me, que vos quererá M.<sup>la</sup> ainda acompanhar; e saudou-me.” Não me capacitava eu que havia de servir de assunto à conversação, que com tanta pompa se veio procurar.

Pouco depois o soube. Tínhamos gasto na alegria que o Duque verteu nos nossos corações, o dia inteiro. Como Júlia era minha vizinha, e como as freiras, em razão das chamas de fogo de que falei, andavam sempre de longe, tínhamo-nos deitado mui tarde; eis que a Porteira me vem dizer que me chamavam ao locutório. Admirou-me, porque me não dizia o coração que fosse o meu Libertador; outra

pessoa não a conhecia. Ergo-me, visto-me, desço. Que assombro foi o meu, quando vi o Duque d’Olmancé! Reparei que vinha mais sério, que na véspera. — “Estranhais a minha visita? Sentai-vos, M.<sup>la</sup> contar-vos-ei o motivo. Deu-me ontem a Abadessa a saber os sustos que neste Convento causa a estada vossa, e o risco que à sua salvação, e à dessas Madres motiva a vossa presença. Não me cabe esquadriñar a pureza de suas intenções, e ainda menos prevenir-me contra o comportamento que precedeu a vossa entrada afluí: nas confidências, que me fizestes, somente vejo o bem que fazer-vos posso, e dele lanço mão, porque esse é o meu dever. Essa espécie de retiro de todas as vossas Companheiras, se vos não empeçonha a vida, verte bem enojos nela. Pode-se-lhe dar remédio? Posso eu lisonjear-me, que a minha reputação e um conhecimento de 24 horas vos inspirassem tal confiança em mim, que me patenteis o vosso coração, e me deis parte do vosso proceder cujo mistério, ao que eu creio, foi quem unicamente deu motivo a desvantajosas suspeitas?” — “Tê-la-eis, Senhor, e por inteiro, a minha confiança: que quem não tem de que se envergonhe, não receia de falar. Se a Senhora Abadessa o houvera querido, por certo que me cativara a confiança como vo-la eu entrego. Nada me perguntou, a nada lhe pude responder.”

Então contei ao Duque quanto desde a infância, até ao ponto que cheguei a Caen me acontecera. Quis que lhe repetisse o pouco que eu sabia do homicídio, de que suspeitavam uma Pessoa grande: atento se informou do em que tempo; quis de mim ouvir por diversas vezes o retrato de Carlos; pediu-me com eficácia, que lhe descrevesse, a poder-me lembrar, que brasão de armas levava a carruagem em que me prenderam, e qual libré vestia o cocheiro. Artigo foi este, em que o não pude contentar, porque era quasi noite, quando nela entrei, além da torvação em que me vi, quando Carlos me arrancou ao poder do Conde Federico, e o horrível acontecimento, que logo veio, que a lembrança que sós me deixaram foi a de ideias confusas.

Enquanto durou a narração, me pareceu mui inquieto, e muito agitado o Duque, e só o meu silêncio o arrancou das suas reflexões. — “Desculpa vos peço, M.<sup>la</sup> que me prenderam o espírito certas circunstâncias da vossa narração; posto que com a vossa situação não tenham relação alguma os movimentos da alma, que elas me

inspiraram. Admiro a virtude admiro a coragem, que vos sustiveram, nas posições cruéis em que vos vistes; por ser nos vossos poucos anos, raro experimentar tão avultados reveses. Pelo que, mais digna sois de estima, e ainda mais condoível; consenti-me porém que não louve com igual franqueza a prudência vossa; que fácil que foi de conceber, que vos não é indiferente o vosso Libertador, cujo procedimento descobre uma alma delicada. Mas é mancebo, e não sabeis quem é; e toma hoje comunmente o Vício os trajes da Virtude por cumprir suas tenções, e com afinco tal, que o não podeis imaginar: feitos da depravação do século! Nada ruim suspeito nele; mas não folgo com gente que se encobre; e o afeito, que em mim calastes, de mui vivo que é, se assusta do mal, que vos pode vir, ainda antes que ele se realize.

“Lembrar-vos-íeis vós do nome da rua, em que morava essa Dama Roger?” — “Sim, Senhor: rua de l’Oursine, subúrbio de S. M a r c e l o .” — “Raro habitam nesse bairro pessoas fidalgas. Não faz ao caso; e esta minha objecção é fraca. Ainda outra pergunta: pareceu-me que de propósito evitastes falar no título, e plana da vossa família...” — “Senhor Duque, a boa opinião que tenho do vosso juízo fez que julguei inútil um título ilustre para mais abalar o vosso humano coração. Sei que pertenço a uma das mais ilustres famílias de Inglaterra, mas cujo nome me é occulto. Esta Carta de Mistress Smith é o único abono do que vos digo.” Leu-a o Duque e logo se ergue, e me diz: — “Permiti, M.<sup>la</sup> alguns dias, e depois renovaremos, com licença vossa, esta importante conversação, em todo o contexto dela; e então vos falarei com toda a probidade, que um homem de bem deve à Virtude infelizmente; mas também com toda a severidade devida à mocidade inexperta, a quem um passo mal seguro despenha no precipício.” Saudou-me profundamente, e partiu.

Subi ao meu quarto, onde Júlia me esperava com impaciência, e que ficou admirada da conversação que tive com o Duque d’Olmancé, de cuja lhe dei parte, donde Júlia augurou favoravelmente a meu respeito. Não o cuidava eu assim, dissipado aquele error, que tanto me comprazia. A ideia só de me ver forçada a diminuir a estimação, que eu fazia do meu Libertador, me dava cruel tormento: (porque melhor

o diga) a reflexão, que os ditos do Duque ergueram em mim, de que viria um dia, em que a lei severa do Dever me forçaria a abafar um amor que me envergonhasse, era o que me despedaçava o coração. Ali fraqueei, e confesso que foi esse o único instante que em mim crimino. Creio que se nesse dia aparecesse o meu Libertador, sem dificuldade me iria com ele, desconhecido, como ele me era, e em despeito mesmo do industrioso jeito, que o Duque d'Olmancé tomou para me intimar o perigo a que me expunha. Júlia, a quem nenhum movimento do meu coração lhe era encoberto, me repreendia; porque nunca tinha amado, essa amável, Moça. Convém ter conhecido as paixões violentas, para julgar as contrariedades, que se encontram no coração humano.

Passaram 12 dias em que não vimos o Duque d'Olmancé, que para mim foram 12 séculos, entre tremores, e ardências de que viesse; parecia-me que com ele vinha a minha sentença de morte: e todavia os meus desejos lhe davam pressa, para assim mudar de tormento; porquanto, o mais cruel suplício é a incerteza do futuro. Apareceu enfim o Duque; e a primeira cousa que estudei foi examinar-lhe o semblante; vinha demudado. Não vinha severo, vinha compadecido. — “No rosto anunciais meus infortúnios. Perdi tudo. Demostrais condoer-vos de mim. Não tenho de o tornar a ver? Oh justos Céus!” — “M.<sup>la</sup> se dais ouvidos às falas da Virtude, que vai designar-vos o vosso dever, certo é que não vereis...” — “Mas dizei, Senhor, que soubeste acerca dele?” — “Nada que o desfavoreça; que dele, apesar de minhas pesquisas, nada pude rastrear. O Ministro de Estado de quem ele vos falou, o único de quem podia tirar algumas clarezas, esse é morto: o Magistrado, a quem levou a Carta, para a vossa soltura, desfez-se do seu cargo, e passou à Ilha de França, onde sua Mulher possui vastas fazendas, que requeriam a sua presença; de maneira que lhe perdi o rasto. Quanto a M.<sup>da</sup> Roger, fácil a descobri, que a única desse nome que mora na rua de l'Oursine é uma mulher pública; a quantas perguntas, que acerca de vós lhe fiz, respondeu ser possível quanto me dissésteis; mas tantos Mancebos e Moças lhe passavam por casa na roda do ano, que era impossível ficarem e na memória épocas, nomes, ou feições. Bem podeis crer que essa mulher tem bons motivos para se calar; basta a Polícia, e o medo que dela tem. Como quer que seja,

considerai a que honradas mãos vos confiou o vosso Libertador, e julgai de lá sua intenção.”

— “Oh Céus, em quem se há-de fiar a gente! Que desgraçada que sou!” — “Verdade é que o sois bem o sei. Mas permiti-me ainda perguntar-vos: Ainda o amais?” — “Já o não estimo, e basta. Pouco custa a uma alma honrada curar-se dum amor, que se desacompanhou da estima.” — “Então M.<sup>la</sup> consolar-vos é o dever dum amigo; consolar--vos, e proteger-vos. Vós vos destes a sentença, e com ela me tolhestes o aconselhar-vos. Não partirá de Londres, antes de dous meses o Conde Federico; não é bem que aí torneis a aparecer antes. Ora, não vos cabe viver mais tempo das mesadas dum homem, que talvez ponha a esse preço o desonestar-vos. Já deve começar a desprezar-vos este Convento; e eu julgo que a Decência pede que oculteis ao vosso Amante o sítio da vossa residência. Dareis vós crédito a uma pessoa, que não leva outro fito mais do que honrar a Virtude em qualquer parte que a encontre? Tenho fazendas na Normandia, e lá me estimam, e lá tenho Amigos; consenti que lá vos conduza; e pois que Júlia teve a dita de agradar-vos, Júlia irá convosco.” — “V. Ex.<sup>a</sup> bem imagina quanto me tem de custar... mas mostrar-me-ei digna do generoso socorro, que se me oferece, e que eu aceito.” — “Oh Senhora benemérita de melhores fados! Custoso é o sacrifício: mas lembrai-vos, que nunca estes se fizeram à Virtude, que a Virtude os não premiasse.”

Tomei a mão ao Duque, e lha alaguei de lágrimas. — “Escusados são agradecimentos, M.<sup>la</sup>: desventurado o homem, que vê a Inocência em perigo, e a não socorre!” E logo chamou o Duque a Porteira, e lhe encarregou que dissesse a Júlia, que baixasse; e a mim: — “Enxugai esse pranto; não demostreis à minha Pupila, cuja alma ainda é limpa de paixões, que há na vida instantes tais, em que é penoso dar ouvidos à Razão.” — Em despeito da extrema perturbação que em mim volvia, foi-me forçoso admirá-lo. Compete-me confessar, que nesse momento, não era o Duque ante meus olhos um homem, mas sim um Anjo, cujo semblante raiando a alegria, que numa bela alma tem seu foco, visos dava de ser o númen Humanidade.

Logo que o Duque ouviu os passos da sua Pupila, tomou súbito o tom da mais franca alegria, de tal modo que ninguém crera, que tão

enternecida cena tinha entre nós passado. — “Bons dias, minha querida Júlia; como passas?” — “Muito bem, muitíssimo bem para obedecer ao meu respeitável Benfeitor.” Pronunciou Júlia estas palavras com o tom da mais terna gratidão, que penetra pelos seios da alma. — “Sente-se a minha Júlia disposta a fazer uma jornada?... jornada; sim. Olha-me, com quanto pasmo queiras: M.<sup>la</sup> tem precisão de ir à Normandia; já me aceitou por seu Escudeiro, e assentei que te não desagradaria ir por Aia.” — Júlia respondia, mas atalhou-a o Duque dizendo-me: — “M.<sup>la</sup>, Tutor vosso me quisésteis; uso das minhas prerrogativas. É tarde, e não tendes sobejo tempo para os aprestos da jornada; nem eu para dar as ordens necessárias: separemo-nos. Às 6 da manhã bato à porta da Abadia; ache-vos eu prestes, senão... ralho. Numa hora se carregam as azémolas; chocolate pronto, que o hei-de tomar convosco, e partimos às 7. Estais por esta conta, M.<sup>la</sup>?” — “E vós consultais-me, quando a vossos conselhos devo a minha felicidade?” — “Punhamos ponto nesse assunto. Mas, que atontado sou! E ia-me, sem falar à Abadessa! Esperai um pouco; que diante de vós é que falar-lhe quero.” Chamou outra vez a Porteira, e disse e, que pedisse à Senhora Abadessa que lhe fizesse a honra de lhe ouvir duas palavras.

Muito tardou a Abadessa a descer ao locutório, que muito tinha que lidar no toucador. Enquanto aguardava, gracejou connosco o Duque, respirando a franca alegria, que só nos bons orações reside. Saboreava-se deliciosamente de prazer de afortunar os outros; e ao certo, há hi prazer mais puro? Notei no Duque d’Olmancé um talento, que bem pernicioso fora num peito depravado. Possui em grau supremo a arte de compor o semblante de modo, que ninguém, que entre a vê-lo, lhe rastreara os abalos precedentes que lhe moveram a alma. Dessa arte usou, bem delicada e lisonjeiramente a meu respeito, logo que a Abadessa chegou. Tomou o Duque, para lhe falar, aquele tom de igualdade, que os Grandes usam entre si; e nunca lhe falou em mim, que lhe não saíssem ao rosto sinais do mais profundo acatamento. — “M.<sup>da</sup>, de duas porcionistas <sup>[xxviii]</sup> venho privar-vos; porque negócios importantes requerem a presença de M.<sup>la</sup> Germância. As informações que tomei a seu respeito, e as poderosas recomendações que acerca dela recebi, vos desenganariam de quão

mal fundados eram os sustos vossos: mas é vedado descobrir segredo de outrem. Baste segurar-vos eu, que poucas porcionistas tendes recebido na vossa Abadia, que ao respeito universal tenham maior direito; e que não imaginei que tinha feito muito, quando lhe supliquei, que houvesse por de seu agrado, dar-me a honra de a conduzir na jornada, na qual não fora decente ir sem companhia: para o que, lhe instei, que aceitasse o desvelado préstimo da minha Pupila. Como porém é mui conveniente que esta jornada a ignorem seus adversários, tenho de pedir-vos, que esta saída do Convento, e a parte que nela me cabe, fiquem em segredo entre nós: e creio que posso levar comigo essa seguridade. Até me afouto a afirmar-vos, que vou convencido de que o guardareis; no que mais não faço do que render-vos o obséquio que vos é devido.”

Não podia o Duque dar mais valente, nem mais fina lição à Abadessa, restabelecendo-me assim com uma só frase, mui esplendidamente, no ânimo dela, e no de toda a Comunidade. Depois que saudou a Abadessa, e a nós deu cordialmente as boas tardes, e nos recomendou a madrugada seguinte, foi-se. Com dificuldade se descreveria como a Abadessa ficou estupefacta: queria balbuciar-me algumas desculpas: mas eu, com certo tom de dignidade, lhe respondi, que não tinha de que me queixar das atenções que comigo tiveram as do Convento, e que ela nenhuma me devia. Buscava ela vãos, e ridículos pretextos, comuns aos que se sentem culpados. “Não me permitiu minha Tia depois de muitos tempos, M.<sup>la</sup> Germância, que eu tivesse a honra de vos vir ver; mas, neste lance de nos separarmos espero eu, e ainda me lisonjeio, que vos não ireis, sem me fazer a honraria de vir cear comigo.” — “M.<sup>da</sup> em despeito da lida, que consigo traz uma véspera de partida, terei essa honra.” E, acabando de dizer estas palavras, lhe fiz uma mesura entre cortês, e de patrocínio.

— “E haveis de ir cear co’a Abadessa?” — “Sim, Júlia, e hei-de vos levar comigo.” — “A mim?” — “A vós, minha querida Júlia. Que nada castiga melhor essas acanhadas almas, como inteirá-las de que nos não fica rancor: amuar-se, é pôr-se com elas de parelhas. Bem imaginai que cintilava de impaciência de saber o que se tinha passado.” — “E donde vem tal mudança, tal jornada, e tão súbita e tão inopinada?” — Posto que me pareceu que o Duque quisera que eu com Júlia

guardasse reservas, era essa Júlia tão excelente Moça, amava-a eu tanto, e tinha-lhe eu tantos segredos confiado, que lhe não pude encobrir este. Assim a fiz sabedora de tudo o sucedido, e não faltaram lágrimas. — “Sei (me disse Júlia) que vos afligirá o que vou dizer-vos; permiti contudo, que antes de vo-lo dizer, vos dê um beijo. O que o Duque pensou, pensado o tinha eu já; que não fazia (eu confesso) grande conceito do vosso Libertador. Concordo que se oculte quem faz algum bem a outro às não sabidas dele; mas mostrar-se, e esconder seu nome, inspira desconfianças. Senhora muito amada minha, Senhora, (que deste instante como tal vos considero) a pôr de parte a afeição que esse Mancebo vos inspirou, inevitável afeição! persuado-me que pensaríeis como eu e como Sua Ex.<sup>a</sup>.”

Lavava-se-me em lágrimas o semblante; e não tinha que lhe responder; que bem sabia quanta razão tinha Júlia, e bem me pareciam capciosas as desculpas que o meu Libertador me dera então, para encobrir seu nome: e daí se seguiu cair eu na mais profunda m e l a n c o l i a .

— “Coragem, minha digna Senhora...” — “Júlia, minha querida Júlia, chama-me amiga tua.” — “Amiga vossa! M.<sup>la</sup> a minha opinião é que nascestes na ilustre plana, que cativa o respeito, quando vem junta com a Virtude. Segredo é vosso, que eu saberei, quando me julgardes merecedora dele.” Apertei a mão a Júlia, sem mais resposta. Pusemo-nos a preparar tudo para a partida, que nos levou o resto do dia, até apontar a hora em que tinha de ir aos aposentos da Abadessa. Muito me custou a determinar Júlia a que me acompanhasse; mas logo que entrámos, mui deliberada lha presentei, dizendo: “M.<sup>da</sup> não tereis por mal, que me não separe de quem sempre fui fielmente acompanhada.” Como estas palavras levavam epigrama consigo, a mui adocicada Abadessa seu trejeitinho lhes fez, de que pouca conta fiz. Muito cerimoniação, e muito pesponteadas foi a ceia, e nela me foram feitas quantas momices, e quantas entaladas polidezes servem ordinariamente a soçobrar aqueles que têm de nós recebido agravo, ou a quem injustamente desdenhámos. Quasi toda a Comunidade ali assistia, menos o Director que tinha soprado a discórdia. Era para ver como todas as Religiosas tinham caras de mais de palmo! Até creio que as que me fizeram restituição

de meus presentinhos, tidos por endemoninhados, se arrependiam tanto ou quanto de seu zelo indiscreto, e que bem quizeram agora tê-los guardado.

Bem pouco estava eu para alegria, mas revesti no rosto certo ar de jovialidade, e pareci não me dar por sentida do constrangimento que a minha presença ali causava: quis ao menos deixar pesares de que me não tivessem cultivado mais assíduas; e essa a melhor lição que lhe podia dar. Eis que dá meia-noite, e dela tomei pretexto, corno quem devia madrugar; assim me despedi da Abadessa, e mais Religiosas, e Porcionistas. Tive de aturar a hipocrisia de abraços e de beijos, até que me retirei com a minha leal Júlia, que bom quinhão levou nos melífluos cumprimentos que me esperdiçaram. O como foi, não o sei mas sei que nos não deitámos, e que eram já 4 horas, sem que o pensássemos; e como Júlia só traçava quantos meios pudessem distrair-me, não houve macaquice que não fizesse: pôs-se a arremedá-las todas freira por freira, e a contar-me mil graciosas historietas. Mais de dez vezes recomeçou o chocolate que preparava para o Duque, e dez o entornou com seus brinquedos loucos.

Pontual à hora aprazada o Duque veio, e enquanto almoçávamos, carregaram nas azémolas as minhas malas, e mais as de Júlia. Saí da Abadia, sem levar saudades dela; mas não deixei de sentir que saindo dali, punha talvez um estorvo perpétuo entre mim, e o meu Libertador. Tal que um terno Pai trata os filhos que ama, nos tratava o Duque: e dizer posso que para nós tinha o coração dum velho entre cobertas de Mancebo. Bem sabeis, que nos seus 30 anos, tem a sua reputação tão bem assente que não se afoutariam as más línguas a sorrir-se, quando o vissem servir de guia a duas Donzelas tão moças como nós. Onde eu vi que era muito amado, foi no acolhimento que à minha pobre Júlia fez toda a Criadagem; todos a acariciaram como a Irmã muito amada; e cada um cuidava de comprazer ao Duque, assinalando-se nos afagos que à Pupila lhe fazim; que havia 8 anos que a não tinham visto, e todavia a conheciam todos. Sinal certo que era constante o Duque; e anúncio tão favorável da bondade do Duque, como do bom serviço dos Criados!

Quando eu não soubera dantes que era o Duque fidalgo de mui grande porte, fácil me fora presumi-lo da maneira com que ia de jornada. Nos íamos, ele, Júlia e eu numa berlinda a 6 cavalos; Secretário, Intendente, Mordomo, noutra a 4; o Criado grave com dous lacaios, e dous palafreiros, que levavam dous Cavalos à dextra iam t o d o s bem montados acompanhando-nos, de maneira que sendo 11 pessoas, ocupávamos 17 Cavalos. Não se vai de jornada com maior ostentação. Tanto que o caminho durou, lançava o Duque mão de tudo, para distrair-me: desvelos atenciosos, cortesias amabilidades, conversações discretas, anedotas curiosas, e cheias de pico, narradas com infinita jovialidade e finura. Difícil será que o creiam. Apesar de tudo eu ia pensativa, e ele me cataneava. “Posso falar diante dela (apontando para Júlia) que vista a bondade que usais com ela, é de presumir, que nada lhe ocultais. Quem motiva essa melancolia em que vos vejo tão entranhada? De quem tais saudades!” — “De quem? por leviana me teríeis, se em tão curto espaço me vísseis já sarada a chaga. Não vo-lo encubro, uma única reflexão me ocupa, me atormenta. Qualquer que ele seja, esse homem que me trouxe a soltura, por mim, e a meu respeito tudo fez; a ele devo talvez ter escapado ao suplício que a prevenção de meus Juizes me podia preparar; desde esse prazo, se eu existi, a seus benefícios o devo; um só diche, não tenho, uma só bagatela, que dele mo não venha; e quando ele souber da minha fuga, que horrendo conceito não fará de mim? Que motivos lhe não dou de me contemplar como um monstro de ingratição, e como a mais desprezível criatura?” — “Ajuntai-lhe ainda, que desesperação extrema a de perder na formosa e sensível Germância, uma adorada Amante?”

Sorrindo me respondia assim o Duque. — “Oh não gracieis no caso. O seu amor, de que me vale se não é legítimo? A minha Honra, o meu dever me ordena, que o sufoque.” — “São rodeiozinhos que uma chama mal extinta busca, como meios de se mostrar sem pejo. Falemos sério; se era culpável o intuito do vosso Amante, não ficais quite com ele, mal que vos certifiqueis de sua maldade? É permitida a ingratição, sem pejo algum, acerca dum homem, que de si cuida, quando por nós se emprega: e a mulher que toma em conta os sacrifícios que um

induzidor por ela fez, deve perguntar-se a si mesma, se outros tantos sacrifícios houvera ele feito por lhe conservar a sua virtude? Cem contra um, que ela dirá que não: e nesse caso, em que lhe fica devedora? Agradecer-lhos fora ir cúmplice com a intenção do seu Amante; e confessá-

-lo-ia ela sem corar de pejo? M.<sup>la</sup>, se o vosso Libertador com limpeza de ânimo, vos foi de préstimo; se de verdade vos ama, se ele é digno de vós, como o deseja o meu coração, não lhe dará o Amor descanso, que vos não procure: nem vós sereis sempre no transe de vos encobrir. Então saberá os motivos porque vivêsteis retirada, e redobrá de amor e de estima. Ainda mais vos digo, que quando recomendei segredo à Abadessa, levava mormente o fito no Conde Federico, que nesse Mancebo, que eu não conheço, e que só me foi suspeito, pelo conhecimento que ele tinha dessa Roger. Se ele tem depravado o coração, certo estou (perdoai-me este desaforo de amor próprio fundado na minha conhecida probidade) que nunca se avizinhará a uma Dama a quem o Duque d'Olmancé tomou em seu patrocínio: e se é honrado, dobrada razão lhe dou de se mostrar."

Calaram em meu peito essas reflexões do Duque; reflexões, que eu não tinha ainda feito; e fizeram elas mais; reconduziram-me ao coração a perdida bonança. Porei eu culpa ao Amor? Virá dele a voz oculta que me diz na alma, que o meu Libertador é tal, qual eu mo afigurei desde o primeiro encontro? Comecei a capacitar-me que ainda o tornaria a ver. O que eu somente não podia congraçar, era o retrato que dessa Roger me fez o Duque, com o tom de decência e de Virtude, que nela percebi. Tirei daí, que houvera engano nas informações que dela ao Duque deram: suposição esta, que abraçada com a esperança de aparecer aos olhos do meu Amante, adornada com a dignidade do sacrifício, que por ele fiz, espargiu pela minha imaginação mais folgada alegria. Dela se sentiu bem a nossa sociedade, pelo mais restante da jornada, a que eu dei fim com tal serenidade de ânimo que cumulou de contentamento ao Duque d'Olmancé: a cujos domínios apenas que chegámos, me aposentou nesta pequena morada. A vida que aqui levei, Comendador, bem a sabeis vós; e sabeis como ele me deu conhecimento convosco.»



Tanto que acabou Germância a sua narrativa, lhe anunciou o Comendador de Selville, que no dia seguinte, sem mais tardar, partiria ela para Paris recomendada por ele à caroável viúva d'Olmancé, a cuja casa, bem provida das instruções do Comendador, se encaminhou, como convindo tinham. Recebeu-a a Duquesa d'Olmancé, como receberia a mais querida filha do Comendador; e M.<sup>la</sup> de Sémiane, que a se achou presente, entrou a bradar que o seu velho amigo era o mais adorável homem, que havia; pois que lhe enviava uma M.<sup>la</sup> que era um encanto. A cuja exclamação da bule-bule e estonteada Marquesa, que se não saciava de acariciar por extremo a bela Inglesa, deu um sorriso a viúva d'Olmancé. A Marquesa continuou: — «Vou escrever, vou agradecer ao admirável Comendador; não, não lhe escrevo: depois d'amanhã se julga a famosa demanda. Esperarei.»

C'uma actividade bem digna duma alma nobre e generosa, prosseguia o Comendador nas suas pesquisas, para demonstrar a inocência do seu Amigo. Já ia ter com M.<sup>da</sup> d'Urfay, eis que recebe uma Carta de M.<sup>da</sup> de Sémiane, que dizia assim. «Vitória! vitória! A demanda está vencida. Afigurai-vos, Comendador, a minha alegria, o meu delírio, o meu extremo desatino. Fui-me aos abraços, a Presidentes, a Conselheiros; nem eu sei, se no meu arroubamento não beijei alguma meia dúzia de Escrivães. Que gozo! que prazer! Que bela pousada a da Grande-Câmara! Creio que ainda lá estaria, se não viessem logo outras Causas a sentenciar. Não por certo, não me passava tal pelo sentido. Assentava que todos os Demandistas tinham vencidas as suas Causas, como nós a nossa. Hoje, oh que sim! temos mais 200,000 fr. de renda. Adeus, tristezas! Mas não discorre assim a nossa inimitável Amiga. Mas eu, Comendador, eu perco o sentido. Já dez Cavalos arruinei para ir dar agradecimento a todo o Universo. Sémiane, pacato como vos o conheceis, diz que se lhes mete na cabeça aos meus amigos ganharem demandas, que ei-lo perdido. Nestes dous dias não se tem cá dormido; não quero que ninguém durma;

dormindo não se ri. Tenho escrito 200 Cartas; não vos agasteis, que vos guardei para o último; e em tanto se me assossegou o juízo. Nos primeiros instantes não entenderíeis o que eu dissesse. Mas M.<sup>da</sup> d'Olmancé! Enquanto eu destempero, desconsola-se ela. Quem pudera pintar-vos esse dia? essa coroaável cena? Os desassossegos da nossa Amiga, o terrível golpe que lhe descarregou o Duque? Oh que o Duque é delicioso! tendes de adorá-lo. Traidor, que nos encobriu o seu projecto! foi pérfida a astúcia! E temos de perdoar-lha Quem lhe há-de querer mal, depois do comportamento que ele teve?

Na antevéspera do julgado recebeu a Duquesa d'Olmancé a Inglesa que lhe recomendásteis. A propósito, Comendador, tenho agradecimentos que vos dar; é ela donosa; por certo, que é uma cara que enfeitiça. Na véspera me preveniu o Relator, porque lho tinha eu assim pedido. Vou de voo a Casa da nossa Amiga, que achei rodeada de Arestos que outrora tinham invalidado testamentos. — “Tenho esperanças (me disse) que farão assim.” — Como no outro dia nos devíamos achar às nove horas no tribunal, dormi essa noite em Casa de M.<sup>da</sup> d'Olmancé. Ela toucou-se simples, mas quão airosamente, e quão formosa estava! Eu, muito tempo havia, que me não tinha toucado tão augustamente. De verdade, que nenhuma equidade há aí em ser tão linda, quando a sorte vai pender do juízo dos homens! Eu, oh que por certo, que roubava os olhos, tanto mais que tendo a justiça por nós, nada me remordia.

Entrámos no tribunal, à vista de todas as togas. A Duquesa não disse palavra: eu tirei do muito que falei, uma extinção de voz; falei a quantos houve. Deram-nos uma tribuna: os juízes tomaram seus assentos; põe-se tudo em silêncio, e a grave Majestade das Leis adeja mui calada pelas abóbadas do Templo de Témis. Avocam a Causa: apresenta-se o Advogado da Duquesa; o do Duque não apareceu. — “Tanto melhor (disse a nossa Amiga) haverá demoras, e noutra dia serei talvez mais fortunosa. Perderei a causa...” — Como achais vós os subterfúgios do coração humano? Orou o célebre Bonnières; nunca a Duquesa amaldiçoou tanto a Arte Oratória. A cada frase brilhante, a cada argumento forte, a cada reluzente prova, ouvia-lhe eu dizer raios. Orava ele pela Duquesa, e ela iria dizer aos juízes que ele os enganava. Por fim concluiu: e o Presidente se ergueu para pronunciar a revelia...

Eis que súbito o Duque d’Olmancé, que nós não tínhamos avistado, rompe do concurso, apresenta-se ao tribunal, e pede que lhe seja permitido arrazoar a sua Causa. A Duquesa demonstrando desdém na vista, me diz voltada para mim: — “E esse é o homem que tão desinteressado diziam, e tão generoso?” — Confesso-vos, Comendador, que não fiquei em mim! Foi a primeira vez, que se me acanhou a língua, e não dei réplica. Sob minha palavra honrada, era vergonha o ver-me.

Tornou-se a sentar o Presidente; que já tinham outorgado ao Duque a graça que pedia. Então dá nobremente uns passos mais, saúda o Parlamento, faz à Duquesa uma profunda cortesia, e com voz firme, pronuncia a seguinte fala.

— “Não venho aqui, Senhores, pleitear à Senhora Duquesa d’Olmancé, seus bens legítimos; venho juntar o meu voto à sentença, que a Equidade quer que diteis a favor dela. Dispute-lhe, quem a não conhecer, as pretensões; mas quem a vir será sempre do parecer do Testador. Nem eu pretenderei desluzir com injusta resistência a mais bela acção, que meu Parente fez; falo da recompensa que ele deu à Virtude. Particular composição impediria a Causa de vir ante este Tribunal, mas deixaria obscuros os direitos de M.<sup>da</sup> d’Olmancé, e obscuro o obséquio sincero e puro que aqui lhe faço. Nunca o triunfo da Virtude pode levar sobejo lustre, nem ter por sobeja a submissão que lhe devem quantas Classes há hi de homens. Sacrifício nenhum faço; que não é generoso quem de nada necessita. Os serviços que à Pátria feitos tenho, levantaram minhas rendas acima de minhas esperanças: e nestes meus anos, no meu brio, no amor que tenho à Pátria, acho inesgotável mina de riquezas. Realizai, Senhores, a última vontade do Duque meu Parente; e a voz que há de proferir a sentença que derdes, me anunciará o mais suave benefício.”

Comendador, considerai que sensação não fez este discurso! Aplausos, palmeados vivas: Bravo, bravo retinia nas abóbadas. Eu já não podia mais: chorava, ria, soluçava. Mas em que estado se via a triste Duquesa! Uma demanda que ela se finava de ver perdida, tão solenemente ganhada! Um homem que ela estimar não quisera, obrar diante dela e por ela, uma acção, que lhe carreava a estima de toda a França! Que suplício! Conteve-se nada menos: só eu é que compreendi



O Comendador ia, quando recebeu a Carta, direito a casa da Marquesa d'Urfay; leu-a e encaminhou-se lá, a tempo que achou o Marquês moço conversando com a Mãe, que se turvaram muito, quando avistaram M.<sup>r</sup> de Selville, entrando contudo em si, M.<sup>da</sup> d'Urfay lhe disse: «Senhor Comendador, muitas vezes me perguntásteis algumas clarezas acerca do Cavalheiro de S. Jorge, amigo íntimo de meu filho; dei-vos quantas vieram à minha notícia. Agora, horrenda claridade nos alumia hoje: o Cavalheiro de S. Jorge é um monstro.” — «Que me dizeis, Senhora?” — «Senhor Comendador, nem minha Mãe, nem eu poderes temos que nos façam duvidar de seus crimes.” — “Como assim?” — “Ouvi-me, Senhor. Milord Stanley, Comandante do navio, que fez prisioneiro ao Cavalheiro de S. Jorge, aproveitando-se da Paz, que corre entre Inglaterra e França, veio aqui ter, aqui me entregou certos papéis que provam com evidência, que o Cavalheiro de S. Jorge é o mais facinoroso de quantos malvados há, Segundo a opinião geral, e o posto que ele obteve no militar, e o nome e títulos da sua família, justificaram bastantemente a amizade, que com ele tive; mas no conceito do homem que pensa, fora eu culpado, se lhe quisesse atenuar seus ruins feitos.

Fundada foi na estima a razão que me uniu ao Cavalheiro de S. Jorge; que se ele desconhece as Virtudes, possui ao menos a perigosíssima arte de saber-se mascarar com elas; e se a autoridade dos papéis, que em minhas mãos tenho, não me tolhera duvidar da realidade; se eu não conhecera o infame ministro de seus desígnios, significado nesses mesmos papéis pela letra mesma, que eu reconheço ser da mão do Cavalheiro de S. Jorge, confesso, Senhor Comendador, que tremaria de conceber algum juízo temerário. Somos da mesma idade, juntos fizemos todos os nossos estudos, e exercícios: ele serviu no Regimento, que eu comando; e o que estreitamente me uniu com ele foi ver nele valor, generosidade, sensibilidade, desinteresse, lealdade; e di-lo-ei? certo rigorismo em seus costumes, cuja excessiva austeridade muitas vezes lhe estranhei. Vós mesmo, vos enganáreis, Senhor, com ele; se pelo alarde de suas virtudes me subjugou o ânimo, procedeu somente de que as prezo eu muito. Tenhamos sempre boa opinião de

gente, que um malvado necessita embair. Os cabelos se me eriçam, quando se me fala em M.<sup>da</sup> d'Olmancé, que tantos ruins feitos lhe tem custado já. Bem sabia eu que ele a amava; e fortes motivos tenho para suspeitar que essa Senhora tão respeitável, quanto desditosa, o não viu com indiferença. Desgraçada Senhora! O primeiro delito do Cavalheiro de S. Jorge talvez foi o que a lançou nos braços de M.<sup>r</sup> d'Olmancé, que ela não amava.

O meu primeiro movimento foi o de romper a máscara a esse monstro a olhos de quantos o conheciam, o segundo me atalhou de o fazer. Que preconceitos, Comendador, constranjam a equidade a contemporizar com a perversidade! Ah! Senhor, seu Pai a quem encaneceram 60 anos de honrados serviços, seu Irmão, seus Tios, e seus Primos, tão distintos por sua muita honra, por seus empregos, por seus títulos; 20 mausoléus que encobrem as venerandas cinzas de tantos Avós saudosos ainda agora à Pátria... Se eu publico o que sei, virá súbito o opróbrio rodeá-los todos, e iria subindo a ignomínia pelos séculos acima até marear o tronco duma progénie que dele descendeu limpa, e lustrosa: os crimes dum mau homem estragariam 600 anos de Virtudes. Injustiça absurda, mas corrente! Comendador, aconselhai-me; que estrada seguir devo em discirime tão horrendo?" — "Senhor Marquês, dais-me licença, que eu deite um lançaço de olhos por esses papéis?" — "Com muito gosto, Senhor Comendador."

Ao passo que ia lendo, enfiava de espanto. — "M. d'Urfay, assaz li já, para me convencer que o Cavalheiro de S. Jorge é de todos os homens o mais abominável; mas também concebo, que o seu suplício lançaria indelével nódoa na sua respeitável família. Salvemos seu desditoso Pai da mágoa de ver o seu indigno filho morrer num cadafalso." — "Senhor Comendador, eu obtive uma licença de 6 meses, felizmente que me irei no alcance de Cavalheiro, que me seguiu Milord Stanley que o acharia em Holanda; e Duprez seu infame agente, subitamente saiu de Paris para Amsterdam. Lá me encaminho, e vos darei conta de mim: vós, ide ter com M.<sup>da</sup> d'Olmancé, velai, sem que ela o saiba, sobre os perigos, que a ameaçam." — M.<sup>r</sup> de Selville despediu-se de M.<sup>da</sup> d'Urfay, abraçou o Marquês, e voltou a casa, com o coração quebrantado de sustos, e de mágoa.

Inconsolável se via a Duquesa por ter vencido a Demanda. Vãos esforços faziam seus Amigos, para arrancá-la de sua melancolia. A jovem Inglesa, (que já lhe tinha cativado a amizade, e a confiança) fiel às intenções do Comendador, tinha dado no coração dessa Senhora generosa e sensível, um golpe, tanto mais doloroso, quanto ela se via obrigada a fazer a justiça que era devida ao mancebo Duque d'Olmancé. Dizia então consigo: — “Vos não quereis, oh Céus, que eu venturosa seja: para que me acumulais de riquezas, quando eu só mediania desejava?” — E aqui vinham lágrimas a mares. — “Está concluído (seguia ela). No desventuroso estado, em que me vejo, um só partido se me oferece; único que com o meu coração concorda, com a minha fortuna, e com a minha consciência. Germâncica é quem só por agora me suspende executá-lo; tenho de assentar fixa a sua sorte, e à força de desvelos o alcançarei. Mas que família é a sua? Dir-mo-á Mistress Smith; virão reclamá-la seus Parentes. Que candura! Que ingenuidade! Que atractivos, e ao mesmo passo, quanta coragem essa caroável Menina em si concentra! Disfarçá-lo não posso; tem de me custar para o futuro o destino dela. Quem deparará com esse Amante, de quem ela tudo espera, e de quem nem o nome sai, nem plana, nem qualidade, e que pelo debuxo que dele me faz, é digno da sua ternura? Que jeito me cabe tomar para desculpá-la ante os olhos de sua família, seus illustres Parentes que raivam de cólera contra ela? Oh quanto é digno do mais cruel suplício, o monstro, que a traiu tão indignamente! Pobre Menina, tão inocente, e tão amada! Quanto é feliz esse malvado! Com as sombras do mistério o cubra a inocência dessa Menina, e tolha que se não divulgue o seu verdadeiro nome.

Bem avisto o alvo do respeitável Comendador; o Duque d'Olmancé comportou-se com Germâncica, como um Anjo; a acção que ele ante o Parlamento obrou, não é de homem vulgar; eu o sei: mas dar-lhe a recompensa a que ele aspira, eu não o posso, não. Dá-me o Duque lições de generosidade; segui-las-ei. Mas o amor! Amor não observa ordens. Eis assistida por meus Amigos, pela pública opinião, pela minha própria: todos me clamam: — ou te casas com ele, ou te desonras. — Oh desgraçada Angélica! Oh que não será meu Esposo. Não. Serei grandiosa com ele, e talvez mais. Não o amo; e todas as afeições de meu peito lhe sacrifico: o meu amor não, pois que é sem

esperança; mas sim, e somente a minha liberdade, os meus poucos anos, e os meus Amigos, que eu tanto prezo. Esse Comendador de Selville, que tanto me ama como se eu sua filha fora; a minha Sémiane, que me reveste de tanto encanto a vida! E hei-de os deixar! para pagar a minha dívida a d’Olmancé, ao herdeiro de meu Esposo! E o derradeiro adeus que eu der à amizade, sobrepujará o sacrifício que me ele fez duns bens, que eu não pretendia. Será um Claustro obscuro asilo, onde se enterrarão no esquecimento as minhas desventuras, e com elas a minha vida. Tenho de viver infeliz; mas não fatigará, ao menos, o espectáculo de meus infortúnios os olhos dos meus Amigos. Riscada me verei da pauta dos humanos, mas conservarei a regalia única minha de recordar quantos desastres padecido tenho.

“Quando eu puser os pés no umbral do meu derradeiro asilo, quantos bens me cedeu o Duque d’Olmancé, todos então lhe entrego dos que me pertencem posso mui bem dispor; somente me reservarei o que me for necessário para o dote; o de mais farei partilhas entre a Amizade, assegurarei a ventura de Germância, no caso, que a repudie a sua família. Assim, de todas as delicias que podiam carrear as imensas riquezas, que eu possuía, a única a que tomarei o sabor, será a de comprar a 22 anos, com elas uma sepultura. E que necessidade de riquezas tem aquela, que a viver desgraçada se dedica? Oh! desgraçada?... Não, que lá me aguardam, o Sossego, e a Paz do espírito, e a vera Felicidade. Que saudades posso eu levar do Mundo? Que venturas logrei eu nele? Quando Menina, caluniada, e expulsa dos Maternos braços; Esposa, indignamente atormentada; quando Viúva, escrava; e como Amante, desventurada: tais meus fados sempre foram. Tudo quanto constitui a humana Felicidade neste Universo, se tornou em peçonha para mim! Filha única, objecto de ufanía para minha Mãe, ninguém tive, que meus prantos enxugasse; herdeira, e rica, não me consentiram a escolha de Marido; Viúva opulenta e moça, o jugo do trato senhoril me veio assoberbar, com seu insuportável peso; possuidora dum sensível coração, o único homem, em quem pus

minha afeição, é o único com quem me é vedado unir-me. Que estado, oh Céus, é este meu! Para desfrutar dele quanto preço prometem vantagens tantas, compete que eu atrepe os meus deveres todos? Cabia-me pois ser eu uma desnaturada filha, infiel Esposa, imoral Viúva, desenvolta Amante? E a Virtude! Pode ela, quando é o encanto dos humanos, contribuir a meus infortúnios, prendendo-me a quanto me foi aborrecível, e estorvando-me hoje, que me entregue ao que pode só causar a minha Dita!

Na Religião somente é que encontrei consolador sorriso, nesse movediço quadro de gozos, prometidos sempre, e nunca conseguidos, que a mundana felicidade me passou por ante os olhos: a Religião verterá nas feridas de meu peito o bálsamo lenitivo, que, se as não sarar de todo, me ensinará ao menos a suportá-las sem murmúrio. Separada dos humanos, não virá ferir em meus ouvidos o nome do meu Amante; mas sim virá o Esquecimento com sua fria mão apagar lentamente a chama, que me consume. Separada das riquezas, não me verei forçada a ter em preço um metal indigno, cuja posse preparou o meu suplício, e o alongou depois. Arredada de meus Amigos, não me avisará mais o espectáculo de suas lágrimas, que eles em mim contemplam tal força de virtude, que mereça mais ditoso Fado."

Tais eram os pesarosos pensamentos da Duquesa d'Olmancé, resoluta a sepultar dum Claustro tantos dotes. Bem aguardava ela admoestações do Comendador, clamores da Marquesa, rogos de Amigos; por lhes furtar o corpo, a ninguém comunicou o seu projecto; tomando só Germância por confidente sua; mas não antes que desse em seus negócios as ordens necessárias.

Andava o Marquês d'Urfay nos alcances do Cavalheiro de S. Jorge; informou-se em Amsterdam, se ali o tinham visto: um dia, passeiando no Kalverstat, viu Duprez; corre a ele, e ei-lo que se lhe furta. Volta d'Urfay à pousada pesaroso de o não ter colhido, e logo lhe entregam um bilhete, de letra que ele conheceu ser do Cavalheiro de S. Jorge.

«Bem te vi; andas em meu alcance, por certo: Milord Stanley me traiu, deu-te os meus papéis. Ah! bárbaro, que não concebe quanto custa a passar vergonha perante seus Amigos! Preferira eu mil vezes o suplício: mas a tua presença, e os teus convícius evitá-los soube. Tive outrora um Amigo em d'Urfay, hoje.... Acabou-se: Sou-lhe odioso. Parto; assim em vão será buscar-me. Não me ponhas no transe de mentir. Adeus. De ti fujo. Não cuides que depararás comigo.»

Pôs à mágoa do Marquês remate esse bilhete. Burlaram-se-lhe as esperanças, no instante mesmo que ele imaginava empunhar o nó dum enredo todo horrores, e que eriçava os cabelos. Partia o Cavalheiro, e o Marquês não sabia para onde. Apesar, contudo, dos crimes em que enfronhado via ao Cavalheiro de S. Jorge, sentia bem, no âmago de seu peito, que se não podia atalhar de amá-lo; custava-lhe, a despeito de tantas acumuladas provas, e crer que era culpado. Perguntava-se a si mesmo: “Mas porque foge ele de mim? Vai-se-lhe o pejo a um Criminoso. Em que se teme de mim! Que eu o repreenda, e que o salve? Dumas mofa, da outra se aproveita. Perdido vai, oh Céus! Que cor pode ele dar a esta estranha fuga? Guardará Milord Stanley segredo acerca de tanto crime abominável. Mas saber-se-á que o fez prisioneiro quando ia para Malta, que o deixou depois livre, e que em vez de tornar a França, vagou por terras estranhas. Que dirão de semelhante proceder? Transpõe-se a Prevenção além do possível; e ainda é mais terrível que a Calúnia; porque esta só ruins a adoptam. Será ventura sua, se lhe supõe somente alguma fraqueza no combate, ou enredos, e amores em Londres! Que homem cordato deixa de conhecer o efeito das prevenções, que igualmente tiranizam bons e maus? Nem contra elas tem salvo conduto, talentos altos, juízos rectos, nem bons corações. Nem a Amizade mesma lhe serve de defesa: provo-o comigo mesmo; que longo tempo foi o Cavalheiro de S. Jorge amigo meu mui íntimo; e olhando os horríveis papéis que tenho em

meu poder, num átomo passei da extrema confiança à extrema difidência. E quem não dará crédito a esses papéis malditos?... Como defenderei eu o Cavalheiro de S. Jorge perante seu Pai, sua família, seus Amigos, seus Conhecidos, e até perante os que lhe são indiferentes, se na alma tenho a convicção íntima de seus delitos? Ah! Que se ele inocente fora.... Inocente! Oh justos Céus! Porque me é impossível al não ver nele, que o mais ruim malvado? Nenhuma certeza adquirir posso da inocência sua; e sem ofender a Razão, não posso duvidar de seus delitos. Mísero de mim! Eu, que em toda a ocasião, fui seu ardente defensor, não terei hoje aquele fogo, aquela veemência, que persuade, que obriga a descartar-se do conceito injusto que se tomou acerca de alguém. Cruel é a situação minha! se fraco sou em desculpá-lo, tenho de dever à boa opinião, que de mim corre no mundo, que me imaginaram mais instruído do que efectivamente sou, e que suspeitaram o Cavalheiro de S. Jorge mais, ou menos culpado, segundo a mais ou menos frieza, que eu lançarei nos meus razoamentos. Que furor é o meu em vacilar no conceito que dele faço? Ele é culpado, e os seus delitos enterrados nas trevas atégora, têm de rebentar algum dia, à claridade pública. E não devo eu tremer acerca da minha reputação? Que tem que imaginar de mim os que virem que tomei o partido dum homem criminoso, que eu me afoutei a declarar, e a defender como Amigo meu? Quando mormente o meu coração e a Virtude se dão as mãos para o lançar de mim?... Mas se ele não é culpado?... se não fora culpado... Seria eu então um monstro. O Cavalheiro de S. Jorge culpado de tamanhos crimes? E podes tu d'Urfay  
acredita-lo? Que marulho de ideias incoerentes! Prevenção que me faz bramir! Espanta-me a pintura dos infortúnios que ela produziu. Porque consagra a Filosofia, sim, a cordata Filosofia, que não desampara ao Acaso cousa alguma, nem a combinações de desregrado Orgulho; porque não consagra ela os ócios seus a desarraigar os vícios? porque outros ócios não reserva para combater a monstruosa imaginação, que os supõe? Se dado fora recensear o número dos viciosos, como se faz ao dos Cidadãos, quantos homens não veríamos, que outra mácula não têm além da que a Prevenção lhes pôs? A Prevenção, sim; que é mais de temer ainda, que o Vício alardeado:

deste ainda há esperança, que voltado à Virtude, se reabilite nos ânimos; ao passo, que o homem contra quem, por desgraça sua, se levantou a Prevenção, (milagres que ele faça) ninguém nele crerá, e inútil lhe virá a ser, tanto a Virtude, como o Vício.»

Perdidas as esperanças de deparar com o Cavalheiro de S. Jorge, depois que o Marquês passou parte da noite, nas reflexões aqui apontadas, resolveu tornar a França, e aí junto de sua Mãe, e do Comendador, lastimar o pouco fruto da jornada. Partia para onde sua Mãe morava, quando lhe aparece Stanley, que em Paris ficara. Mostrou-lhe d'Urfay sincera alegria de o ver. — «Parece-me, Milord, que estáveis para voltar a Inglaterra, quando nos despedimos.» — «Lá voltei, Senhor Marquês; mas negócio importante me retraiu a França.» — «Acreditai, Milord, a sinceridade da minha expressão; infinito é o prazer que sinto em vos tornar a ver.» — «Tendes novas do Cavalheiro?» — «Vi-o de relance em Amsterdam, mas não pude falar-lhe.» — «Ah que se eu a encontrá-lo chego, com esta espada o a t r a v e s s o . . . » — «Que me dizeis?» — «Ínfame, que me induziu, que me desonrou minha Irmã!» — «Oh Céus!» — «Passam, bem o sabeis, Senhor Marquês, por Originais os nossos Ingleses: meu Tio, tutor meu, e de minha Irmã, deu na mania (em despeito de imensos bens que tinham de nos vir) de me pôr na Universidade de Cambridge, como simples parti-cular; e a minha Irmã, sob nome de Betti, em casa duma Fanqueira em Londres, sem lhe dar conta da família a que ela pertencia. Dessa casa fugiu com ela o Cavalheiro de S. Jorge, disfarçado no nome de Carlos.» — «Que é o que eu ouço?» — «A verdade vos digo.» — «E se Betti fosse...» — «Como assim...» — «Desculpai-me Milord, um devaneio. Andais rastreando uma Irmã, que amais, e que induzida... Se vos eu posso ajudar a deparar com ela...» — «Oh que muito! Tenho de dar com ela, ainda que...» — «Ajudar-vos? Com toda a vontade. Que formoso o dia, em que, pondo-a em vossos braços, me desendividasse do que por mim obrou vossa generosa estima, quando salvou, ou fez por salvar de infâmia um réu, mui caro ainda a este coração meu.» — «Salvá-lo? não: que para lhe arrancar a vida, o busco. Desgraçado dele, se meus olhos o avistam? Triste Betti, onde é que

estás, desventurosa e querida Irmã?» — «Milord, explicai-me, porque estranha aventura...» — «O Cavalheiro de S. Jorge roubou minha Irmã de casa duma Fanqueira de Londres.» — «E estais certo que foi ele?» — «Certíssimo.» — «E ela chama-se Betti?» — «Sim...» — «Porque a não chamastes, Céus, Germância?» — «Não vos compreendo.» — «Ora ouvi-me. O Criado grave do Cavalheiro, ou por melhor dizer, o seu Confidente, e seu cúmplice, foi preso com uma Inglesa no subúrbio de S. Germano.» — «Dizei, dizei.» — «O Cavalheiro vem a mim desesperado, e me pede que empregue quanto valho em salvar dous inocentes. Reverenciando todas as virtudes, que eu então nele supunha, lanço-me a ir ter com o Ministro de Estado, que era Amigo meu, alcanço a soltura da Inglesa e do infeliz Criado.» — «Essa Menina Inglesa é minha Irmã.» — «Oh quanto quisera eu! mas ela chama-se Germância.» — «Nada faz; é ela. Dizeime só onde ela é.» — «Eu fui-a pôr num Mosteiro de Caen; mas de lá desapareceu depois.» — «Desse asilo a arrebatou sem falta o pérfido Cavalheiro.» — «Tal não creio Milord. Ah! que se vós lastimais a perda da amada Irmã, eu a perda choro duma Amante amada. Essa fugitiva Irmã, que não pode ser a minha Germância, virão dias em que ela volte ao vosso affecto, e à qualidade que a espera; quando eu perco toda a esperança de tornar a ver a única pessoa, que me cativou o c o r a ç ã o . E ainda a deparar com ela, não seria menos desgraçado. Com ela foragida, de família obscura, desamparada de parentes, nem posso nem me é dado associar minha sorte.» — «Se é minha Irmã.» — «Impossível é.» — «Senhor Marquês não me levo da diferença do nome: Betti, Germância, são uma pessoa só. Mas ai! que essa infeliz, ignorando o que a si mesma se devia, e ao lustre da sua linhagem, se perdeu, cedendo aos infames desejos desse monstro.» — «Reparai, Milord, reparai que se Germância é vossa Irmã, já daqui vo-la afirmo digna de vós, e do nome que tendes. Se outrem, que não seu Irmão se afoutasse a pôr a mais leve nódoa na virtude dessa Menina, aqui estou eu para logo o desafiar.» — «Muito confiais em virtudes, para Amante.» — «Sim, Milord; que o diríeis como eu se a conhecêsseis. Ah? que se com ela deparássemos...

e a ser ela vossa Irmã... Se consentísseis a aceitar-me por Cunhado... E se Germância não repugnasse a dar-me a mão de Esposa...» — «Senhor Marquês, busquemo-la ambos; e se ela tomou o nome de Germância, e que ainda ele mereça que por Irmã a tenha, e se as inclinações não põe estorvo a vosso desejo, dai-me já por disposto a vos contentar em tudo.»

Encantado com essa nobre franqueza de Lord Stanley, lhe contou d'Urfay quanto a respeito da formosa Germância obrado tinha, (Germância ou Betti) ele fora o generoso libertador dessa caroável, e amabilíssima Senhora. Com a mais séria atenção escutou Lord Stanley a narrativa do Marquês, e logo se prometeram recíprocos, seguir os vestígios da fugitiva, e descobrir aonde se retirara.

FIM DA SEGUNDA PARTE

---



---

### III PARTE

MADAMA de Sémiane, que era moça, que folgava com quanto era de prazer, lhe tinha com ardor deixado larga rédea num donoso festejo, que sua Cunhada, na Quinta que tinha a 15 léguas de Paris dera, e aonde tanto dançou, que caiu numa catarral. M.<sup>da</sup> d'Olmancé sempre fixa no projecto de enclaustrar-se só a Germância dera dessa resolução, notícia; e esta assustada de tal determinação, empregou, para impe-  
di-la, quanta valia tinha com a Duquesa; mas viu-a mais que firme nela. Pelo que, escreveu ao Comendador, que presto viesse a Paris; onde esse digno ancião nada transcurou do que podia provar à Duquesa, quão desconveniente era o partido que tomara; mas foi baldado empenho: que ela persistiu, e por não desatender o Comendador, resistindo-lhe desasazoadamente, contentou-se com calar-se, e provar calada, que não havia que esperar, menos que toda a bateria não disparasse à uma. Assim, foi logo escrever a M.<sup>da</sup> de Sémiane, nos termos que seguem:

«M.<sup>da</sup> não há aí perder tempo; despedi-vos dessa Quinta; demonos as mãos para arrancarmos a Duquesa do partido mais cruel que lhe podia a Desesperação ditar. Quer encarcerar-se num Convento, para restituir ao Duque d'Olmancé os bens que ela nem quer, nem pode conservar com ele. Vinde já e logo, este é o instante de a pôr em sítio: não porque hajamos de usar de remédios violentos; basta-nos antepa-rá-la que não se arremesse ao precipício. Bem advirto eu, que segundo a verba do testamento, e a generosidade do herdeiro, ela se vê na dura necessidade de deixar antes o mundo, que ofender o nobre, e melindroso pensar de sua alma briosa. Dama infeliz, quanto és para lastimada! Se eu pudera explicar-me!... Esse Cavalheiro de S. Jorge... mas silêncio! Ela cuida que ele a ama, dessa ilusão se lisonjeia; essa ideia entre amarguras mil tem certo encanto, e lhe enobrece ante seus

olhos o Amante seu, emprestando-lhe as mesmas virtudes, que ela possui, emprestando-lhe o mesmo desinteresse que ela sente em si, o que é a causa do seu tormento: recíproca, e muda correspondência de generosidade que ela imagina ter estabelecido entre ela, e ele. Que engano! Miserá, infeliz Amiga, ah! que se tu souberas... Em Paris, ao mais breve, vos espero. Felicidade é nossa que nos alarguem o prazo seus negócios, que ainda não então concluídos.»

Não poude ler a Carta do Comendador a Marquesa de Sémiane, e menos vir a Paris, no estado de desesperada melhora em que se via; nem ler a História dos acontecimentos de Germânia, que a Duquesa lhe remetera, sabendo quanto a Marquesa desejava conhecê-los; e que ainda até então tinha ignorado. M.<sup>da</sup> de Selville, que bem sabia o perigoso da sua Amiga, como lhe conhecia a sensibilidade da Duquesa, lho encobria. Foi-se à Quinta de M.<sup>da</sup> d’Hercy, Cunhada de M.<sup>da</sup> de Sémiane, cuja encontrou já fora de todo o perigo mas inquietíssima da resolução da Duquesa, que pelo muito que a conhecia, estava em sustos de que cumprisse tão violenta intenção. Querendo-a retrair a ideias de mais siso lhe escreveu cataneando-a jovialmente; e o Comendador consentiu.

«Minha incomparável Amiga, pusemo-nos ambas no lance de fazermos cada uma um guapíssimo destempero, eu o de morrer, e tu o de enclaustrar-te. À fé de honrada, que assim como te cedia vantagens em juízo, em formosura, em discrição, assim tas cedo agora em destempero. Moça, e linda, e rica, e feliz, deixar-se morrer, era falha no juízo. Mas formosa, opulenta, discreta, adorável, e adorada, e sobre isso tudo viúva, em seus 22 anos, deixar o mundo para emparedar-se num Convento, leva a bóia no fundo em desatino. Minha guapa, e minha bela, que amável que és em parir tão deliciosa ideia! Tinhas certas tintas de razão, que muita vez me deram mate, mas, graças ao Céu, que desse enfado me livraste. Meu Benzinho, a Razão dos doudos é a doudice dos sisudos.

Que perda fora, não pores por obra esse rico projecto, na invenção único, nas particularidades maravilhoso! É crueldade não dar fim! As vossas loucuras são como as minhas, têm pouca dura. Oh que delícia! E como não riria eu de ver essa linda carinha embiocada num véu, esse airoso talhe enfronhado num burel, e esse pé mimoso,

embetesgado numa grosseira alparca? Oh que seja donoso ver como uma negra gualdrapa de tumba, dava, com sua sombra fúnebre, ressalto aos lírios, e às rosas de tuas lindas carnes. Pois digo-te que nunca te julguei capaz de tão namorável louçania. Mas põe mais alto o pico, o tom nobre e viril por ti tomado, para renunciar ao mundo e pompas suas; esse é que me pesa não o ter ouvido; e não estalaria eu de riso! Oh que não! menos que me não levassem de lá; morria ali duma sufocação de inextinguível riso.

A cara d'Olmancé, é que eu quisera contemplar. Como lhe eu dissera então: — Pois que vai? Dais-vos por mui subtil, cuidando, por vossa grandeza de ânimo, cativar o coração duma Dama? e essa grandeza vo-la rouba. Fiai-vos no bem apessoado, no discorrer sensato, na brandura de índole, e noutras tais virtudes raras neste século:

que préstimo vos tiveram? A única Dama que fora digna de vos levar em conta as vossas boas qualidades, é essa a única, que não se quis dar por entendida. Feliz convosco fora; mas não discorre assim M.<sup>da</sup> d'Olmancé; desgraças são seu manjar, tal é seu capricho; desgraças e mais desgraças. [xxx]

Tomara-te eu daqui a 30 anos, para rir à boca forra, quando a idade, e a reflexão tivessem amortecido as paixões, rasgado com lenta mão o véu das prevenções; quando a mudez da solidão tivesse acarreado o enojo, mais cruel cem vezes, que as tempestades do coração. Lá quando freiráticas querelas, te recordassem pouco a pouco a doce paz que desfrutavas no grémio de teus Amigos; a quando com pés de lã viessem as doenças camaradas da Velhice, e te colhessem no desamparo de bens da Fortuna; então é que eu tomara vir à fala com esse espírito heróico, que considera como sublime esforço ter suportado quatro prolixos anos, impetuosidades; lá (digo) quando 30 anos a fio, se tivesse azedado com destampadas minúcias, e continuas vexações duma Prelada. Como ao ver tanta guapice, me poria eu a

gritar: — Quão rara, quão excelente, quão incomparável tontice fez M.<sup>da</sup> d’Olmancé!!! Assim, assim é que se sustém uma aposta! assim é que se consagra um desatino! E eu que me ufanava de louquíssima, tenho de que à tua vista sou um nada. A mim é que cabia, quando batia às portas do moimento, rir da peça, que me queria pregar a Morte. Estaria a estas horas mui sossegadinha no meu jazigo. Mas ir-se sepultar, em vida; empobrecer-se, por ser rica; meter a dor no coração de seus Amigos, porque nos amam; pôr grilhões à Liberdade, pela única razão de que somos livres; dar em si nos espirituais, e eternos, porque rotos os nós temporais, podia sair deles a nossa Dita; desesperar um Amante, porque nos vemos concluídos a estimá-lo; e para cúmulo de tudo o mais, desesperar-se a si mesma, para encetar uma nova carreira, por meio de tormentos; decorrê-la entre remorsos, e acabá-la com lágrimas, com penas, com desamparo; isso é que se chama de mão de Mestre, e obra-prima da Extravagância. Eis aí, minha amável competidora em doudices, o que eu não posso, sem ciúmes, ver; e o de que eu, com todo o coração quisera ter sido a Inventora.

O que porém me consola é que não terás brio para lhe dar efeito; e então comigo fica a primazia: e eis a tontice com o seu remate posto. Quem não há-de rir, a perder fôlego com estrambótico projecto? À boa fé, minha digna e grave Amiga, que têm os Lentos de ridículo saber, de ter por jogo suas postilas.

Eu me sinto; oh que me sinto, como na Primavera a Natureza. Afigura-te minha querida o retábulo... que feliz retábulo. Minha Mãe, coitada, soçobrada de pesares, que chega, com o peito oprimido, os sustos debuxados no rosto, e sem poder dormir de noite nem de dia; meu Marido, doutro lado co’a cabeça estonteada a razão de juro, porque em 12 dias não recebeu novas minhas, que parte, como a fugir, do Regimento, que com o filho, rebenta ali como corisco no meu quarto; e eu guapa, radiosa, convalescente, dando abraços mui apertados a tão queridos peitos, e enxugando à força de beijos, lágrimas que manavam por tais faces. Que não estavas tu ali, Amiga minha! Oh que ali beberas a mais enérgica lição contra esses caprichinhos de clausura, que revolvem o toutiço de certas senhoras, que eu conheço! Guardei a Mãe e despachei o Marido, a quem essa

escápula custar podia alguns dias de prisão. Não lhe fariam mal; que são os tais Maridinhos, mais que muito violentos, quando querem que suas Mulheres, mortas ou vivas lhes escrevam sempre. Ah! que se me eu vira Viúva, e que se me apresentasse aí um homem capaz, para desposar-me, bem sei eu o partido, que havia de tomar: — metia-me freira, para anteparar a todos esses inconvenientes.

Minha mui querida, oh que ainda não estás no remate. Decretado está, que em toda a minha vida serei sempre a mais bem arrazoada de quantos me ladearém. Apostara eu, que quando (antes de partir de Paris) te instava, por que me contassem à história da bela Desconhecida, se me tinha reservado, ser eu quem a mais agradável suspensão lhe motivasse. E tu, com essa tua extravagante prudência, que em toda a amplidão sua não vale um grãozinho da minha loucura, tu fazes padecer essa pobre Menina, três estiradas semanas: tu que blasonas de fiel Amante, cometes em Amor semelhantes culpas. Todavia, não atinaste ainda quanto custa amar, e não conhecer o objecto amado. A triste Menina mais ajuizada que tu, teria ido, por certo, perguntar pelo seu Amante a toda a gente de Paris. Fora com isso: M.<sup>da</sup> d'Olmancé, a todos os olhos a occultou, capacitada que para ela só deu a Natureza à luz a Menina Inglesa. Eu mesma, que todos os dias lhe ia a sua Casa, que conheço quanto há, que a toda a parte vou... pois a mim mesma, nada se me disse, em nada do que relevava fazer me consultaram. Bem, muito bem; guardem por séculos seu segredo; que também eu guardarei o meu. Daqui colheis, se eu sei muito, ou não. Pois calo-me.

Creio, minha bela d'Olmancé, que consegui desarrumar-te do rosto esse ar de mansidão, que te assenta tão lindamente. Daqui te estou ouvindo gritar: — Cruel Sémiane, morta me queres! Que louca sou em crer que ela me está lendo! Já ela está no fim da Carta. Digo-o, por não morrer de abafó. Conheço a Dama Roger, conheço-lhe a Filha; e o que vale mais que tudo: conheço o Amante da bela Germância. Preso o tenho aos pés da banca, porque se não arremesse em Paris, antes que eu finde a Carta. Prudentíssima, abre bem os olhos. Três compridas semanas te foram necessárias para rastrear que família era a sua; o que eu creio que lhe não dá muito abalo; e essa grande obra

não está ainda concluída: porquanto para dar valor às cousas, é necessário fazelas misteriosas: e eu, num minuto, deparo-lhe com o Amante; e que Amante? Mancebo, guapo, rico, que a adora, que desadora de que a perdeu, que de alegria de dar com ela, perde o juízo. Assenta, uma vez na vida, que tem seu préstimo a tontice. Recebo o famoso maço; devoro a celebrada história; dou c'ò nome de Roger; passo adiante: leio o retrato da Mãe e da Filha; ponho-me atenta; vem depois, que moram Rua de l'Oursine. — *Sei quem são.*

«Não me ouviste, Duquesa, (não estás em teu juízo) falar cem vezes na Marquesa d'Urfay, que seu dissipador Marido deixou viúva, com um filho, e duas filhas? Não te disse, que esse Moço a poder de economia, tinha desempenhado, em poucos anos, os bens de sua Mãe; e que essa mudara de nome, por se esquivar às garras dos Credores? Que das filhas a mais velha, hoje Duquesa de M.\*\* se criou quasi comigo, pois que sua Mãe, e a minha eram como inseparáveis? Pois essa M.<sup>da</sup> d'Urfay, essa M.<sup>la</sup> d'Urfay, são M.<sup>da</sup> e M.<sup>la</sup> Roger, que não se dando a conhecer, não aceitando visitas de seus antigos conhecimentos, reduzidas a um único Criado, foram morar 6 ou 7 anos na Rua de l'Oursine. Pasma agora; elas foram quem receberam Germânia: e o que aqui digo é verdade pura.

Faze-me favor de te arrancares, de desesperada, um punhadinho de cabelos, porque não adivinhaste uma cousa, que tu sabias tanto como eu. Estranho efeito da prevenção, que tão perfeitamente cega a gente; que há tal que a sua própria Mãe a não conheceria. E donde lhe nasceu tal prevenção? da in-destreza do Duque d'Olmancé, que tomou informações desacertadas. Mui ditoso tem ele de ser, se me dou por paga, co' o perdão que ele pedir de joelhos à bela Germânia, e a M.<sup>da</sup> d'Urfay. Muito é já o que atéqui disse; mas ainda é pouco para o que tinha que dizer. O Acaso que é tão prestadio às cabecinhas de vento, acudiu a pedir de boca. Era meio dia, e eu tinha-me posto a ler; porta fechada para quantos há; que queria eu ver-me sozinha no Universo (por um instante: bem entendido fica). Entra com pés de lã a minha Aia Justina. Ralho com ela (está sabido): — “Dai licença que entre um Amigo da Senhora?” — “Não.” — “Absolutamente?” — “Sim.” — “Quando souber quem ele é, agoniar-se-á.” — “Não.”

— “Vai de partida para Paris; e irá sem ver M.<sup>da</sup>?” — “Sim. Oh que não, (diz certa voz que fez que levantasse olhos da leitura) e quando com todas as vossas iras me assoberbásseis...”

Solto um grito de alegria. — “Como assim! Sois vós? Donde vindes? O Céu vos manda aqui.” Ele era... Adivinha-o. Era d’Urfay mesmo em pessoa, d’Urfay que eu tanto desejava, naquele instante ver; e a quem eu tão desumanamente despedia. Quis-lhe contudo, concertar o prazer do assombro. Falámos, taramelámos. — “Que fizestes, depois que vos eu não vi? Como vão de saúde vossa Mãe, Irmãs?

Como soubésteis, que eu aqui estava? Falaram-vos na minha perigosa doença? Choráreis vós, com a notícia da minha morte? Donde vindes vós? Em que passais o tempo? Que é o que aqui vos traz?” E tantas perguntas enfiadas, que só às pessoas que amamos, se fazem. Repara, querida minha, na observação que eu fiz a favor das pessoas de índole alegre. Examina bem duas pessoas, que de longos tempos se não viram; por seguro tenhas, que são gente de bom coração, se no seu falar desarrazoam. Quando eu d’ora em diante quiser granjear um amigo, e afirmar-me de que me merece amizade, quero assistir ao acolhimento que ele fizer ao Amigo que ele, depois de longa ausência tornou a ver.

— “D’Urfay, jantais hoje comigo)? Essa conta faço; nem tenho de vos deixar, senão quando partir para Paris.” — “Hoje não; amanhã sim, e quão cedo queirais: sacrificar-me-eis essas horas mais”. Ele não consentia em tal.” — “M.<sup>r</sup>, assim o quero eu; assim o mando. Levareis Cartas para M.<sup>da</sup> d’Olmancé. Vós não a conheceis. Dou-vos pretexto de vos presentardes a ela; o que será muito de vosso agrado; e lá renovareis conhecimento duma pessoa, que folgareis muito torná-la a v e r .”

— “Obedeço, M.<sup>da</sup>, pois que assim o requireis. E quem é essa pessoa?” — “Sabê-lo-eis. A propósito, Marquês: como vai de saúde a formosa Germância?” — “Germância! E donde vem que...” Fez-me o coitado d’Urfay essa pergunta com tamanha turvação, e tanto assomo, que me custou infinito não soltar o riso. “Donde eu o sei?... donde...” — “Não me cabe pois saber o segredo das minhas Amigas? Concluí M.<sup>da</sup> o que dizíeis; pelo Céu vos peço.” — “Com muito gosto: e posso afirmar-vos

que é a mais respeitável M.<sup>lla</sup>, a mais digna do amor dum Cavalheiro honrado, e que segundo todas as aparências, é da mais illustre sanguinidade; e que ela vos ama tanto, quanto vós a amais; e enfim, Germância é essa pessoa que a Duquesa d'Olmancé por gosto p r e s e n t a r - v o - -la..." Embaçado ficou, e suspenso. — "E como, oh Céus! seria possível! A vida me dais, Senhora. E ela ainda me ama? Mas essa fuga, esse silêncio horrível, esse sair do Mosteiro!" — "Lede esse manuscrito; que ela é quem nele fala. A similhaça do nome de Roger, e a severa rigidez do Duque d'Olmancé causaram todos os vossos infortúnios."

Nunca homem vi tão vivamente transportado. Chorava, ria, suspirava, gritava, ao passo que ia lendo: era amor, completo amor; mas amor duma alma honrada, que folgava de poder concordar a honra, e o dever com a violência da sua paixão amorosa. Queria súbito p a r t i r . — "Oh que não; por política demorásteis a partida, poucos instantes há, agora a demorareis por gratidão, que a merece bem o que por vos tenho feito." — "Que alegria não vai conceber o meu Amigo Stanley, quando souber que sua Irmã é digna dele!" — "Que é o que dizeis, Marquês?" — "M.<sup>da</sup>, este manuscrito prova que Betti, e que Germância são uma só pessoa. Que arrebatamento é o meu, quando deparando com a minha Amante, ponho nos braços dum terno Irmão, uma Irmã querida!" Aqui me explicou d'Urfay, como conhecera Milord Stanley; cuja Irmã é na verdade Germância.

«Pusemo-nos à mesa; imagina se nós comemos. Ele decifrou-me seus desassossegos, suas saudades, sua desesperação, quando soube a fuga da sua Amante. Foi-se informar a Caen; notícias nulas. Parece que a Abadessa teve a palavra que deu ao Duque d'Olmancé. Que é o que eu ouço? É Milord Stanley, que d'Urfay mesmo me conduz. Fecho a longuíssima Carta, cujo portador queria eu que fosse o Amante de Germância. Não o será; que o quero eu aqui. Também chega o Comendador. Lá ta mando por um criado. Adeus; um milhão de beijos à incomparável Germância, se todavia no arroubamento, em que se ela vê, se lembrar ainda de seus Amigos.»



Cavalheiro de S. Jorge é a mesma que Betti, nome que minha Irmã tinha em Londres. Pelo que se segue, que esse Cavalheiro, é o mesmo Carlos que aparece na narrativa de minha Irmã; e ainda que ela fracamente o crimina, não vem por isso menos conteste no seu horrível Diário; onde se prova com evidência ser ele o rouba-dor, e os inquietísimos desígnios contra ela preparados. Que feliz foi o fado de minha Irmã, em que essa Senhora a acolhesse, exposta ainda mais que ela outrora, e talvez que agora ainda, às honrosas tramas desse malfeitor. Se não temera de me aviltar, medindo com a sua a minha espada, iria buscar por toda a terra esse covarde, que só com mulheres se há. Mas a seu infeliz fado o entrego, quando tão venturoso vejo a Inocência salva de suas mãos culpadas: com tanto que eu o não aviste; que talvez não terei mão em mim.»

M. de Sémiane atónita do tão fogoso trato de Milord Stanley, tirou de cima da mesa o Diário do Cavalheiro, e decorreu dele algumas linhas. Ei-la que solta horroroso brado: o Marquês, que lhe viu nas mãos o Diário, corre a tirar-lho delas; mas foi tarde; que já ela tinha de sobejo lido, e ouvido de sobejo. Já apoderada do segredo, pedia individuações dele, que nem d'Urfay, nem o Lord podiam recusar-lhe. Já o Marquês começava... eis que entra o Comendador; e ao vê-lo pesarosa exclamou M.<sup>da</sup> de Sémiane: "Oh Comendador, oh meu digno Amigo, quem é que há-de anunciar à Duquesa essa nova tão funesta! O Cavalheiro de S. Jorge, em quem sua escolha pôs essa estimável Senhora, esse homem, que é o tormento da mais digna do nosso sexo, esse homem, é um monstro; (pouco disse) esse homem é o malfeitor m a i s rematado, que o Inferno enfurecido vomitou neste Universo. Olhai, como ainda tremo, do horrível descobrimento que fiz. Ajudai-nos com vossos conselhos; salvai M.<sup>da</sup> d'Olmancé da desesperação que vem sobre ela; conservai-nos uma Amiga tão prezada e tão querida dos nossos corações."

Mais instruído do que o cuidava M.<sup>da</sup> de Sémiane vinha o Comendador; mas não tanto quanto ele desejara: assim pediu ao Marquês, que lhe desse mais miúdas clarezas. Bem é de julgar, com que insofrimento uma Senhora da condição de M.<sup>da</sup> de Sémiane, ansiava ser mais ao largo esclarecida. M. d'Urfay começou assim:

«Pois que impossível é já desd'ora encobrir-vos o que eu quisera sepultado na mais cerrada treva, não enquanto ao Cavalheiro, que o não merece, mas sim à sua família; e pois que os Fados, mais que a nossa imprudência o rasgaram, abrir-vos cabe o segredo por inteiro. Sabei, Senhora, que o criminoso Cavalheiro de S. Jorge, contemplando, sem dúvida, que tendo mais de nobre que de rico, se acanhou nas esperanças de desposar M.<sup>la</sup> d'Estanges. Contra o recato dela tramou esse malvado as mais odiosas maquinações; como não pode marear-lho na noite em que se lhe introduziu na câmara em que ela dormia, pôs o fito depois em arrancá-la ao Duque seu marido; projecto, que descoberto pelo Duque, a pôs em parte que ninguém a visse. Enfurecido o Cavalheiro de não arreatar a desventurosa Angélica, vingativo mandou matar, junto de Sèvres, o Duque d'Olmancé. Então é que deu por fácil, (tirado o estorvo) um novo projecto de rapto, que também se lhe baldou, partindo a Duquesa para Selville. A Selville novo projecto de rapto; lá teve a audácia de ir contemplar a vítima. De lá ia a Malta encerrar essa Dama, como vinha assentado no projecto. E não imagineis que se saciava a corrupção de seu ânimo com tantos amontoados horrores enquanto enramava esse abominável enredo, levava de par a par outro ainda, a desonra da cândida Germânia.

Cansado de tantas iniquidades permitiu o Céu que se manifestasse à claridade do dia a negrura da alma do Cavalheiro de S. Jorge. Ao passar a Malta, onde ele ia aguardar a preza, foi tomado pelo Navio que comandava Milord. Este Diário de suas ruindades, escrito de seu próprio punho, cosido vinha nos entreforros dum vestido, que apanhado e posto nas mãos de Stanley, que ignorava o que em tais ruindades lhe cabia. Soube qual era a família do Cavalheiro, e que plana em França tinha; soube com que amizade eu o honrava; e essa pouca reputação que granjeei entre as pessoas de bem; o generoso Inglês, que o não quis deitar a perder, entregando ao Ministro papéis tais, tomou o trabalho de vir entregar-mos a mim em França; deixando-o por inteiro à minha prudência. Que espanto foi o meu, ao ler Diário semelhante! Conhecia eu bem Germânia, mas a Duquesa não; ambas me eram preciosas, uma pela fama que dela ouvira, e a outra pela afeição, que me inspirara. O Cavalheiro, como eu o

estimava a par de Irmão, não pude súbito destruir uma amizade, cuja raiz me tinha envelhecido no coração.

Indignado porém de que fora amigo de tal monstro, e sabendo que depois de se ver livre não viera contudo a França; sabendo mais, que Duprez fora ter com ele a Amsterdão, quis antes de romper de todo, tentar os meios do conselho. Fui-me a Holanda; avistei o Cavalheiro de S. Jorge, que se me esquivou, quando eu ia ter com ele: hoje não sei onde jaz retirado, nem sei, se ainda lá medita novos crimes. Confesso, que como lhe não pude falar, me vi enleado; Se me calo, e vêm a fim alguns de seus danados projectos, passarei por cúmplice; se falo, angustio uma respeitável família. E quem sabe se o Duque d'Olmancé, descobrindo o homicida de seu Parente, não prosseguirá com estrondo a sua vingança? E que golpe não daria no peito de M.<sup>da</sup> d'Olmancé, descobrir-se tal verdade! Para que se há-de verter no seio duma Senhora virtuosa tanta amargura, pelo motivo só de que recolheu no coração ternos affectos acerca dum sujeito que os não merece!»

Tinha essa horrível narrativa embargado nas veias de M.<sup>da</sup> de Sémiane o curso do sangue; de pasmo e susto se lhe gelava; de horror emudecia, incapaz de por ora de dar algum conselho. M.<sup>da</sup> de S. Pers, sua Mãe que fora chamada, presenciando o discurso do Marquês; dado que o interesse, que nele tomara, menor fosse, que o que sua filha nele tomou, teve por essa razão mais pronto e mais desembaraçado o juízo; e ela é quem rompeu o silêncio, dizendo assim. «Uma só cousa estranho: porque acaso esse Duprez, Criado que foi do Duque d'Olmancé defunto, fez, antes da morte, essa declaração em casa do Marquês de S. Jorge, que inteiramente absolve o filho de se ter introduzido no quarto de M.<sup>la</sup> d'Estanges, e carrega no marido o fardo de todo o enredo. M. d'Urfay, que não sabe as aventuras de M.<sup>da</sup> d'Olmancé, não nos explicará o enigma: o que porém é certo, é não ter morrido o Duprez em casa do Marquês de S. Jorge.» — «Que dizeis a isto, Comendador?» — «M.<sup>da</sup> M. de Selville no-lo segura. Duprez serve ainda ao Cavalheiro de S. Jorge; Duprez é ainda o abominável instrumento dos projectos de seu Amo: a quem mui fácil fora tirar surrepticiamente <sup>[xxx]</sup> de casa de seu Pai (onde por generoso, ou antes

pródigo era mui querido) esse Criado: que bem verificado vem, nesse Diário. O Diário aí está, onde todos o podem acreditar.

Pela vigilante atenção desse Duprez teve tempo o Cavalheiro de esquivar-se, no momento que se soube o homicídio de M.<sup>r</sup> d'Olmancé.» — «Vós M.<sup>r</sup> d'Urfay, fostes quem soltou da prisão esse birbante, quando com Germância preso foi.» — «Verdade pura: mas nada então sabia do que o Diário diz. Mais ainda: várias vezes reflecti, que mo deu o Ministro por inocente, quando me deu a ordem de soltura, que eu para ele não pedia. Presumiremos daí, que não separou, na ordem, os que nas informações andavam juntos? Não lhe devassou a vida toda; capacitou-se, que não entrou no homicídio do Duque d'Olmancé, e foi bastante.» — «Reparei, que sua Irmã, como Milord, nunca acusa, na sua narrativa, a Carlos; que soubemos pelo seu mesmo Diário ser o Cavalheiro de S. Jorge. Toda a sua indignação fere num tal Conde Federico de W\*\*\*.» — «Não nos compete M.<sup>da</sup> de Sémiane, calcular as detestáveis máximas dos libertinos. Quem sabe quais horríveis convenções ajustaram entre si? Que melindre de pundonor concederemos a quem deixa o nome honrado da sua família, por outro trivial, e entra na Comitiva dum depravado tal, como o Conde Federico?» — «Sou desse parecer. Senhor Comendador: protesto, que muita, e muita vez repreendi o Cavalheiro, de tão desparelhada união; sem saber, que era o seu condescendente, nem que mudara de nome. O ponto mais difficil é alcançar de M.<sup>da</sup> d'Olmancé, que veja ao claro quem é o Cavalheiro de S. Jorge, e fazer com que dele se descarte.» — «Grande difficuldade!» — «Minha Filha, não percamos esperanças. Que em despeito da donosa docilidade que lhe aformoseia a índole, tem M.<sup>da</sup> d'Olmancé tais brios na alma, que não consentiram parceira no coração de seu Amante. Além de que, o amor que lhe temos, se apaga immediatamente, quando igual chama não arde no peito de quem amamos. Duro será o primeiro rebate; mas só cicatriza chagas o remédio que violento as rasga.

-----

(1) Chamam aqui às Sogras, Mães e Irmãs às Cunhadas.

Conheço M.<sup>da</sup> d'Olmancé; a Razão virá à flor da água, e nesse abalo lhe atalhará a expressão. Lá quererão romper alguns murmúrios, alguns dolorosos queixumes; mas esses só pedem aposento no peito de minha Filha. Passa por não sabido o conhecimento que vós M.<sup>r</sup> d'Urfay, e vós Milord tendes com o Cavalheiro de S. Jorge. Quem vos tolhe deixardes, como por acaso, cair na conversação, que Carlos é o Cavalheiro, e imputardes ao amor de Germância quanto ele fez; e dardes seus desvelos por finezas duma afincada e violentíssima paixão? Quanto essa Menina disse, leva o cunho de tal ideia; e quão medrado vai, quando rompe duma boca, que se interessava a que assim não fosse? Duvidais vós, que se não dê por humilhada a Duquesa d'Olmancé, quando comparar o que ele por Germância fez? Orgulho é esse que muito se compadece com a Virtude; não pela perda do Amante; mas sim, pelo íntimo conhecimento de sua própria valia. Ficai certos, que com essa humilhação a fazemos a nós. Porque o não tentamos? Que nos custa uma tentativa que é mais amorável, que essa inteira confidência do que vem no Diário cuja lhe despedaçaria o coração, e no-la roubaria para sempre? Se a pondes no lance de envergonhar-se de semelhante amor, então é que ela irá sepultar numa clausura seus pesares; se a deixar com vida golpe tão cruel.»

Do voto de M.<sup>da</sup> de S. Pers foram M.<sup>da</sup> de Sémiane, e mais o Comendador, e resolveram que o Marquês e o Lord partiram logo a Paris seguidos pelo Comendador no dia depois. Concluiu-se a conferência às 4 horas da manhã, e partiram d'Urfay, e Stanley; M.<sup>da</sup> de Sémiane foi deitar-se inquieta, ardente acerca da sorte da Duquesa; quanto não desejara ver-se ao pé dela, para lhe ajudar a sofrer o doloroso golpe, que lhe iam dar! Gemia de que a convalescença lhe vedasse a partida. «Tinha-me eu (dizia) por tão venturosa pela ventura que a d'Urfay vem prometida! Funesto descobrimento! Indigno Cavalheiro de S. Jorge! Porque granjeou nos olhos teus tão funesto amor a minha Amiga! Quanto te lastimo, querida d'Olmancé! Como suportarás tu a certeza de que não és amada; quando te é forçoso presenciar a felicidade de dous Amantes venturosos! Que situação a tua, com a deles comparada!» — Não tinha o Comendador mais sossegado o ânimo; quando entre receios avistava as horríveis consequências, que rebentariam do descobrimento das iniquidades do

Cavalheiro de S. Jorge.  
Os fados da sua digna Amiga o atribulavam; dela por quem mil vezes tivera sacrificado a vida.



Tinha já a Duquesa recebido a Carta de M.<sup>da</sup> de Sémiane, quando M.<sup>r</sup> d'Urfay, e Milord Stanley a quem ela fez o mais atencioso agasalho, se apresentaram. Julgue-se que alegria, que arrebatamentos não foram os de M.<sup>la</sup> Stanley quando viu ante si um Irmão desejado, e um Amante affectuoso. Durou horas o delírio; e M.<sup>da</sup> d'Olmancé, tomou parte no seu contentamento, apesar das amarguras de seu peito. No serão do seguinte dia veio o Comendador tomar parte do comum regozijo; e a um aceno que fez, Milord Stanley pediu a M.<sup>r</sup> d'Urfay, que começasse a história de Germância, que ele contou de modo, que deixava presumir que o Cavalheiro de S. Jorge achando-se em Londres com o nome de Carlos, tomara amores com a formosa Betti; e M.<sup>da</sup> d'Olmancé capacitada por essa narrativa, que o Cavalheiro de S. Jorge a não amava com preferênciã, ou que inteiramente lhe perdera o amor, começou a desfalecer, e um rio mortal lhe discorreu pelas veias, ficou pálida, e corou sucessivamente. Não fugiram dos olhos do Comendador nem dos outros esses diferentes abalos: mas a Duquesa chamando ao peito toda a sua coragem, tais esforços fez, que se eles não derrotaram a violenta dor, que a acometeu, ao menos lhe deram disfarce ante os olhos de seus Amigos.

Recolhendo-se ao seu Camarim, já senhora de se entregar às terríveis angústias que lhe despedaçavam a alma, arremessou-se a uma Cadeira; e lá, com enxutos olhos, apertado o coração, indicando só na vista os dolorosos tormentos, que a atribulavam, exclamava consigo mesma: «É pois verdade, que estranhamente iludida fui tégora? Que nunca me teve amor o Cavalheiro de S. Jorge? Ou que se uma hora o teve, Ingrato! o não tem já? Rematado infortúnio meu! Faltava ao meu suplício este último golpe. E ele adora Germância!

Ingrato! se te inteirasse do que em minha alma se passava? Saberias quão ternos affectos, no meu fraco peito, para ti medravam. Como, insensata, não abri olhos, que vissem a indiferença sua, e o seu esquecimento! Soube-me Viúva, sem me assinalar um rasgo de amor que me tivesse. Dou-lhe fim; valha-me a Coragem; deslembre-se um ingrato, ou um desleal. Busque-se a Dita, no regaço da enternecida Amizade. Sigam-se os sisudos conselhos do Comendador, respeitável ancião a quem a só Razão dirige: mais não resisto, homem estremado. Venceste, Sémiane minha, que na mais fina jovialidade envolves teus conselhos; venceste. Darei ao Duque a mão de Esposa; nessa união deparei com aventura... Que certeza tens, Angélica? Quanto em mim sinto os abalos, que ao coração enfraquecido a força das circunstâncias! Tome a Prudência a si dirigir meus passos, e venha o Tempo dar madureza à minha resolução.»

Penosa e muita vez interrompida com os mais medonhos sonhos foi a noite que a Duquesa passou. Erguida que ela foi, apresenta-se o Comendador, ela forçando-se a sorrir, lhe ofereceu a mão, que o Comendador beijou. — «Senhor Comendador (lhe disse) falastes com d'Urfay; razão tínheis de duvidar que o Cavalheiro de S. Jorge, me tivesse amor... Nada me dizeis? Dou-vos, Amigo meu, por bem seguro, que serei digna do interesse, que em mim tomais, digna de mim, digna de quantos Amigos tenho. Faço justiça ao Duque d'Olmancé; pois que vós o honrais com a vossa amizade, certa sou, que pelas suas virtudes se faz digno dela. Perdoo-vos o rodeio que tomásteis, pois que era só encaminhado a que eu visse ao claro o merecimento dum homem estimável, contra quem me tinha cega a prevenção. Depois que venci a demanda, dispensar-me não pude de receber as visitas de M.<sup>ra</sup> d'Olmancé, e ter azo de o apreciar; muito mais ainda, depois que possuo Miss Stanley. Comendador, dou ao Duque a minha mão de Esposa. Ficais contente da vossa Amiga? Cuidais, que ficará contente a minha querida Sémiane, sua Mãe, e os nossos Amigos todos?» — «Senhora! Oh minha digna Amiga, pondez o remate à nossa felicidade, quando assegurais a vossa. Com toda a sinceridade do meu coração vos digo, que o Cavalheiro de S. Jorge não era digno duma Dama tal como a Duquesa d'Olmancé.»

Todo esse dia a Duquesa suspirou, sem dizer palavra. M.<sup>r</sup> d'Olmancé informado das disposições favoráveis que corriam a seu respeito, empenhou-se em dissipar, por quantos meios soube, a carregada tristeza que a soçobrava; manso e manso o foi conseguindo, e tão venturoso foi que lhe ouviu confirmar ela mesma a disposição em que estava de lhe dar a mão de Esposa. M.<sup>da</sup>. de Sémiane, e Sua Mãe, q u e já tinham voltado a Paris, tomaram sincera parte na alegria do Duque d'Olmancé.

Propôs a Duquesa levar consigo ao Camarote, que tinha na Ópera, Miss Stanley, a fim que presenciasse um espectáculo de novidade para ela. Não a acompanhou Milord, porque tinha que fazer certas visitas indispensáveis; o Duque foi espairecer-se, por se aliviar de leve dor de cabeça, que o incomodava; o Comendador foi ver uma Sobrinha sua, que se achava muito enferma; M.<sup>r</sup> d'Urfay tinha que escrever; M.<sup>das</sup> de Sémiane e S. Pers foram convidadas a um grande jantar, de maneira que foram sem Cavalheiros à Ópera, a Duquesa e Miss Stanley. Às dez da noite quando em Casa da Duquesa esperavam pelas Senhoras e com tanta mais impaciência, que assegurava o Duque d'Olmancé que era finda a representação, decorriam as horas, e crescia o desassossego. A menor tardança assusta, quando toca em pessoas que estimamos. A cada instante tinham por ridículo receio o desassossego seu. Vinham-lhes à imaginação visitas, passeio, e mil outras desculpas, a qual mais provável: mas em despeito de esforços tais medrava a inquietação.

Davam onze e um quarto... eis que ouvem uma Carruagem parar à porta. Soltam um brado de alegria. — «Ei-las que vêm!» — Enganado, como eles, o Guarda-portão abre, a Carruagem entra. Mas quem delineará a turvação extrema que deu em todos? Temeroso espectáculo que a quantos ali eram, horrorizou! Os urcos trazem por instinto a casa a Carruagem; descem precipitados os fidalgos ao pátio, vêm abertas de par as portinholas, os vidros em pedaços, nem Cocheiro, nem Lacaios, enfim anunciado o mais medonho dos desastres. Clamam todos os de casa, clama o Povo, que se apinhou à porta, espantado de ver a

Carruagem erma, e desamparada ninguém se entende no acaso, ninguém dá a menor notícia Afigurem-se todos a consternação de cada um.

Cheio de sangue, e lodo da rua, chega, como arrastando-se, um dos Lacaios, que se atira aos pés dos Amigos de sua Ama, e que exclama: «Ah, Senhores, que inopinado acidente! Não foi culpa nossa; que todos perderíamos as vidas pela defender: eram mais de 20; o número deles nos assoberbou.» — «Quem, quem?» — «Os que as levaram.» — «Dize o mais.» — «Miserô de mim! Atravessávamos a rua de Borgonha; uma Carruagem nos embargava a passagem. Grita-lhe o Cocheiro, que se arrede. Foi como sinal dado. Rodeiam 20 mascarados a nossa Berlinda, abrem-na arrojados, tiram fora as Damas. Quer desviá-los o Cocheiro a fustigadas do açoute; eles o derribam do assento; nós apeámo-nos; mas sem mais armas, que as nossas mãos, bem fácil nos aterraram. Em tanto despede, como um raio, outra Berlinda a 6 Cavalos; deixam-nos estendidos na rua os homicidas, montam a Cavalos, e seguem à desfilada a Carruagem, que partira.»

Fora mais suportável a morte aos Amigos da Duquesa, que o não foi semelhante narrativa. Milord Stanley furioso, mas mais frio que o Duque d'Olmancé, nem o Marquês d'Urfay (o Lord não tinha amores!) bradou: «Vou-me a Casa do Ministro. A afronta, que se me faz, ele, Amigos, a há-de sentir, que levarei ordens para o prender onde quer que se encontre. Daqui a um quarto de hora venho; tenham-me um Cavalos pronto: não me podem encobrir a estrada que tomarem; que são muitos num só bando, tenho de deparar com eles.» Saiu à desfilada o Lord, e d'Urfay logo após ele. Mas apenas dous tiros de espingarda, pára o Lord; já d'Urfay, que lhe perto ouve que grita: «Monstro, dá-me conta de minha Irmã, e da Duquesa. Dá-ma, ou morre.» Tira pela espada o desconhecido, que já o Lord tinha desembainhado a sua: cruzam-se as folhas, e ao primeiro bote cai o desconhecido por terra lavado em sangue seu. O encontro, o insulto, o acometimento, a estocada, a queda, foi fuga de relâmpago. Põe d'Urfay os olhos no aterrado, que ainda tinha sinais de vida, e «Oh Céus (gritou) que é o Cavalheiro de S. Jorge!»

Conhecem o Lord, e d'Urfay forças bastantes ainda para sofrer transporte, e passam-no à morada de M.<sup>da</sup> d'Olmancé. Aparecer em tal crise o Cavalheiro ali, pareceu mistério; assim, precioso foi conservar-lhe a vida. Não perdera os sentidos o Cavalheiro; bem percebeu que entrava em casa da Duquesa; e assim com algumas vozes mal articuladas repugnava ali entrar; mas não lhe deram ouvidos; antes se lhes espertou a curiosidade de saber o porquê; numa sala baixa o sentaram, até que o Cirurgião chegou. Novo, e inopinado espectáculo, que acrescentado ao horror em que lidavam, depois de alguns momentos, acudiram todos a essa sala. M.<sup>f</sup> d'Urfay com voz baixa disse ao Duque, ao Comendador, e às Senhoras: «É o Cavalheiro de S. Jorge.» Este, que o ouviu, levantou um tanto o rosto: «Ah! d'Urfay (disse) tinha eu de morrer às tuas mãos?» «Tal honra não terás. Olha para Stanley cuja mão purifica o mundo dum facinoroso que o macula.»

Fita o Cavalheiro os olhos no Lord, com intento de certificar-se: mas súbito levado de outra sensação mais violenta, que a da ferida: «Oh! não lhe digais, que em tal estado sou, que morreria de pesar.» —«Horroroso fingimento! Restitui-no-la, traidor, restitui-me minha Irmã, que nos roubaste e mais essa Senhora, que tanta desventura teve em te conhecer.» Então se ergue com furor, com incrível violência o Cavalheiro; corre-lhe o sangue a grandes golfãos da ferida: «Oh homicidas, oh Amigos, parabéns vos dai de que inda vivo. Vingai-vos, e vingai-me. Ide varar o coração a esse monstro, a esse tigre, que agri-lhoado, há tantos tempos trago. Eu desfaleço, oh Céus! correi, voai a W\*\*\*, à corte de Federico, que é o único culpado.» Eis cai c'um desmaio tal, que morto o creram, e ficam todos, de assombro e susto, como estátuas frios. Quem primeiro quebrou o silêncio, foi Milord Stanley: «Amigos meus, dar-se-ia que fosse eu o criminoso? Fora nosso o engano, quando acusámos o Cavalheiro? Este homem está nas mãos da Morte, e lá não se mente.»

-----

(1) Homem que merece rodado vivo. O Dicionário de Academia dia: *un homme sans principe*.

«Stanley, eu parto; antes que transponham as fronteiras as alcanço.» — «Tendes de ficar; a mim cabe por mil razões partir; são mais respeitáveis os direitos dum Irmão, que os dum Amante. Em segundo lugar são necessários aqui os cuidados vossos; porque parece que alguns sinais de vida se denotam no Cavalheiro; e pelos socorros, que lhe forem dados, conservado que seja algumas horas, pela confiança, que mais que em nenhum de nós em vós terá, poderá com suas últimas palavras, esclarecer-nos em muitos pontos. Pode vir a divulgar-se este nosso encontro, e ausente e longe, fico mais em salvo: acompanhando-me M.<sup>r</sup> d'Olmancé pedirá, como Oficial General que é, com mais direito, auxílio militar, se for preciso.» Como o Duque conveio no projecto, ei-los que abraçam a M.<sup>r</sup> d'Urfay, e ao Comendador, despedem-se das Senhoras, e prometendo que trarão consigo a Duquesa e Germância, ou morreram na empresa, montam a cavallo e partem.

Chegado que foi o Cirurgião, logo que visitou a ferida: «Não lhe dou muita vida.» (disse). Todavia tenteada a ferida bem que profunda, não a achou perigosa; porque não ofendera algum dos maiores vasos. O que porém dava, por ora, maior receio era a grande cópia de sangue que perdera pelo violento abalo que a si deu. Que lhe afiançava a vida; que a dieta fosse severa, que 4 vezes por dia o viria visitar; que ali, para sua guarda, deixava dous Praticantes seus, cuja capacidade conhecia muito bem. Com mão cheia de dinheiro recompensou M.<sup>r</sup> d'Urfay ao experto Cirurgião o desvelo que empregara no mísero Cavalheiro, e nos Criados, três dos quais com o Cocheiro não menos, naquela noite morreram. Também, a poder de dinheiro, conseguiu o Marquês que não vertesse este segredo por fora da pousada. O caso tinha acontecido às 11 da noite, e num bairro solitário, mas já, e em poucas horas, era sabido, em toda a Cidade, o roubo da Duquesa d'Olmancé.

Angustiados, e como quem desespera, estavam o Marquês d'Urfay, e o Comendador, e M.<sup>da</sup> de Sémiane, e sua Mãe, estremecidos da situação em que estariam a Duquesa, e mais Germância; suspiravam pelas ver de volta; e tremiam da chegada. Que assombro, quando visse expirando, em sua casa, o seu Amante! Horrorizavam-se

de não saberem como lho haviam de apresentar; não como indiferente,

não como

culpado; as últimas vozes que dera denegavam tudo. — «Viva ele (diziam) se justificar-se pode; e se o não pode, morra. Que antes queremos dos crimes seus ter dúvidas, que certezas.»



Era para ver, como M.<sup>da</sup> de Sémiane se portava ali, como Dona daquela Casa, velando, dispondo tudo; o Comendador, que não falhava um só dia em visitá-la; M.<sup>r</sup> d'Urfay, que não desamparava a cama do ferido. M.<sup>da</sup> de Sémiane ficou estranha com um caso, que lhe contou o Marquês dizendo-lhe que Duprez, esse Criado e Confidente do Cavalheiro de S. Jorge, se afoutara, pelos indícios que teve a buscar ali seu Amo; e que vendo-o em tal estado, se derretera em lágrimas, e nunca mais se lhe arredara da cabeceira: que a nenhuma pergunta respondera, e só, num ímpeto de mágoa dissera: «Os que a meu Amo puseram em tal estado, verteriam lágrimas, se lhe conhecessem bem o generoso, e sensível coração.» — «Esse homem, se o vedes tão sossegado, por certo, que não se sente implicado nos crimes (se os ele tem) do Cavalheiro. Não sei que julgue; por cautela mandei que o tenham de olho pelo muito que pode prestar para o desenredo.» — «Mas vós, caro d'Urfay, vós matais-vos; porque vos não deitais, depois de três noites perdidas? Considerai que vos deveis conservar para uma Amante.»

— «Que talvez não tornarei a ver!» — «Melhor que vós auguro eu. Se toda a esperança falha, mate-nos a mágoa.» Dava ao Marquês M.<sup>da</sup> de Sémiane uma esperança, que ela não tinha.

Quatro vezes no dia vinha o Cirurgião visitar o ferido, e do bem que ia a cura se lisonjeava que a podê-lo conservar no abatimento em que o via, alguns dias mais, que esperava pô-lo a salvo. No outavo dia, lá pela tarde, tendo o Cavalheiro recuperado a fala, avisaram ao Marquês, que lhe queria ele falar. Achava-se, nesse instante o Marquês com M.<sup>r</sup> de Sémiane, e logo que desceu, lhe apertou a mão, e lhe disse, com quasi extinta voz, o Cavalheiro. «D'Urfay já não é meu Amigo?» — «Oh que ainda o sou; e nos desvelos meus o mostro muito.» —

«Desvelos, que eu à Humanidade devo?...» — «Não, Amigo; ao meu coração os deves.» — «Acha-se ela aqui?» — «Descansa, que tudo vai b e m . »

— Nisto entra o Cirurgião, que tolhe, sob pena de vida, que o Cavalheiro fale; veda que lhe entre ninguém no quarto, até que ele o permita. Assossegado o Cavalheiro com as poucas palavras do Marquês, lhe tomou ainda a mão, e tingiu levemente os lábios com um sorriso; olhou, reconheceu Duprez, e teve consolação de o ver ali. Circunstâncias estas, que ainda que ténues, confirmavam todos os Amigos da Duquesa na opinião de que bem podia o Cavalheiro não ser tão monstro, como o davam a crer razões tão válidas. Ainda contemplavam, que a ser ele criminoso, se receiara de ver d'Urfay, e mais ainda se assustara de ver Duprez temerosa testemunha contra si; e vê-lo entre mãos de Amigos da Duquesa. Não podiam em conjecturas tais fundamentar juízo.

Notícia nenhuma da Duquesa, nem de Miss Stanley; daí sustos, e apertos de coração. O Marquês demudado a olhos vistos tinha o semblante lívido, olhos macerados, emagrecido, e pálido; dava cuidado a seus Amigos que fraqueasse ao pesar, que surdamente o consumia: se a vista desses modelos da Amizade se encontrava com a sua, rebentavam logo lágrimas, e assoavam-se-lhes aos rostos os tormentos que na alma padeciam, de lhe sair às faces do Marquês o coração, pelo Amor, despedaçado. Sua própria Mãe, apenas dele soube o desventuroso acontecimento da Duquesa, e de Miss Stanley, correu a ver-se com seu Filho; que ao ver tão excelente, tão enternecida Mãe, se lhe rasgaram no peito, quantas feridas Amor lhe tinha aberto. Apertá-la nos braços, banhá-la em lágrimas, proferir entre mágoas e desesperação o nome de Germância; eram cenas, que dez vezes no dia, se renovam. M.<sup>da</sup> de Sémiane dava a d'Urfay, e aos mais, esperanças, que ela mesma não acreditava em si. D'Urfay requeria a sua Amante; M.<sup>da</sup> de Sémiane, e M.<sup>da</sup> de S. Perés requeriam, como também o Comendador, a sua Amiga.

Na cruel alternativa, que de si produz a esperança, e o receio, 15 dias eram já volvidos, quando uma manhã, a tempo que o desassossego em que viam o Cavalheiro de S. Jorge, os ajuntara, ouvem entrar no pátio um Postilhão sem se afoutarem a se erguer de

seu lugar; ei-los que enfiam de susto... Mas soa o nome de M. d'Olmancé, abrem-se as portas do aposento, arremessa-se a seus braços o próprio Duque. Os abraços, os gritos: «Então? Então?» — «Oh meus Amigos! meus caros Amigos, estão ambas com saúde, e ambas salvas, logo chegam. E o Cavalheiro.... O Cavalheiro vive ainda?» — «Temos essa esperança.» — «Perdidos somos.» — Entranhou-se pelos ânimos de todos o Terror, quando tal exclamação lhe ouviram. Não sabiam o que augurassem dela. — «Pois a minha Amiga ignora ainda?»... «Ainda. E todavia compete que ela o saiba. Mas oh Amigos meus, não lhe estraguemos este primeiro lanço de alegria; constranjamo-nos; necessita a Duquesa de repouso; nesse prazo consultaremos os meios de lhe dar a saber o que se tem passado. Se eu fora o único que o soubesse!...» Ainda não acabava, quando ouviram o ruído da Carruagem; então p e r g u n t a : — «Pode Milord mostrar-se sem perigo?» — «Pode: tudo o silêncio sepultou.» — «M.<sup>r</sup> d'Urfay, vós me dais sossego.» — Abalançam-se todos a ir buscar M.<sup>da</sup> d'Olmancé a e Germância.

Afigurai o geral contentamento de seus Amigos, de seus Criados; as ternas carícias, que essa Senhora excelente prodigou; e o como ela assinalou a cada um o pesar que ela sentia das inquietações, que ela causara, não há vozes que o declarem. Com que graça não agradeceu ela a M.<sup>da</sup> de Sémiane, e de S. Pers, e ao Marquês d'Urfay, como também ao Comendador, a generosa atenção que nela punham! Quão sensível lhe não foi encontrá-los em sua pousada, e saber que ali se habituaram a esperá-la! O prazer que reluzia nos olhos de d'Urfay, e de Germância relevava ainda este quadro de enternecida perspectiva. A Amizade que Miss Stanley demonstrava à Dama que cedo tinha de lhe servir de Mãe, <sup>(1)</sup> a M.<sup>das</sup> de Sémiane, e de S. Pers, ao Comendador, anunciavam seus olhos tímidos, e suas trémulas frases, que o mais exaltado prazer que lhe laborava na alma, era o de se tornar a ver na presença do seu Amante. Propuseram súbito a M.<sup>la</sup> d'Olmancé, que no leito conseguisse algum descanso. — «Eu descanso? (respondeu) nunca me senti mais forte. Tanto tempo há, que privada sou de meus Amigos, que crueza fora separar-me deles. Consintam-me o prazer de os ver.»

Ventura foi que por consentimento do Cirurgião, tinham, a braços, passado o Cavalheiro a outro quarto bem arredado do da Duquesa d'Olmancé; bem seguros, que não passaria por ali; o que não acontecera, se o tivessem deixado no quarto baixo ao rés da rua.

~~~~~

Quis a Duquesa d'Olmancé dar ordens para o jantar; mas M.<sup>da</sup> de Sémiane se lhe opôs, e disse rindo: — «A Dona desta Casa sou eu; e enquanto eu aqui me achar, quem manda aqui sou eu: assim mando, que não saiais do vosso quarto.» — «A ordens tão poderosas obedeco; fico pois como convidada.» Tanto fez M.<sup>da</sup> de Sémiane, e a mais companhia, que arredaram da Duquesa toda a suspeita, que em sua casa estava o Cavalheiro de S. Jorge. Tão alegre quanto o permitia a situação e constrangimento de seus Amigos, ela que de nada desconfiava; seus Criados, apenas convalescentes das feridas, não podiam servir à mesa. Inquietou-se de os não ver; e perguntou porquê. Dessa pergunta nasceu falar-se na morte do Cocheiro, e outros Criados, quando a roubaram. Chorou, quando ouviu que eram mortos os seus Criados fiéis. Com esse véu da tristeza de M.<sup>da</sup> d'Olmancé cobriram seus Amigos a sua.

Ao erguer-se da mesa, como todos se achassem no quarto dela: — «Vejo (disse a Duquesa) nos vossos rostos, agora que em seguro estais da sorte de Germância, e da minha, o ardente insofrimento que em vós lavra de saber quanto nos succedeu; sereis satisfeitos. Os nossos andantes Cavalheiros, que vieram por montes, e por vales, livrar as suas Heroínas, me facultaram tomar eu a mim esse prazer. Sabido tendes o como nos arrancaram de nossa Carruagem, e nos lançaram numa Berlinda a 6 Cavalos, que partiu como um corisco. Bem presumis qual susto foi o nosso. A minha Germância (coitadinha!) tremia como uma folha, e me apertava a mão. Fora que estivemos de Paris, vi, à luz dos archotes, quão numerosa era a nossa escolta: era ao menos de 15 homens a cavallo. Depois de meia hora de silêncio, e conjecturas

minhas, todas nulas, Miss Stanley dá um grito: — “Por mim é que vos vem, mui certa sou, este desastre. É o Conde Federico de W\*\*\* quem me persegue.” — Muito o quisera eu que assim fosse; porquanto o aca-nharia a presença duma Dama de meu porte. Assustar-se-ia, que se enganassem tanto os seus, que demasiando as ordens dadas, se atrevessem a arrebatá-me: e quando eu lhe declarar que sois de qualificada família, e sob a minha protecção, e a de Milord Stanley, lhe virão cores ao rosto, e terá de nos remeter à nossa família, e Amigos nossos. Tanto mais, que nem eu, nem vós cometemos imprudência alguma; e que semelhante tratamento é um atentado contra usos, e costumes, é contra o Direito das gentes. Bem firmes e escoradas na nossa consciência, temos a justiça por nós. O que só me penaliza é o quanto inquietos ficam nossos Parentes e Amigos; nem El-Rei, bem certa estou, deixará impunida a injúria, que se nos faz. Vosso Irmão, com os conselhos de d’Urfay, e d’Olmancé, fará que tudo pare numa jornada forçadamente feita. Tomara só saber se será longa.”

«A seguridade, com que falei assossejou Germânia, que soltou acompanhado dum suspiro: — “Mísero d’Urfay!” — “Bom, bom, minha Miss. Folgo que vos não façam os reveses deslembrar de quem amamos.” Quasi que esteve para rir. Tanto sossego me pousava no peito, e tão pouco imaginava, que a mim é que buscavam. Seis noites, ignorando onde paráramos de dia, já levávamos, de jornada; o que não era muito cómodo para Damas de guapo enfeite. Verdade é que toucadas para ir à Ópera, desmentia para a jornada tal toucado; nada menos usaram connosco os nossos Guias todo o resguardo, e acatamento possíveis. Chegámos por fim a W\*\*\* onde pousámos dous dias, sem ver o Príncipe. As Aias que nos serviam, nos disseram que o Príncipe, no terceiro dia chegava duma Caçada mui distante dali. Então se nos apresentou, e disse: “Consegui, Senhora Duquesa, o principal de meus desejos. Mui longos tempos há, que eu desejava possuir-vos em meu Palácio; mas por minha indexteridade me falharam todas as ocasiões em que pudera conseguir essa ventagem.”

Nesse instante põe olhos em Miss Stanley e neles denota a mais alta suspensão: “E também a bela Germânia? Tanto melhor. Não ha hi queixar-se de abundância, quando ela é tão agradável. Bem vos prometo, que me não escapareis agora, como a última vez.” Fácil era

de compreender de falas tais, que a Heroína da aventura era eu, e Germância um acessório. Terrível descobrimento! Mas então conservando todo o meu sossego, voltei em jovialidade, o caso, e disse:

“ G a l a n -  
tíssima foi a peça que V. A. nos fez. O meio infalível de ter visitas é sacá-las por alto: ao menos mereciam Damas alguma atenção mais. Demasiado é a jovialidade quando toca em pessoa, que se não é Soberana, prende em bastantes Casas, que o são. Onde está a galantaria que nos expõe a 6 consecutivas afadigadas noites de jornada? Não sei que fados serão os meus; porém, considerai Príncipe, que vossa Parenta sou; e que M.<sup>la</sup> é filha e Irmã de Pares da Grã-Bretanha. Bem perdoar--vos quero essa indecente travessura; e ainda passarei aqui alguns dias, bem capacitada, que sou como em minha casa; e logo voltaremos a Paris concluir o casamento de M.<sup>la</sup> que a vossa galantaria demorou bem fora de propósito.”

Tinha o Conde calculado furores, iras, ei-lo estupefacto do tom que eu acerca dele tomei. Quis-me balbuciar algumas frases de desculpa, mas não soube acabá-las. Era já noite, deu-nos a mão para irmos cear, em presença de toda a sua Corte; e lá é que afectei de o tratar de igual a igual; muito satisfeita de que compreendessem quantos o rodeavam, o respeito que se me devia. Dispensámo-nos de assistir ao jogo que se seguiu à ceia, e retirámo-nos. Não que eu tivesse descartado de mim todo o desassossego; que ainda que provou bem o tom desassombrado com que lhe falei, podia bem ser que reflectisse, que nos tinha em seu poder. Vigiava sobre nós o Céu. Nessa mesma noite, nos desempachou dele uma Apoplexia. Ele era gordo, fatigara-se na caçada, ceiou desregradamente; às 4 da manhã já não vivia. Não o sabíamos nós; mas eis correm pela manhã ao nosso quarto; abalada do ruído acordo Germância. Abre-se a porta (que alegria!). Entra Milord Stanley, e o Duque. Sinal de atenção foi este, da parte do Duque, que acabou de me deliberar a cumprir a minha promessa.» Quando tal disse corou de pejo a Duquesa; cores, que não se esconderam dos olhos de seus Amigos. Continuou depois dizendo:

«Esses Cavalheiros nos informam então do improviso falecimento do Conde, e por que modo quasi milagroso, nos víamos livres dele. Sem o menor estorvo saímos do seu Palácio, onde tudo andava em

confusão. Descansámos alguns dias enquanto nos províamos de objectos necessários para a jornada; e depois de grande cansaço, e como vedes, pouco perigo, nos braços de nossos Amigos nos achamos.» Enquanto a Duquesa acabava a sua narrativa, Miss Stanley, a quem ainda não tinham prevenido, indo ao aposento que M.<sup>da</sup> d'Olmancé lhe tinha adereçado, encontra na escada, que servia para o seu quarto, e para o outro em que tinham acomodado o Cavalheiro de S. Jorge, encontra (como digo) com Duprez; entra na sala, dizendo à Duquesa: «Minha cara Amiga, grandes clarezas podemos tirar desse homem que foi preso comigo; agora o vi aqui em Casa.» Solta a companhia toda horroroso grito. Que situação! Aniquilados os ânimos, Germância assustada, a Duquesa como aterrada... M.<sup>da</sup> pôs-se logo em campo: contou quanto sucedera; o combate do Cavalheiro com Milord, as razões que havia para a suspeita; a opinião que dele tinha. Ficou M.<sup>da</sup> d'Olmancé assombrada e emudecida, e como enterrada em suas considerações. Lágrimas nos olhos de todos! «Quero ver o Cavalheiro (diz a Duquesa); tenho ânimo para tanto. Ouvirei a justificação que ele me deve.»

Todo o resto do dia ficou com semblante sombrio; mas M.<sup>da</sup> de Sémiane, não a desamparou um só instante, fez quanto pôde pela consolar. Tomando-lhe a mão, lhe disse M.<sup>da</sup> d'Olmancé: «Por nada me perguntes. Terrível golpe recebi. Não nasci para ser feliz.» Secos tinha seus olhos a Duquesa; nem uma só lágrima. Lidava-lhe no coração alguma estranheza, que M.<sup>da</sup> de Sémiane rastrear não podia: foi-lhe contudo fácil descortinar com que força se tinha despertado o amor que a Duquesa tinha ao Cavalheiro.

Costumada d'há longo tempo, a lhe adivinhar no rosto os pensamentos da alma, entendia o menor movimento, o menor abalo que as paixões lhe davam. Se Milord Stanley se avizinhava da Duquesa, se lhe entrava no quarto sem ser dantes anunciado, certo abalo de involuntário horror a fazia estremecer. Quem somente lho percebia era M.<sup>da</sup> de Sémiane, porque em tudo não mudara a Duquesa em nada acerca dos resguardos de costume ao Irmão de Germância. Assim iam passando os dias os Amigos de M.<sup>da</sup> d'Olmancé, sensitiva Angélica, que tinha visto o Cavalheiro de S. Jorge, e que Senhora de si mesma, nem muito alvoroço, nem sobeja frieza demonstrara, quando o

viu. Com bondade o tratou, e lhe pediu, que vivesse com sossego para que mais cedo sarasse da ferida, afirmando-lhe que aguardava, com prazer, esse momento, tanto por ele, como por ela mesma, e por seus Amigos a quem era devedor de clarezas acerca do mais importante acontecimento. Esse momento, em que o Cavalheiro explicasse o sentido de semelhante proceder, com insofrimento se esperava; enquanto esse infeliz lisonjeado com a Dita de que gozava, tornando a ver a Duquesa, abria à Esperança as portas de seu ânimo: o que obrou na sua ferida mais que quantos socorros a Arte lhe administrava. Até o Cirurgião declarou, que dentro de poucos dias, poderia o doente sair do seu quarto, e suportar a fadiga duma conversação.

A anuviada melancolia da Duquesa lavrava sempre; e nem a mesma convalescença do Cavalheiro a dissipava: as suspeitas que lhe entraram acerca da lealdade do seu Amante, serviam de verme roedor, que manso e manso a consumia. Logo que o Cavalheiro de S. Jorge teve faculdade de se erguer, ainda que enfraquecido, ia passando alguns dias na conversação da Duquesa e Amigos dela, sem contudo começar alguma explicação. Dado que o havia ele com gente mui prevenida contra ele, a candidez que lhe respirava no semblante penalizado, e lânguido, lhe cativou quanto havia de ter como Juízes seus. O primeiro de seus cuidados foi perguntar por Milord Stanley, e apenas que esse apareceu, o Cavalheiro o abraçou, pedindo que lhe outorgasse sua amizade, da qual o julgaria digno, quando melhor o conhecesse. Começaram a cair lágrimas dos olhos de Stanley, e de todos os Amigos da Duquesa, quando viram com quanta generosidade e nobreza a tinha ele pedido. O Lord se lhe lançou ao pescoço, e o mesmo fizeram os mais, como esquecendo os imputados delitos. Passados outo dias, achando-se enfim o Cavalheiro, como se podia desejar, deu prazo no dia seguinte, para a declaração que havia de fazer.

M.<sup>da</sup> de Sémiane, que não dormiu em toda a noite, que antecedeu tal dia, entrou mui de manso na Câmara da Duquesa, pela não acordar (que eram 3 da madrugada) e pasmou de a ver sentada a escrever. «Tu não dormes, Sémiane?» — «Não, que tomara ter um dia mais de idade, para te ver mais sossegada, e (talvez) mais venturosa.» M.<sup>da</sup> d'Olmancé

arrancou um suspiro: — «Tenho ainda muita Carta que escrever; deixa, que eu continue.» M.<sup>da</sup> de Sémiane pegou num livro, e a Duquesa foi escrevendo até às 8 com tanto sossego, como sentido, lacrou vários maços, que fechou no seu escritório. Fechados, disse à sua Amiga: «Tomemos Chocolate, que me sinto fatigada.» Chamou M.<sup>da</sup> de Sémiane, veio o Copeiro, e depois o Chocolate. Entraram depois todos no quarto da Duquesa, e daí o Cavalheiro, que no semblante denotava sossego de ânimo satisfeito; com o que deu contentamento aos da Companhia, que auguraram dali, que lhe não despedaçavam remorsos o coração. M.<sup>da</sup> d'Olmancé sentou-se no seu perguiceiro, e a seu lado M.<sup>da</sup> de Sémiane; a mais companhia, em torno delas; e o Cavalheiro disse então:

«Não tenho de separar na minha narrativa a Senhora Duquesa de Miss Stanley; pelo muito que entrançadas vêm nos factos que tenho de relatar. Mal começa quem, M.<sup>da</sup> d'Olmancé, descobre em seu intróito a violenta mas respeitosa chama, que me ardeu no peito, desde que entrei a conhecer-me, e que eu conservarei até o meu último arranco. Fala por minha boca a Verdade: e como quanto me aconteceu, quanto eu fiz, dessa chama derivou, confessar-vo-lo dívida foi, porque só assim se explicam as acções minhas. Nas mãos vos ponho o castigo que julgardes que a minha temeridade merece. Esse amor, que ignoráveis, Senhora, motivo foi de vossas penas; que quis eu antes conservar a vossa virtude intacta, salvar-vos a pessoa de horrorosos perigos, do que interessar-vos a que tomásseis parte no meu amor. Amor, que vos lançou nos braços de M. d'Olmancé; amor, que deu motivo a que entrasse no jazigo, odiado de vós, o mais digno dos homens todos; amor, que ditou o testamento que vos deu tantos pesares; inspirado unicamente para que a vossa mão recompensasse o sacrifício, que eu fizera; a amor enfim que injustamente me granjeou as iras de Milord Stanley, como vou significar-vos.

Recordai o tempo em que M.<sup>da</sup> d'Estanges vos trouxe a Paris, onde o Conde Federico bebeu em vossos olhos a detestável afeição, que tantos crimes fez que cometesse: que a impressão que nele fizestes, ocul-tá-la não poudes. Presentou-se à Condessa, e insinuou intenções de casamento. Vossa Mãe deslumbrada pela vantajosa sorte, que se vos oferecia, nada examinou, deixou conceber ao

Príncipe, que se inclinaria a quantas reservas requeresse essa união convosco. Queria um casamento secreto; o meu amor porém soube logo que motivo era o verdadeiro, desse segredo. Tomei conhecimento com um da sua comitiva, e como lhe falasse no casamento próximo do Conde convosco, pôs-se a rir: “Ignorais vós que o Príncipe é um depravado? <sup>(1)</sup> M.<sup>la</sup> d’Estanges é mais uma vítima que ele põe no rol das que ele sacrificou à sua Luxúria: tanto mais que esse casamento é nulo; que ele há 15 anos que é casado; e ainda que há 10 que se dá por viúvo, sua Esposa se consome de mágoa, num solar que ele possui nas extremas da Hungria, onde seu bárbaro marido a desterrou. Encobri contudo esse segredo, que a minha amizade vos confiou; porque nem eu, nem vós escaparíamos à sua vingança; que ele é um monstro que brinca com os mais horrendos crimes. Perder-nos-íamos, sem por isso salvarmos a pobre desgraçada em quem ele os olhos pôs: que é ele tão bandoleiro em seus amores, quanto constante e inconcusso em seus projectos, até que acabe de concluí-los.” Estremeci de tal ouvir; e muito mais, de que tinha o Príncipe já Cartas ali prontas para desacreditar M.<sup>la</sup> d’Estanges e sua Mãe no caso que elas entendessem que as queria ele burlar com um casamento suposto: nem se limitaria a sua vingança em as desacreditar; mas que tinha apaniguados prestes a matá-la apenas dessem de seus crimes o menor rumor.

Não me bastava porém ter descoberto quão malvado o Conde era, relevava que lhe compreendesse também eu os seus desígnios, para lhos atravessar, e com mais certeza lhos desmanchar: o que era o auge da dificuldade. Mas que obstáculos não derriba o Amor, quando a alma cobra da Afeição violência, e forças! Soube que procurava o Conde um Secretário; tive quem me apresentasse a ele, com o simples de Carlos; porque ainda que com meu nome verdadeiro pudera entrar em sua casa; mas o liame que havia entre a minha família e a vossa, me esquivaria a sua confiança. Além de que, me convinha muito esse emprego, que só por só, com ele me ocupava; estorvando, que outros me vissem e me conhecessem, dado poucos fossem os que eu receiasse, tendo sido criado na Província, e pouco tempo morado em Paris. Sem dificuldade me aceitou o Conde, e tanto mais se contentou de mim, que affectava eu com ele seus próprios vícios, de sorte que em 15 dias,

já me apossava de toda a sua confiança, e quasi em tudo necessitava de mim. Então desafectadamente proferi o vosso nome, e vi que os olhos se lhe animaram; e entre gabos da vossa formosura, me confiou com quanto amor se abrasava por vós e também a esperança que tinha de tirar proveito da ambição da Condessa vossa Mãe para abusar da vossa inocência por meio dum falseado casamento.

Confesso que estive para perder o juízo. Nenhum lanço de impedir tal crime me acudia à imaginação. Dentro dum mês se concluía o matrimónio. Cruel, e mui cruel foi o partido, que muito apesar de meu peito, contra mim tomei, e contra vós! Mas antes quis despedaçar minha alma e a vossa, que adorar-vos desonrada por um monstro. Perdia-vos; mas ao menos quando vos perdia, vos tomava em seus braços o maior homem de bem, que eu conhecia. Peço ao Conde licença de alguns dias, para ir ao Campo restaurar-me de saúde: chego, pela posta, a minha casa, quando M. d'Olmancé morava na vossa Quinta. Duprez seu primeiro Criado grave, em quem eu tinha grande confiança, atinou com o motivo da inquietação que me devorava, e de cuja lhe não fiz mistério. Estremeceu, compreendendo como eu, quanto perigo haveria, em dar estrondo. Bandeámos o partido que em tal urgência se tomaria. Todos eram difíceis. O Tempo instava. Comunico a Duprez certa ideia que me sobressaiu, que lhe pareceu bem extrema, mas de cuja lhe dei a conhecer a summa necessidade.

Dei-me por doente, e por tal me creu no dia seguinte vossa Mãe e vós; enquanto eu, com boa saúde oculto estava no quarto de Duprez, até que no instante, que mais favorável se julgou descí ao vosso quarto; e logo foi Duprez avisar M.<sup>r</sup> d'Olmancé, que fora fingida a minha moléstia, pois que ia certo que a eu fingira para enganar a Condessa d'Estanges, e que me achava no quarto de sua filha. Eu, que o ouvi descer, proferi um tanto altas algumas palavras, que sem vos acordar as ouvisse ele... O seguinte vós o sabeis, M.<sup>da</sup>. Não me enganei no meu projecto; devotou-se o mais honrado Cavalheiro. Perdoai-me o enredo: salvar-vos dos laços dum facinoroso era tudo. Bem amargosa foi a taça que vos dei a beber. Expunha-vos às iras de vossa Mãe;

mas

não

permitia calcular se eram mui dolorosos os remédios, quando o mal era tão grave.

Via-me eu nesse temeroso transe, em que única a Virtude nos consola; mas não de modo que exclua o sentirmos os golpes de nossas mágoas. Prazo fatal! em que eu vinha de entregar a outrem, o que eu mais queria, e pronunciar a sentença que para sempre me atalhava a esperança de vos declarar o meu amor.

Volto a Paris, onde vejo, que em nada minguiu a confiança do Conde para comigo; pelo contrário mais do que dantes necessitou de mim, e com gosto me viu de volta. Espalhado o rumor do vosso casamento, dado que bem secreto fosse, entrou em fúrias o Príncipe, deitou labaredas de cólera; e porque atribuiu ao interesse que eu tomava em sua paixão, a melancolia que o vosso acontecimento me causava, me tomou ainda mais amor. Como se tinham resguardado de vulgarizar as circunstâncias, que obrigaram vossa Mãe a entregar a vossa mão de Esposa a M.<sup>r</sup> d'Olmancé, considerou esse proceder de M.<sup>da</sup> d'Estanges como insultuosa afronta, que de caso pensado lhe fora feita; e daí concebeu ódio implacável contra M. d'Olmancé, jurando, que cruelmente se vingaria. O primeiro partido que abraçou, foi o de vos arrebatár, em despeito dos sacros laços que acabavam de vos unir. Dei parte a Duprez, que preveniu seu Amo de ter descoberto que eu maquinava de roubar-vo-la; com o que fez que M. d'Olmancé tomou súbito a resolução de vos levar a um Solar antigo que lá junto possuía dos Pirenéus, onde oculta aos olhos todos, largo prazo correria, antes de deparar convosco; e eu teria azo de sossegar-me.

Já vos eu disse que era o Conde Federico constantíssimo em seus projectos; desvanecido este, encaminhava logo outro. Soubera pelas suas espias onde M. d'Olmancé vos tinha desterrado: então sem resguardo algum lançou-se a vos roubar a força descoberta. Precisando porém dum pretexto para entrar nesse solar, lhe acudiu o seu engenho, fértil em astúcias, com o de queixar-se ao Ministro, de que um vassalo seu, que lhe servia de Criado, o roubara; e que para escapar à justiça se salvara nas raias de França fronteiras a Castela. Pelo que, pediu ordem, que se lhe abrissem todas as casas até dar com o criminoso: ordem, que sem restrição alguma lhe foi dada. Ufano com arma semelhante, ma mostrou, e tudo preparou para o vosso rapto.

Como porém não lhe ficasse sossego, acerca da face que o negócio tomaria, das justas queixas de M. d'Olmancé, das devassas, que apesar do seu grau de Soberano se poderiam tirar em seu desabono: "Parto para Inglaterra (me disse) a esperar pela preia: tu, Carlos, fica, para vigiares tudo: e quando seguro sejas que se cumpriram minhas

## CARTAS DUMA RELIGIOSA PORTUGUESA

ordens, no dia seguinte abala, e vem ter comigo a Londres." Meus receios se renovaram com esse novo projecto; avisei logo a Duprez, que como leal Criado me empenhou a que viesse dar vista de mim nos redores do solar, em que vós residis, prometendo-me que acertaria modo de vos sobnegar aos réus desígnios do Conde.

Logo que Duprez soube da minha chegada aos Pirenéus, deu a crer, que de convenção convosco, viera eu àqueles sítios para vos levar fugida; e d'Olmancé furioso, quando tal nova ouviu, vem súbito ao solar. Eu, que de propósito, me dei a ver nesses contornos, fui causa, que vosso Esposo, que depois do Casamento, concebera por vós o mais violento amor, não se deu, por vos conservar, a outro partido que de encerrar-vos em tal sítio do solar, que era só dele conhecido. Partido violento, de que me advertiu Duprez! Partiu-se-me o coração com tal ouvir-lhe; e a mais violenta dor se me apoderou de alma. Mísero de mim! que vim a ser vosso verdugo, por não querer ser o instrumento do vosso descrédito. Fui-me a Londres onde o Conde me esperava, e o como surtira a sua horrorosa conjuração contra vós; que, apesar de todo o desvelo de seus cúmplices, nunca chegaram a descobrir-vos. Cinco meses rondaram pelas vizinhanças da vossa habitação, e a favor da ordem d'El-Rei, visitaram quantidade de vezes, a morada de

M.<sup>r</sup> d'Olmancé, que como lhes não suspeitava a intenção, os deixava entrar, na opinião que buscavam ali, um malfeitor, que fugia ao castigo merecido.

Contemplai que raiva não entrou no Príncipe, quando iludidas viu as suas esperanças! Tenho por seguro, que desse instante mesmo meditou vingar-se, dando ao vosso Esposo a morte. E nesse tempo mesmo em que o vosso amor o trazia frenético, não lhe dava ócio a sua índole depravada: tinha posto a vista em Germância, de que logo me deu parte. Condoí-me da desgraçada Menina, e do desdouro que lhe aprestava esse dissoluto. O Acaso me abriu modo: e este foi o ter valido levemente a Mistress Smith, e daí ter entrada em casa dela; conquisto sua amizade, e a da bela Germância (ousou dizê-lo assim). Familiaridade foi essa, que a não ignorou por largo tempo o Príncipe, nem as outras Meninas que na logem trabalhavam; até me suspeitava amante de Germância, e galanteando comigo, me oferecia o seu préstimo, com tanto que nesse honrado trato tivesse ele a preeminência. Ora, para esquivá-la ao desastre que se lhe preparava, não me impelia somente a inocência de Germância; mas sim e muito, a sua alma tão bem dotada de conhecidas virtudes, que me confirmaram num dever, ingênitamente já dantes em meu peito.

Agora cabe lançar alguma luz nesses desastrados papéis, que por algum tempo, (e quem sabe se ainda hoje) me fizeram odioso a Stanley e a d'Urfay. Profundo nos seus crimes, incrível nos regressos de executá-los, consumado na dexteridade, e política, que para eles se requer, granjeadas solidamente pela reflexão, escrevia o Príncipe (para nunca se afastar do plano concebido) todos os seus projectos: — *Tal dia farei tal cousa; — a tal farei que sigam...* — etc. Como eu era o único Confidente, era o único também a quem ele comunicava esse livro de lembrança: e como eu era o único, ou talvez o mais interessado em desmanchar o projecto; receioso de que esquecendo alguma circunstância, empecesse aos desejos de meu coração; ou que uma leitura precipitada me não deixasse colher todos os meneios do projecto, para os prevenir, a tempo; copiava à pressa, e com olho na porta, e ouvido à escuta: — *Farei*, etc. — *Mandarei*, etc. Não me fiando nas mais seguras, nos entreforros dum sobretudo escondi a minha

cópia, e lá a consultava; e quando o Príncipe duvidasse da minha lealdade, não iria dar lá com ela. Quão assustado me não vi, quando prisioneiro de Stanley, soube que ele tal cópia lera? Mas dobremos folha, que muitos pesares tinha eu ainda de tragar antes de experimentar esse.

Assinalou dia o Conde para partir de Londres, que foi a antevéspera do rapto de Germância: sendo fácil com pretexto de comércio, tirar essa Menina de casa de Mistress Smith, e lançar mão dela. Sabeis como anteparei esse rapto, mas não sabeis, como iludido fui no meu projecto. Um dos do Príncipe, invejoso da confiança que esse em mim punha, folgaria do subir a ela, levantado sobre minha ruína; e como se lhe encomendara o roubo de Germância, de cuja corria em casa fama ser eu o Amante predilecto; ele que me viu sair cedo, no dia destinado para o roubo, suspeitando, que a ia eu avisar, seguiu-me, e viu-me entrar em casa de Mistress Smith, e meia hora depois entrar numa Carruagem com Germância, pôs-se na traseira, e sem que o soubéssemos, tomou notícia do sítio em que havíamos de passar o dia. Mudou o primeiro plano, alardeou ao Príncipe a sua inteligência, aprontou perto de Greenwich a Carruagem, coleou-se na casa de pasto em que estávamos, e apenas me viu afastado de Germância, (que fui dispor algumas cousas) destro, e rápido lucra os instantes; manda um criado insinuar ao Conde como tudo lhe surtira bem. Que foi o Príncipe mesmo que me individuou tudo: tanto o pusera de bom humor essa notícia! E em vez de se enfadar comigo, pelo estorvo que eu quisera pôr a seus amores, motejou-me em razão da peça, que me pregara. Perdoai-me Miss Stanley: ele ignorava a valia duma conquista como a vossa; pois que vos considerava como uma Moça fácil a induzir, e a dela triunfar; persuadido que uma simples fantasia não era de peso tal, que tirasse a confiança um homem que lhe era necessário. Talvez, que se eu tão ditoso fosse, que de seu poder vos arrancasse, o não tomaria ele tão de leve; como porém tinha a presa certa, com bem diferentes olhos considerava, satisfeito em sua alma, todas essas circunstâncias. Vi-me quasi perdido; e foi-me necessário fingir uma afeição, que me não afoutara a conceber acerca de vós: por tanto me perdoou, como a Amante, fraude, que não perdoara, como a Confidente

Partimos de Londres no dia seguinte ao rapto de Germância, e chegado a Paris, soube que meu Pai tirara contra mim ordem de reclusão, porque me souberam vindo nocturnamente ao vosso quarto; que o soube ele, apesar de quantas cautelas se tomaram, porque lhe não fosse aos ouvidos; e furioso de me saber culpado, determinou punir-me. Escrevi a Duprez, que me viesse falar ao sítio que lhe assinalei: como fiquei atónito, quando em lugar de Duprez vi M. d'Olmancé, que entre estreitos abraços: "Sei tudo (me disse) meu generoso Cavalheiro de S. Jorge: consenti que eu me deslembre em vossos braços dos cruéis instantes, que passei depois da minha união, com a mais respeitável de todas as Mulheres. Como me não dais meio, oh Céus, de galardoar tão insigne sacrifício!" Confesso que não fiquei homem, não, a falas tais. Então me explicou M. d'Olmancé, o como descobrira tudo o que se passou depois do vosso Casamento. Deixara cair Duprez, nesse alvoroço, a minha Carta, no aposento de vosso Esposo. Julgai qual foi seu pasmo. Chama pelo Criado, que lhe não dissimula circunstância alguma dos infames desígnios do Conde Federico, e os meios que eu tomara, para lhos desvanecer.

Aqui não poude M. d'Olmancé resistir ao desejo duma conversação comigo; com quem veio ter em lugar de Duprez. Que cores bastarão a vos pintar o pesaroso Duque, quando reflectiu no injusto ciúme, e proceder a respeito vosso? — "Nasci eu pois (me dizia) para tormento dessa adorável Esposa? Bem que sejais (se ousa dizê-lo) de tudo o único autor, impossível me é a não vos admirar, muito e muito arredado de arguir em vós um comportamento que compõe o elogio de vosso coração. E contudo fostes vós quem me forçou a ser o Verdugo dessa desventurosa. Confesso-vos, Amigo, que ninguém pode ser Esposo dela, sem que a adore; e quando o Céu, por ela, me abrasou o coração, foi para me punir da minha crueldade. Como lhe desenvolverei o fio do meu comportamento com ela, sem

-----

(1) Espírito refinado de álcool a 60 graus da quinta essência das finuras da afeição.

lhe descobrir que a amais; como, quando hoje sei que são imaginários quantos agravos lhe supus? Dou-vos por certo, que ela vos ama; mas, Cavalheiro, ela ignora, que vós a amais; e nisso, ao menos, me consolo." Assim nos apartámos, prometendo de tornar a nos ver, todos os dias. "Adeus, bizarro, e virtuoso Mancebo; não ficará sem galardão o sacrifício que fizestes. Bem vedes quanto a minha saúde é ténue; passem ainda breves anos, e deixar-me-á a vida. Olhai-me, como Pai duma Amante, que para vós a conserva; mas entretanto, não quero ser menos generoso, que vós. Toca-me a mim o sacrificar-me. Culpado vosso Pai vos crê, punir-vos quer: toda a aparência odiosa dessa trama quero-a eu tomar sobre mim, e com uma prevenção destruir outra prevenção."

Assim que, ainda nessa ocasião me serviu Duprez, me serviu o Duque d'Olmancé, que o postou lá depositadamente; e lá fez a declaração, que sabeis, e o Cirurgião, a quem se deram boas luvas, por que se calasse; e quantidade de dinheiro que se deu a quantos podiam falar: de maneira, que Duprez saiu vivo da imaginada morte. Nem eu perdia a lembrança de Germância desgraçada; vendo-me, melhor que ninguém, no segredo do livro de lembrança do Conde, atinei com o sítio, em que a retirara. Lá fui; lá examinei todas as entradas, lá deparei com essa portinha, que dava no jardim, cuja chave fácil me foi havê-la. Entro uma manhã no Gabinete, vou-me (foi pressentimento? ou i n s t i n t o ? ) à fatal gaveta do Escritório... Que papel primeiro vejo? O projecto de homicídio de M.<sup>r</sup> d'Olmancé. Não sei se os meus olhos acredite; forçosamente assentei que falavam certeza. Só tendo o pérfido espias suas em vossa casa, é que podia estar informado do dia em que o Duque ia a Versalhes; à vinda se havia de perfazer o atroz delicto. Não cabia perder tempo. Copeio à pressa o funesto desígnio; e como tinha de salvar Germância do poder do Conde nesse dia mesmo, sirvo-me duma Carruagem, que tinha às minhas ordens. Mal agourada Carruagem, que a lançou na mais dolorosa crise! Levava eu Germância ao Mosteiro de Panthemont, eis que Duprez, faz que pare a Carruagem, para avisar-me, que traziam a sua casa quasi morto o Duque d'Olmancé. Fatalidade inopinada!

Que antecipara essa ida o Duque: e esse instante mesmo, em que eu deparava com o projecto do homicídio, era o mesmo em que ele corria à sua perdição. Porquanto avisado, a tempo, dessa partida antecipada, despediu à ponte de Sèvres os cúmplices, que lhe deram o tiro de pistola. O meu primeiro acordo, foi lançar-me fora da Carruagem, acudir a vossa casa, deixando Miss Stanley com Duprez, que a conduzisse onde eu a destinava. Apenas me ausentei, que a Polícia, suspeitosa que meus misteriosos passos tivessem algum liame com o homicídio perpetrado, encarregou um de seus Officiaes, que me seguisse, e prendesse quanto servisse a esclarecer esse caso crime. Bem conheci o engano; bem me penalizou a alma; mas quão impossível o acudir-lhe com presentâneo remédio! Vou de voo buscar M.<sup>r</sup> d'Olmancé, entro no quarto, quando vós saíeis, ou (por melhor dizer) quando desmaiada de mágoa, vos levavam ao vosso leito. Foi lance, em que depostas as cautelas usais, segundo o fito que eu levava, não me estorvaria a vossa presença, de mostrar-me. Cuidei que ali morria, quando o abracei. "Não podia esquivar os meus iníquos fados (me disse). Vive, sim vive, honrado Cavalheiro, para me substituíres, para adoçares os dias duma Esposa, que eu, a muito pesar meu, desventurei. Assaz forças conservo ainda para lhe dar azo de te fazer ditoso, recompensando com a maior parte dos meus bens, que lhe deixo à sua disposição, a pessoa, que por glória dela se sacrificou a si; o melhor Amigo, que teve d'Olmancé. Nem nisso injusto sou: que Senhor sou do que é meu; o meu legítimo herdeiro é suficientemente rico, e dispensar-se pode de maior abastança."

Entre copiosas lágrimas me abraçou, me pediu que me ausentasse, e que não mais viesse vê-lo; que poderia o ver-me lançar algum amargon [?]esse derradeiro prazo, que ele queria consagrar aos deveres da Religião, e a dispor de seus bens. De seus braços, quasi morto, me arranquei; e o meu primeiro assomo foi de ir vingar-me no infame Príncipe; o segundo interessar-me a favor de vós que desde esse momento me contemplei como vosso único defensor. Mas podia eu fraquear aos golpes desse adversário; e fora deixar-vos então ao capricho desse monstro. Feliz, que vos tomou o Céu sob seu amparo, inspirando-vos que buscásseis a sombra, de M.<sup>r</sup> de Selville, logo que o Duque fechasse os olhos: um ou dous dias mais que tardásseis, tudo

aprestado estava para arrebatá-vos; porque só por gozar mais folgadamente da sua vítima, se descartara do Esposo. Ao sair de casa de M. d'Olmancé, duas ou três horas fiquei aniquilado com o peso de horrores tantos. O interesse de Miss Stanley, que gemia em tão triste e injusto  
cativeiro,  
me arrancou (para assim dizer) de mim próprio. Não tinha, além de d'Urfay, em quem me confiasse; fui buscá-lo, como dele o sabeis, e o mais venturoso successo coroou os meus desvelos.

Apesar da minha arraigada indignação contra o Conde de W\*\*\* fui, no dia seguinte, vê-lo, e no semblante lhe avistei os sustos que lhe dava o Cocheiro preso, a fuga de Germância, e os restos que de vida conservava ainda M. d'Olmancé. Como ele me julgava bem arredado de suspeitar todos esses tratos, não cuidou em me descobrir o âmago de seus pensamentos; que nem ele ainda sabia que nessa Carruagem fora Germância presa; dias passaram, antes que o soubesse. O Cocheiro porém, que me era affecto, nunca confessou que fora eu quem a tirara daquela casa; respondeu nuamente, que um dos Criados, que a servia, viera pedir uma das Carruagens do Príncipe; e que pelas ordens que tinha de obedecer a quem viesse da parte dessa Senhora, não recusara. Esclarecer esse facto era impossível; porque fugida Germância despargiram-se assustados os de seu serviço; e desde esse instante, lhe vieram mais sérias occupações, que as de pesquisar Criados.

Apenas me viu, me insinuou logo a que me dispusesse a partir, porque negócios urgentes o chamavam com brevidade a Inglaterra: Como nessa conjuntura me era mui relevante o assistir em Paris, constringendo-me quanto pude, lhe pedi, que me deixasse ir passar algum tempo com a minha família, restaurar a saúde que de dia em dia se me enfraquecia; e se arruinava. Foi-lhe fácil crer-me; e como os tormentos em que lidava, se me debuxavam ao vivo no semblante, de verdade me teve por doente. Deu-me alguns meses de licença mas que lhe desse parte da minha morada, para me escrever, se de mim necessitasse. Despedi-me dele, crendo que pela última vez; mas quis ainda o Fado, com diversos embaraços, que eu dele me aproximasse.

Feneceu sua carreira o Duque d'Olmancé; e soube logo, que apenas morto, partistes para casa do Senhor Comendador. Confesso,

que em despeito da mágoa de perder Amigo tal, concebi a mais viva alegria, de vos ver salva das astúcias do Príncipe. Tantas revoluções, umas sobre outras, me causaram tão violentas febres, que me tiveram 15 dias de cama; e se conservei a vida, aos desvelos de Duprez a devo, que entrou em meu serviço, logo que o Amo lhe morreu. Quem dissera, que sem se descuidar de me assistir, ainda ele achava tempo de esquadrihar o que fora se passava? Pois por ele é que eu soube que o Conde tinha partido para Inglaterra, repentinamente. Então, a alegria de o ver distante, e o desejo, Senhora, de tornar a ver-vos, e a minha boa compleição, adiantaram a melhora; de sorte, que apenas pude suportar a jornada, tomei Carruagem, e parti para Selville, onde passei, junto de vós, os mais agradáveis seis meses da minha vida, mas também os mais infortunosos. A resolução que vos inspirou o testamento de vosso Esposo, me fez grande admiração, quando me despedaçava, quando punha silêncio ao meu amor, que tomava azo de se manifestar a vós. Convinde porém comigo, que então fora eu Amante bem pouco delicado, se em tal momento, nele vos falasse: persuadir-vos-íeis, que o interesse, e não mais, me abria a boca, assustada de perder uma riqueza, que a gratidão de vosso Esposo me reservava, porque de vossa mão a mim viesse. Tanto o desejava eu, como vós, que a vossa Demanda se perdesse, para que, sem macular a minha generosidade, désseis ouvidos ao meu amor. Vede como se me originou meu infortúnio, e como uma disposição, que o vosso Esposo fez, para assegurar a minha Dita; como tudo o que devera concorrer, a me chegar a vós, serviu pelo contrário, a, para sempre, me pôr longe. Funesto eleito duma prevenção, (não a direi injusta) que vos odiou até os dons de quem lá no íntimo, tanto como eu, desejava a vossa felicidade; e que gostoso encarou com a Morte em razão de que ela despedaçava laços, que ele via mui bem, que vos eram insuportáveis.

Quando enfim partísteis de Selville, capacitei-me que esse adeus eterno fosse, sendo a meu parecer inevitável o vencimento da vossa Demanda; afigurando-me que todos os vossos julgadores vos veriam com os olhos, com que eu vos via; e não me enganei; que leváveis vossa virtude por abonado fiador do vosso comportamento. Em que estado fiquei eu? Ninguém, a quem pudesse abrir meu peito! E d'Urfay, que só tinha essa prerrogativa, tão distante de mim, que lhe

era negado salvar-me da desesperação! Desse transe me veio arrancar um novo acidente, que me arremessou (para o dizer assim) à Morte, que das mãos de Stanley se me dispunha. Descuidado do Príncipe, então em Alemanha depois de assistir 6 meses em Londres, assentava eu, que envergonhado do pouco fruto que colhera de seus ciúmes, lhe ficassem só remorsos na lembrança... Era honrar sobejo sua alma tão m a l v a d a !  
Eis que recebo esta Carta:

“É de pasmarmos, querido Carlos, que honrado com tantos favores meus, me descuideis assim. Por indiferença? tal não creio. Por mesquinho galardão de vosso préstimo? Em despeito de vossa deslembração, vos faço Camarista de minha pessoa; dado que ignore a linhagem vossa. Aí dareis com a chave dourada, e c’o Diploma, nova mercê, que tomarei por fiadora da vossa lealdade e préstimo, mais úteis que nunca, nesta ocorrência. Não me posso descartar da paixão amorosa, que essa danada Mulher me inspirou: tenho de a satisfazer, ainda quando em perigo a vida ponha. Ela vem a Paris, e agora não tem Marido, que a defenda. Tudo está pronto, só me falta uma boa cabeça que de inteligência aos que nisso emprego, e em cujos não fio demasiado. Vinde, mal que recebeis a Carta: e no subúrbio de S. Dinis, à Águia de ouro, perguntareis por uns Negociantes Húngaros, que executarão quanto lhes ordeneis, depois de vos comunicarem certas instruções. Fortes razões tenho para não remeter a Duquesa para Alemanha; mas tenho em Malta um Amigo seguro: levai-a lá, e dando-me dela parte lá receberéis as minhas ordens. Inútil fora nomear-vos quem; está avisado, e mal que chegueis, se mostrará. Fidelidade, prudência, e saber calar: de vós o espero, porque mo deveis assim; e as minhas mercês sobrepujarão vossos desejos.”

Esse novo transe me recuperou a coragem, que a vossa despedida me roubara. Então, Senhora, chamei a mim todo o meu remanso, para pesar maduramente o que me relevava cumprir. Era a Carta de antiga data: *Ir eu a Paris! quem sabe se vou já tarde? Vou-me a Malta, e ou lá morro, ou lá vos salvo. O desejo que mostrei de entrar nessa Ordem, quando adolescente, seja o pretexto da minha viagem.* E súbito parti. Não sei o que me salvou da desesperação quando prisioneiro fui de Lord Stanley. Assentei que o instante que me punha em prisão, vos lançava nos

braços do meu rival; e quando a este pesar cresceu a perda dos meus papéis, quasi que perdi o juízo. Que horrenda situação! Privado subitamente do único bem que à vida me prendia! asoberbado de alheios crimes; ninguém que me vindicasse inocente; Duprez tão mencionado nesses papéis, cúmplice meu por prémio da sua fidelidade, e aquinhoado no suplício preparado (ao que então via) para o meu castigo! Ah! que só de o eu pensar, estremezia.

Chego a Londres, onde respiro algum alívio; Duprez me escreve, que vigiado por ele, derrotado fora o projecto do Príncipe, e vós a salvo. Contar-vos as aventuras que se me seguiram fora contar-vos o que já sabeis. Achei o Príncipe agastado do mui baldados que tinham sido os raptos que maquinara; cansado não. Esta última tentativa tinha surtido efeito, e quando eu corria, a vos tirar de suas mãos, deparei com a Morte, nos umbrais quasi daquela Senhora, a quem, com gosto, tudo sacrifiquei, sossego, mocidade, lidas, saúde, e (ousou dizê-lo) até a reputação mesma: pois que consenti passar por um malvado, ante os olhos do homem, que eu mais amo, e que é mais credor da minha estimação, em todo esse tempo, em que me não pude justificar, sem que ao mesmo passo sacrificasse as virtudes, e a vida duma Senhora, que merece o acatamento do Mundo todo. Nem o Céu amparou meus dias, sem a intenção, de que alcançasse eu a Coroa, pela qual tanto contendi: e outro sim, se os meus ténues serviços têm ante vós algum valor; eis que juntos todos os vossos Amigos aqui estão, em suas mãos ponho a minha sorte; a faculdade lhes dou de se lançar a vossos pés, e q u e vos instem que me concedais a recompensa que eles julguem, que me é devida.»

Com entusiástico brado lhe responderam todos os Amigos de M.<sup>da</sup> d'Olmancé. Abraçar, apertar, alagar de lágrimas o virtuoso, o esforçado Cavalheiro de S. Jorge, foi um geral impulso. M.<sup>da</sup> de Sémiane, de S. Pers; o Marquês d'Urfay e sua Mãe, e Miss Stanley, e até o Comendador, como de concertado accordo lançados aos pés da Duquesa, com os braços para ela estendidos, com os olhos vertendo lágrimas, com os peitos oprimidos com soluços, lhe apresentavam o Cavalheiro, e lhe clamavam. — «Este seja o Esposo vosso; adorável Senhora, galardoai suas virtudes.» — A Duquesa, que atéli, com

carregado silêncio, se contivera, de repente se ergue do perguiceiro onde ouvira imóvel toda a narrativa do Cavalheiro, e c'uma voz animada de furores surdos, exclama: «Cessai esses importunos rogos; cruéis Amigos, já não é tempo; prometida tenho a mão de Esposa.»

«Oh não, não, infortunosa Dama (diz com reforçada voz o Duque d'Olmancé) oh não, vós nada prometestes. Ei-la a promessa, que encerrava a minha inteira felicidade (abre a Carteira tira a promessa, e rasga-a em mil pedaços). A mim, e a mais ninguém compete tão generoso sacrifício.» E quão doloroso foi o espectáculo, que então se ofereceu a todos os daquela companhia. O Cavalheiro de S. Jorge; ou já que a longa narrativa, ou já que a ardência com que falara, lhe descerrasse a ferida... ei-lo estendido no chão todo lavado em sangue; caído num mortal delíquio. Que horror não lavra nos ânímos de todos! Erguem-no, levam-no: todos a uma voz: — «Morreu.» — Entranhada de gratidão acerca do generoso Amante, que a tudo se sacrificou por ela, vem chegar-se ao Cavalheiro; com enxutos olhos contempla a palidez da Morte derramada pelo rosto dele, fica imóvel, fica naquele remanso aparente, que é o retrato da desesperação mais rematada, e arremessa-se a esse vulto inanimado. O Duque d'Olmancé, mais morto que vivo, com arrastados passos, fraqueando-lhe os joelhos, e empinados para o Céu os braços, lhe estava suplicando que desse aflitíssimo espectáculo se desviasse. Ela então se ergue, volta-se ao Duque; põe-lhe olhos fitos: «Vós, a quem prometi tomar-vos por Esposo, olhai, e não tomeis ciúme; vede o que concedo ao mais digno de quantos homens há... (então imprime um beijo na desbotada face do Cavalheiro). Foi o primeiro que lhe dei, e tem de ser o derradeiro.»

Não poude M.<sup>da</sup> d'Olmancé resistir à tempestuosa borrasca que lhe disferiu no peito: assaltada de ardente febre dentro de meia hora rompeu em delírio tal, que deu sustos a todos os seus Amigos. Festivos bravos vêm a seus ouvidos enleados com o nome do Cavalheiro de S. Jorge. — «Ah que se ela tornasse em si, como se não restauraria de tão perfeito, e tão enternecido Amante!» — Abrem-se-lhe os olhos alvoroçados, e fitam-se no Duque, e em M.<sup>da</sup> de Sémiane: «Que é o que eu ouço? o Cavalheiro?...» (M.<sup>da</sup> de Sémiane): «Está com vida.» (A Duqueza): «Como! Pois não morreu?» (O Duque): «Não, M.<sup>da</sup>, eis que as forças se lhe aviventam.» Fala-lhe o Comendador, fala M.<sup>da</sup> de

Sémiane; todos os Amigos lhe dizem, que o Duque seria como um desesperado, se ela não premiasse com o título de Esposo, tão fino, tão desinteressado Amante. Derrama-se-lhe nos lábios um sorriso brando; põe dúvidas: «Enganar-me-iam? Não.» Recobra forças; vê o Cavalheiro, restaurado quasi por milagre; consente a dar-lhe a mão de que ele tão digno se fez. O mesmo dia em que himeneu o coroou coroou também esse mesmo Deus ao Marquês d'Urfay e a Miss Stanley: de maneira que se transformaram em rosais, e em murtas amorosas, os funéreos ciprestes que queriam crescer à roda de dous Amantes dignos de mais ditosos fados. Oh venturosos sejam, e seus anos se prolonguem sem nuvens de tristeza, nem desastres!

FIM DA TERCEIRA E ÚLTIMA PARTE





---



---

 CARTA I.<sup>a</sup>

**E** foi possível que um minuto de enfado concebesses contra mim? E que eu com a afeição mais terna, com a afeição mais delicada te desse um único instante de pesar? De que remorsos, ai mísera de mim! não fora eu atormentada, se quebrantado houvesse a fé que te hei jurado? Ah! que se excesso há de que acusar-me eu deusa, é o do muito que eu fiel te sou; é de que ainda esse enfado eu to perdoe. E porque consentir eu remorso tal? E não tenho eu razão de me queixar? E não fizera eu agravo a esse teu affecto, se consentisse sem ressentido murmúrio, a força de me soltares o menor dito? E quanto, oh Céus, arguo minha alma eu de contínuo, de que ela não patenteia assaz o ardor de seus impulsos; quando tu... todos os segredos de tua alma cauteloso fechas! Quando nadam em languidez meus olhos, acuso-os do mal que eles servem ao meu amor, e de que sonégam ardores de meu peito quando eles sobejam de vivos, também os acusa a minha languidez: com as acções de mais claro grito, inda me parece que assaz me não declaro; quando tu dum nada compões segredo. Oh quanto esse teu proceder magoou minha alma! E quanto dó, se me visses, te eu causara! E quanto, se então, me pudesses ver os pensamentos! Mas donde me vem o curioso empenho de decifrar o que volve em teu coração? E lá deparar talvez com tibiezas, e (quem sabe) com deslealdades? De honrado mas encobres; e desse encobrir, obrigações te devo: que me esquivas o pesar de te ver indiferente comigo; e condoído da minha fraqueza me dissimulas o que de mim sentes. Ai de mim! Que a conhecer-te eu, de primeiro, tal, bem pode ser, que pelo teu se moldasse este meu peito. E ora tu, então hás resolvido amar-me tívio, dês que viste que em fúrias de amor me abraso. Não que da compleição te venha o poderes refrear-te assim: que bem reparei eu ontem quanto de assomado tens:

bem que assomos tais não tos cause a cólera, mas tão somente o ultraje. Ingrato! Quais tens de Amor queixumes, que tão má parte nele tomas? Porque não empregas esses ímpetos, em correspondência destes meus. Quem impede acelerarem-se os passos com que adiantemos a nossa felicidade? E quem, ao ver quão apressado te retiras do meu quarto, imaginaria o quão lento buscá-lo vens, quando Amor de lá te está chamando? Cabe que leis te imponha um coração que todo se entregou? Vai-te que em castigá-lo bem fizeste: que eu de vergonha morreria, se de algum movimento meu me desse por Senhora. E quão bem que sabes o como se castiga essa espécie de revolta! Lembras-te acaso do aparente remanso com que me ofereceste ontem de me ajudar a mais te não ver? E tiveste ânimo de tal me oferecer; e pensamento de que eu tal aceitasse? Tanto tem de melindre o meu amor, que mais dolorosa me seria de delito em mim, que em ti, se o cometesses; que mais ciosa sou desta afeição minha que da própria tua: e mais te perdoara uma infidelidade, que o suspeitar essa em mim. Sim; que mais folgo de me ver leal contigo, que comigo tu leal. Tão preciosa é a ternura com que te amo e a estima em que te prezo, e tanta glória concebo dela, que não avalio maior delito, que o dela duidares, Duidares tu, quando tudo, no meu coração, no teu, se afinca a persuadir-to? Não há hi um único descuido teu que te não ponha aos olhos que sobe a adoração o meu affecto. Tanto me tem o Amor instruída em me aproveitar de todo o lance; pois a reserva mesma de acariciar-te tem de te convencer do excesso desta paixão minha. <sup>(1)</sup> Comprazimento é este meu, em que não sei se hás reparado. Quantas vezes não hei reprimido, quando entras os impulsos da minha alegria, só porque nos teus olhos atentei que me pedias mais moderação! Agravo me fizeras, se nessas ocasiões, não reparasses no quanto me eu constrangia. Sacrifícios que te eu fazia; e que me eram os mais custosos que nunca te fiz. Nem tos lanço por tais em rosto. Que me val ser eu, ou não perfeitamente ditosa, com tanto que o que falta à minha Dita, aumente a tua? Vira-te eu mais empenhado a meu respeito, e oh quanto jubilara então no conceito de ser a mais amada! mas tu não jubilarias de o seres tanto. Fora esse o caso de imaginares, que algo ao teu amor devias: e eu me daria os gabos de que à minha inclinação devesses tudo. Não abuses todavia dessa minha amorosa

bizarria, cerceando desse apoucado empenho que inda demonstras para comigo. Sê também generoso como eu, e vem-me protestar, que dá mor vulto à tua afeição o desinteresse desta minha; e que em arriscando de cometer tudo ao azar, nada eu arrisco; e que tão fiel, e tão terno me serás sempre, quão fiel, e ternamente eu tua sou.

-----

---



---

 CARTA II.<sup>a</sup>

COMO é feia (não te minto) a Senhora, que ontem à noite dançou! E o Conde da Cunha andou mui mal em dá-la por formosa. E ficares tu horas esquecidas ao pé dela! Pareceu-me pelo ar que no semblante dava, que não despontava de discreta, no que ela te dizia: mas nada menos boa parte do tempo que durou a visita, com ela conversaste; e quão duro me foi ouvir-te que te não desagradava a sua conversação! E que falas de encanto tal te há ela dito? Novas foram de alguma Dama de França, amores teus? ou começava ela já a dar-te amores! Que conversação tão aturada só Amor sabe entretê-la. Esses teus Franceses d'há pouco vindos, não me pareceram bem agradáveis; todo o serão causaram meu martírio, c'os mais galantes ditos que imaginar souberam; ditos affectados que me não podiam divertir; deles só me procedeu; a noite toda, desatinada enxaqueca, de que não deras tino se de mim o não souberas.

Não duvido, que andam os teus servos empregados em saber novas de como essa Francesa afortunada se acha hoje do cansaço de ontem; que tanto a fizeste dançar, que bem se pode inculcar doente. Que atractivos encontraste nela? Que ternura lhe supuseste? Que lealdade mais firme que a de outrem? Ou que inclinação mais pronta a querer-te maior bem do que eu te dei a demonstrar?

Cousa impossível! Tu muito o sabes, que só de te ver passar, se me ausentou todo o sossego da minha vida; e sem que me atalhasse o pundonor do sexo, nem o da nobreza, fui eu a primeira que diligencieiei os acasos de tornar a ver-te. Se ela mais fez do que eu, direi que ela se acha esta manhã à cabeceira do teu leito, e que lá deparará com ela Durino meu criado. Para felicidade tua, o desejo assim. Que me empenho eu tanto em tudo o que te pode aprazer, que cortarei, enquanto eu viva, pela minha Dita, por aumentar a tua. E se para

contentar

essa

Beldade a regalias com a leitura desta minha carta, dá-lha sem escrúpulo a ler. Nem, para o adiantamento de tuas pretensões julgo eu inútil essa leitura; que apelido tenho eu bem conhecido neste Reino, e assaz me adularam de formosa; mas já de o ser me despersuadiu o teu desprezo. Para essa nova conquista bem podes por exemplo dar-me; e dizer-lhe que estremecida te amo. Convirei gostosa; que antes quero contribuir para a minha perdição, que pôr em negativa tão qualificado afeito.

Sim. Que te amo eu mil vezes mais do que a mim própria, neste mesmo lance de ciúmes, em que te escrevo. Confesso que o modo, com que ontem precedeste, me arrojou centelhas de raiva no coração; e (porque nada oculte), desleal te creio. Aborreço a Marquesa de F... que deu azo a que visses essa Dama pouco há chegada. Quisera eu, que nunca viera ao mundo a Marquesa de F... pois que no dia de seu casamento é que tu me entranhaste na alma a Dor que sinto. Aborreço o que inventou baile. Aborreço-me a mim própria; e sobretudo aborreço ainda essa Francesa mil vezes mais. Entre tantos aborrecimentos nenhum porém teve a audácia de se chegar a ti; que ainda infiel, te considero amável. A todas as luzes que te eu veja, e até ainda aos pés dessa cruel rival, que toda a minha felicidade perturba, encontro em ti incentivos tais, que em nenhum outro homem se deparam. Quão louca eu sou! Muito me enojara que os não vissem em ti, os mais, quais eu os vejo. E dado que a essa opinião eu persuadida esteja, que jaz pendente a perda para mim, da afeição tua, antes despenhar-me consinto nesse desesperado pego, que cercar-te um só dos gabos que mereces. Como porém concorda Amor contrários tais! Dessa opinião vem que maior ciúme não cabe que haja, do que o meu ciúme acerca de quanto te diz respeito; e iria eu não menos ao cabo do mundo granjear-te admiradores. Aborreço essa Francesa, com tão entranhável ódio, que não ha aí crueza que em destruição sua eu não executara. Desejara-lhe eu a Dita de que a amasses, se em mim coubesse, que com esse amor tu mais ditoso foras.

Sim. Que o teu contentamento o prezo eu em muito; e por te ver contente, me dera eu por bem venturosa, se todo o prazer da minha vida o sacrificasse a um instante de teu gosto. Oh! como, sem hesitar

eu o faria! Porque não és tu como eu? Se quanto eu te amo, me amaras tu, que ventura para nós ambos! A tua Dita, a minha fora, e mais completa ainda fora a tua. Ninguém em todo o mundo concebeu em seu peito amor tão avultado; porque ninguém concebeu tanto, o muito que tu mereces: e de compassiva morreria eu, se capaz te imaginasse de firmar o teu amor em outra Dama. Habitado à maneira com que eu amo, não acertarias com quem tão ditoso te fizesse, como o és comigo. Por mim julgo as outras Damos, e sinto dentro de mim, que só eu para ti nasci. Que fora do melindre de teu ânimo se não deparasse c'um coração tão delicado! Esses olhos tão eloquentes, e tão bem compreendidos, quais, a não ser os meus, saberiam responder-lhes? Dá-o por impossível! Amar? só nós ambos o sabemos: e de mágoa morreríamos um e outro; se diferente empenho sorteassem nossas almas.



---



---

 CARTA III.<sup>a</sup>

QUANDO é que terá fim essa tua ausência? E passar-se-á inda hoje o dia sem que a Lisboa volte? Tão esquecido estás de que há já dous dias que partiste? Imagino que puseste na vontade achar-me já defunta quando volvas! E que menos por acompanhar El-Rei na visita que ele fez às Naus deixaste a Corte, que por te descartar duma importuna Amante. Com efeito, essa eu sou (demo-lo por assentado) em sumo grau: que uma ausência de 24 horas me chega aos umbrais da morte, e o que para qualquer sobeja felicidade fora, não o é para mim sempre. Tempos há em que te não contemplo assaz rico de venturas; outros em que te considero tanto delas abastado, que de outras, e não de mim te vem essa riqueza. Até me dão tristeza os meus transportes, quando percebo que não reparas neles como eu quisera. Assustam-me essas tuas distrações. Quisera-te eu recolhido em ti mesmo, quando eu sei tudo o que dentro de ti se passa: e desespero-me quando por descuido teu, não saís ao ímpeto de meus arrojós.

Confesso meu desatino; mas que prudência cabe em quem tanto amor como eu encerra? Razão seria que mais quietação em mim houvesse, neste mesmo prazo em que te escrevo, quando sei que a dous passos estás de mim; que o teu dever é quem lá te demora; e que eu pudera ir ver-te, a não mo impedir a moléstia de meu Irmão, que logo que partiste adoeceu. Quando sei que onde resides, não residem Damas... Agudo espinho arrancado de meu seio! Mas quantos não pungem ainda a mísera Amante que tanto amor como eu concebe! Essas Naus, essas guerreiras armas, e petrechos têm de te desavezar dos pacíficos prazeres do Amor: e quem sabe, se nesta hora mesma, não estás tu delineando o instante do nosso apartamento (infalível infortúnio!) e  
 excogitas meio de preparar o teu coração para esse transe! Ah! que me

não fora mais funesto o ver-te em companhia das mais raras formosuras da Europa, que essa artilharia, no caso que tal efeito em ti produza.

Não que eu combater queira com o que a ti deves, pois que mais que a mim própria, estimo o teu pundonor, bem inteirada de que não vieste à luz para passar teus dias junto de mim. Mas meu gosto fora; que te horrorizasse esse necessário dever, no mesmo auge que a mim me horroriza; que nesse pensamento estremecesses, e que quanto mais é inevitável esse apartamento, tanto mais imaginasses, que, sem morrer, te fora impossível suportá-lo. Nem me crimines de que amo ver-te a braços com a desesperação; que não tens tu de verter uma só lágrima, que eu não anseie de enxugá-la; e hei-de sempre a primeira ser, em te pedir que briosamente suportes o transe que, por sobeja dor, me arrancará a vida. Que não houvera aí para mim consolação, se eu crera, que vim ao mundo, para que fosse tua desconsolação a minha ausência. Qual é pois o meu desejo? Não o sei. Desejo toda a minha vida amar-te, e até adorar-te. Desejo, a ser possível, que me ames tu, como eu te amo. Desejos tais só loucas como eu os podem ter. Não te enoje de mim o ver-me em tal loucura: que a não ser por ti, por nenhum outro em mim coubera. Loucura, que eu nunca trocar quisera pela mais sólida prudência, se para a ter, relevasse amar-te eu menos. Tens mil prendas no teu juízo, e outras tantas me dizias ter descoberto em mim; prendas a que eu nada menos renunciara, se da nossa loucura aos progressos empecessem. Nas acções de nossa alma só o Amor deve domínio ter: tudo se lhe deve, em tudo se deve contentá-lo; queixe-se a Razão, ou não se queixe. Foi tal teu parecer, desde que não me viste? Receio que ora haja recobrado toda a liberdade do juízo. E está ele inda nessa posse, quando pensas numa guerra que te deve separar de mim? Não cabe em ti traição tão feia. Certo: cada soldado que vês, te arranca um suspiro, e já saboreio o gosto de que te ouvirei, quando voltares, que tem dias de vago o teu juízo, e que toda a jornada te vagueou. Segura estou eu que ninguém te boquejou em mim; em mim que não tenho esse defeito de sobeja razão; antes desarrazoo em modo tal, que se espantam quantos me escutam. Se não fora a moléstia de meu Irmão, que pretexta os meus devaneios, todos os de casa assentariam que sou louca rematada. Pouco falha, que o eu não seja; e

pelo desconcerto desta Carta podes tirar o desmancho do meu juízo; e dela tirarás os motivos de arguir-me.

Os estragos que em meu semblante fez a tua ausência, dá-los-ás por mais jucundos que a frescura da mais linda tez; e por horrível me tivera eu, se três dias privada de te ver, afeiada me não tivessem. Que será de mim quando passarem seis meses, sem que eu te veja? Não me verão mudança no rosto, porque ao separar-me de ti cairei morta. Ouço ruído pela rua; bate-me o coração. Serias tu, que chegues! De dessorsego, e impaciência acabo. Não sou em mim. Ai mísera! Não te poderei ver que de alvoroço me não sinto. E se não és tu a quem espero, tal turvação e tão revoltosos movimentos me tirarão o lume da alma.



---

---

CARTA IV.<sup>a</sup>

**E** tenho eu de ver sempre em ti friezas, e perguiça? sem que cousa alguma turve o teu remanso? Só poderá dar-lhe abalo, lançar-me eu em braços dum rival, e que o vejas tu? Menos essa inconstância, que nunca ma consentirá o meu affecto, todas as mais te dei a perceber. Aceitei a mão do Duque de A... no passeio; de propósito me sentei à ceia ao lado dele; olhei-o com ternura, cada vez que vi, poderias fazer reparo, disse--lhe mil ninharias ao ouvido por que as tomasses por cousas importantes; e não consegui que se te alterasse o semblante. Ingrato! desumano! que tão pouco amas, a quem tanto te quer. Desvelos, favores, fidelidade minha não te merecem um rasgo de ciúme? Tão pouco apreço faz de mim aquele, que mais precioso me é que o meu sossego, que o meu pundonor, que vira sem estremecer deixá-lo eu por outrem! E para que eu trema uma sombra me sobeja. Só de pores em qualquer Dama os olhos me toma o frio da morte; uma acção tua de mera civilidade, me custa um dia de desespero. E tu vês com sossegados olhos, que diante da tua presença falo com outro todo um serão. Ah! que nunca me tiveste amor! Sei, e muito o como se querem; assim não creio que amor sejam afeitos tão contrários aos meus. Que não fizera eu para te castigar dessa frieza? Instantes há, que assomada, e despeitosa pusera em outrem o amor que em ti emprego. Mas como? se no calor mesmo desse despeito, nada avisto que amável seja como tu és! Inda ontem, quando as tuas tibiezas te despojavam de atractivos, fitos estes olhos meus em cada acção tua, só para admirá-las tinham vista. Os próprios teus desdéns ressumbravam grandeza, e debuxavam fidalguia de génio; e de ti é que eu falava ao ouvido do Duque: tão pouco está em mim aproveitar-me dos lances de ofender-te! Tinha sim muito a peito picar-te de maneira, que me desses azo a dizer-te alguma aspereza às claras. — Eu dizer-ta? quando do sobejo

amor é que a cólera me nasce? E que no mais subido das raivas que me dava o teu sossego, deparava com razões de o defender, se tão desassisado não fora o meu affecto? Tanto mais que tinha meu Irmão em nós os olhos, e mal de mim se ele rastreasse em ti a menor intenção de me querer falar. O que todavia te não atalhava de teres ciúmes; que, sem que outrem o percebesse, eu colheria do teu mover de olhos; que houvera eu bem visto neles cousas, que os mais da sociedade não devisassem como eu. Mas ai! que nada vi do que eu neles espreitava. Vi amor; mas em caso igual, morar neles amor! Queria ver neles despeito, raiva; que em tudo me contradissem, que me achassem feia; que namorassem outra Dama; e por último que faiscassem de ciossos, pois que eu tais aparências desleais mostrava. E tu em troco desses assomos naturais de verdadeiro amor, me pagavas com mil louvores meus; me apertaste a mesma mão, que eu, tinha ao Duque dado, mão de que deveras ter horror. Quasi que vi o instante que me deras parabéns que se inclinasse a mim o mais honrado fidalgo da nossa Corte. Insensível! Assim é que se ama? Assim é que eu te amo? Ah! que se antes de te amar, como eu te amo, houvera descortinado em ti igual tibieza... E quando a houvera eu visto, como agora a vejo, e maior ainda que ela fora, poderia eu resistir à força que me dobrava a te amar? Violento affecto, de que não pude ser Senhora! E se eu derramo os olhos da imaginação pelos prazeres, que dessa minha afeição me provieram, não posso arrepender-me de que no peito lhe dei pousada. Que não fizera eu quando contente de ti, se transportada de amor, agora mesmo que mais motivos tenho de queixar-me... Mas tu me conheces bem; satisfeita me viste, e viste descontente; agradecida, e queixosa é sempre entre iras, ou agradecimentos extremosa Amante. E não te dá emulação carácter que é tão de apetecer nas Damas?

Insensível (mais que muito amado), ama-me quanto és amado: que só no amor consiste o prazer perfeito; da extrema afeição nasce o prazer extremo: e mais mal faz a tibieza aos que a possuem, que aos que ela amargura. Ah! que se bem sentiste o que vale um amoroso arrobo, quanto tens de invejar os que ele adita! Para o amor mesmo que tu me tens, rejeitara eu esse teu sossego de ânimo. Ponho alto preço aos meus transportes, como quem os contempla pelo melhor

bem que eu possuo: e antes quisera nunca mais ver-te, que ver-te sem

---

---

CARTA V.<sup>a</sup>

DO estilo da tua considero que quiseste tentar a minha docilidade: que não é crível te viesse ao pensamento que eu outrem ame. Paciência. E dado que esse conceito em que me tens seja mortal agravo do melindre com que te amo, já muita vez de ti me veio, a mim, que te amo mais do que ninguém amou. Dares por rematada a minha deslealdade! dizer-me injúrias! Querer-me persuadir que tornarei a ver-te! Tal não cabe no sofrimento meu. Fui ciosa: mas onde há grande amor lavra o ciúme. Ciosa sim, mas sem bruteza, que entre os vislumbres dos zelos, e os assomos do despeito, distingui sempre que eras tu o suspeitado. Mas que falhas não encontro no teu modo de amar; e quão mal o entendes! Como vem claro o pouco amor que te jaz no peito; e o que, quando o não estudas, te escapa do coração, tão pouco é digno é do amor! E como assim! esse teu coração, que eu, à custa do meu, comprei, e de que me fiz benemérita por tantos extremos e finezas, e de que me deste palavra, e fé de ser eu dele a única possuidora; esse coração é capaz de me ofender assim! E são injúrias os seus primeiros movimentos? E quando lhe dás largas, se desmanda em ultrajes?

Para te castigar, Ingrato, das suspeitas que concebeste, essas te deixo; e o teu tormento fora duvidar do que te devera ser suave, se me creras leal e terna. Fácil me fora desmagnar-te; quando mormente, para sossego próprio, me é vedada a liberdade de ofender-te. Mas quero deixar-te nesse engano para vingança minha; e se crédito dás ao meu ânimo dissaboreado, dá por justas as tuas conjecturas todas, e dá-me a mim pela mais infiel de todas as mulheres. Esse homem todavia de quem zelos concebeste, nem visto o tenho eu; nem há hi prova, a que eu desassombrada me não sujeite, se eu quisesse dele, e dessa Carta, que dizem minha, dar-te plena satisfação Dá-la! E

porquê? Por invectivas? Para daí me concluíres tão aviltada como me tu designas e entenderes que pelos teus ameaços me justifico? — Não me verás jamais (me escreves); vás-te <sup>[xxx]</sup> de Lisboa, por te salvar do infortúnio de encontrar-me? Apunhalarias o teu mais íntimo Amigo, se tão traidor te fosse, que à minha casa te trouxesse? — E, que te fez, Cruel, a minha vista, que te é tão insuportável? Ela que sempre, só prazer te anunciava? Estes olhos em que nunca devisaste senão amor, e ânsia de to demonstrar? Para os não ver, te ausentas de Lisboa? Ah! não te ausentes, que eu te pouparei o desvelo de evitar a minha vista. A mim, que não a ti compete essa ausência. Sim: que te não custou a minha vista mais que a faculdade de me deixar amar, quando a tua me custa todo o sossego e toda a minha ufania. Também confesso, que bem vezes foi todo o meu contentamento; que ainda hoje me debuxo na alma o íntimo abalo que então sentia, quando imaginava teus passos distinguir pelos passeios, e o suavíssimo desleixo que se apossava de meus sentidos, quando meus olhos se encontravam com os teus; e o como o coração se me enlevava, quando carreávamos furtada conversação. Nem eu sei como pude viver antes de ver-te, nem como poderei viver quando não mais te veja. Tu já sentiste o que eu senti, pois que amado foste, e dizias que me amavas: e como podes propor-me não mais olhar-me? Serás satisfeito. Não mais tornarei a ver-te; mas cá me fica o prazer extremo de te lançar em rosto a tua ingratidão; e mais completa fora a minha vingança, se os meus olhos, e as minhas acções todas a minha inocência te abonassem. Inocência perfeita e pura a minha, e fácil de destruir a mentira que a crer te deram. Bastara um quarto de hora para convencer-te dessa injustiça, e morreres de amargura de a haveres cometido. Pensamento foi este, que já dous ou três abalos me deu de me arremessar a tua casa; nem eu aposto, que antes de findar o dia lá me não leve; tão violento é o meu despeito, que me afoga a razão. Estudei-te contudo eu tanto o génio, que receio, que te desagrade esse rompante; a ti em quem contemplei sempre comedimento em tudo, e que sempre olhaste mais pela minha reputação que eu própria. Chegaste alguma vez a ponto de resguardo, que me queixei de ti. E que disseras então, se me viras romper o segredo do nosso amor e dar escândalo aos honrados? Desprezar-me-ias, e se eu tal desprezo de mim te vira, ali morreria.

Venha o que o Fado der; para mim a tua estima é tudo. Queixa-te de mim, dize-me injúrias, faze-me traições, que o podes; mas desprezos nunca. Desde que este amor não consiga, que te dês, com ele, por ditoso, sem ele viver posso, mas sem a tua estima não: razão essa pela qual tão impaciente estou de ver-te; não creias porém que é por affecto; que louca eu fora se quisesse bem a quem assim me trata. É cólera, mas quem a causa, é... amor. Que não te assomarias tu a pontos tais, se excesso de amor não militasse em ti. Que me pudera persuadir de tal? Ser-me-iam gratos esses mesmos ultrajes teus. Lisonjear-me não quero todavia desse agradável engano. És culpado, e quando não o foras, quero assim crê-lo, para te punir de mo deixar imaginar. Não vou hoje a casa alguma em que ver-me possas. A Marquesa de C... está doente, e lá passarei a tarde; e tu não tens lá conhecimento. Enfim quero estar enfadada; e esta será a última Carta que de mim tenhas.



---

---

CARTA VI.<sup>a</sup>

**E** sou eu quem te escreve? e és tu o mesmo que outrora foste? Que prodígio fez, que me assinalaste amor, e que esse amor me não deu contentamento? Vi em ti ânsia, e insofrido despeito; li em teus olhos aqueles desejos, a que eu acudi com sensibilidade; e tão ardentes, como quando foram já toda a minha Dita: e nada menos, tão leal e terna como sempre te fui, fiquei tibia e desleixada. Se foi ilusão que aos meus sentidos fizeste, e que não calou no coração? Como me custam caro, os ditos agros que de mim te carreaste! E quantos enlevos me rouba um dia de descuido teu! Não sei que interior espírito ruim meu influi de contínuo, de que às minhas iras devo esses teus rasgos de ternura; e que entra em teus afeitos, mais política do que sinceridade. Não te minto: donativo do Amor é o melindre em obras e pensamentos namorados; mas não donativo tão precioso como o querem persuadir. Confesso que o melindre assaboreia os prazeres dos Amantes, mas também espinha cruamente as mágoas. Cuido sempre que te vejo nessa distracção, que tantas lágrimas me custou; considera-o bem: os teus assomos são toda a minha infelicidade; mas seriam todo o meu ódio se os eu devesse a outro motivo, que não fosse o movimento natural do teu coração. Receio-me de acções que vêm estudadas, mais ainda que da tibieza da minha compleição: para almas grosseiras o exterior é laço; mas não o é para quem no ânimo fineza tem. Queres saber quais, nesse ponto, meus sestros são? O excesso de ontem, nesses assomos teus, levantou a febre das suspeitas; e porque parecias fora de ti, atravessei pelas aparências para te pesquisar no âmago. Que seria de mim, oh Céus! se lá me convencesse de que eras dissimulado! Anteponho a tua afeição à minha reputação, e ainda à minha vida; com mais mansidão porém sofrera a certeza de teu ódio para comigo, que aparências falsas nesse teu amor. Não me atenho à fachada do

edifício; entro nos camarins da alma: friezas, descuidos, levezas mesmas te perdoara; dissimulações nunca. Contra amor não há crime mais indesculpável que a traição; de melhor vontade se perdoaria uma infidelidade, que o desvelo em disfarçar-ma. Que grandes cousas me não disseste no serão d'ontem? quisera pôr-te a um espelho, para que te visses, como eu te via. Quanto discreparias do teu modo usual! Davas ares mais senhoris que os de teu uso: brilhava-te a afeição nos olhos, e os realçava de ternura, e de penetração; vinha-te o coração aos lábios. Que feliz que eu sou (dizia comigo) se ele ali não vem de falso! Porque enfim mais que muito sinto o que vales, e me faltam posses para o sentir-me. O prazer de te amar com toda a minha alma, é dom, que de ti me veio; mas dom, que não tens tu forças bastantes para mo tirar: que bem me capacito, que tenho, ainda apesar meu, de sempre amar-te; e seguridade, de que ainda apesar teu, te hei-de querer bem. Perigosa seguridade! Que tens tu coração tal, que se não deixa prender por medos; e pouco firme fora essa conquista, se eu por meio tal a quisesse conservar. Ânimo honrado, e gratidão muito montam em amizade; mas em amor não tanto. Sem consultar a razão, se vai após a vontade, e o affecto. Lá vos leva a alma, e a despeito vosso, à vista de quem amamos; e tanto me acontece a respeito de ti.

Não, por continuação de ver-te, nem por susto de agastar-te quando te não vejo, busco meio de que venhas ver-me, mas sim por sôfrega curiosidade, que sem artificio, nem reflexão me sobe do peito. Busco-te em lugares mesmo, onde sei que não tenho de encontrar-te. Se tanto te acontece por mim, mui certa estou, que o tino de corações fará, que em toda a parte nos encontremos. A maior parte do dia de hoje tenho de a passar em sítio, em que me não aches. Entreguemo-nos ao nosso affecto, demos a guia de nossas vontades, e verás que passaremos gostosos esse mesmo tempo, que nos não é dado estarmos juntos.

---

---

CARTA VII.<sup>a</sup>

QUEBREMOS quantos juramentos fizemos; são mui agros de guardar; vejamo-nos; e já e logo, a poder ser. Imaginaste-me infiel, e entre ultrajes mo deste a entender: nem, portanto, deixo de te amar ainda mais do que a mim própria, nem viver posso sem te ver. A que prestam estas ausências arrufadas? faltam-nos elas inevitáveis? Vens dar à minha alma todo o contentamento, nesse curto prazo de nos vermos sem constrangimento. Escreves-me que me desejas ver para me pedir perdão; vem, vem, quando para mais não fora, que para me dizer injúrias. Vem, que te requeiro que venhas: porque quero antes ver-te esses olhos agastados, que privar-me de vê-los. Nem eu arrisco de sobejo, quando em ti deixo a escolha: que sei que ternos os hei-de ver, e faiscando amores. Tais me pareceram já, esta manhã, na Igreja; neles avistei quanto te envergonhavas de crédulo: e lá também dos meus colheste as arras do meu perdão. Escureçamos semelhante arrufo; e se ele nos lembra, seja para o nunca mais acolher. Duvidarmos do nosso affecto? Para ele nos lançou Cupido ao mundo. Nem eu tivera o coração, que tenho, se não fora para o encher da tua ideia; nem tu essa alma que tens, se para me amar, te não fora dada. Sim: para te eu amar, quanto amável tu és; e para tu me amares, quanto és tu amado, nos produziu o Céu a ambos capazes de tanto amor. Não me dirás, se depois que fingimos tanta malquerença, sentiste como eu... Malquerença em nós! Não temos posses para tal, e é mais poderosa a nossa Estrela, do que o são nossos despeitos. Que penoso me foi esse grande fingimento! Que violências se não fizeram os meus olhos, para te disfarçar seus movimentos? Só os que a si próprios querem mal, podem desperdiçar instantes de amoroso acordo. Como ninguém sabe amar como nós amamos, iam meus passos (mau grado meu) a sítios onde eu tinha de encontrar-te, e o meu coração, que se avezou a dilatar-se, quando te vê,

ia subindo aos olhos, para por eles se te demonstrar; e como lho eu negasse, embates tais me dava no peito que só compreendê-los pode quem os sente. Dou-me a crer, que tais os tinhas de sentir também. Em sítios onde não vinhas por acaso, te encontrei; e se me cabe confiar-te minhas ufanias todas, tanta afeição descortinei no teu olhar, depois que affectas não me querer ver, qual nunca descobri nele: grande tontice são constrangimentos tais! Porque se não há-de pôr às claras o âmago da alma? Da tua, bem conhecia eu toda a ternura, toda a afeição; e podia eu estremar seus namorados movimentos, de todos os das outras almas; mas não tinha ainda computado os da sua cólera, nem os da sua altivez. Certo estava de que farias praça ao ciúme, pois que amavas, mas não sabia ainda que condição tomaria em teu peito essa paixão. Traição fora não mo ter mais cedo declarado, e quasi que à tua injustiça quero bem, por me ter descoberto esse segredo. Desejei-te cioso, e o consegui por fim; descarta-te porém de ciúmes, como eu me descarto de curiosa. Nenhum Amante se ostenta com mais vantagem, que quando ele é feliz. Erraram os que disseram que dá ares de parvo o Amante que se diz contente; mais parvo pareceria quando por outro ar se demonstrasse. E quem não possui em si assaz melindre para tirar vantagens dum Amante satisfeito do seu amor, peca pelo coração, não pela ventura. Vem, e vem logo ratificar-me esta verdade, que pouca fineza a minha fora, se atrasasse eu esse instante com o prolixo desta Carta. Bem sei que às horas que eu te escrevo te é vedado vires ver-me: e dado que em conversar contigo por escrita me dê gosto, outro gosto maior lhe preferira eu, que é o da tua presença. Assim é que o escrever-te me dá gosto, mas tu logras (e eu contigo) o gosto de me veres. Esse me vem acompanhado das reservas do Decoro; mas o outro posso-o tomar quando bem o queira. Agora, que todos os de Casa repousam, e se dão por venturosos de seu repouso, desfruto eu uma Dita, que nunca sairá do mais profundo repouso. A mão escreve, mas o meu coração é quem te fala, como se tu foras lá para lhe responder; aqui te está sacrificando, com as suas vigílias, o seu insofrimento. E como é afortunada, a que sabe amar com perfeição! e quanto lastimo eu as que no ócio se desleixam sem tirar lucros da Liberdade! Bons dias, meu Amigo, que já raia a Aurora; e mais cedo houvera ela raiado, se a minha impaciência tivesse ela consultado. Perdoemos-lhe a tardança; que não ama ela como

nos amamos; e para que menos insuportável nos seja, cuidemos em burlá-la com algumas horas de sono.

---



---

CARTA VIII.<sup>a</sup>

CONSIDERA, Amores meus, quão pouco previsto foste, que a ti mesmo, com enganosas esperanças, te traístes, e a mim contigo. Uma afeição em que tu delineavas tantos prazeres, é hoje a tua desesperação mortal; que só parelhas corre com a desapiedada ausência, que foi sua causadora. Engenhosa a minha mágoa excogita o mais funesto nome que dê a esta ausência, que tem de me privar para sempre de mirar-me nesses olhos, em que via tanto amor, e que me assinalavam movimentos, de que bebia o meu coração tanta alegria, movimentos que eram para mim tudo; pois que para mais nada me ficavam desejos. Privados ficam estes meus olhos, mísera de mim! da única luz, que os aviventava; e que lhes deixa a ausência? Lágrimas. Que outro uso lhes não dou; senão chorar, desde que em fim te soube resoluta ao duro apartamento, que me há-de dar a morte; que não tem minha alma forças suficientes com que o suporte. Não entendo contudo como infortúnios, quando eles de ti nascem, perdem comigo um tanto de sua crueldade; porque, como desde que te eu vi, te dediquei a vida, tiro deles o contentamento de te fazer dela sacrifício.

Mil vezes no dia, te envio suspiros da alma, que lá te vão buscar em qualquer sítio que estejas; mas a resposta que me trazem em retribuição de tantos desassossegos, é um aviso mui lhano, que a minha ruim fortuna me remete, acompanhado da crueza de não consentir que eu meu lisonje; quando mormente me diz a cada instante: — Mariana infeliz, é consumires-te em vão, por um Amante que não tornarás nunca a ver; que atravessou os mares; para se esquivar de ti; ei-lo em França, na roda dos prazeres, que de todos os teus pesares se descuida; e que de todas essas ânsias tuas se

deslembra; nem delas algum caso faz — Oh que não é assim. Oh que nunca me resolverei a ter de ti tão mau conceito; que muito me interesse em te justificar comigo; nem no meu sentido, quero por que de mim te hajas esquecido. A que propósito atormentar-me assim, com suspeitas falsas! forcejarem desmagnar-me de quantos abonos te empenhaste a me dar do teu affecto! Tanto me encantavam teus desvelos, que muito ingrata fora eu, se com arrojões iguaes aos teus, quaes me dava a minha amorosa vontade, te não correspondesse, ao mesmo passo, que me lograva desses teus.

Como se tornaram agras tão suaves lembranças tiranizando-me agora o coração, que nesses tempos deleitavam! Em estranha situação o pôs a tua derradeira Carta; tão sensíveis abalos padeceu, que cuidei que lidava em separar-se de mim, para te ir buscar. Fiquei tão quebrantada desses forcejos seus, que três horas não soube parte do meu juízo: e me vedara recobrar a vida, se a tinha de perder por ti, para ti a queria conservar. Tornei, a meu pesar, a ver a luz do Sol, quando me lisonjeava em sentir que de amor morria. E mais folgada, que não sentira rasgar-se-me este coração co'a dor da tua ausência. Vieram-me depois várias indisposições; e passarei eu sem elas todo o tempo, em que te não vir? Padeço-as, e não murmuro, porque de ti me procedem. Tal é a gratificação, que de ti consigo, pelo mui terno amor que empreguei em ti. Embora: tenho de te adorar enquanto eu viva, e ninguém mais ver; e toma este meu seguro: não ames ninguém. Quem acharias tu que te amasse com tão ardente affecto, como o meu? Mais formosa que eu, bem podes vê-la (lembro-me todavia que me disseste que eu não era feia) mas não com igual amor; e sem amor tudo o mais é nada.

Não contenham tuas Cartas cousas inúteis, nem me fales de me não deslembrar de ti. Eu esquecer-te! Eu que me não esqueço de que me prometeste que virias alguns tempos passar comigo? e por que razão não passar a vida inteira? Ah! que se eu pudesse descartar-me deste desconsolado Claustro, não me punha a esperar pelas tuas promessas: iria, sem resguardo algum, procurar-te, e seguir-te, e amar-te por todo esse universo. Não me lisonjeio de tal possibilidade, nem levar esperanças quero (bem agradáveis à imaginação!) mas sim entregar-me toda aos pesares. Deu-me (bem to confesso,) bons toques

de contentamento, a ocasião, que meu Irmão me ofereceu de que te escreva; e, por certo prazo, suspendeu a desesperação em que me sinto.

Oh dize-me, que empenho foi o teu de me encantares, como me encantaste, sabendo que me havias de deixar? Que te valeu o infortunar-me assim? Deixaras-me em sossego, no meu Claustro. Que agravos te tinha eu feito? Oh perdoa, meu Bem; nada te imputo, nenhuma vingança quero; só meu fado a culpa teve. Pareceu-lhe que nos faria quanto mal pudesse, com separar-nos: e nossos corações nada aí há que os separe; que mais poderoso que o Fado, é o Deus Amor, e ele é quem nos uniu até à morte. Se te é cara a minha vida escreve-me a miúdo; que bem mereço eu que me dês novas do que em teu coração se passa, e de como te favorece a fortuna: e mais que tudo vem, e que eu te veja.

Adeus: Não me posso afastar deste papel, que te há-de ir às mãos; e se essa Dita me coubesse, feliz de mim! Oh louca, oh louca; que não vejo que é impossível. Não posso mais. Adeus. Ama-me sempre; e venham embora padecimentos.



---



---

 CARTA IX.<sup>a</sup>

PARECE-ME que o maior agravo que fazer posso aos movimentos do meu coração é o empenho que tomo de lhos dar pela escrita a conhecer. Quão feliz eu fora, se pela violência dos teus puderas tu destes meus fazer conceito! Não me referirei a ti; nem me atalharei de te dizer (com menos actividade que o eu sinto) que te não cabe maltratar-me assim com esse teu esquecimento, que tanto me desespera; e que em ti mesmo é vergonhoso.

Justo é todavia que me eu lastime de pesares que eu d'antemão contemplava, quando te conheci resoluto a me deixares. Enganei-me, e muito me enganei, quando pus no pensamento que procederias comigo mais lealmente, e fora do usual, em razão de que o meu muito amor me realçava da baixeza de tais suspeitas; e merecia mais fidelidade, que a que de ordinário no mundo corre. Mas disposto como estás a me traíres, passas por alto da justiça que deves a quanto por ti me hei oferecido. Já mui desgraçada eu fora, se o teu amor o houvesse obtido à força de te haver amado, eu que tudo somente de ver quisera à nossa inclinação recíproca. Mas quão distanciada me vejo desses termos, quando depois de seis meses nem uma só Carta de ti me vem! Desastre, que eu attribuo à cegueira, com que me entreguei, e me prendi a ti; quando antever me relevava, que mais cedo teriam fim

-----

(1) Escreveu; e mui ternamente: mas a Abadessa que recebeu essas Cartas nunca as quis entregar à Religiosa, que estas escrevia. Existem as Cartas do Oficial francês, e andam hoje juntas às primeiras.

os meus gostos, que o meu afeito. Quem me segurava que ficasses toda a vida em Portugal? Que renunciasses à Pátria, ao adiantamento, para em mim empregar todo o desvelo? Nenhum alívio consentem minhas mágoas; e a lembrança mesma de meus prazeres assanha a minha desesperação. Serão pois inúteis quantos desejos formo? nem tenho de jamais ver-te no meu aposento, como te via, todo ardência, todo arrojos? Ai de mim! Como me engano! e como conheço mal que quantos movimentos me lidavam na ideia e no coração, se te davam a sentir quando unicamente os acendiam os prazeres, e com eles se amorteciam. Ali é que eu nesses mui afortunados instantes devia chamar pela minha razão, que me acudisse, e moderasse o excesso das minhas delícias (que me havia de tão funesto ser!), e pedir-lhe que me informasse do que hoje tenho de padecer. Mas eu que toda me entreguei a ti não estava em caso de imaginar no que havia de envenenar minha alegria, e que me tolheria de em cheio desfrutar os ardentes penhores da afeição tua. Tanto me comprazia em me ver contigo, que se me desluzia, que houvesse tempo, em que longe de mim fosses. Não menos me lembra que alguma vez te disse que por tua causa, seria eu ainda desventurosa; mas logo esses temores se dissipavam, e com gosto os sacrificava a ti, entregando-me ao acento e à má fé de teus protestos. A todos esses males bem atinava eu com o remédio, e bem depressa me livrara deles perdendo-te o amor. Agro remédio! que antes padecer do que perder-te da lembrança! Como se de mim, ai triste! dependera: de mim, que arguir-me não posso de que um momento só te não haja amado. Mais para lastimado és tu, do que eu: que vale mais padecer, como eu padeco, que lograr-se dos lânguidos prazeres que te dão em França essas tuas Damas. Não te invejo a indiferença; antes dela e de ti me compadeço; e apostaria que nunca terás de inteiramente te esqueceres de mim; antes me lisonjeio, que te pus em estado de que nunca, a não ser contigo, desfrutes completo contentamento: e mais ditosa sou que tu, em me ver com mais com acção; porquanto me nomearam Porteira do Mosteiro onde quantos me falam, me consideram como uma louca; porque não sei o que lhes respondo; e que tão loucas como eu sejam as Religiosas que me imaginaram capaz de emprego algum. Oh quanto invejo a felicidade de Manuel, e de Francisco; e porque não estou eu

como eles sempre contigo? Quem te houvera seguido, e servido ainda melhor que eles! e com melhor coração mui seguramente! Que nada anseio eu mais que o gozar da tua vista. Lembra-te de mim ao menos: que ser de ti lembrada me contentaria. Mas quem me dá essa certeza? Quando eu todos os dias te tinha presente, não limitava aí minhas esperanças; mas tu me tens ensinado a sujeitar-me a quanto queiras: e eu não me arrependo de te haver adorado; e até de que tu me hajas rendido, folgo. A tua rigorosa ausência (quem me diz, que não será eterna) nada desfalca dos impulsos do meu amor; e quero que todo o mundo saiba, que não faço mistérios dele, antes me regozijo de quanto contra o civil decoro, a teu respeito fiz; nem minha honra, nem meus escrúpulos emprego senão em te amar estremecidamente a minha vida toda, visto que por ti comecei a tomar lições de amor. Nem destas particularidades te falo, para te obrigar a que me escrevas; tal constrangimento de ti não peço; e só desejo o que te pedir a vontade, de maneira que todos os abonos da tua afeição, que te não venham a pedir de boca pode-los ter por rejeitados de mim. Eu mesma me farei força em te desculpar; e me direi, que foi teu gosto retrair-te de me escrever tanta a disposição, em que me sinto entranhavelmente de perdoar os teus defeitos! Foi caridoso comigo um Oficial francês, que esta manhã, três horas me falou em ti, e me disse que a Paz com França estava concluída. Se assim é, vem, fala-me, leva-me para França; e no caso que to não mereça, faze de mim o que for tua vontade; que não depende o meu amor do modo, com que me trates. Depois da tua ausência, não logrei uma hora de saúde; nem outro prazer tive senão o de pronunciar teu nome mil vezes no dia. Algumas Religiosas, que sabem o estado em que me despenhaste, me falam a miúdo de ti. Do meu quarto por acaso saio; do meu quarto onde tantas vezes vieste, e onde de contínuo olho para o teu retrato, a quem mais que à vida, quero bem. Algum prazer me dá, mas bem descontado com pesares, quando contemplo que talvez nunca mais terei de tornar a ver-te. Será certo que para sempre me deixaste? Desesperada me vejo. Desfalece a tua triste Mariana; e um desmaio me toma, quando dou fim à Carta. Adeus, adeus. Tem compaixão de mim.

---

[xxxii] Insignificâncias, bagatelas.



---



---

 CARTA X.<sup>a</sup>

QUE há-de ser de min? e que desejas tu que eu faça! Quão afastada me sinto de quanto havia antevisto? Esperava que me escrevesse de todos os sítios por onde passasses, e escrevesse compridas Cartas; que darias esteio à minha afeição, com a esperança de tornar a ver-te; que inteiramente fiada na tua lealdade, teria algum sossego; situação suportável, isenta de despiedadas mágoas. Traçados tinha alguns ténues projectos, na confiança que me dessem socorro, no caso, que eu soubesse de certo que me houvesse perdido da lembrança. Já de primeiro a distância em que te visse de mim; logo alguns assomos de devoção; também o receio de estragar de todo a minha saúde com tanta falta de dormir, tanto desassossego; e a pouca esperança de que voltes; a frieza desse teu amor, e da tua despedida; o partires de Portugal com tão ruins pretextos; e outras mil razões tão inúteis, e que bem valem as ditas, pareciam prometer-me seguridade de socorro, em caso de precisá-lo. E como então teria somente de pelejar com a minha vontade, não tomei desconfianças de quão fraca me sentiria nesse transe, nem cousa alguma receei do que padeço agora. Que lástima a de não poder repartir contigo os meus pesares! e de ser eu só a desgraçada! Este pensamento me dá morte. Sim, que morro de desconfiança de que n u n c a fostes excessivamente sensível a todos os nossos contentamentos. Agora é que eu avisto a fé mentida de todos os movimentos de teu ânimo, e que me traías quantas vezes me disseste, que era teu prazer sumo, quando te vias só comigo. Às minhas importunidades devi talvez esses arrebatamentos e arrojamentos teus; que tinhas tu delineado a sangue frio abraçar-me o peito, e olhares a minha amorosa paixão como uma vitória ganha por um coração desafeiçoado. Desgraçado

de ti! que por teu pouco melindre em amor, perdeste os lucros que puderas tirar da exaltação do meu affecto. E como pode acontecer que com tanto amor que eu te manifestei não pude conseguir que te desses por plenamente feliz! Penosa estou (a teu respeito) que te não lograsses de infinidade de prazeres, que te vinham à mão, se amasses como devias. Ah! que se os conheceras entenderias que mais sensíveis são, que o prazer de me haver enganado. E te capacitarias de quanto é mais entranhavelmente venturoso quem ama com arrebatamento, que quem se contenta só de ser amado.

Nem eu sei o que sou, nem o que desejo; mil contrários impulsos me despedaçam a alma. Houve jamais situação tão deplorável! Tão desatinadamente te amo, que não quisera que sentisses a agitação em que me sinto: matar-me-ia, e sem me matar de minha própria mão, me mataria a dor, se soubera com certeza que não logras quietação; que a tua vida passas entre perturbações e desassossegos, que de contínuo choras, que tudo te aborrece. Eu que não tenho bastante vigor contra meus pesares, como sustentaria a dor, que dos teus me procedesse? dos teus, que muito mais sensíveis me seriam? O a que todavia com grão custo me resolvera, fora o desejo de que não te lembrasses de mim; e a te falar sincera, tenho fúrias de ciosa de quanto alegrar-te pode longe de mim, de quanto pode empenhar-te o coração, de quanto te agrada em França. Nem eu sei por que razão te escrevo. Bem sei que unicamente te compadecerás de mim; mas essa compaixão rejeito-a. E ora contra mim mesma me agasto, quando recordo quantos sacrificios te fiz. Reputação deslustrada; expor-me ao furor dos meus, a severidade das leis deste Reino contra as Religiosas; à tua ingratição, que é o desastre que mais me penaliza. Fementidos remorsos! Do âmago deste meu coração quisera agora lançar-me aos maiores

---

(1) Fala das Cartas que o Cavalheiro lhe escreveu antes da partida.

perigos, agora que alimento um funesto deleite de ter aventurado o meu recato, e a minha vida. E não tinha eu dado à tua disposição quanto possuo mais precioso? E não folgo eu muito de o ter tão bem empregado em ti? Ainda me não dou por contente de meus pesares, nem do meu extremoso affecto; dado que (triste de mim!) lisonjear-me

OS HERÓIS  
DE  
NOVELA

APÓLOGO DIALOGAL

TRADUÇÃO PORTUGUESA

possa de estar de ti contente. Mas vivo. Que infidelidade! Dar-me tanto desvelo por conservar a vida, que devera ter perdida! De vergonha morro. Toda a minha desesperação consiste pois nas minhas Cartas? Se te eu amasse tanto como mil vezes te hei dito, muito há já que eu devera ter morrido. Queixa-te de mim, que te enganei. E porque (mísera de mim!) te não queixas tu? Partiste, e à minha vista; nem espero de ainda ver-te; e respiro ainda? Traidora fui. Perdão te peço. Oh não me perdoes. Trata-me severo; não dês ainda por assaz violentas as minhas ansiedades. Sê ruim de contentar; responde-me que é teu gosto, que eu por ti morra de amor. Dá-me, sim, dá-me esse conforto, para que eu vença a fraqueza do meu sexo, e que corte por todas essas irresoluções desesperada: que bem pode ser, que o meu trágico fim e te obrigue a pensar em mim a miúdo, e que prezada te seja então a minha lembrança, mavioso da minha extraordinária morte. Mais vale semelhante morte, que o estado em que me puseste. Bem quisera eu nunca te haver visto. Adeus. Que conceito tão falsário! pois que neste mesmo instante em que te escrevo, estimo mais ser infeliz amando-te, que de nunca te haver visto; e consinto em padecer

meus tristes fados sem que deles murmure, pois que de ti dependia que eles prósperos corressem. Promete-me terníssimas saudades, se eu às mãos da dor feneço, e que ao menos a violência do meu affecto, de tudo te desgoste, e te descarte. Co' essa consolação morrerei contente; e se tenho de para sempre te deixar, deixar-te a outrem não sofrera. Que mui agro me fora, que para te dar mais a querer, te servisses da minha desesperada morte, e dizeres que a causou a desatinada afeição, que me inspiraste. Adeus, e ainda adeus; que se estiram muito as Cartas, que te escrevo, e te dou incómodo em lê-las, e do que perdão te peço, na confiança que serás indulgente acerca duma pobre douda. Ah! que o não era eu antes que te amasse. Não sei se te falo de sobejo na insuportável situação em que me vejo: e contudo do íntimo do meu coração te agradeço a desesperação que me enlouquece, nascida de ti mesmo: e tanto assim que detesto a tranquillidade em que vivia antes de conhecer-te. Adeus; que a minha afeição a cada instante aumenta. Que de cousas te quisera dizer!

-----

---



---

 CARTA XI.<sup>a</sup>

ACABA de me dizer o Tenente da tua Companhia, que te obrigou uma tormenta a dar fundo no Algarve: temo que te não molestassem os mares, e de tal modo temo, que todo o meu pesar escureci com esse receio. E imaginas tu que tome maior parte o teu Tenente, do que eu no que te resguarda? Porque tem ele melhor informação tua do que eu tenho? e porque me faltam Letras tuas? Sou enfim bem desgraçada, se depois que partiste, não acertaste com ocasião de me escreveres: mais desgraçada ainda, se a tiveste, e te descuidaste dela; então foram extremas a tua injustiça e a tua ingratidão. Desesperar-me-ia porém se te elas motivassem o menor desagrado; que antes quisera vê-las sem castigo, que ver-me a mim vingada. Resisto a quantas aparências me queiram persuadir que pouco ou nada me amas; antes me sinto disposta a me entregar cegamente ao meu amor, mais ainda que aos motivos que me dás de me queixar do teu descuido. Quantos desassossegos me houveras evitado, se nos primeiros dias, em que eu te vi, tiveras procedido com essa negligência; mas ela não deu mostra de si, senão depois. Quem se não acharia lograda como eu, com tais arrebatamentos? e quem os não daria por sinceros? E quanto não é custoso resolvermo-nos a admitir suspeitas na boa fé de quem somos amadas? E quanto não sei eu que a menor desculpa nos lava; e sem que mesmo cuides em ma dar, já o amor, que tão fielmente toma o cuidado de te servir, me tem preparada a te não achar culpado; e se tal te considera alguma vez, é para ter o gosto de te justificar logo.

-----

(1) Irmã de M. de Scudéri, também autor.

(2) Que da vida de Ciro nos deixou uma Novela.

Frequente em namorar-me, arrebatado em abraçar-me, com finezas me enfeitiçaste, com juramentos me deste segurança, e a minha inclinação violenta se deixou levar. Em que remataram contudo tão aprazíveis princípios e tão bem assombrados? Em suspiros, em lágrimas, numa desconsolada morte, a que nenhum remédio avisto. Assim é que em te amar colhi prazeres indizíveis; mas que exorbitantes penas me hão custado; nem movimento sinto, que de ti me proceda, sem que o abalo não seja extremo. Se eu com pertinência houvera resistido ao teu amor; se algum motivo de ciúme, ou de pesar te houvera dado, para afervorar-te o affecto; se em mim reserva houveras, ou arte conhecido; se eu houvera oposto a minha razão à inclinação natural que a ti me deu, e que logo em mim conheceste, dado que inútil foi quanto forcejei por encobri-la... então cabia vingares-te severo, usando do poder que tinhas. Mas já me parecias amável, antes que me disesses que me amavas; deste-me abonos de profunda afeição, que me enlevaram, e foram causa de te amar desperdiçadamente. Mas tu, a quem não, como a mim vendara o Amor, porque consentiste, que eu chegasse ao estado, em que me vejo? Que destinavas tu fazer desses meus extremos, que tinham de te ser importunos? Certificado estavas que não tinhas de ficar para sempre em Portugal. Para que quiseste pois em mim a desventurada vítima, quando puderas achar nesta Cidade quem mais formosa fosse que eu, com quem lograsses igual prazer (visto que grosseiros sós te agradam) que leal te amasse, enquanto te tivesse à vista, e que depois, com o tempo se consolasse da tua ausência, e a quem tu, sem aleivosia, nem crueldade deixar puderas. O procedimento que usas comigo mais é procedimento de Tirano que folga de perseguir, que procedimento de Amante que se empenha em agradar. Para que intenção, ai mísera de mim! tanto rigor disferes contra um coração que é todo teu? Acabo de crer, que tão fácil te persuades contra mim, quão fácil me eu persuadi a teu favor. Sem precisar do muito amor que te consagro, sem que me imaginasse ter feito acção extraordinária, teria resistido a motivos muito mais relevantes, que os que tomaste, para deixarme. Quão fracos me teriam parecido! E não há aí motivos que valessem a arrancar-me de teu lado: mas tu... deitaste sofregamente mão dos pretextos que se te depararam para voltar a França. Estava esse Navio

de partida? Deixasses-lo partir. Não tinhas Cartas da tua família? E não sabes tu mui bem quantas perseguições eu padeci da minha? Obriga-va-te a honra a me deixares? Fiz eu grande caso da minha? Era-te forçoso ir servir o teu Rei? Se quanto dele se diz é certo, nada do teu socorro precisava, e facilmente te daria por escusado. Seríamos mais que muito felizes, passaríamos a vida juntos. Mas pois que tinha de nos separar esta desabrida ausência, ideia tenho que muito me c o n t e n t a r á o haver-te guardado lealdade. Quanto atroz me fora haver cometido esse delito!

E conhecido, como tinhas, o íntimo de meu peito, e toda a minha ternura, como pudeste resolver-te a deixar-me para sempre? Expor-me aos sustos de que percas de mim lembrança? A que a novos amores sacrifiques os meus? Bem me capacito, que como uma louca te amo, e contudo me não queixo de todos os movimentos do meu ansiado coração, porque já me vou habituando a esses assaltos. Que não pudera eu sustar a vida, a não descobrir nela certo contentamento, que é o de te amar no meio de tais mágoas. Só me desagrade por extremo o ódio e o fastio que tomei a tudo: a minha família, as minhas amizades, este mesmo mosteiro me são incomportáveis; quanto por obrigação, tenho de ver, quanto necessariamente fazer devo, me é odioso. Tão empenhada estou no meu amor para contigo, que só a ti devem mirar todas as acções e todos os meus deveres. Sim; que escrupuliso dos momentos da minha vida, que empregados em ti não são. E que fora de mim se não tivera o coração abastado de tanto amor, e de tamanho ódio? E pudera eu sobreviver ao que me ocupa de contínuo, para desfiar languidamente sossegada vida? Não se compadece e o meu génio tão vácuo insensibilidade. Toda a gente repara na minha condição tão demudada, minha pessoa, e modo: minha Mãe com aspereza me falou nela; mas depois com mais brandura: o que então lhe respondi me não lembra; mas creio que tudo lhe confessei. As Religiosas que mais severas são, têm compaixão de ver-me, têm comigo certa estima, certo resguardo, e do amor que tantas penas me dá, têm piedade. E tu... e tu indiferente comigo, Cartas me escreves túbias, dizes sempre as mesmas frases, nem sequer enches metade do papel; a ânsia, com que estás de

lhês ver o fim, se mostra nelas. Dona Brites me perseguiu estes dias passados porque saísse do quarto, e assentando que me divertiria, me levou a passear à varanda, donde se avista Mértola. Comprazi-lhe; mas logo se apoderou de mim cruíssima lembrança, que esse dia inteiro me alagou de lágrimas. Tornou-me ao quarto e me meteu na cama, onde mil reflexões fiz acerca da pouca esperança que podia ter de me curar da afeição. Quanto fazem por ma aliviar, a azeda, e nos remédios mesmos acho eu motivos para ainda me afligir. Por esses sítios mesmos te vi passar bem vezes com a bizarría e gala, que me encantara; e nessa mesma Varanda estive, no fatal dia, em que comecei a sentir na alma os desventurosos toques desta minha afeição. Pareceu-me que levavas intuito de agradar-me, posto que ainda me não conhecias; e me persuadi de que entre todas as que comigo estavam, fizeste reparo em mim; imaginei, que quando paravas, folgarias muito que eu melhor te visse, e admirasse a destreza e graça, com que meneavas o teu Cavalo. Algum susto me tomou quando passava por um sítio de mau caminho: que começava a lavar em mim interesse de acções tuas; já me não eras indiferente; já levava parte em quanto fizesses. Bem vias tu em que tinham de parar princípios tais, e ainda que eu nada tenha que resguardar, com receio todavia de te não criminar mais, se possível é que mais réu não sejas, te não escrevo tudo; e também por me não arguir a mim mesma, que depois de esforços tantos inutilmente feitos, para que fiel me fosses, não terás tu de o ser.

Posso eu esperar das minhas Cartas, e do que nelas te lanço em rosto, o que acabar não pode o meu amor, e a entrega que de mim te fiz? Que feia ingratidão! Mais que certa estou do meu infortúnio; nem o teu proceder me consente a menor dúvida: convém que eu receie tudo de quem assim me desampara. Não haverá outras Damas, a quem, como a mim encantés? outros olhos, a quem, como aos meus agrades? Pode bem ser, que folgasse eu mesma, que a afeição de outras Damas justifique a minha; e até folgara que te achassem amável todas as Francesas, mas que nenhuma te amasse, nenhuma te contentasse. Impossível, e ridículo projecto! Experimentei não menos que és incapaz de constante affecto, e que sem socorro algum poderás esquecer-te de mim, sem que a tanto te induza afeição moderna. Nem

eu sei se desejara que para esse esquecimento se te deparasse arrazoadado pretexto: maior desgraça minha, e mais ténue delito o teu. Ficares em França; não terás lá requintados gostos; mas ver-te-ás livre. Cansaço de prolixa jornada, certos rociais decoros, receio de não responder como deves, a meus arrebatamentos, te represam em França. Ah não receies! Contentar-me-ei de te ver de tempos em tempos, e saber que num mesmo sítio estamos ambos. Lisonjas são talvez, em que me cevo a minha saudade; quando tu (quem sabe) te afeiçoarás mais da severidade, e rigores de outra Amante, que o não foste de meus favores. E poderão rigores enamorar-te?

Antes porém de entrares em afeição extrema, passa pelo sentido o excesso de minhas mágoas, a incerteza de meus projectos, a variedade dos movimentos de meu ânimo, a extravagância de minhas Cartas, confianças, desesperos, e ciúmes delas. Considera, que buscas a tua desgraça; põe os olhos no estado em que me vejo, e escarmenta; que te não seja, ao menos, inútil o que eu por ti padeço. Cinco, ou seis meses há que penosa confidência me fizeste quando me confessaste em boa fé, que amaras em França certa Dama: se ela é quem te atalha de

voltar,

dá-mo a saber, sem algum resguardos por que eu mais cedo acabe de padecer. Se alguma cousa me sustém a vida, é um vislumbre de esperança, e no caso que ela me falseie, quisera perdê-la por inteiro, e perder-me a mim com ela. Manda-me o retrato dessa Dama, e algumas Cartas suas, e juntamente me escreve quanto te ela diz; que talvez aí encontre motivos de consolar-me, ou de mais me angustiar: que no estado em que me vejo não é possível aturar mais tempo: que não há hi mudança que não seja a meu favor. Queria também ter o retrato de teu Irmão, e de tua Cunhada; tudo quanto te pertence, me é prezado, e a quanto se te achega sou affecta; sem de mim me ficar disposição alguma. Instantes há, que imagino assaz de submissão no meu génio para poder servir a Dama que tu amasses. Teu mau trato, e o menosprezo teu me tem tão prostrada, que há ocasiões em que me não afouto a crer que pudesse ter ciúmes sem te desagradar; que te agravo, quando te lanço alguma cousa em rosto, e me dou por convencida, que me

não

cabe

dar-te a saber, com o amoroso furor com que eu o exprimo, os movimentos de meu peito.

Já há mais que muito que por esta Carta um Oficial espera. Determinada estava em ta escrever de modo tal, que sem tédio a pudesses receber; mas de sobejo é ela extravagante; demos-lhe fim. Mas ai de mim, que cuido estar falando contigo, quando te estou escrevendo, e que te julgo mais perto de mim. Nem tão longa, nem tão importuna será a primeira: abre, e com segurança a podes ler que como não devo foliar numa afeição, que te anoja, nem nela boquejarei. Daqui a poucos dias, haverá um ano, que toda me entreguei a ti sem algum resguardo; muito ardente me parecia o teu affecto, e mui sincero: que não era de suspeitar que viria tempo, em que enjeitasses minhas finezas, e que mais quisesse arredar-te de mim quinhentas léguas, arriscar-te a naufrágios. Tratamento igual ninguém tinha direito de o exercer comigo: que bem tens de lembrar-te do meu enleio, do meu pejo, e desordem de meus sentidos; mas não quererás lembrar-te, por te não empenhares a me amar contra teu gosto. Já quatro recados me manda o Oficial, que quer partir, que está com pressa. Ah! que, sem dúvida, alguma desventurosa por aqui deixa! Adeus; que mais mágoas me custa o acabar a Carta, do que te a ti custou deixar-me... e para sempre. Adeus; que nem me atrevo a te escrever mil ternuras, nem me entregar com soltura a todos os ímpetos do meu coração, quando te amo mil vezes mais que a própria vida, e mil vezes ainda mais do que eu mesma cuido. Quanto és cruel comigo! Não me escreves, <sup>(1)</sup> nem me posso atalhar de to dizer; e tornaria a começar, se o Oficial não instasse por partir. Parta embora: que mais por mim escrevo de que por ti mesmo; consolo-me, Bem sei que há de assustarte o prolixo desta minha Carta, e que a não hás-de ler. Em que te ofendi, para tanto me maltratares? Quem te instigou a vires envenenar-me a vida? E porque nasci eu antes em Portugal que noutras terras! Adeus; dá-me desculpa. Nem me afouto a te pedir, que me ames. Olha somente para o estado a que me reduziste. Adeus.

-----  
 (1) Tardieu e sua Mulher.



---



---

 CARTA XII.<sup>a</sup>

ESTA é a última que te escrevo; pelo estilo dela verás quão persuadida estou por fim, de que me não amas, e que te não devo amar. Quanto de ti me resta, remetido te será pela primeira ocasião. Cessa em teu receio de que eu mais te escreva; nem que teu mesmo nome no maço ponha desse cuidado encarreguei a D. Brites, em quem depus confidências bem diversas das de agora. Confio que tomará toda a cautela por que o retrato, e as pulseiras de que me fizeste mimo, saiba eu que com que certeza te foram entregues. Quero que saibas, que dias há, me sinto capaz de rasgar, e queimar penhores do teu amor, que me foram tão prezados; mas tanta foi minha fraqueza para contigo, e tanto a conhecer-te ao claro, que darás por incrível que eu passe a tal extremo. Lograrei nesse caso o fruto do que padeci em me separar desses penhores, quando saiba que nisso te carreei algum despeito. Com vergonha minha to confesso, que me sinto mais de que eu quisera, afeiçoada a essas ninharias e que precisava de todas as minhas reflexões, para me descartar delas uma por uma no instante mesmo em que eu me dava pior mais desnamorada de ti. Mas quem se enche de razão vem a cabo de quanto quer. Tudo pus em mão de D. Brites. Mas que lágrimas me não custou essa resolução! Depois de mil movimentos, mil incertezas, que tu não conceituas, e de que eu por certo não te darei notícia, lhe pedi juramento de que nunca mais mas tornasse, ainda quando eu para as ver uma vez, lhas pedisse; antes que sem me dar parte, tas remetesse.

Nunca tão claro conheci o excesso do meu amor, como quando tanto esforço fiz para sarar dele. Receio que, se houvera visto dantes as dificuldades, e violências desse empenho, me arrojasse a empreendê-lo. Persuadida estou que os movimentos que eu experimentasse,

do-te assim ingrato como te conheço me seriam menos desprezíveis que os que sinto, quando para sempre me deixas. Já soube quanto menos me és prezado do que a afeição que te eu tenho; e quantas ânsias padeci no combate com o injurioso procedimento que fez que odiosa me fosse a tua pessoa.

Não foi por certo a natural soberba feminina quem me ajudou a tomar estas minhas resoluções. Mísera de mim! Que desprezos te não sofri? teu aborrecimento, e ciúmes que me dava cada afeição que em qualquer outra Dama podias empregar? Só me foi sempre incomportável a tua indiferença. As impertinentes protestações de amizade, e ridículas cortesias da tua derradeira carta me indicam teres recebido quantas eu te escrevi, mas que, lidas por ti, nenhum abalo fizeram em teu peito. Ingrato! E que tão louca eu ainda seja, que me desespero de me não poder iludir, ora de que as minhas cartas, não chegaram a tua casa, ora de que te não foram dadas! A tua boa fé! E oh quanto a detesto eu! O que eu só te pedia, era que me escrevesse com sinceridade. Porque me não deixavas entregue ao meu affecto? Assaz havia em não me escrevendo. Clarezas? não tas pedia. Não me sobra, para desgraçada ser, o não me ter sido possível meter-te no empenho de me enganares? de não deparar com motivos de desculpar-te? Dou-te a saber, que me capacito que és indigno da minha afeição, e que entro a descortinar quantas qualidades ruins possuis. Nada obstante (se pode merecer-te quanto hei por ti obrado, alguma atenção aos favores que te peço) te requeiro, que mais me não escrevas, e que me ajudes a me deslembrar de ti inteiramente. No caso que me constasse que algum tanto te penalizou a leitura desta Carta; se eu te desse crédito, e se me acarreassem despeito e iras essa confissão, e consentimento, talvez que o ardor me renovassem. Nada te inquietes d'ora em diante da maneira com que eu me rejo, porque fora desmanchar sem dúvida os meus projectos, de qualquer sorte que tu neles entrar quisesse. Nem o que esta Carta produziu em ti saber intento; só quero que não perturbes a situação que me preparo: contenta-te com as mágoas que me causaste, qualquer que fosse o teu desígnio de me fazer desventurosa. Não me arranques esta minha incerteza, da qual espero fazer, com o tempo, uma espécie de sossego de ânimo. Prometo-te, que nunca te aborrecerei; que muito desconfio

de meus ímpetos violentos, para que me atreva a empreendê-lo. Antes me capacito, que pudera aqui deparar com mais fiel, e mais bem apessoado Amante. Mísera de mim! Há hi sítio no meu coração em que outro namoro caiba? E de quem? Pode a minha afeição acabar contigo constância e lealdade? Não experimento eu, que um peito enternecido não se esquece nunca daquele que lhe excitou transportes de que esse peito era capaz, mas que ele até então não conhecia? Que quantos abalos sente, prendem todos no Ídolo que adora? Que se não curam, nem se apagam as primeiras feridas do amor? Que todas as paixões que lhe oferecem socorro, e que todo o esforço empenham em ocupar o sítio prometem debalde uma sensibilidade com que nunca o coração acerta? Que todos os prazeres que procura, sem vontade de os encontrar, servem unicamente a inteirá-lo plenamente, que nada lhe é tão caroável como a lembrança de seus pesares? Porque me deste a conhecer a imperfeição e desagrado dum amor que não tinha de ser perpétuo; e as desditas que acompanham violentas afeições quando não são recíprocas? E por que motivo uma cega inclinação, e desabridos fados porfiam pelo ordinário em nos determinar em favor daquelas que poriam sua afeição em outra pessoa?

Ainda no caso que eu esperasse encontrar passatempo, empregando em outrem o meu affecto; e que a alguém, de boa fé, desse esse título, tanta compaixão tenho de mim mesma, que escrupulizara de pôr no estado em que me vejo, o último dos homens; e bem que te não deva algum resguardo, nunca me decidira a me vingar de ti com tanta crueldade, quando mesmo, por alguma mudança que antever não posso, de mim tal dependera.

Excogito neste momento mesmo, motivos de te desculpar, e me digo, que ordinariamente não é mui amável objecto uma religiosa. Parece com tudo, que se nessa escolha entrara a razão, preferir elas deviam às outras Damas, porquanto nada as estorva de imaginar de contínuo na afeição que tomaram, da qual as não desviam mil objectos com que o Mundo as outras dissipa, e entretém. Também creio, que não há hi grande contentamento em ver a pessoa amada, sempre distraída com mil nónadas; [xxxii] e que pouco melindre cabe (antes desesperação) em consentir que elas unicamente falem de assembleias, de atavios, de passeios, andar a cada hora exposto a novos zelos, e elas

obrigadas a certos resguardos, comprazimentos e conversações. Quem é que vos abona que elas se não agradem do que nessas ocasiões se passa; e que elas consintam sempre com extremo tédio os maridos seus? e sem nesse particular tomar algum prazer? E como devem desconfiar elas dum Amante que lhes pede exacta conta de tudo; de tudo; que fácil e sossegado crê quanto lhe elas dizem; que com muita mansidão, e confiança as vê, dado que a deveres tais sujeitas? Não que eu por boas razões pertenda que amar-me devas; ruins meios para essa pertensão razões seriam; melhores empreguei eu, e que não surtirão. Quanto mais, que muito bem conheço eu o meu destino, e quanto me é impossível superá-lo: tenho de ser desgraçada em quanto viva. E não o era eu, quando todos os dias te estava vendo? Não me via eu sempre em sustos de que leal, ou não me fosses? A cada instante (o que não era possível) te queria ver. Estremecia dos perigos que corrias entrando no Mosteiro; quando estavas no exército, era morte para mim; desadorava de não ser mais formosa, e mais digna de ti; murmurava da minha mediana fidalguia; dava-me temores crer que te seria nociva a afeição que me mostravas; até me parecia que te não tinha amor bastante; temia as iras dos meus parentes contra ti. Via-me enfim num transe tão infortunoso, como o de agora. Se depois que saíste de Portugal me tiveras dado alguns abonos da tua afeição, toda me empenhara em te ir buscar com o disfarce que pudesse. Mas que fora de mim, se tu de mim fizeras pouco apreço, quando me viras em França? Que desatino! que trasvio? Que cúmulo de afronta para a minha família, que me é tão prezada depois que estou sem ti! Bem claro vês, quanto eu conheço que mais digna de lástima seria, do que ora sou: forçoso é que ao menos fale contigo de bom siso uma vez na vida. Quanto te há-de agradar este meu comedimento, e quanto tens de te contentar de mim! Mas não o quero saber. Oh não mo escrevas.

Nunca tu reflectiste na maneira com que me hás tratado? Não consideras a obrigação, que a mim, mais que a ninguém deves? Como louca te amei, por ti desprezei tudo. Não procedes como honrado, e demonstras acerca de mim natural aversão, pois que às perdas me não amaste. Ah! que me deixei encantar de medianas qualidades! Que é o que tu fizeste? Não te davas tu a mil diversos passatempos? Deixaste porventura a caça, o jogo! Não foste o primeiro que partiu

para o exército? e último voltaste? Como insensato te arremessaste aos perigos, quando te eu implorei que te poupasses para mim? Nunca buscaste meios de estabelecer-te em Portugal, onde eras estimado; bastou uma carta de teu Irmão, para partires dessempeçadamente, e notícias me chegaram que em toda a viagem desfrutaste humor contente. É para confessar que me vejo obrigada a te aborrecer de morte. E eu mesma fui quem tais desgraças me granjeei; porque desde logo te acostumei a uma desmedida afeição (e tão de boa fé!). Arte é precisa para se dar a querer; com arte se hão de buscar os meios de acender a chama no peito; que nunca o amor por si só, motiva amor. Bem intentavas tu que eu te amasse; e armado esse projecto, nada há hi que não fizesses porque viesse a efeito; resolvido tinhas, que até me amarias, se assim cumprisse. Inteirado porém que de tanto esforço não havia precisão... Oh que perfídia! E cuidaste que impunemente me enganasses? Pois declaro-te, que se tornas a Portugal, à vingança de meus parentes te cometo. Longo tempo vivi num deixamento de mim própria, numa idolatria, de que hoje tenho horror, e com rigidez insuportável me perseguem os remorsos; mui agra me angustia a vergonha, quando me traz à memória os delitos, que por tua causa cometi; que se desfez a nuvem de paixão que me tolhia penetrar-lhe a enormidade. Quando é que eu me verei livre desse cruel tormento? Não creio todavia que mal algum desejar-te eu possa, e se talvez me resolvera a consentir em que vivesses venturoso. E poderias sê-lo tu, se acaso tens no peito uma bela alma?

Escrever-te determino ainda outra carta, em que te anuncie daqui a certo prazo, que começo a ter sossego; e que lograrei o prazer de te arguir então de teu procedimento injusto para comigo; mas será quando não for já tão viva essa lembrança, e possa inteirar-te de que desprezo, e falar com indiferença da tua aleivosia; quando enfim me tiver esquecido de todos os meus prazeres de então, e de todos os

prazeres contínuos. Dar-te a saber que só de ti me lembro, quando recordar-te quero. Convenho que em muito me levavas vantagem, e que influíste uma afeição enlouquecida; de que não tens contudo de tirar grande vaidade. Eu moça, eu crédula, encerrada desde a infância num mosteiro, habituada a ver gente desaprazível, nova nos louvores, que me davas de contínuo, julgava que a ti devia os atractivos e a formosura que em mim achavas, e em que me fazias atentar: ouvia o bem que de ti diziam, e falarem-me todos a teu favor, além do muito que te empenhavas a que te cobrasse affecto.... Mas já tornei a mim desse encanto; que foi grande o socorro, que para tal me deste e do qual eu tinha precisão extrema. Quando te remeto as outras cartas, reservo somente as duas últimas, que mais a miúdo lerei do que não li as primeiras, <sup>(1)</sup> a fim de não recair em fraquezas similhantes. E quanto me não custam caro! E que afortunada eu fora, se consentiras que te eu sempre amasse! Bem entendo que muito me ocupo ainda em arguir-te, e me lembrar da tua deslealdade: recorda todavia, que a mim mesma me prometi agenciar-me vida de mais remanso; e que a tenho de conseguir, eu tão desatinada resolução hei-de tomar... Tu receberás, sem grande desprazer, as notas dela. Eu que de ti nada já agora quero, mui louca sou, em repetir sempre o mesmo. Creio que te não escreverei mais. Quem me obriga a dar-te razão de quanto por mim passa?

-----

(1) São estes dous versos, os primeiros com que Tomíris abre a quinta cena do primeiro acto da Tragédia de Ciro composta por Quinault.

---

[xxxv] Alcorce ou alcorça: massa de farinha com muito açúcar.

---

DISCURSO  
ACERCA  
DO SEGUINTE DIÁLOGO

O Diálogo que aqui se dá ao Público, foi composto por ocasião da portentosa cópia de Novelas, que apareceram pelo meado do século precedente; e a origem delas, é em breves palavras, a seguinte. Honorato d'Urfé, homem de alta prosápia na Lugdunense, e mui dado a amores, querendo dar préstimo a infindos versos que para suas Amadas compusera; e de muitas aventuras amorosas que lhe aconteceram formar um Corpo, deparou c'uma mui aprazível invenção. Fingiu que no Forez, pequeno contorno da Limanha de Alvernia, houvera, no tempo de nossos primeiros Reis, um bando de Zagais, e de Zagalas, que morando nas ribas do Lignon, e assaz abastados de bens, tomavam por passatempo levar ao pasto os seus rebanhos. Como tinham vagar sobejo, não tardou (como bem imaginais) o Amor de os vir dessossegar, e dar origem a quantidade de consideráveis acontecimentos. Lá fez que sucedessem todas as suas aventuras, e outras alheias, entressachando-as de versos; que maus como eles são, foram passando ao amparo da arte, com que os fez ali caber. Que sustentou ele o total dessa Obra com a viva e floreada narração, com ficções ingenhosíssimas, com personagens, cujas índoles e costumes tão delicadamente imaginou, quão agradavelmente variou, e constante os prosseguiu. E compôs dessa feição uma Novela, que grande nomeada, e muita estima granjeou entre as pessoas de estremado gosto; não obstante incluir ela viciosas máximas morais, apregoar sempre amor e molidão, <sup>[xxxiii]</sup> e chegar ainda às vezes a ofender o pejo. Quatro volumes compôs, e os intitolou Astreia; que assim se clamava a mais formosa dessas suas Pastoras. Como ele nesse entremeio desse à vida fim, seu amigo, ou

como outros querem, seu Criado Baro, sobre os apontamentos que d'Urfé deixara, compôs o quinto volume, que concluía a Novela, e que não desmereceu dos quatro anteriores. A grande voga da Astreia aqueceu de sorte os disertos dessa era, que à imitação dela compuseram infindas outras: tais houve então que se alongaram a dez, e a doze tomos. Foi no Parnasso uma espécie de aluvião. As mais gabadas foram as de Gomberville, de la Calprenède de Desmarests, e de Scudéri. Esses imitadores porém, no esmerar-se no encarecido, e apurando-se em enobrecer índoles e modos de suas personagens, decaíram (a meu parecer) numa grande puerilidade. Que em vez de tomarem por assunto os Pastores ocupados em carrear-se o coração das Pastoras a quem rendiam cultos, tomaram para emprego tal, não só Príncipes e Reis, mas até os mais insignes Capitães da antiguidade; e esses no-los afiguraram influídos nesse mesmo espírito dos tais Pastores, e quasi como eles votados a nunca falar, nunca ouvir falar, senão de amor. De modo, que em lugar de que d'Urfé, na sua Astreia, de seus mui frívolos Zagais fez Heróis e de alto porte, eles de Heróis mui nomeados na História fizeram mui frívolos Pastores. Mais ainda: de Burgueses conhecidos seus fizeram Zagais super-frivolíssimos. Todavia acharam admiradores, e vogaram altos mares as tais Obras; sobrelevando-as em louvores o Ciro e a Clélia de Mademoisela de Scudéri. <sup>(1)</sup> E ora ela não só caiu nessa puerilidade, mas foi quem a levou mais ao galarim. E esse Ciro que ela apresentar devera, como o Rei pelos Profetas na Bíblia prometido, por Heródoto havido pelo maior Conquistador, e por tal afigurado também por Xenofonte; <sup>(2)</sup> lugar (digo) de nos dar nesse Rei Ciro um em modelo da mais alta perfeição, nos deu um Artamene mais sem siso que todos os Celadões, e que todos os Silvendros, que todo embevecido e desvelado em Mandane, noite e dia se lamenta, e geme, e se enleva em seu namoro. Peior ainda ela fez na sua Clélia. Ali os grandes figurões da República Romana, os Horácios Cocles, os Múcios Sévolas, as Clélias, as Lucrecias, os Brutos mais esperdiçados ainda que Artamenes, compõem Cartas Geográficas de amor; uns a outros se propõem enigmas e questões galãs, e fazem quanto desmentir pode o carácter e a heróica desses primeiros Romanos.

Como era rapaz, quando essas Novelas de Scudéri, de la Calprenède, etc., davam mais rijo brado, com efeito as li com admiração, como todos então as liam, tomei-as por obra-prima do nosso idioma. Vieram anos, abriu-me a Razão os olhos, vi o quanto eram pueris. Já ia abrolhando em mim o espírito da Sátira, e não me dei folga, que à maneira de Luciano não desfrechasse apodos, não só contra essa futilidade, mas contra a delambida affectação da linguagem, contra essas conversações frívolas e vagas, contra esses vantajosos retratos a cada página traçados: e que retratos? De pessoas de medíocre formosura; e às vezes bem mal-encaradas; e por fim contra esse descompassado palanfrório de amor. Como porém Mademoisela de Scudéri vivia ainda, contentei-me de debuxar na memória, este diálogo; e tanto o não imprimi então, que nem por escrita o pus: que esse pesadume de que o lessem não quis eu dar a uma Autora de tanto merecimento, e que a julgar pelos que a conheceram, não conformavam as ruins máximas de suas Novelas com o seu espírito, e ainda menos com a sua probidade e pundonor. Mas hoje que sepultada jaz, e riscados são da lista dos viventes os outros Compositores desse género, dou ao público o tal Diálogo como na memória com ele dei: tanto agora mais necessário, que muitos que mo ouviram, tomaram de cor vários trechos dele, e o têm distribuído com título de meu; e assim corre impresso em terras estrangeiras. Eilo agora, que o dou eu mesmo. Mas vir-lhe-ão iguais aplausos aos que ele granjeava, quando eu em várias companhias o recitei? E que a todas as personagens que nele introduzi lhes dava o tom que lhes quadrava? Eram essas então muito lidas, e avistavam todos o fino da zombaria. Hoje ei-las caídas no esquecimento essas Novelas, ninguém as lê já: não tenho que o Diálogo faça o mesmo efeito. Sei contudo, e muito ao certo, que todos os Homens de bom juízo e de sólida virtude me farão justiça, e facilmente reconheceram, que de baixo do véu duma ficção, por extremo jovial nas aparências, e destampada e louca, onde quanto nela acontece, nem verdade, nem verosimilhança existe, lhes dou eu a menos frívola talvez de quantas Obras me saíram da pena.



---

---

OS HERÓIS DE NOVELA

DIÁLOGO

À MANEIRA DE LUCIANO

MINOS (*saindo do seu tribunal achegado ao palácio de PLUTÃO*)

**M**ALDITO seja o Rábula palrador, que toda a manhã me há gastado! e por um trapo de lençol, que a um Remendão roubaram no atravessar o Letes. Nunca tanto me atroaram com Aristóteles. Nem há hi Lei que me ele não trouxesse à baila.

PLUTÃO

Muito agastado, oh Minos, vens.

MINOS

Aqui sois oh ínfero Monarca? E a que motivo?

PLUTÃO

Por te dar a saber... Mas dize-me antes que Rábula foi esse, que tão doutamente te enojou esta manhã. Já cá desceu morto Huot? desceu Martinet?

MINOS

Ainda não, graças a Deus. Mas é um mancebinho dessa escola. Que asnidades me não disse? E o como as foi apontoando com citações

de antigos sábios? Apesar de que mui desasados a falar os punha, sempre c'um gentil apodo, e com guapice os tratava: «Galantemente diz Platão no seu Timeu Lindo é Séneca no seu Tratado dos Benefícios. Muito airoso é nos seus apólogos Esopo.»

PLUTÃO

Dás-me a vera efígie dum malcriado bem machucho. Porque lhe deste tanta rédea. Mandaras-lo calar.

MINOS

Calar ele? que, uma vez que enfiava a parlenda, nem com eu me levantar da cadeira, nem com lhe eu clamar «Conclui, advogado.» Qual concluir! Consumiu a si só a audiência inteira. Nunca tal fúria de falar hei visto. Se tal desmancho dura, largo o posto.

PLUTÃO

Verdade é que nunca os mortos cá vieram tão tolos como agora. Tempos há que nem um cá veio que siso tenha, e sem falar nos que o Foro cursam, nada há mais destampado, que os que se dizem urbanos. Falam certa geringonça que eles apelidam estilo galã; e por mais que eu e Prosérpina lhes inculquem que nos enojam, nos apodam de Burgueses, e em nada galãs. Já me afirmam que vai essa peste infestando os infernais contornos, e também mesmo os Campos Elísios; e de modo, que já os Heróis, e direi mais, já as Heroínas, que lá moram, deram nessa grande louquice; mercê que lhes fizeram certos autores que tão guapa linguagem lhes imbutiram, e os transmudaram em desperdiçados amadores. A dizer-te a verdade, custa-me a crê-lo. Como idear que um Ciro, que um Alexandre, dispare de súbito, num

-----

(1) Aqui, como em outras passagens arremeda Boileau, quanto lhe é possível, o Estilo dos Autores dessas novelas.

(2) Em pintura ao vivo.

Celadon, num Tirsis? Crédito quero dar somente aos olhos. Já os

mandei vir dos Elísios, e até do Tártaro esses famígeros Heróis; para o

que fiz preparar esse grande salão, a cujas portas vês os Guardas. E

que é de Radamanto?

MINOS

Radamanto? Atirou-se ao Tártaro, para ver a entrada dum Locotenente criminal, <sup>(1)</sup> que ei-lo que chega do outro mundo: do tal afirmam que fora, enquanto viveu, tão celebrado por sua capacidade em assuntos de judicatura, quão difamado por sua excessiva avareza.

PLUTÃO

Não é o tal que se pôs em pontos de o matarem segunda vez, por não querer pagar a Caronte a passagem do Rio?

MINOS

Esse mesmo em pessoa. Se lhe visses a Mulher? Foi painel que dava riso, o vê-la entrar emburilhada num lençol de cetim.

PLUTÃO

De cetim? Que magnificência!

MINOS

Qual magnificência! Por forreta o fez. Coseu três teses dedicadas a seu marido... Que pícara mulher! Temo que nos empeste o inferno todo. Não há dia que me não quebrem os ouvidos com furtos que ela faz. Roubou anteontem a Cloto a roca; e ao Remendão o lençol com que tanto me aturdiram esta manhã. Que ideia é a tua peares o inferno com tão perigoso fardo?

PLUTÃO

Pois não havia de entrar c'ó marido! visto que este sem ela mal condenado fora. Eis Radamanto que a propósito nos vem. Mas que tem? que espantado me parece vir.

RADAMANTO

Potente Rei do Tártaros avisar-te venho, e que cuides em defender-te a ti, e ao Reino teu. Forjado é no Inferno um grande partido. Todos esses Réus negam-te obediência, pegaram em armas. Prometeu já lá o encontrei c'ó Abutre em punho; Tântalo emborrachado como um odre; Íxion que violou uma das Fúrias; Sísifo sentado no seu rochedo, que exorta os convizinhos a sacudir o jugo de teu domínio.

MINOS

Os malvados. D'há muito, que eu aventava essa desgraça.

PLUTÃO

Não tomes susto. Verão como eu sei trazê-lo: ao jugo. Mas não percamos tempo. Que se lhes estorvem as entradas; dobre-se a guarda das minhas Fúrias. Armem-se, as milícias do inferno todas; soltem o Cérbero. Tu, Radamanto, vai dizer a Mercúrio, que toda a artilharia de Júpiter meu Irmão aqui ma remeta. Tu, Minos, comigo, fica. Vejamos, se os nossos Heróis estão no caso de nos defenderem. Bom tino foi o meu em os mandar cá hoje vir. E quem esse pobrete que lá nos vem com sacola, e com bordão. «Ah! ah! é esse doudo de Diógenes.» A que vens tu?

DIÓGENES

Ouvi que estavas atarefado. Sou Vassalo fiel: venho oferecer-te o préstimo do meu bordão.

PLUTÃO

Bordão bem prestadio!

DIÓGENES

Não zombes que talvez não serei eu o mais desazado dos que mandas vir.

( 316 )

PLUTÃO

E porque não chegam já os Heróis?

DIÓGENES

Já aí dei c'um bando de mentecaptos; e creio que são os tais. Dize-me se é baile que nos queres dar?

PLUTÃO

Como, baile?

DIÓGENES

Baile, sim. Que em trajes os vi eu que quadram bem com dança. Que guapos! que gamenhos! Nada hei visto mais galã, nem mais Adónis.

PLUTÃO

Devagar, Diógenes. Nem sempre motejos cabem. Satíricos não valem comigo. Tanto mais que aos Heróis se deve acatamento.

DIÓGENES

Lá tos dou a julgar, ei-los. Chegai, famígeros Heróis, chegai vós mais famígeras Heroínas, que abalastes com vosso brado este Universo. Formosa é a ocasião.

PLUTÃO

Cala-te, que um após outro que venham quero, e sem mais séquito, quando muito, que do Confidente. Mas passemos, antes que tudo, Minos, passemos ambos ao salão que te disse mandara preparar para os receber. Lá mandei pôr cadeiras, e balaústres, que nos separem de toda a mais companhia. Entremos. Bem está tudo. Fizeram o que eu mandei. Vem connosco, Diógenes; dir-nos-ás os nomes desses Heróis, como eles entrando forem. Que a saber como tomaste conhecimento com eles, ninguém melhor conta que tu darás do feito.

DIÓGENES

Dá-la-ei quanto caiba no meu poder.

PLUTÃO

Põe-te pois à minha ilharga. Vós Guardas, mal que aos que forem entrando, haja feito as minhas perguntas, vão-mos passando logo a esses compridos e tenebrosos corredores que encostados ficam a este salão, e que lá aguardem as minhas ordens. Sentemo-los. Quem é esse que como a descuido encostado no seu Escudeiro; primeiro chega?

DIÓGENES

É o grande Ciro.

PLUTÃO

É pois esse grande Monarca, que transferiu à Pérsia o Médio Império, e que tantas batalhas venceu? Nos seus tempos vinham-nos cá os homens por trinta, e por quarenta mil todos os dias. Ninguém cá tantos nos remeteu.

DIÓGENES

Não te escape chamar-lhe Ciro.

PLUTÃO

É por que causa?

DIÓGENES

Porque esse nome já o perdeu. Perdeu. Hoje chama-se Artamenes.

PLUTÃO

---

(1) *Précieuse ridicule.*

Onde é que ele pescou o nome de Artamenes? Nunca tal nome li.

( 319 )

DIÓGENES

É porque nunca lestes a sua vida.

PLUTÃO

Não a li? Eu, que a Heródoto como qualquer o sei!

DIÓGENES

E co'esse teu saber nos dirás tu, quem moveu Ciro a conquistar tantas Províncias, a atravessar a Ásia, a Média, a Hircânia, a Pérsia, e a destruir meio mundo?

PLUTÃO

Boa pergunta! Era Príncipe ambicioso, e queria avassalar a terra toda.

DIÓGENES

Como te enganas! Queria libertar a sua Princesa, que lha roubado tinham.

PLUTÃO

Que Princesa?

DIÓGENES

Mandane.

PLUTÃO

Mandane?

DIÓGENES

Ela mesma. Sabes tu quantas vezes a roubaram?

PLUTÃO

Onde queres tu que eu de co' isso?

( 320 )

DIÓGENES

Roubaram-na outro vezes.

PLUTÃO

Por muitas mãos passou!

DIÓGENES

Por certo. Mas tão virtuosos eram esses facinorosíssimos, que nem dedo puseram nela.

PLUTÃO

Não engula essa. Mas não demos trela a esse doudo de Diógenes, e ouçamos o que Ciro nos diz. Estamos a ponto de pelear; e para General do meu Exército chamado vens. E não responde? Que é o que ele tem? Disseras que não acerta onde se vê.

CIRO (*exclamando c'os olhos em alvo*)

Oh divina Princesa!

PLUTÃO

Como assim ?

CIRO

Ah ! Mandane injusta!

PLUTÃO

A que vem cá isso?

CIRO

Lisonjas, comprazentíssimo Féraulas. Tanta cordura tens que imagines que Mandane, a ilustre Mandane, haja nunca de volver olhos ao desafortunoso Artamene? Amemo-la todavia. Mas amaremos nós

uma cruel? Serviremos nós uma insensível? Adorá-la-emos nós inexorável? Ciro, sim: há-de-se amar uma cruel. Sim Artamene, servir-se-á uma insensível. Sim, Filho de Cambises, há-de-se adorar a inexorável Filha de Ciaxares.

PLUTÃO

O tal Ciro treslouca. Dou por certo o que diz Diógenes.

DIÓGENES

Vês ao claro que a história de Ciro ignoras? Mas dize ao Escudeiro Féraulax que ta venha contar; o que ele muito folgará. Ele que sabe de cor quantos pensamentos hão volvido no cérebro de seu Amo; e tem apontadas num rol quantas palavras Ciro entre si, disse, desde que ao Mundo veio; e um papelório, que sempre na algibeira traz, das Cartas que escreveu seu Amo. Verdade é, que te darão abrimentos de boca: que não tem ele uso fazer curtas as narrações.

PLUTÃO

Vagar me crês tu de sobra?

CIRO

Mas, oh muito acareante pessoa...

PLUTÃO

Que estilo de linguagem! Quem é que jamais assim falou? Dize-me, oh mui choramigas <sup>[xxxiv]</sup> Artamene, não te sentes vontade de guerrear?

CIRO

Oh consente-me esse favor, Plutão divino, que eu vá ouvir a história de Aglátidas, e de Amestris, que se vai contar. Que é um dever que nos incumbe acerca desses dous illustres desgraçados. Em tanto,

aqui fica o leal Féraulas, que de miúda conta da minha e de quanto é impossível a minha felicidade.

PLUTÃO

É o de que eu não trato de me informar. Mandem-me embora esse chorão.

CIRO

Por mercê...

PLUTÃO

Se te não vás...

CIRO

Com efeito...

PLUTÃO

Ponham-mo fora.

CIRO

Cá, no meu particular...

PLUTÃO

Se te não somes daqui... Ei-lo fora. Viram nunca vocês tão aturado choro?

DIÓGENES

Inda aí não está tudo. Vai lagrimejar agora a História de Agláticas e Amestris; e nove gordos volumes ainda tem que continuar nesse fadário.

PLUTÃO

Embora o cumpra: e cem tomos, se ele quiser, dessas asnidades. Noutros negócios tenho que cuidar. Quem é essa Mulher, que aí vem?

DIÓGENES

Não a conheces? É Tomíris.

PLUTÃO

A tarasca Rainha dos Messagetas? Que ensopou a cabeça de Ciro num balde de sangue humano? Por essa bem estou que não é chorona. Que é o que ela busca?

TOMÍRIS

Busquem-me, que a perdi, minha Carteira;  
E ma dêem, sem a abrir cerrada, e inteira. <sup>(1)</sup>

DIÓGENES

Carteira? Não a sinto cá: nem é traste, de que me eu sirva. Que os bons ditos que me vêm à boca, outros tomam por desvelo recolhê-los, sem que me eu canse em assentá-los na Carteira.

PLUTÃO

Ela busca e rebusca. Pouco há que a vi aforoando quantos cantos e recantos esta sala tem. Que havia pois, grande Rainha, de tão subido valor nessa Carteira?

TOMÍRIS

Um madrigal, que esta manhã compus ao donoso inimigo que eu adoro.

MINOS

Como é doce! Não direis que ela é feita de alcorce? [xxxv]

DIÓGENES

Quanto sinto que a Carteira se perdesse. Teria eu gáudio de ler um madrigal Messagete.

PLUTÃO

Saibamos quem é o donoso inimigo, que ela adora.

DIÓGENES

É esse mesmo Ciro, que daqui despedes.

PLUTÃO

Irrório! E ela mandou matar o ídolo de sua afeição?

DIÓGENES

Foi um abuso, com que há vinte e cinco séculos nos não logrado, por erro do Gazeteiro da Cítia, que escorando-se num boato falso, nos assoalhou a notícia da sua morte. Catorze ou quinze anos correm já desde que desse erro nos desluziram.

PLUTÃO

Se é erro, eu ainda nele creio. Enganasse-se ou não, o Gazeteiro da Cítia; vá ela todavia, buscar a bel-prazer, nessas galarias o seu donoso inimigo; e não porfie em inquirir pela Carteira que ela pode ser perdeu por seu descuido. O certo é que lha não furtou nenhum de nós. Mas que robusta voz é essa que vem lá abaixo garganteando certa modinha.

DIÓGENES

É esse famigerado torto, Horácio Cocles, que vem cantar a um eco, (que um guarda teu me disse que perto daqui ressoa) uma cantiga que ele a Clélia compôs.

HORÁCIO COCLES (*cantando ao eco o estribilho da cantiga a Clélia*)

«Publique Fenissa mesma,  
Que nada há, como Clélia tão formoso.»

PLUTÃO

Que tarântula tomou a esse doudarraz de Minos, que ri às gargalhadas?

-----

(1) Dizem alguns doutos, que muito se parece a linguagem da Cantábria com a da Baixa Bretanha.

( 326 )

MINOS

E quem se não há-de escangalhar de ouvir Horácio Cocles cantar

ao eco?

PLUTÃO

Por certo que é caso raro! e que é muito para ver. Digam-lhe que entre; mas que nem por isso desmanche o garganteio; e eu sei que folgará de o ouvir Minos de mais perto.

MINOS

Certo que sim.

HORÁCIO (*cantando*)

«Publique Fenissa mesma,  
Que nada há, como Clélia tão formoso.»

DIÓGENES

Atinei-lhe co'a toada. É a comporta de Coimbra.

HORÁCIO (*cantando*)

«Publique Fenissa mesma,  
Que nada há, como Clélia tão formoso.»

PLUTÃO

E quem é essa Fenissa?

DIÓGENES

---

(1) Amor a El-Rei, e amor à Pucela.

[xxxvi] Arca grande, gavetão.

É uma dama de Cápua das mais gabadas por galante, e por

discreta, que tem sobeja presunção de sua formosura, e de quem este

Horácio moteja nessa cantiga que de repente alinhavou, afim que

quanto aí há confesse rendimento à formosura de Clélia.

MINOS

Nunca eu tal imaginei que esse ilustre Romano tão egrégio músico, nem tão Poeta fosse de repentinas coplas. Mas por esta que ele canta o dou por Poeta e músico chapado.

PLUTÃO

E eu sinto que dar vaga a bugiarias tais é disparate. Olá, Horácio Cocles, impávido guerreiro, que único e só, contra um exército inteiro, uma ponte defendeste, como desatinaste, depois de morto, a ser Pastor? e que louco, ou louca foi a que te ensinou a gargantear?

HORÁCIO

«Publique Fenissa mesma,  
Que nada há, como Clélia tão formoso.»

MINOS

E como ele da cantiga se namora!

PLUTÃO

Vá-se ele por essas aferrar algum eco. Levem-no daí.

HORÁCIO (*andando e cantando*)

«Publique Fenissa mesma,  
Que nada há, como Clélia tão formoso.»

PLUTÃO

Oh, que doudo, e que doudo! Nem nos virá algum que mais juízo tenha?

DIÓGENES

Lá te vem quem te contente: que entrar vejo a mais ilustre de todas às Romanas; que para se evadir dos arraiais de Porsena, a nado transpôs o Tibre. É essa mesma Clélia por quem Horácio Cocles anda tão espedaçado.

PLUTÃO

Cem vezes, quando lia Tito Lívio fiquei pasmado da afouteza dessa moça. Mas receio me entra que Tito Lívio me não minta.

DIÓGENES

Ora escuta o que ela te quer dizer.

CLÉLIA

-----

(1) Cuido que Boileau foi tão profeta como o Bandarra; e compreendeu, nesta fala de Plutão, em estilo encoberto e misterioso os nossos Tarelos e seu galicismo: compreendeu, e enfeixou com as exquisi-parlas de Molière (*Précieuses ridicules*) também as nossas Amintas e Polixenas. Oh que contente eu fora se nestes meus anos alcançados visse levantar-se em Portugal um Juvenal, um Boileau, que com o açoute da sátira, me debreasse essa corja de besuntados se levantasse um Molière, de que tanto necessitamos; e que nos motejasse, no teatro, ao vivo, tanto Tartufo, tanto Médico, tanto Marquês, e tanta Filaminta! E que doutrinados e corridos servissem de manifesto padrão infame a quantos, pelo tempo adiante tivessem apetite de imitá-los!

(2) *Phebus* (diz o Original).

Todos concordam, que não temos na língua portuguesa termo, que signifique um discurso emaranhado e confuso, que parece dizer alguma cousa, e do qual se não colhe nada. Os Franceses têm *Phebus* que eu baforar já ouvi por bocas Lusitanas, daquelas (digo) que alardeiam *conduta, massacre, afroso*, etc. Dou por assentado, que é necessário que a língua adopte os termos de que ela carece, quando esses termos consentem que

É pois certo, oh cordato Rei do Tártaro, que ousa levantar-se contra Plutão, contra o virtuoso Plutão, um bando de amotinados?

PLUTÃO

Acertámos por fim c'uma pessoa de juízo. É certo oh filha minha, que pegaram nas armas os criminosos do Inferno; e que mandámos aos Campos Elísios chamar os Heróis, e que a socorrer-nos venham.

CLÉLIA

Por gran mercê me digas, se acaso esses rebeldes algum distúrbio hão levantado no Reino de *Tenro*? Que desesperada eu fora, que se alojassem na aldeia de *Desvelos*. Tomaram eles já a póvoa de *Escritos de amores*, ou a de *Galantes Cartas*?

-----  
se lhe estampe selo português, *Signatum præsentem nota*, qual será porém, o descarado Petit-maître, por mais besuntos que tenha de Francês, que se arroje a manter a palavra *Phebus* como capaz de cunho português?

Outro modo haveria de suprir esta falta de termos, que é forjá-los. *Hoc opes hic labor*. Alguns já de boa forja nos são vindos, e que hoje nos honram o discurso: alguns nos a onomatopeia deu, como *atroar*, *zunir*, etc. Também por alusão e mofa acudiram aos praguentos *pieguice*, *senequice*; que há no satírico mais ampla. Já Quevedo, motejando os Falperras do seu tempo inventou a palavra composta *latini-parla*. Conselho foi de Horácio: *Dixeris egregie, notum si callida verbum reddiderit junctura novum*. Ora, que fosse o Gôngora quem a estrada abriu ao *Phebus*, ou quem mais amplidão lhe conferiu; que fosse o Gôngora, quem mor séquito de alunos teve, tanto Espanhóis, como Portugueses, em que lavrou o andaço do Gongorismo; *scilicet* o falar ininteligível, enleado e campanudo, ponto é esse, de que ninguém, que teve a infelicidade de os ler, ou de os ouvir, duvidou nunca.

Isto assim estabelecido, permitir-me-ão os Portugueses entendidos, e amadores da abundância, e pureza do seu nativo idioma, derivar eu de Gôngora, Poeta emaranhado, e abstruso um termo tão motejador e enérgico, como o Gongori-parla à imitação do Latini-parla de Quevedo, para evitar o contrabando da palavra *Phebus* que os Tarelos nos querem introduzir? Humildemente lhes ofereço o que a minha pobreza me pode deparar.

PLUTÃO

Que terras dizes? Tais me não lembra tê-las na Carta visto.

DIÓGENES

Nem delas Ptolomeu fala. São descobrimentos modernos. Não reparas, que ela nomeia terras que jazem no Continente do namoro?

PLUTÃO

É Continente de que não tenho notícia.

CLÉLIA

Com efeito discorre com justidade o ilustre Diógenes. Que três diferenças há de *Tenro*: *Tenro sobre estima*, *Tenro sobre inclinação*, e *Tenro sobre agradecimento*. Quem pretende chegar a *Tenro* sobre estima tem de primeiro passar pela aldeia de Desvelos...

PLUTÃO

Inteirado estou, minha donzela, que mui decorado tens o Reino de *Tenro*; e que bom estirão darás nesse Reino a quem te namore. Mas eu que tal Reino não conheço, nem conhecê-lo quero, te digo mui francamente que não sei se essas três aldeias, ou três rios a *Tenro* levam; mas que os dou por estrada Coimbrã para a Casa dos Orates.

MINOS

Não fora mau ajuntar à Carta de *Tenro* essa Casa dos Orates. São, pelo que eu vejo, países desconhecidos, esses de que se há falado.

PLUTÃO

Também, pelo que entendo andais de amores, minha rica, e minha bela.

CLÉLIA

Sim, Senhor: concedo que a Arunte amizade tenho tal que desliza <sup>(1)</sup> em verdadeiro amor: mas também é para considerar, que esse admirável filho d'El-Rei de Clúsio, em toda a sua pessoa tem um não sei quê tão extraordinário, e tão pouco imaginável, que menos que não tenhais inconcebível dureza de coração, é quasi impossível que não concebais a seu respeito uma paixão em todos os modos racionável. Porque enfim...

PLUTÃO

Porque enfim, porque enfim... digo eu que inexplicável aversão tenho a quantas loucas há; e que quando o filho d'El-Rei de Clúsio inimagináveis encantos possuía, e vós, oh minha rica, co'a vossa inconcebível parlenda... Dai-me estremado prazer, com vos irdes, e mais esse vosso espedaçado aos quintos infernos. Graças; que já partiu. E têm de nos sempre vir derretidos amantes? Aposto eu que até Lucrecia nos virá tratar de amores?

DIÓGENES

Não serás baldo desse gosto: que ela aí pintiparada <sup>(2)</sup> vem.

PLUTÃO

Foi gracejo em mim. Nem praza ao Céu, que eu nódoa ponha na mais virtuosa das esposas.

DIÓGENES

*Ne fieris.* Que lhe acho eu ares de loureira; e certos olhozinhos azevieiros...

PLUTÃO

Bem visto é que não conheces quem é Lucrecia. Ah que se a tu viras a primeira vez, que aqui entrou, sanguenta e desgrenhada; punhal na dextra, assanhada, a cólera afigurada no semblante, entre os

visos pálidos da morte. Porque te bem convenças, sobra que lhe perguntes o que ela do amor pensa; e vê-lo-ás então. Dize-no-lo Lucrécia, mas bem explicado e pelo claro. Crês tu, que se deva amar.

LUCRÉCIA (*co'a carteira na mão*)

E releva absolutamente, que acerca desse ponto eu de resposta exacta e decisiva?

PLUTÃO

Sim.

LUCRÉCIA

Ei-la, e muito comezinha aqui lavrada nesta carteira. Lede-a.

PLUTÃO (*lendo na carteira*)

«Sempre. se. si. mas. amasse. eternos. ai triste. amores, de amar: doce. fora. não. quão. há.» Que engraçada mixórdia!

LUCRÉCIA

Por seguro vos dou, que nunca mais clara, tenho lido, nem mais bem espevitada resposta.

PLUTÃO

Bem visto é aqui, que de uso tendes a clareza no dizer. Que tresloucada! Quem tal jamais há visto? «Não. se. mas. eterno.» Onde é que eu hei-de atinar c'um Édipo que tal enigma me decifre.

DIÓGENES

Longe daqui não está: que entrar avisto eu quem te será de préstimo.

PLUTÃO

Quem? Dize.

DIÓGENES

Esse Bruto, que remiu Roma da tirania dos Tarquinos.

PLUTÃO

Esse austero Romano, que mandou matar seus filhos, porque conspiraram contra a Pátria? Bruto explicar enigmas! Que louco que és, Diógenes.

DIÓGENES

Eu louco? Repara bem, que ele não é já esse austero Bruto, que tu cuidas. Hoje é de ingenho naturalmente terno e todo derretido; que compõe versos lindíssimos, e faz escritos de amores do mais fino galanteio.

MINOS

Mas, para lhe mostrar as palavras do enigma precisa mostrar-lhas escritas, ou de cor sabê-las.

DIÓGENES

Oh não te aflijas, que muito há que na carteira dele andam escritas. Não hajas medo que uma carteira falhe a Heróis desse calibre.

PLUTÃO

Ora pois dá-nos, Bruto, o sentido das frases da carteira.

BRUTO

E porque não! Ei-las as palavras — Sempre se. mas. amasse. Etc. aqui escritas.

PLUTÃO

Mesmíssimas, por certo.

BRUTO

Lê, continua, e terás visto que atinei co' enleado e co'a finuras das palavras de Lucrecia; e a resposta a elas, pontinho por pontinho vai nas minhas que vão seguintes.

«Eu, te. verás. de. dá. eterno. idade.  
Que. haver. portento; amor pode»

PLUTÃO

Não averiguo se essas palavras a ponto umas a outras se retrucam. Mas sei mui bem, que nem umas, nem outras se entendem: nem me acho com desfastio tal que me dê tratos ao miolo para as compreender.

DIÓGENES

Estou vendo, que me vem de relance deslindar a meada, e pôr-vos corrente o fio dela. Versa todo o mistério no trocado das palavras. Arrumados nos seus lugares, diz Lucrecia a Bruto:

«Quão doce fora o amar, a amar-se sempre!  
Mas, ai triste! não há amor eterno.»

Bruto, com trocadilho semelhante lhe responde:

«Dá, que eu te ame, portento desta idade;

E verás, que haver pode amor eterno.»

PLUTÃO

Que finura tão grosseira! Segue-se daí, que quanto dizer-se com elegância queira, lá está no dicionário transpostas as palavras. É possível que tão qualificadas pessoas como Lucrecia e Bruto dessem em tal excesso de extravagância, e em bagatelas tais seu tempo empreguem?

DIÓGENES

E por bagatelas tais é que um ao outro se deram a conhecer por pessoas de infinito ingenuidade.

PLUTÃO

E por bagatelas tais é que eu vo-los dou por infinitamente orates. Ponham-nos fora; que já quasi que de mim não sei. Lucrecia amorosa! Lucrecia namorada! Qualquer dia destes, não desespero de ouvir falar nos galanteios de Diógenes.

DIÓGENES

E porque não? Já Pitágoras namorou.

PLUTÃO

Pitágoras?

DIÓGENES

Namorou-se de Teano filha sua, a quem ele no galanteio instruíra. Tal no-lo encampa o generoso Hernínio, na vida que de Bruto nos historiou. De Teano é que alcançou esse Romano illustre o formoso símbolo, que atéqui se descuidaram os Autores de o ajuntar aos outros símbolos de Pitágoras. Ei-lo o Símbolo. — Nos donosos afeitos àcerca da sua Dama é que o Filósofo se aperfeiçoou.

PLUTÃO

Estou na conta. Na loucura é que consiste a perfeição da sabedoria. Máxima admirável! Deixemos lá a tal Teano. Quem é a que lá nos vem requintada exquisi-parla? <sup>(1)</sup>

DIÓGENES

É a Safo de Lesbos; a que inventou os versos Sáficos.

PLUTÃO

Tinham-ma encarecido por formosa: e ela bem feia me parece.

DIÓGENES

Verdade é que não tem mui liso o rosto, nem mui regulares as feições: mas há nos seus olhos (como ela diz na história da sua vida) certa oposição entre o branco e o preto...

PLUTÃO

Rica prenda! tão formoso como ela fora o Cérbero, que logra essa oposição do branco e preto nos seus olhos.

DIÓGENES

Ela, que chega. Alguma questão te aguarda.

SAFO

Sabedor Plutão, suplico-te eu que por extenso me expliques o que da amizade pensas; e se crês tu que ela, como o amor, capaz seja de terneza? Tal foi a generosa conversação, que com o Sábio Demócades, e com o agradável Faon, tivemos há dias. Transcura, por me fazer mercê, (alguns instantes) o cuidado de tua pessoa, e do estado teu, e me define

ao claro o que é coração terno, terneza de inclinação, e terneza de paixão.

MINOS

Esta, sim, leva as lampas a todas no destempero. Aposto eu, que ela é quem a todas as outras deu volta ao juízo.

PLUTÃO

Que despropósito! vir-me cá, num dia de rebelião propor questões d'amor!

DIÓGENES

Autoridade tens que o faças. Que esses Heróis que já te aqui vieram, no ponto de dar uma batata, em vez de ir dar ânimo aos soldados, designar os postos, etc., punham-se a ouvir a história de T i m a r e t e , ou de Berefisa, cuja aventura mais assinalada, era talvez um escrezinho d'amores, que se perdera, ou um transviado bracelete.

PLUTÃO

Pois se eles treslouquecem, não quero eu treslouquecer com eles; e muito menos c'ó essa exquisiti-parla.

SAFO

Faze-me esse favor de te descartar desse ar Tartáreo, e provinciano; toma-me o ar do gentil galanteio de Cartago e de Cápua. Como é certo que para decidir tão importante ponto como o que te eu proponho, desejara eu muito aqui ter quantas amigas nossas, quantos amigos ilustres nossos! Visto porém que ausentes se acham, represente ao agradável Faon, o cordato Minos, e o engraçado Diógenes, ao galante Esopo.

PLUTÃO

Pára, pára. Que personagem te cá virá, com quem traves essa conversa. Chamem Tisífone.

SAFO

Tisífone? Conheço-a muito bem; e talvez que te não desagrade o retrato que dela, por precaução compus, na tenção que tenho de enxertá-la nalguma das histórias, que nos outros noveleiros e noveleiras, nos vemos obrigados a contar em cada livro de nossas novelas.

PLUTÃO

Retrato dum Fúria? É projecto mui de estranhar.

DIÓGENES

Não tão estranho que o tu cuidas. Que pintou essa Safo, que aí vês, algumas amigas suas, que em formosura não levam lampas a Tisífone; e que todavia com a capa de lindas expressões, de elegantes esquisitos modos de dizer, que esparzidos vão pelo retábulo, por heroínas passam dignas de novelas.

MINOS

Curiosidade não sei, ou se é loucura, vontade me esporeia de ver tão estrambótico retrato.

PLUTÃO

Dize-lhe, que to mostre. Que o consinto eu porque contente sejas. Vejamos que jeito lhe ela dá, para dá mais medonha das Euménides, no-la pintar aprazível, e engraçada.

DIÓGENES

Não lhe há-de ser de grande lida: que já na effigie da virtuosa Arricídia nos encampou uma obra-prima desse lote. Ouçamos; que à algibeira já mete a mão, e nos saca o tal retrato.

SAFO

A illustre Donzela, de quem tratar vos quero, tem em sua pessoa um não sei que tão furiosamente extraordinário, e tão terrivelmente maravilhoso, que não me vejo eu medianamente enleada, quando expor-vos imagino o seu retrato.

MINOS

Que bem assentes que estão em seus lugares es advérbios terrivelmente, e furiosamente!

SAFO

Tem, de seu natural, agigantada Tisífone a estatura, como passando além da altura das pessoas do seu sexo, tão desempenada porém, e com tal proporção no todo que a sua mesma enormidade lhe quadra bem. Pequenos, mas tão cheios de fogo os olhos, tão vivos, tão penetrantes, e sobre tudo com certo orlado de vermelhão, que lhes dá relevo.... Oh! que é um prodígio vê-los. Tem de natureza crespos e anelados os cabelos dirias que cobras são, que se enroscam umas nas outras e que em roda de seu rosto retouçando folgam. Não tem no parecer a desbotada cor dessas mulheres Citas; mas sim o másculo, o nobre fulo, que o Sol outorga às gentes da África, cujas ele de mais perto com seus raios favorece.

Formam-lhe o seio dous semi-globos de tostado simili-Amazónio bico, e que (como que do peito ausentar-se querem) lânguidos e negligentes debruçar-se vão na petrina. A este jeito se lhe compõe o demais corpo. Sumamente ativo e nobre é o seu andar: duvido que Atalanta se lhe adiantasse na corrida. É por cabo, esta virtuosa donzela tão adversa aos vícios, e mormente aos grandes crimes, que c'um

facho na mão lhes vai na cola; e auxiliada por suas illustres Irmãs Megera e Alecto iguais no adverso a ela, repouso lhes não dá aos maus. Cabe dizer-se, que Moral vivente são essas três Irmãs.

DIÓGENES

E bem! Não é maravilhoso o tal retrato?

PLUTÃO

Certo que sim. E nos deu da fealdade um fiel transunto, (por lhe não chamar formoso). Mas é já de sobejo dar ouvidos a essa despropositada. Vamos enfiando a revista dos nossos Heróis: e por não tomarmos, como atéqui tanta fadiga, de os passarmos um por um; venham todos de golpe esses mentecaptos, e desta balaustrada lhes poremos olhos até que nessas galarias saibamos que em seguro estão. Nem de lá saiam, sem que eu haja determinado o que deles quero. Mandem-nos entrar todos juntos. E que caterva! São, Diógenes, todos eles nomeados na História?

DIÓGENES

Muitos entremeados aí vêm, que são quiméricos.

PLUTÃO

Quiméricos? E dão-no-los por Heróis?

DIÓGENES

E por Heróis de arromba. No pináculo os colocam esses Autores: e aos outros verdadeiros Heróis, é infalível que os levam de vencida.

PLUTÃO

Fazes-me o gosto de me nomear alguns deles.

DIÓGENES

De boa vontade. Orondates, Spitrídates, Alcámenes, Melinto, Britámaro, Merindor, Artaxandro, etc.

PLUTÃO

E fizeram voto esses Heróis todos, como os mais de nunca falarem de amor?

DIÓGENES

E que fora, a não falarem assim? Como se intitulariam Heróis se não fossem namorados? Como se hoje o amor não fora a heróica virtude?

PLUTÃO

E esse grande simplório que lá vem atrás dos outros, e que traz a moleza afigurada no semblante? Como é que te nomeias?

ASTRATE

Chamam-me Astrate.

PLUTÃO

E que é que aqui buscas?

ASTRATE

Ver a Rainha.

PLUTÃO

Que impertinente! Não dirão por aí, que eu tenho alguma Rainha embocetada, e que a amostró a quem a quer ver? E quem és tu? E hás tu sido?

ASTRATE

Boa é essa! Não hás tu lido um Autor Latino, que diz: *Astratus vixit?*

PLUTÃO

E tanto, de ti, conta a História?

ASTRATE

Tanto. E sobre esse guapo assunto se, engenhou a Tragédia intitulada = Astrate = Tão bem são nela manejadas as paixões que os espectadores às gargalhadas riem desde o princípio da Tragédia até ao fim: quando eu nela sempre choro, porque me não mostram uma Rainha, por quem todo me derreto.

PLUTÃO

Muito bem. Vai-te pois ver por essas galarias se acertas co'essa Rainha encantada. Mas quem é esse alambazado Romano que aí vem, depois desse namorado choramingas?

OSTÓRIO

Sou Ostório.

PLUTÃO

Nome é o teu, que não creio que o li na História.

OSTÓRIO

Lá deve estar: que o afirma assim l'abbé de Pure.

PLUTÃO

Bom fiador E que figura fizeste lá no mundo, abonado por esse *l'abbé de Pure?* Viram-te por lá?

OSTÓRIO

Olá se viram! Bem o devo ao tal *abbé* que me tomou por Herói duma versaria, que se representou no *hôtel de Bourgogne*.

PLUTÃO

E quantas vezes?

OSTÓRIO

Uma.

PLUTÃO

E te imaginas tu que seja eu de melhor avença que eles? Vai-te de corrida embocetar no escuro desses corredores. Que direi dessa Heroína que muito se remancha, no despedir daqui? Oh que lho desculpo eu: que tão avolumada vem de sua pessoa, e tão cabide de armas, que se repugna a obedecer-me é que o fardel sobejo lhe atalha o ir mais presto embora. Mas quem é ela?

DIÓGENES

Como assim! Pois não conheces a Pucela d'Orléans?

PLUTÃO

É essa moça mui valente que remiu a França do jugo dos Ingleses?

DIÓGENES

Ela mesmíssima.

PLUTÃO

Mui charro lhe deviso o carão, e mui mal digno do que dela contam.

DIÓGENES

Ei-la, que tosse, e se avizinha à balaustrada. Alguma parlenda estudada traz; e parlenda em verso: que nunca fala senão em verso.

( 346 )

PLUTÃO

E tem ela talento para a Poesia?

DIÓGENES

Agora o verás.

PUCELA

Grão Príncipe, que grande ora te chamo,  
Certo, que ao zelo meu, respeito é freio,  
Mas teu ilustre aspecto me redobra  
O coração, e em redobrá-lo, o susto  
Me redobra. Ao teu ilustre aspecto  
Este meu coração se sollicita,  
Trepá, se empina, e a dura terra deixa.  
Que não tenha eu desd'ora tom bem forte,  
Que a ti, sem que te agrave, aspirar possa.  
Ponta mortal adquira à espádua esquerda  
Junto à garganta, e quebre-lhe c'ó golpe  
O osso, e das fontes, do quadril, da espádua  
Chova sangue...

PLUTÃO

Em que língua é que fala?

DIÓGENES

Boa pergunta!

PLUTÃO

Cuidei que falava Alemão, ou Cantabro. <sup>(1)</sup> Quem é que tal língua  
lhe ensinou?

DIÓGENES

Um Poeta de quem ela foi quarenta anos porcionista.

PLUTÃO

Má criação lhe deu.

DIÓGENES

Não, porque o pagassem mal, e não viessem as mesadas muito a ponto.

PLUTÃO

Mal empregado dinheiro! Dize, oh Pucela, porque te assoberbaste a memória comesses grossos feios vocábulos, tu, que outrora só cuidavas em salvar a tua pátria, e te adquirires glória?

PUCELA

Glória?

Um só sítio lá leva, desse só sítio  
Recta e rude...

PLUTÃO

Não me arranhes o ouvido.

PUCELA

Recta e rude a encosta é, estreita a vereda.

PLUTÃO

Quejandos versos! Não lhe ouço um, que a cabeça em duas se não fenda.

PUCELA

Nem flecha há que lá chegue; e se lá chega,  
De seu sangue se tingem em lá chegando.

PLUTÃO

Inda mais essa? Dou por seguro, que de quantas heroínas cá vieram, esta é a mais insuportável. Mas também é a única que não alardeou ternezas. Tudo nela é dureza, é sequidão: e mais a creio própria a enregelar a alma, que a inspirar amor.

DIÓGENES

E não menos o inspirou ela ao valente Dunois.

PLUTÃO

Ela?

DIÓGENES

Ao grande coração, coração máximo,  
Coração grande, arcaz <sup>[xxxvii]</sup> de dous amores. (1)

Ouvir compete o tal Dunois explicar esse amor a essa maravilhosa moça.

A tais olhos do Céu, fronte magnânima,  
Tenho respeito só, só estima tenho  
Dela nada desejo; e sendo amante,  
Amo-a eu c'um amor, que é sem desejos.  
Embora. Arda eu em chamas tão formosas  
E em holocausto aos olhos da Pucela.

Sabe ele ou não, explicar os seus amores? Que tal? E não vem a pêlo no guerreiro Dunois baforar *holocausto*?

PLUTÃO

Certo, que a pêlo vem: e que se pode, com versos tais, ir andando essa Guerreira, se ela o quer, lá para essas galarias, inspirar igual amor a todos esses Heróis que lá estão. Não haja medo que ela a alma lhes amoleça. Vá-se já daqui, antes que me empurre mais versos; que paciência me foge de lhos ouvir. Graças, e mais graças que já se foi. Já, ao que eu creio, nenhum por aí aparece. Enganei-me: que lá atrás da porta dou com um estafermo. Dou-o por surdo, que não ouviu as ordens que dei, de que partissem todos. Conheces-lo <sup>[xxxvii]</sup> tu, Diógenes.

DIÓGENES

É Faramundo, primeiro Rei de França.

PLUTÃO

Que é o que ele entre si fala?

FARAMUNDO

Tu bem o sabes, divina Rosamunda, que não esperei para amar-te, a dita de conhecer-te: a notícia me bastou da tua beldade; que me veio por um dos meus rivais, para me abraçar nas chamas de querer-te.

PLUTÃO

E namorou-se (ao que parece) dela, antes que a visse.

DIÓGENES

Nem por sombras.

PLUTÃO

Nem retrato dela?

DIÓGENES

Nem retrato.

PLUTÃO

Se não é louco, não sei eu o que ele seja. Dize-me cá, amoroso Faramundo, não te dás por contente de haver fundado o mais florente reino da Europa, e contar na série de teus sucessores o Rei que hoje domina? Quem te desmanchou o juízo co' essa Princesa Rosamunda?

FARAMUNDO

É bem verdade. Mas o amor...

PLUTÃO

E a dar-lhe sempre co' amor! Vai lá nas minhas galarias, encarecer as injustiças. E o primeiro, que me vem aturdir com amores, calmo-lhe com este cetro pelas ventas. Lá vem ainda um. Oh que lindo coque o espera!

MINOS

Toma tento. Repara, que é Mercúrio.

PLUTÃO

Perdão te peço. Mas vens tu, por acaso, falar-me também de amor?

MERCÚRIO

Amores? Eu? Alguns tratei, não meus, de meu Pai sim. Por ele adormentei Argos, e de jeito, que nunca mais acordou. Novas trago, que te serão de gosto. Mal que apontou a celeste artilharia, entraram no seu dever teus inimigos. Nunca tu mais sossegado Rei do Inferno há sido que agora o és.

PLUTÃO

De Jove nuncio divino, a vida me recobras. Pelo nosso, porém, tão chegado parentesco me digas, tu que da Eloquência és Pai, como hás sofrido que lá nesse mundo de cima falem tão destampadas frases como essas que andam na berra <sup>(1)</sup> mormente nesses livros que chamam novelas. Como hás consentido que tal linguagem falem os mais egrégios Heróis da antiguidade?

MERCÚRIO

Nem eu, nem Apolo quasi que não somos Divindades já para se invocar; e a maior parte desses que hoje escrevem, tomaram por seu mui distinto patrono, um certo Gongori-parla <sup>(2)</sup> (*Phebus*) que é o mais despropositado mostrengo que jamais se viu. Outrossim te venho avisar, que peça foi, que te pregaram.

PLUTÃO

Como! peça?

MERCÚRIO

Cuidas que os que aqui vieram são os verdadeiros Heróis?

PLUTÃO

E muito o creio: e para prova, eles que encerrados tenho nessas galarias, o dirão.

MERCÚRIO

Desse engano sairás, quando te eu mostrar que é uma corja de meliantes (antes fantasmas quiméricas) desbotadas cópias de modernas personagens, que tiveram a audácia de se intitularem os mais egrégios Heróis antigos; mas curta lhes foi a vida. Lá, pelas abas do Stix e do Cocito erradios andam. Não atino em como te lograram. Acertas neles com algum carácter que inculque Heróis? O que os há téqui sustido na opinião dos Homens é um certo ouripel, uns certas

luze-luzes nas palavras com que ataviaram a esses, cujas vidas descreveram: se os despes desse ouripel, ei-los tais quais eles são. Até eu, quando atravesssei os Campos Elísios, dei c'um Francês, que os conhecerá a todos, mal que lhes dispam os tais atavios: o que (creio eu) tu facilmente consentirás.

PLUTÃO

Tanto o consinto, que já e logo o quero feito. E porque tempo se não perca, fazei oh Guardas, que eles dessas galarias, por escusas portas saiam, e na grande praça, todos juntos se achem. Nós iremo-nos pôr nessas varandas da sala térrea, para os mirar a nosso belprazer. Levem lá cadeiras. Põe-te, Mercúrio, à minha mão direita, e à esquerda Minos; por detrás de nós te põe, Diógenes.

MINOS

Ei-los, que, em bandos chegam de matula.

PLUTÃO

Todos aí estão?

GUARDA

Nenhum ficou nas galarias.

PLUTÃO

Acudam aqui quantos aí há de minhas vontades executores, Spectros, Fúrias, Larvas, Demos, infernais milícias, que aqui todas mandei juntar. Fazei cerco, e desataviai-mos todos.

CIRO

E mandarás por nu e cru um Conquistador como eu?

PLUTÃO

Generoso Ciro, nu e cru; não há remédio.

HORÁCIO COCLES

Um Romano, como eu, que único e só defendeu contra Porsena e todo o seu exército uma ponte; pô-lo-ás aí à vela, como a qualquer ladrão?

PLUTÃO

Porque mais à fresca garganteies.

ASTRATE

Um galã de tal terneza, e tão espedaçado, mandas tu que o maltratem?

PLUTÃO

Aguarda, aguarda; que te vou amostrar a Rainha. Ei-los já despidos todos.

MERCÚRIO

E o Francês que comigo veio?

FRANCÊS

Eis-me aqui. Que desejas de mim?

MERCÚRIO

Vai-me conhecendo, um por um, toda essa corja.

FRANCÊS

Se os eu conheço? São todos bairristas quasi, e vizinhos meus. Bons dias, Madama Lucrecia. Bons dias, Monsieur Bruto. Bons dias, Mademoisela Clélia, e Monsieur Horácio Cocles.

PLUTÃO

Verás como os eu amanhã, e que nada lhes falte. Fustiguem-nos lindamente; não mos poupem; e mergulhem-nos bem no Letes, cabeça abaixo, lá onde o Rio é mais profundo; todos esses Heróis, seus escritinhos, cartas galantes, versos derretidos, matula de volumes, desperdiçado papel em que andam escritas suas histórias; Avante, Heróis por alcunha. Eis vás no fim, ou por melhor dizer, no quinto acto da Comédia, que tão curta representastes.

*Coro de Heróis despedidos a golpes de flagelos com Rosetas*

«Ah! Calprenède! Ah! Scudéri!»

PLUTÃO

Ah! que a tê-los eu... Mas não está aí tudo. Vai-te, oh Minos, por todas as mais províncias dar-lhes aos desse lote igual camarço: justiça neles.

MINOS

Deixa-os comigo.

MERCÚRIO

Vês aqui os verdadeiros Heróis, que te querem falar. Dir-lhes-ei, que entrem?

PLUTÃO

Folgarei muito de os ver. Mas tão cansado me sinto das asnidades que os usurpadores de seus nomes me disseram, que levarás em bem, que eu vá dormir um sono.



O leitor que ler com atenção esta, assim como as mais traduções contidas neste tomo, achará algumas passagens obscuras, e até apenas inteligíveis. Isto procede como já disse, de não ter o autor revisto nenhum destes manuscritos. Neles faltam palavras; algumas daquelas, que o sentido indicava, supri eu; mas outras só cotejando as traduções com os originais se podem restituir.

*O Revisor das Obras*



# ÍNDICE

|                                                                                                 |      |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| ADVERTÊNCIA .....                                                                               | VII  |
| INTRODUÇÃO .....                                                                                | IX   |
| CRITÉRIOS DA EDIÇÃO DO TEXTO .....                                                              | XIX  |
| BIBLIOGRAFIA .....                                                                              | XXII |
| SUCESSOS DE MADAMA DE SENNETERRE POR ELA REFERIDOS.                                             |      |
| TRADUÇÃO DO FRANCÊS .....                                                                       | 3    |
| ODE À SENHORA D. MARIA ANTONIETTA MATHEVON DE CURNIEU, DEDICAN-<br>DO-LHE A DITA TRADUÇÃO ..... | 5    |
| SUCESSOS DE MADAMA DE SENNETERRE POR ELA REFERIDOS .....                                        | 7    |
| HEROICIDADE DO AMOR E DA AMIZADE.                                                               |      |
| NOVELA TRADUZIDA DO FRANCÊS .....                                                               | 85   |
| I PARTE .....                                                                                   | 87   |
| II PARTE .....                                                                                  | 147  |
| III PARTE .....                                                                                 | 199  |
| CARTAS DUMA RELIGIOSA PORTUGUESA .....                                                          | 241  |
| CARTA I. <sup>a</sup> .....                                                                     | 243  |
| CARTA II. <sup>a</sup> .....                                                                    | 247  |
| CARTA III. <sup>a</sup> .....                                                                   | 251  |
| CARTA IV. <sup>a</sup> .....                                                                    | 255  |
| CARTA V. <sup>a</sup> .....                                                                     | 257  |
| CARTA VI. <sup>a</sup> .....                                                                    | 261  |
| CARTA VII. <sup>a</sup> .....                                                                   | 263  |
| CARTA VIII. <sup>a</sup> .....                                                                  | 265  |